



nandogald • Seguir

Estádio São Januário



nandogald Nunca vão entender esse amor!!!
#vasco #vascodagama #vascao #respeitaminhahistoria
@aradvidal

70 sem



É o Zagueiron Maicon?! 🤔

67 sem Responder



Meteu o raça Fla 🤔

67 sem Responder



🤔

67 sem Responder



Maicon kkk?

67 sem Responder



VICIOSAAAAAAAAAAAA

67 sem Responder



Camisa top demais! 🤔

67 sem Responder



Vascão ❤️ ❤️ ❤️

67 sem Responder



Vasco

67 sem Responder



32.921 curtidas

14 de abril de 2024



Adicione um comentário...

Postar

Universidade Federal de Minas Gerais

Reitora: Prof.^a Sandra Regina Goulart Almeida

Vice-Reitor: Prof. Alessandro Fernandes Moreira

Faculdade de Letras da UFMG

Diretora: Prof.^a Sueli Maria Coelho

Vice-Diretor: Prof. Georg Otte

FuLiA/UFMG – revista sobre Futebol, Linguagem, Artes e outros Esportes

EDITORES

Gustavo Cerqueira Guimarães (FULIA-UFMG, Brasil)

Marcelino Rodrigues da Silva (UFMG, Brasil)

EDITORES DE SEÇÃO

Dossiê – FUTEBOL, POLÍTICA E COMUNICAÇÃO: RESISTÊNCIA E PERTENCIMENTO

Dr. Fausto Amaro (UERJ-Brasil)

Dra. Leda Costa (UERJ-Brasil)

Dr. Ronaldo Helal (UERJ-Brasil)

CONSELHO EDITORIAL

Aldo Italo Panfichi, PUC, Peru

Álvaro do Cabo, UFRJ

Andréa Casa Nova Maia, UFRJ

Andréa Sirihal Werkema, UERJ

André Alexandre Guimarães Couto, CEFET-RJ

André Mendes Capraro, UFPR

Arlei Damo, UFRGS

Bernardo Borges Buarque de Hollanda, FGV

César Teixeira Castilho, UFMG

Cleber Dias, UFMG

Edônio Alves Nascimento, UFPB

Elcio Loureiro Cornelsen, UFMG

Euclides de Freitas Couto, UFSJ

Fabiana Lúcia Campos Baptista, PUC-Minas

Fábio Franzini, UNIFESP

Fausto Amaro Ribeiro Picoreli Montanha, UERJ

Flávio de Campos, USP

Francisco Ângelo Brinati, UFSJ

Francisco Pinheiro, Univ. de Coimbra, Portugal

Jorge Dorfman Knijnik, W. Sydney University, Austrália

José Carlos Marques, UNESP

José Geraldo Vinci de Moraes, USP

Leda Maria da Costa, UERJ

Leonardo Turchi Pacheco, UNIFAL-MG

Luis Maffei, UFF-RJ

Luiz Carlos Ribeiro, UFPR

Luiz Henrique de Toledo, UFSCar

Marcelino Rodrigues da Silva, UFMG

Marcel Vejmelka, Univ. de Mainz, Alemanha

Mauricio Murad, UERJ; Universo-RJ

Pablo Alabarces, UBA, Argentina

Pedro Henrique Trindade Kalil Auad
Plínio Ferreira Guimarães, IFES
Rafael Fortes Soares, UFRJ
Rodrigo Caldeira Bagni Moura, UFRJ
Ronaldo George Helal, UERJ
Sérgio Settani Giglio, UNICAMP
Silvana Vilodre Goellner, UFRGS; UFPel
Silvio Ricardo da Silva, UFMG
Tatiana Pequeno, UFF
Victor Andrade de Melo, UFRJ
Wagner Xavier de Camargo, Brasil
Wilberth Clayton Ferreira Salgueiro, UFES
Yvonne Hendrich, Univ. de Mainz, Alemanha

PARECERISTAS AD HOC

Daniela Araújo
Ewerton Martins Ribeiro
Fábio Daniel da Silva Rios
Fausto Amaro
Fernando da Costa Ferreira
Gustavo Cerqueira Guimarães
Irlan Simões
Marcelo Alves de Resende
Miguel Enrique Stédile
Nathália Pessanha
Nicolás Cabrera
Robert Schade
Sérgio Montero Souto
Soraya Bertoncello
Thalita Neves
Vania Fortuna
Vinicius Garzon Tonet

COORD. EDITORIAL, EDITOR DE SEÇÕES, EDITORAÇÃO ELETRÔNICA, PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS E DIAGRAMAÇÃO

Gustavo Cerqueira Guimarães

REVISÃO

Autores/as dos artigos

PROJETO GRÁFICO

PeDRa LeTRa

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA EM REDES SOCIAIS

Núcleo FULIA

IMAGEM (*Favicon* do portal)

Pablo Lobato (Brasil/MG)
Um a zero #2, 2012

IMAGEM DA CAPA

Nando Gald, 2024, fotografia, col., 2024.

[Fonte da imagem: Instagram, republicada no dossiê “Futebol, política e comunicação”, *FuLiA/UFMG*, v. 10, n. 3, 2025].

APRESENTAÇÃO

FUTEBOL, POLÍTICA E COMUNICAÇÃO: RESISTÊNCIA E PERTENCIMENTO

Fausto Amaro; Leda Costa; Ronaldo Helal | 3-5

DOSSIÊ

Divulgação científica no jornalismo esportivo: por um futebol que pense raça, gênero e classe social

Magali Lameira; Sérgio Giglio | 6-27

Uma análise diacrônica da legislação brasileira no combate ao racismo e à homofobia no futebol (2001-2010)

Cleyton Batista; Bruno Abrahão | 28-51

Corpos em jogo, representações em disputa: o racismo contra jogadores brasileiros em clubes europeus

Fabíola Lira | 52-73

Racismo no futebol e ativismo de hashtag: o caso Vini Jr

Thalita Neves | 74-99

Futebol não é coisa de macho: Nando Gald, a pauta LGBTQIAPN+ e outros currículos de torcer no futebol

Marcelo de Resende; Ricardo Freitas | 100-126

Da Caravela a São Januário: o antilusitanismo, o Vasco da Gama e a (re)construção da identidade portuguesa no Rio da Primeira República

João Pedro de Souza; André de Azevedo | 127-148

PARALELAS

Dublê de etnógrafo I: ou diários do futebol na Alemanha

Bernardo Buarque de Hollanda | 149-172

**O fortim do Quarto Distrito: o Estádio
Tiradentes e sua relação com a Zona Norte de
Porto Alegre (1935-c. 1960)**

Gérson Wasen Fraga | 173-197

POÉTICA

Sou apenas um procurador de amigos

Gustavo Cerqueira Guimarães | 198-200

Futebol, política e comunicação: resistência e pertencimento

Esporte e política são, sim, campos que se entrelaçam. Este dossiê, ao propor como tema a interrelação entre esporte, política e comunicação, evidencia como analisar o fenômeno esportivo hoje, como outrora, implica considerar necessariamente seu diálogo com o campo político.

Os artigos apresentados na seção **Dossiê** desta edição da **FuLiA/UFMG** partem dos estudos sociais do esporte para pensar sua interseção com questões de raça, gênero e classe social, tanto no contexto brasileiro quanto internacionalmente. Reunimos desde artigos sobre racismo no futebol, com ênfase no caso do jogador brasileiro Vinícius Júnior, até trabalhos sobre homofobia, identidade e masculinidades hegemônicas.

Assistimos no século XXI ao retorno dos radicalismos de direita e de fantasmas extremistas que pareciam ter sido expurgados ao longo do século XX, o que se reflete na ascensão de governos conservadores e autoritários em diferentes partes do mundo. Ao mesmo tempo, acompanhamos, como nunca, diversas manifestações de atletas, clubes e federações em prol de um campo esportivo aberto à diversidade e menos preconceituoso.

No futebol, atletas como Vini Júnior se levantam contra o racismo nos estádios, movimentando até mesmo a diplomacia dos países envolvidos. No vôlei, Douglas Souza é um representante influente da comunidade LGBTQIAPN+ nesse esporte. Nas arenas esportivas, surgem em profusão torcidas compostas por pessoas neurodivergentes, o que estimula inclusive mudanças na legislação, com a construção de espaços adaptados para pessoas com deficiências. As mulheres consolidaram seu lugar nos esportes e cada vez mais na transmissão esportiva. A Copa do Mundo feminina de 2023 foi a maior de todos os tempos, em número de seleções e audiência.

Diante desse cenário, este dossiê reafirma sua relevância e urgência. O número se inicia com o trabalho de Magali Lameira e Sérgio Giglio intitulado “Divulgação científica no jornalismo esportivo: por um futebol que pense raça, gênero e

classe social”. Os autores defendem um jornalismo esportivo que atue como uma ponte entre o conhecimento científico e o público mais amplo. Em seguida, Cleyton Batista e Bruno Abrahão discorrem sobre as legislações brasileiras voltadas ao enfrentamento ao racismo e a homofobia no esporte. Os pesquisadores argumentam que, embora sejam importantes no plano institucional, essas legislações avançam pouco na alteração de uma cultura discriminatório.

Continuando a discussão sobre o racismo no futebol, Fabíola Lira examina, em seu artigo, os casos envolvendo jogadores brasileiros em atuação no continente europeu, especialmente Vinícius Júnior. A autora conclui que “o futebol, principalmente europeu, longe de ser um espaço neutro ou apenas de entretenimento, é também palco de disputas simbólicas e políticas, onde corpos negros ainda precisam lutar para serem reconhecidos em sua humanidade e competência”.

Vini Júnior também é o foco de análise de Thalita Neves na sua contribuição ao dossiê. Por meio de revisão bibliográfica e uma análise de hashtags como #ForçaViniJr, #LaLigaRacista e #BailaViniJr, Neves discute o ativismo de hashtag e aponta que “muito ainda precisa ser feito para que os estádios de futebol – e as plataformas digitais – se tornem ambientes menos hostis às minorias sociais”.

Em “Futebol não é coisa de macho: Nando Gald, a pauta LGBT-QIAPN+ e outros currículos de torcer no futebol”, Marcelo Resende e Ricardo Freitas lançam luz sobre as masculinidades hegemônicas e a homofobia nos estádios e nas redes. A partir do caso do icônico torcedor-influenciador vascaíno, os autores discutem os cerceamentos e obstáculos enfrentados pelos corpos divergentes que desejam estar presentes nesses espaços.

O Vasco também aparece no artigo de João Pedro de Souza e André Azevedo, que discutem a identidade portuguesa na Primeira República e o antilusitanismo. Para os autores, “a comunidade lusitana transformou o clube em lugar de afirmação identitária em sua luta contra a xenofobia”. O Vasco se apresenta, assim, como um espaço de atravessamentos simbólicos identitários, de superação de estigmas sociais e de resistência cultural para a comunidade luso-brasileira.

Nas seção **Paralelas**, Bernardo Buarque de Hollanda escreve o ensaio “Dublê de etnógrafo I: ou diários do futebol na Alemanha”, e Gerson Fraga, “O fortim

do Quarto Distrito: o Estádio Tiradentes e sua relação com a Zona Norte de Porto Alegre (1935-c. 1960)”.
E, para concluir, na seção **Poética** – dedicada às múltiplas possibilidades das expressões artísticas sobre o futebol e o universo dos esportes – destacamos o vídeo-poema “*Sou apenas um procurador de amigos*”, título tomado d’*O amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos. Nele, Gustavo Cerqueira Guimarães encena uma experiência afetiva feita de imagens de jogo, partilha e incompletude, em contraste com os ideais de totalidade. Nesse percurso, a voz poética assume a amizade como eixo ético.

Esperamos que este dossiê contribua com o desenvolvimento do campo de estudos sociais do esporte. Em tempos de tensionamentos sociais e políticos, os esportes se colocam como espaços para pensarmos formas de resistência e pertencimento.

Boa leitura!

Rio de Janeiro, 20 de novembro de 2025.

Fausto Amaro Ribeiro Picoreli Montanha
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Leda Maria da Costa
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Ronaldo George Helal
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Divulgação científica no jornalismo esportivo: por um futebol que pense raça, gênero e classe social

Scientific dissemination in sports journalism:
towards a football that thinks race, gender, and social class

Magali Cristina Rodrigues Lameira

Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, Brasil
Doutoranda em Educação Física e Sociedade, UNICAMP
m191174@dac.unicamp.br

Sérgio Settani Giglio

Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, Brasil
Doutor em Ciências, USP

RESUMO: Este artigo discute a necessidade de integrar a divulgação científica ao jornalismo esportivo brasileiro, com especial atenção às questões interseccionais de raça, gênero e classe social no futebol. Com base em uma reflexão crítica sobre o papel da mídia esportiva, argumenta-se que o jornalismo esportivo pode e deve atuar como mediador entre os saberes científicos e o público. O texto propõe um reposicionamento da prática jornalística esportiva como um espaço comprometido com a formação crítica, a justiça social e a valorização do conhecimento. A interseccionalidade é apresentada como uma lente analítica indispensável para compreender as desigualdades que atravessam o futebol, e a divulgação científica como uma ferramenta essencial para democratizar o acesso à informação e qualificar o debate público. Conclui-se que programas jornalísticos alinhados a esses princípios podem transformar a relação entre esporte, mídia e sociedade, tornando o futebol um campo mais inclusivo, reflexivo e democrático.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo esportivo; Divulgação científica; Interseccionalidade; Futebol; Mídia.

ABSTRACT: This article discusses the need to integrate scientific dissemination into Brazilian sports journalism, with particular attention to intersectional issues of race, gender, and social class in football. Based on a critical reflection on the role of sports media, it is argued that sports journalism can and should serve as a mediator between scientific knowledge and the general public. The article proposes a repositioning of sports journalism as a practice committed to critical education, social justice, and the appreciation of knowledge. Intersectionality is presented as a key analytical lens to understand the inequalities that permeate football, while scientific dissemination is seen as an essential tool to democratize access to information and improve public debate. It concludes that journalistic programs aligned with these principles can reshape the relationship between sport, media, and society, making football a more inclusive, reflective, and democratic space.

KEYWORDS: Sports journalism; Scientific dissemination; Intersectionality; Football; Media.

INTRODUÇÃO

O jornalismo esportivo no Brasil é um dos segmentos mais consumidos pela população,¹ impulsionado por uma cultura que coloca o futebol em posição central na vida pública e privada. Esporte e mídia construíram-se mutuamente, quanto mais mobilização do esporte na sociedade, mais jornais impressos surgiram.² A paixão nacional pelo esporte move audiências, vende produtos e constrói identidades.

Nas últimas décadas, a divulgação científica tem ganhado destaque como elemento essencial para a democratização do conhecimento e o fortalecimento do pensamento crítico na sociedade. No entanto, ainda é incipiente sua presença no jornalismo esportivo. Há também um preconceito ainda presente no meio acadêmico brasileiro (pouco espaço em eventos acadêmicos de comunicação) e de parte do mercado de comunicação que consideram o esporte como algo menor.³ Por ser considerado como algo menos importante, ao longo do tempo, não raro esse campo jornalístico é visto como algo superficial, espetacularizado e destituído de abordagens críticas, especialmente quando se trata de pensar o esporte como fenômeno social, político e científico. Em meio à avalanche de informações que caracteriza a era digital, é urgente repensar o papel do jornalismo esportivo para além da função de entretenimento.

Esse descompasso revela, não apenas uma lacuna de conteúdo, mas uma oportunidade histórica de reconectar a cobertura esportiva com temas centrais das Ciências Humanas, como a interseccionalidade de raça, gênero e classe social, e com os avanços científicos nas áreas de saúde, tecnologia, psicologia, sociologia e filosofia do esporte.

Em outras palavras, falta ao jornalismo esportivo a capacidade e o compromisso de funcionar como elo entre a produção acadêmica e o público que consome futebol de forma massiva. Isso significa que o(a) jornalista esportivo(a) pode e deve atuar como agente de divulgação científica, especialmente em contextos em que o futebol se entrelaça com desigualdades estruturais. Essa prática não se restringe à

¹ LAMEIRA. *Valores do esporte*.

² GASTALDO. *O futebol nas ciências humanas no Brasil*.

³ GASTALDO. *O futebol nas ciências humanas no Brasil*; MARQUES. *O futebol nas ciências humanas no Brasil*.

tradução de termos técnicos para uma linguagem acessível, mas implica um posicionamento político e ético diante das narrativas dominantes que frequentemente silenciam ou distorcem as vivências de mulheres, pessoas negras, LGBTQIAPN+ e populações periféricas no mundo do futebol.

A proposta deste artigo é refletir sobre os potenciais e os desafios da articulação entre o jornalismo esportivo e a divulgação científica, especialmente à luz de uma abordagem interseccional. Nosso ponto de partida é o reconhecimento de que o futebol não é apenas um espetáculo ou um produto de consumo midiático, mas um fenômeno social complexo, que opera como espelho e laboratório da sociedade. Afinal, compreender o futebol é também compreender o Brasil.⁴ Nesse sentido, a mídia que o narra, comenta e interpreta deve ser convocada a aprofundar sua prática.

A presença da ciência no esporte é inequívoca. Da biomecânica à psicologia, da nutrição à inteligência artificial aplicada ao desempenho, o esporte de alto rendimento é atravessado por inovações e descobertas constantemente. Porém, esse campo de conhecimento permanece invisibilizado na maior parte dos programas esportivos televisivos, principalmente as mesas redondas, que preferem priorizar debates passionais, polêmicas e ex-atletas como comentaristas, em detrimento de análises com embasamento aprofundado e científico. Como observado por Umberto Eco, a falação esportiva mantém um ruído constante de comunicação, sem conteúdo substancial.⁵ A ciência do esporte, por sua vez, também sofre com a falta de estratégias eficazes de comunicação com o grande público. Isso cria um vácuo onde reina a desinformação – ou, no melhor dos casos, o senso comum.

Essa lacuna não é neutra. Quando a ciência é ausente da cobertura esportiva, perde-se também a chance de explicar criticamente como o desenvolvimento tecnológico, por exemplo, pode afetar de forma desigual atletas de diferentes origens sociais; ou como o avanço da medicina esportiva é mais acessível a determinados corpos do que outros – geralmente brancos, masculinos e economicamente favorecidos. É nesse ponto que a interseccionalidade emerge como ferramenta indispensável. Concebida por autoras como Kimberlé Crenshaw e aprofundada por Patricia Hill Collins,

⁴ DAMATTA. Esporte na sociedade.

⁵ ECO. *Viagem na irrealidade cotidiana*.

a interseccionalidade permite compreender como sistemas de opressão se entrelaçam e se reforçam mutuamente,⁶ moldando as experiências no esporte e fora dele.

A ausência de um olhar interseccional na mídia esportiva não apenas compromete a qualidade da informação, mas também contribui para a manutenção de narrativas excludentes. Quando questões como racismo, sexismo e desigualdade social são tratadas como pautas factuais, a mídia reitera a ideia de que o futebol é um espaço neutro, meritocrático e separado das disputas sociais, uma fantasia que serve aos interesses do mercado, mas não à formação cidadã de seu público.

Por isso, é fundamental pensar em formatos da abordagem jornalística no esporte, em geral, e no futebol, em particular, que se alinhem aos princípios da divulgação científica e da justiça social. Não se trata de abandonar o entretenimento, mas de reformular seus significados, tornando o esporte um território fértil para a reflexão, o diálogo interdisciplinar e a ação transformadora. Tais formatos devem reconhecer a importância de promover debates públicos embasados, valorizar vozes marginalizadas e apresentar o conhecimento científico de maneira contextualizada e crítica.

Este artigo, portanto, defende que o jornalismo esportivo televisivo tem muito a ganhar ao incorporar práticas e princípios da divulgação científica e que essa integração deve estar comprometida com uma abordagem interseccional das desigualdades que atravessam o futebol. Para isso, apresentaremos, ao longo do texto, um percurso que compreende: a crise informacional e o papel da divulgação científica; o lugar do jornalismo esportivo como mediador de saberes; e, por fim, a importância de articular essa prática com os debates contemporâneos sobre raça, gênero e classe no futebol brasileiro.

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E A CRISE DA SUPERFICIALIDADE INFORMACIONAL

A sociedade contemporânea vive uma tensão constante entre excesso de informação e escassez de sentido.⁷ Se, por um lado, nunca se produziu e circulou tanta informação como na atualidade, por outro, a capacidade de transformar esse conteúdo em

⁶ COLLINS. *Interseccionalidade*.

⁷ HAN. *A crise da narração*.

conhecimento relevante e crítico parece cada vez mais comprometida. Esse fenômeno intitulado de “crise da narração”: um tempo em que as informações são fragmentadas, acumuladas de forma aditiva, mas desprovidas de enredo, de mediação e de continuidade histórica. Nessa lógica, o tempo é dissolvido em uma sucessão de dados e estímulos que desorientam em vez de orientar.⁸

Essa condição é agravada pela lógica do espetáculo,⁹ na qual a imagem e a emoção substituem a reflexão e o conhecimento. No campo esportivo, esse cenário é particularmente evidente. As transmissões e os programas esportivos, tanto da televisão aberta quanto da fechada – sobretudo as mesas-redondas dedicadas à análise das rodadas e ao cotidiano dos clubes –, em sua maioria, privilegiam a performance, a rivalidade, a polêmica e o consumo, relegando a um segundo plano as explicações de caráter estrutural, os dados científicos e as questões de ordem social.¹⁰ Essa “falação” não apenas ocupa o espaço da ação, mas simula engajamento: discute-se o esporte como se discutisse política, mas sem efeito transformador. A energia que poderia ser crítica se dissipa em opiniões sobre jogos. O atleta vira monstro; o espectador, voyeur.¹¹ Em vez de funcionar como um espaço para o aprofundamento e a mediação, o jornalismo esportivo frequentemente reforça os ruídos e as polarizações que caracterizam a era da excitação social.¹²

Nesse contexto, a divulgação científica emerge como uma necessidade social. Longe de ser uma tarefa exclusiva dos cientistas ou de veículos especializados, ela se configura como uma missão compartilhada por toda a esfera pública interessada em qualificar o debate e democratizar o acesso ao conhecimento. As críticas ao jornalismo esportivo nesse sentido são antigas, mas permanecem atuais nas discussões sobre futebol – sobretudo quando se trata da televisão aberta e de períodos de campeonatos. Nesses momentos, o espaço destinado aos cientistas do esporte é bastante reduzido, sendo geralmente ampliado apenas durante os intervalos entre torneios, como uma

⁸ HAN. *A crise da narração*.

⁹ DEBORD. *A sociedade do espetáculo*.

¹⁰ BETTI. *Esporte, televisão e espetáculo*.

¹¹ ECO. *Viagem na irrealidade cotidiana*, p. 223.

¹² TÜRCKE. *Sociedade excitada*.

estratégia para preencher a grade de programação. Uma visualização emblemática desse processo foi representada pela “espiral da cultura científica”.¹³



Fig. 1 – A espiral da cultura científica (Vogt, 2011, p. 10) e seus quadrantes, mostrando a complexa dinâmica das relações entre ciência e disseminação do conhecimento científico.

Essa espiral compreende quatro quadrantes que interagem entre si: a produção do conhecimento (nas universidades e centros de pesquisa), a sua transferência (no ambiente educacional), a sua popularização (em museus, feiras e eventos científicos) e, finalmente, a sua divulgação (na mídia, redes sociais, revistas de divulgação etc.).

A divulgação científica, nesse sentido, ocupa o último quadrante, mas não o menos importante. É justamente nessa etapa que o conhecimento se torna público, acessível e, portanto, relevante. É também nessa etapa que ele corre maior risco de ser distorcido, simplificado ou instrumentalizado. Por isso, a responsabilidade da mídia é estratégica: é ela quem traduz, contextualiza e apresenta o conhecimento científico para uma audiência ampla e diversa. Quando a mídia falha em fazer essa mediação, seja por despreparo, por interesses comerciais ou por desprezo ao papel

¹³ VOGT. Prefácio: De ciências, divulgação, futebol e bem-estar cultural; VOGT. The spiral of scientific culture and cultural well-being: Brazil and Ibero-America.

formativo da comunicação, o resultado é o empobrecimento do debate público e a reprodução de desigualdades no acesso à informação de qualidade.

A distinção conceitual entre comunicação científica e divulgação científica é útil nesse debate. Enquanto a comunicação científica está voltada ao diálogo entre especialistas, a divulgação científica tem como objetivo democratizar o acesso ao conhecimento e promover a alfabetização científica da população. Isso implica mais do que informar: é preciso contextualizar, problematizar e dar sentido aos dados e descobertas.¹⁴ A boa divulgação científica deve “desembaçar o olhar dos cidadãos”, oferecendo-lhes ferramentas para compreender a complexidade do mundo em que vivem.¹⁵

Nesse ponto, cabe reconhecer que, embora o Brasil tenha avançado em iniciativas voltadas à popularização da ciência – como as ações de museus, eventos e projetos escolares –, ainda há um vácuo importante na interface entre ciência e mídia de massa. E esse vácuo é ainda mais evidente quando se trata de esportes. Há uma ausência quase total de programas de jornalismo esportivo que assumam a missão de divulgar, de forma crítica e acessível, os conhecimentos produzidos nas ciências do esporte e nas ciências humanas que estudam o fenômeno esportivo.¹⁶ Essa ausência compromete a formação de uma consciência crítica sobre o esporte, suas estruturas e seus impactos.

O que está em jogo aqui não é apenas a qualidade do conteúdo jornalístico, mas a própria função social da mídia. Um jornalismo esportivo que incorpora a divulgação científica como princípio, não apenas qualifica a cobertura, como contribui para a formação cidadã de sua audiência. Isso é particularmente importante em um país onde o futebol é parte da cultura nacional e mobiliza milhões de pessoas. A informação científica pode e deve fazer parte dessa cultura – explicando, por exemplo, os impactos da tecnologia no desempenho esportivo, os desafios da medicina esportiva, as desigualdades no acesso à infraestrutura de formação de atletas, as questões de gênero no rendimento, entre outros temas que ligam esporte e ciência.

A centralidade do esporte no imaginário coletivo brasileiro faz dele um veículo privilegiado para a comunicação pública da ciência. E é exatamente por isso que

¹⁴ BUENO. Comunicação científica e divulgação científica.

¹⁵ LORDÊLO; PORTO. Divulgação científica e cultura científica.

¹⁶ LAMEIRA. *Valores do esporte*.

sua cobertura não pode permanecer aprisionada a modelos obsoletos de transmissão. A estrutura tradicional dos programas esportivos televisivos, com mesas redondas formadas majoritariamente por ex-jogadores, pautas ancoradas apenas no factual, e ausência de diversidade de fontes – precisa ser revista à luz dos desafios contemporâneos da comunicação. Isso exige iniciativas que aliem rigor técnico e garantam controle de qualidade, evitando interpretações distorcidas ou superficiais.¹⁷

Além disso, a divulgação científica no esporte deve dialogar com as disputas simbólicas que atravessam o campo.¹⁸ Isso significa reconhecer que o saber científico não é neutro, nem está fora das lutas por representação. É fundamental, portanto, que “a ciência e os resultados de pesquisa precisam ser comunicados tanto para especialistas quanto para quem não tem nenhuma intimidade com os termos e jargões técnicos”.¹⁹ E mais: precisam ser comunicados de forma crítica, evitando reforçar visões deterministas ou ideologias meritocráticas que reforçam as desigualdades sociais.

A ausência de divulgação científica crítica nas mesas redondas²⁰ contribui para que temas como racismo estrutural, desigualdade de gênero e elitização do esporte sejam tratados como questões isoladas, episódicas ou emocionais. Isso alimenta um ciclo vicioso em que a audiência é mantida em um estado de desinformação ou de percepção distorcida dos fenômenos sociais. O desafio, portanto, é construir uma cultura midiática que valorize o conhecimento, a reflexão e a pluralidade, sem renunciar à linguagem acessível, do entretenimento e da conexão emocional que o futebol proporciona.

Em suma, a crise da superficialidade informacional que marca o jornalismo esportivo pode ser enfrentada com a incorporação da divulgação científica como eixo estruturante de sua prática. Como apontado pelo jornalista Paulo Calçade, em

¹⁷ AMARAL et. al. Divulgação e popularização da ciência em Educação Física e Esporte.

¹⁸ BOURDIEU. *O poder simbólico*.

¹⁹ FARIAS; MAIA. Proposição de Observatório Científico para Popularização da Ciência.

²⁰ Observa-se uma tentativa de incorporar às mesas-redondas um maior aprofundamento nas discussões de cunho social. No entanto, esse espaço ainda é restrito – tanto em relação ao conteúdo abordado quanto à diversidade dos participantes. Em sua maioria, essas mesas são compostas por homens; quando há mulheres, estas estão em número significativamente inferior, e quase sempre são mulheres brancas. A participação de pessoas LGBTQIAPN+ permanece extremamente reduzida, revelando a persistência de barreiras à representatividade e à pluralidade de vozes no jornalismo esportivo.

entrevista ao Portal Ludopédio, que apenas gostar de esporte ou dominar técnicas jornalísticas não são suficientes para compreender e analisar criticamente o universo do futebol. Essa constatação o levou a buscar formação complementar na área esportiva. Esse percurso formativo lhe proporcionou uma base sólida para sair do senso comum e da superficialidade que muitas vezes marcam o jornalismo esportivo, como colocado pelo entrevistado.

Segundo ele, “só gostar é muito pouco hoje pra você trabalhar com jornalismo esportivo”. O aprofundamento o ajudou a entender os bastidores do esporte, a lidar com o público apaixonado e a sustentar análises mais embasadas, mesmo diante de temas complexos ou polêmicos. “Não significa que eu saiba tudo, mas você sabe como as coisas funcionam”, afirma.

Calçade também critica a ausência de diálogo entre o campo acadêmico e o jornalístico, destacando que o conhecimento sobre o esporte, embora existente nas universidades, permanece represado, sem alcançar o jornalismo e o grande público. Para ele, essa falta de integração enfraquece o debate esportivo e alimenta análises rasas. Por isso, defende que jornalistas busquem aproximação com o conhecimento científico e técnico, não apenas para melhorar suas análises, mas para contribuir com um jornalismo mais responsável, reflexivo e socialmente relevante.²¹

Isso não implica tornar o conteúdo técnico ou inacessível, mas sim investir na formação de jornalistas capazes de dialogar com pesquisadores, de interpretar dados, de construir pontes entre o saber acadêmico e o cotidiano do esporte. A divulgação científica, quando feita com responsabilidade e sensibilidade, amplia o repertório do público, fortalece o debate democrático e reposiciona o jornalismo esportivo como agente de transformação cultural, não só como puro entretenimento.

O JORNALISMO ESPORTIVO COMO MEDIADOR DE SABERES

A função do jornalismo como mediador entre os acontecimentos sociais e a interpretação pública destes fatos é amplamente reconhecida. No entanto, quando se

²¹ LUDOPÉDIO. Entrevistas.

trata do jornalismo esportivo, esse papel frequentemente é reduzido a um desempenho técnico-informativo, centrado em resultados, tabelas, escalões e polêmicas episódicas. Essa limitação não é casual, mas sim efeito de uma estrutura histórica que posicionou o jornalismo esportivo mais como entretenimento do que como ferramenta de análise crítica e produção de sentido. O resultado é um campo jornalístico onde a mediação de saberes é rarefeita e onde o aprofundamento científico, em especial, tem pouca ou nenhuma presença.

Contudo, o jornalismo esportivo, ao cobrir um fenômeno tão significativo como o futebol, tem um potencial imenso de operar como mediador entre a ciência do esporte e o público.

Essa mediação não deve ser compreendida apenas como tradução ou simplificação, mas como trabalho intelectual e social de contextualização, problematização e democratização de saberes. O(a) jornalista esportivo(a), portanto, pode se constituir como agente ativo de divulgação científica, capaz de interligar diferentes campos do conhecimento e de ampliar o repertório informacional e crítico da audiência.

O jornalismo não é apenas uma atividade técnica de transmissão de fatos, mas um campo de disputa simbólica, no qual diferentes agentes tentam impor determinadas visões de mundo como legítimas. Nesse sentido, o jornalismo esportivo atua na construção de narrativas que, não apenas descrevem o esporte, mas o produzem enquanto fenômeno cultural. Quando essas narrativas ignoram a ciência, a história, a sociologia e outras dimensões humanas, reforçam uma ideia empobrecida do esporte – e, por consequência, da sociedade que ele representa.²²

Esse empobrecimento é intensificado pela lógica do espetáculo, que transforma o jornalismo esportivo em uma extensão da indústria do entretenimento. A mídia esportiva no Brasil é atravessada por uma fusão entre informação, propaganda e emoção. A crítica desaparece, e o que se impõe é uma cobertura marcada pela exaltação, pelo sensacionalismo e pela personalização das disputas.²³ Os pro-

²² BOURDIEU. *Sobre a televisão*.

²³ VAZ. *Esporte, cultura de massas: comentários segundo uma teoria crítica da sociedade*.

gramas esportivos tendem a ser organizados em torno de comentaristas “carismáticos”, ex-jogadores e debates acalorados, frequentemente pautados por achismos e pelo imediatismo.²⁴

Nessa configuração, temas mais densos, como os impactos sociais da tecnologia no esporte, as desigualdades estruturais no acesso à formação esportiva, ou os dilemas éticos da profissionalização precoce de atletas não encontram espaço. Ou, quando aparecem, são tratados de forma superficial, descolados de qualquer ancoragem científica ou crítica. A ausência de especialistas, pesquisadores e pesquisadoras como fontes recorrentes no jornalismo esportivo é sintomática dessa lógica. Isso contribui para a perpetuação da desinformação e para a cristalização de visões estereotipadas sobre o esporte e seus protagonistas.

Mas essa configuração não é definitiva. Há, sim, espaço e necessidade de reconstruir o jornalismo esportivo como um espaço de produção de conhecimento e mediação entre saberes. E isso não significa negar sua dimensão lúdica ou emocional, mas enriquecer sua abordagem com novas perspectivas. O esporte pode ser pensado como um “laboratório ético”: um ambiente em que dilemas morais, disputas de valores e questões sociais se tornam visíveis e podem ser analisados criticamente. O jornalismo, ao mediar essas narrativas, tem a possibilidade de ampliar o senso crítico da audiência e fomentar debates públicos qualificados.²⁵

Nesse sentido, o jornalismo esportivo pode e deve contribuir para a formação científica e cidadã da sociedade. Isso exige uma reconfiguração de suas práticas, que inclua a valorização da pesquisa científica como fonte legítima de informação e a incorporação de temas estruturalmente invisibilizados. “O jornalista fornece os elementos para que o público compreenda o que está acontecendo”; sua tarefa não é apenas narrar, mas interpretar, contextualizar, traduzir. Ao abrir espaço para especialistas, dados e estudos, o jornalismo esportivo amplia sua relevância social e rompe com a lógica do “comentário pelo comentário”.²⁶

²⁴ BARBEIRO; RANGEL. *Manual do Jornalismo Esportivo*.

²⁵ RYALL. *Philosophy of sports*.

²⁶ GUILBERT. *As evidências do discurso neoliberal na mídia*.

Essa mediação torna-se ainda mais necessária quando consideramos que o público do jornalismo esportivo é diverso e massivo. Há, portanto, uma oportunidade estratégica de inserir a divulgação científica em um campo de grande alcance e alto engajamento. Vale ressaltar, no entanto, que a proposta aqui apresentada não se refere à tentativa de modificar diretamente as pautas do jornalismo esportivo tradicional ou comercial, mas sim à construção de um programa próprio, com identidade editorial distinta, orientado por princípios de divulgação científica e sensibilidade aos marcadores sociais.

O desafio da divulgação científica está menos em produzir conteúdo do que em criar canais de circulação e acesso. Essa observação é importante para o jornalismo esportivo, no qual os saberes científicos existem, mas raramente encontram meios eficazes de mediação com o público geral.

O jornalismo esportivo, por sua presença nas mídias tradicionais e digitais, pode ser esse canal, desde que reformulado a partir de uma nova abordagem da informação.²⁷ Acredita-se que, ao propor um novo formato de programa, suas pautas, conseqüentemente, se diferenciam das que predominam na cobertura esportiva convencional, o que pode ampliar as possibilidades de abordagem crítica e formativa no campo esportivo.

Tal reformulação exige repensar o papel do(a) jornalista esportivo(a). É necessário ir além da figura do especialista em futebol e reivindicar o(a) jornalista como sujeito crítico, informado, interdisciplinar e comprometido com o interesse público. Isso não significa transformar o jornalismo esportivo em jornalismo acadêmico, mas sim romper com a ideia de que ciência e futebol são esferas incomunicáveis. O esporte está permeado por saberes científicos e cabe ao jornalismo construir pontes que revelem essas conexões ao público.

Além disso, o jornalismo esportivo pode operar como eixo de valorização do conhecimento produzido nas universidades, nos grupos de pesquisa, nas dissertações e teses que se dedicam ao estudo do futebol e do esporte. Há uma riqueza de investigações sendo feitas sobre temas como racismo no futebol, desigualdade de

²⁷ MASSARANI; BAUER; AMORIM. Um raio X dos jornalistas de ciência: há uma nova 'onda' no jornalismo científico no Brasil?

gênero nas estruturas esportivas, impactos sociais da tecnologia, entre outros.²⁸ Esses estudos, se transformados em conteúdo acessível, podem potencializar o papel formativo do jornalismo e aproximar a ciência da sociedade.

Outro aspecto central dessa mediação é a linguagem. O jornalismo esportivo tem como característica a construção de uma linguagem coloquial, emocional, muitas vezes metafórica, uma linguagem que aproxima e engaja. Esse potencial pode ser explorado para comunicar ciência de forma atrativa, sem renunciar ao rigor.

Por fim, é necessário pensar em formatos inovadores. O jornalismo esportivo pode diversificar suas práticas, incorporando entrevistas com pesquisadores, análises baseadas em estudos científicos, séries especiais sobre temas estruturais do esporte que façam uma abordagem crítica, com dados e não só a abordagem emocional, conteúdos educativos nas redes sociais, podcasts reflexivos, entre outros. O fundamental é romper com a lógica do comentário descolado de dados e de fontes confiáveis, e instituir uma prática jornalística que reconheça sua função educativa e formadora.

O jornalismo esportivo, principalmente, quando se trata das mesas redondas, pode se tornar um mediador de saberes ao incorporar a divulgação científica como eixo de sua atuação. Essa mediação é essencial para qualificar o debate público sobre o futebol, revelar suas camadas invisíveis e contribuir para a construção de uma sociedade mais informada, crítica e justa. Toledo aponta que as mesas-redondas têm um discurso menos preso à técnica estatística e mais guiado por memórias, impressões e visões subjetivas. Isso as torna parecidas com as mesas de bar, no sentido de serem espaços onde há mais dúvidas, emoções, discordâncias e ausência de consenso. Ou seja, são arenas discursivas em que não se busca uma verdade absoluta, mas sim interpretações.²⁹ É preciso, portanto, reivindicar um jornalismo esportivo que informe, emocione e que também pense.

²⁸ Como, por exemplo, o projeto *Esporte Diverso*, realizado pelo Sesc Pinheiros. Apesar de ser um programa voltado para o esporte de modo geral e que aborda de forma ampla os marcadores sociais, constitui uma tentativa de incorporar discussões interseccionais ao campo esportivo. Há também iniciativas do *Ludopédio*, portal de divulgação científica sobre futebol, que, além de conteúdos textuais, oferece programas, podcasts e entrevistas.

²⁹ TOLEDO. *Lógicas no futebol*, p. 366.

INTERSECCIONALIDADE E A URGÊNCIA DE UM JORNALISMO ESPORTIVO CRÍTICO

A interseccionalidade tem se consolidado como uma das principais ferramentas teóricas para a análise das desigualdades sociais em sua complexidade. Concebida a partir da articulação entre raça, classe e gênero, mas também ampliável para outras categorias como sexualidade, deficiência, geração e nacionalidade, essa abordagem nos permite compreender como diferentes formas de opressão se entrecruzam, produzindo efeitos específicos em distintos grupos sociais.³⁰ No campo do esporte e, particularmente, do futebol, a interseccionalidade oferece um olhar potente para interpretar a persistência das desigualdades em meio à narrativa dominante de meritocracia e mobilidade social.

A interseccionalidade nos força a abandonar a ideia de um sujeito universal e homogêneo, e nos convida a reconhecer que as experiências sociais são determinadas por múltiplos eixos de diferenciação.³¹ Aplicada ao esporte, essa abordagem permite compreender, por exemplo, por que as mulheres negras enfrentam barreiras diferentes (e geralmente mais complexas) do que os homens brancos no acesso ao alto rendimento, à visibilidade midiática ou aos espaços de poder no futebol. A partir desse olhar, torna-se evidente que a desigualdade no esporte não é apenas uma questão de desempenho ou estrutura, mas de organização social, histórica e cultural.

A mídia esportiva, contudo, raramente adota essa lente. Quando temas como racismo, sexismo ou desigualdade social emergem na cobertura, são geralmente tratados de forma pontual, episódica e despolitizada. Casos de injúria racial, por exemplo, costumam ser noticiados como eventos isolados, sem contextualização histórica ou discussão aprofundada sobre o racismo estrutural que permeia o futebol.

Oliveira destaca que, embora temas como racismo e preconceito racial tenham ganhado grande visibilidade na mídia (especialmente em portais como G1 e UOL), essa cobertura tende a enquadrar o racismo como problema de comportamento individual ou “disfuncional”, e não como fenômeno estrutural. Além disso, há ausência de vozes e organizações do movimento negro na esfera pública, prevalecendo a divulgação de ações positivas e casos isolados, o que desloca o debate do

³⁰ COLLINS. *Interseccionalidade*.

³¹ COLLINS. *Interseccionalidade*.

campo político-estrutural para o âmbito contingente e pessoal, mantendo intacta a lógica econômica e social que sustenta as desigualdades.³²

Como podemos observar no programa *Os Donos da Bola*, exibido no dia 29 de outubro de 2024, o apresentador Neto comenta que o jogador brasileiro Vini Jr. não recebeu o prêmio Bola de Ouro por ser negro. No entanto, não há qualquer contextualização histórica nem a participação de pesquisadores especializados na temática para embasar a discussão. A abordagem se dá por meio de uma crítica emocional, mas sem aprofundamento crítico.³³ Isso vale também para a desigualdade de gênero, frequentemente reduzida a comparações salariais ou a celebrações vazias em datas comemorativas, ignorando as estruturas que sistematicamente excluem, invisibilizam ou marginalizam mulheres no esporte.

Essa superficialidade tem consequências importantes. Ao tratar as questões sociais como desvios individuais ou exceções à regra, o jornalismo esportivo contribui para reforçar a naturalização das desigualdades. Além disso, reproduz uma lógica que desresponsabiliza as instituições como: clubes, federações, empresas de mídia, patrocinadores, por sua contribuição à manutenção dessas assimetrias. Ao ignorar ou esvaziar as dimensões interseccionais do futebol, o jornalismo esportivo se alinha, muitas vezes, à ideologia do mérito individual, que legitima privilégios históricos e nega as barreiras estruturais enfrentadas por grupos racializados, empobrecidos e/ou minorizados.

A adoção da interseccionalidade como princípio de análise e prática no jornalismo esportivo é, portanto, uma necessidade urgente. Não se trata de uma pauta identitária ou de nicho, mas de um compromisso com a justiça social e com a qualidade da informação.

Um jornalismo esportivo crítico, comprometido com a interseccionalidade, é aquele que se pergunta não apenas “quem ganhou o jogo?”, mas “quem pode jogar?”, “quem é ouvido?”, “quem é esquecido?”, “quem é representado e como?”. Essas perguntas são fundamentais para desnaturalizar as desigualdades e propor alternativas para sua superação.

³² OLIVEIRA. Novas configurações da esfera pública, diversidade etnicorracial e jornalismo, p. 27.

³³ BAND. Neto defende Vini Jr após não conquistar a Bola de Ouro: “Não ganhou por ser preto”.

O futebol é um campo fértil para essa reflexão porque concentra e simboliza muitas das tensões da sociedade brasileira. Embora tenha começado como entretenimento das elites locais, o futebol foi espaço de ascensão para jovens negros de periferia, ao mesmo tempo em que se constituiu como ambiente de reprodução de estereótipos raciais, exploração econômica e exclusão institucional. Hoje, o futebol feminino luta por reconhecimento, estrutura e respeito em um ambiente ainda fortemente masculinizado. Atletas LGBTQIAPN+ enfrentam silenciamento, invisibilidade e hostilidade em estádios e vestiários. E as torcidas populares sofrem criminalização, enquanto os camarotes das elites recebem incentivos e blindagens.

Essas dinâmicas não são novidades para pesquisadores(as) das ciências humanas, mas continuam sendo tratadas com descaso ou ignorância pela maioria dos programas esportivos. Isso revela não apenas uma falha de pauta, mas uma falta de paradigma. A ausência de um olhar interseccional impede que o jornalismo esportivo cumpra sua função formativa e crítica. Ao reproduzir narrativas simplistas, ele reforça a ideia de que o futebol é um espaço neutro, meritocrático e apolítico, quando, na verdade, ele é campo de disputa, representação e poder.

A interseccionalidade, nesse cenário, pode ser compreendida como uma espécie de bússola crítica para o jornalismo esportivo. Ela permite navegar pelas múltiplas camadas de desigualdade que atravessam o futebol e construir narrativas mais justas, plurais e informadas. Isso exige que jornalistas esportivos(as) estejam abertos ao diálogo com pesquisadores(as), movimentos sociais e experiências que rompem com os discursos hegemônicos. Exige também uma escuta ativa e respeitosa às vozes que historicamente foram silenciadas ou marginalizadas no noticiário esportivo.

É importante lembrar que a interseccionalidade não se reduz à denúncia ou à problematização das opressões. Ela também oferece ferramentas para imaginar novos mundos possíveis. Ao reconhecer que os sujeitos são marcados por múltiplas dimensões identitárias e sociais, abre-se a possibilidade de construir práticas jornalísticas mais inclusivas, colaborativas e representativas. Isso implica não apenas falar *sobre* os grupos minorizados, mas falar *com* eles, escutá-los, envolvê-los, valorizá-los como fontes legítimas de saber.

Nesse sentido, o jornalismo esportivo pode se beneficiar de experiências já consolidadas em outras áreas da comunicação, como o jornalismo comunitário, o

jornalismo feminista e o jornalismo negro, que têm desenvolvido metodologias próprias para cobrir desigualdades a partir de uma perspectiva ética e comprometida. Essas abordagens não apenas enriquecem o conteúdo, mas também promovem transformações nas próprias rotinas de produção, nas escolhas editoriais e nos critérios de relevância jornalística.

Uma cobertura esportiva interseccionalmente informada é aquela que questiona, por exemplo, por que há tão poucas mulheres e pessoas negras nas comissões técnicas dos clubes; por que as transmissões esportivas ignoram as realidades das divisões de base ou do futebol amador nas periferias. É aquela que entende que o futebol não é um reflexo fiel da sociedade, mas um campo ativo de produção de sentidos, onde se disputam valores, identidades e projetos de futuro.

A interseccionalidade também pode ser aplicada à análise da própria mídia esportiva: quem são os(as) jornalistas que aparecem na tela? Quais histórias são contadas – e por quem? Quais vozes são valorizadas como especialistas? Que corpos estão presentes nos estúdios? Como são tratadas as denúncias de racismo, machismo ou homofobia? Essas perguntas, quando feitas com regularidade e rigor, ajudam a transformar o jornalismo esportivo em um espaço mais democrático e plural.

Para isso, é fundamental que os veículos de comunicação esportiva invistam na formação continuada de suas equipes, promovendo debates internos, consultorias especializadas e espaços de escuta. A incorporação de uma abordagem interseccional no jornalismo não acontece por osmose, nem por boa vontade: ela exige método, reflexão e mudança de cultura organizacional. Também exige coragem editorial, especialmente em um cenário marcado por pressões comerciais, conservadorismo social e ataques à imprensa.

Ainda que o jornalismo esportivo tradicional costume priorizar o entretenimento e a cobertura factual, há indícios de que parte do público demonstra interesse crescente por abordagens que dialoguem com questões sociais. Iniciativas como o canal “Dibradoras”,³⁴ por exemplo, têm conquistado engajamento justamente por articularem futebol com temas como gênero, sexualidade e raça.

³⁴ DIBRADORAS: Lugar de mulher é no esporte.

Embora não se possa afirmar que esse tipo de conteúdo seja majoritário ou hegemônico, sua existência aponta para a abertura de espaços alternativos no campo esportivo. A interseccionalidade, nesse contexto, pode atuar como diferencial de abordagem, ampliando as possibilidades de identificação e pertencimento.

Neste sentido, é preciso pensar que o jornalismo esportivo que incorpora a interseccionalidade como eixo de análise e prática é mais do que desejável: é necessário. Ele contribui para desnaturalizar as desigualdades, ampliar a pluralidade de vozes e fomentar um debate público mais informado e justo, fortalecendo sua própria relevância na sociedade e reafirmando seu compromisso com a verdade, a ética e a transformação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou refletir sobre os desafios e as possibilidades de um jornalismo esportivo alinhado à divulgação científica e à abordagem interseccional das desigualdades sociais. A partir de uma análise crítica do panorama atual da cobertura esportiva no Brasil marcada pela espetacularização, pelo sensacionalismo e pelas poucas abordagens de rigor informativo, defendemos a necessidade de reconfiguração do papel do jornalismo esportivo como mediador de saberes entre o campo científico e o público amplo que consome o futebol cotidianamente.

Mostramos que as mesas redondas do jornalismo esportivo, embora historicamente reduzido a um lugar de entretenimento, possui enorme potencial educativo e formativo.³⁵ Quando compreendido como um campo simbólico de disputa por sentidos, ele se revela capaz de contribuir para a democratização do conhecimento, especialmente quando assume a divulgação científica como eixo ético e metodológico. Ao incorporar a ciência como fonte legítima de informação e não apenas como curiosidade técnica, o jornalismo esportivo qualifica sua prática e fortalece seu compromisso com a sociedade.

³⁵ BETTI. Esporte, televisão e espetáculo.

Do mesmo modo, evidenciamos que a interseccionalidade é um dos conceitos indispensáveis para compreender as dinâmicas de desigualdade que atravessam o futebol brasileiro. A naturalização de privilégios e opressões no esporte, muitas vezes sustentada por discursos meritocráticos e silenciamentos midiáticos, precisa ser enfrentada com narrativas mais complexas, plurais e comprometidas com a justiça social. Nesse sentido, o jornalismo esportivo não pode mais se esquivar das responsabilidades que carrega enquanto construtor de imaginários e mediador de discursos.

A proposta aqui defendida não exige transformações imediatas ou radicais, mas sim um reposicionamento progressivo da prática jornalística esportiva. Isso pode se dar a partir de pequenas mudanças: o convite a pesquisadores e pesquisadoras como participantes de reportagens/debates de modo mais frequente; o uso de dados e estudos científicos como base de análise; a diversificação das pautas, das vozes e dos olhares que aparecem na cobertura; a criação de conteúdos educativos nas redes sociais; o incentivo à formação crítica das equipes de jornalismo. São gestos que, somados, apontam para uma nova ética da informação esportiva.

Sabemos que a incorporação da divulgação científica e da interseccionalidade ao jornalismo esportivo enfrenta obstáculos. Entre eles, destacam-se a pressão comercial por audiência rápida, a cultura organizacional das redações esportivas, e até mesmo a resistência de parte do público a temas considerados “sensíveis” no contexto esportivo. No entanto, são justamente esses desafios que tornam ainda mais urgente a construção de alternativas que combinem rigor, acessibilidade e compromisso ético. É possível convergir comunicação e futebol de modo interdisciplinar, mas para isso é preciso investir “tempo, leitura, trabalho duro e interlocução qualificada”.³⁶

Defendemos, portanto, que programas de jornalismo esportivo baseados em divulgação científica, com atenção às questões interseccionais, são não apenas possíveis, mas desejáveis. Eles podem contribuir para tornar o futebol um espaço de reflexão pública, de debate qualificado e de formação crítica. Esses programas não precisam renunciar à emoção, da paixão ou da linguagem popular que caracteriza o esporte, mas sim enriquecer esses elementos com conhecimento, com contexto e com responsabilidade.

³⁶ GASTALDO. *O futebol nas ciências humanas no Brasil*, p. 407.

Ao caminhar nessa direção, o jornalismo esportivo poderá se reconectar com sua função pública, ampliando os horizontes da cobertura e tornando-se um agente ativo na construção de uma sociedade mais informada, inclusiva e democrática. O futebol, enquanto fenômeno cultural e social, merece uma narrativa que vá além do espetáculo, que seja capaz de pensar seus bastidores, seus silêncios e seus conflitos. E a ciência, especialmente a ciência que se ocupa da condição humana, pode ser uma grande aliada nessa empreitada.

O momento é propício. Em tempos de disputas narrativas, de crescente atenção às pautas sociais e de valorização da produção científica como ferramenta de resistência à desinformação, o jornalismo esportivo tem a oportunidade de se reinventar. Cabe a jornalistas, pesquisadores(as), educadores(as), estudantes e gestores(as) da comunicação coletiva impulsionar essa transformação. Que o jornalismo esportivo do futuro seja também o jornalismo da ciência, da crítica e da justiça social.

* * *

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Cacilda Mendes. Santos; ASSMANN, Alice Beatriz; LOBATO, Elis Diniz. Lacerda; MAGALHÃES, Larissa Ferreira; BRANDÃO, Camila. Fernanda. Cunha; PAULA, Otávio Rodrigues. Divulgação e popularização da ciência em Educação Física e Esporte. **Revista Conexão UEPG**, Ponta Grossa, v. 18, n. 1, 2022.
- BAND.COM.BR. Neto defende Vini Jr após não conquistar a Bola de Ouro: “Não ganhou por ser preto”. Disponível em: <https://abrir.link/EAlmW>.
- BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2018.
- BETTI, Mauro. Esporte, televisão e espetáculo: o caso da Tv a cabo. **Conexões**, Campinas/SP, v. 1, n. 3, p. 74-91, 2016.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997.
- BUENO, Wilson Costa. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. **Informação & Informação**, v. 15, n. 1, p. 1-12, 2010.

COLLINS, Patrícia Hill. **Interseccionalidade** [recurso eletrônico] / Patrícia Hill Collins, Sirma Bilge; tradução Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2020.

DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro In: DAMATTA, Roberto; FLORES, Luiz Felipe Baêta Neves; GUEDES, Simoni Lahud; VOGEL, Arno. **Universo do futebol**: Esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

DIBRADORAS. Dibras & Sensodyne. Disponível em: <https://abrir.link/BqZEU>.

ECO, Umberto. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FARIAS, Maria Giovanna Guedes; MAIA, Francisca Clotilde de Andrade. Proposição de Observatório Científico para Popularização da Ciência. **Informação & Sociedade**, v. 30, n. 3, p. 1-19, 2020.

GASTALDO, Édison. Futebol e estudos de comunicação no Brasil: Caminhos e encruzilhadas de um campo indisciplinar. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt. (Orgs.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

GUILBERT, Thierry. **As evidências do discurso neoliberal na mídia**. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

HAN, Byung. Chul. **Bom entretenimento**. Petrópolis: Vozes, 2019.

HAN, Byung. Chul. **A crise da narração**. Petrópolis: Vozes, 2023.

LAMEIRA, Magali Cristina Rodrigues. **Valores do esporte**: uma análise retórica da ciência e filosofia do esporte para o jornalismo esportivo televisivo. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2024.

LORDÊLO, Fernanda Silva; PORTO, Cristiane Magalhães. Divulgação científica e cultura científica: Conceito e aplicabilidade. **Ciência em Extensão**, v. 8, n. 1, p. 18, 2012.

LUDOPÉDIO. **Prorrogação** – Contra a homofobia: o caso de jogadores gays no futebol Society. 14 março 2021. Disponível em: <https://abrir.link/FSjQR>.

LUDOPÉDIO. **Entrevistas** – Paulo Calçade. 03 novembro. 2010. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/entrevista/paulo-calcade/>.

MARQUES, José Carlos. Esporte e os meios de comunicação no Brasil: Vícios e virtudes de um matrimônio secular. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt. (Orgs.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

MASSARANI, Luisa; BAUER, Martin; AMORIM, Luis. Um raio X dos jornalistas de ciência: há uma nova 'onda' no jornalismo científico no Brasil? In: MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu Castro; BRITTO, Maria Fátima. (Orgs.). **Ciência e público**: caminhos da divulgação científica no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Ciência/UFRJ, 2013, p. 81-96.

OLIVEIRA, Dennis de. Novas configurações da esfera pública, diversidade etni-racial e jornalismo. **Extraprensa**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 7-31, 2024.

RYALL, Emily. **Philosophy of sports**: Key questions. London: Bloomsbury, 2016.

SESC Pinheiros. **Esporte Diverso | Diversidade**: cruzamentos entre história, sociedade e esporte. 18 março. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Jnk8Qo8le84>.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol**: releituras. São Paulo: Editora Ludopédio, 2022.

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada**: filosofia da sensação. Campinas: Unicamp, 2010.

VAZ, Alexandre Fernandez. Esporte, cultura de massas: comentários segundo uma teoria crítica da sociedade. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; TOLEDO, Luiz Henrique de; MELO, Victor Andrade de. (Orgs.). **Olho no lance**: ensaios sobre esporte e televisão. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

VOGT, Carlos. Prefácio: De ciências, divulgação, futebol e bem-estar cultural. In: PORTO, Cristiane Magalhães; BROTAS, Antonio Marcos Pereira; BORTOLIERO, Simone Terezinha (Orgs.). **Diálogos entre ciência e divulgação científica**: leituras contemporâneas. Salvador: EDUFBA, 2011.

VOGT, Carlos. The spiral of scientific culture and cultural well-being: Brazil and Ibero-America. **Public Understanding of Science**, v. 21, n. 1, p. 4-16, 2012.

* * *

Recebido em: 1º jun. 2025.
Aprovado em: 12 ago. 2025.

Uma análise diacrônica da legislação brasileira no combate ao racismo e à homofobia no futebol (2001-2010)

A diachronic analysis of Brazilian legislation in the fight against racism and homophobia in football (2001-2010)

Cleyton Batista

Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA, Brasil
Doutor em Educação, UFBA
prof.cleytonbatista@gmail.com

Bruno Otávio de Lacerda Abrahão

Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA, Brasil
Doutor em Educação Física, UGF

RESUMO: O presente artigo investiga o desenvolvimento das políticas antidiscriminatórias no futebol entre 2001 e 2010, analisando a eficácia das legislações esportivas brasileiras no combate ao racismo e homofobia. Através de uma metodologia qualitativa baseada em análise documental, investigamos normas, regulamentos e legislações nacionais, com destaque para o Estatuto de Defesa do Torcedor (2003) e as diferentes versões do Código Brasileiro de Justiça Desportiva (2003, 2006, 2009). Os resultados revelam uma contradição fundamental entre os avanços formais e a prática efetiva. Enquanto a FIFA introduziu medidas punitivas significativas em 2006, incluindo a possibilidade de dedução de pontos e exclusão de equipes, tais dispositivos foram progressivamente flexibilizados nas revisões subsequentes. No contexto brasileiro, observa-se um padrão similar: embora a legislação tenha incorporado progressivamente dispositivos antidiscriminatórios, sua aplicação mostrou-se inconsistente, com sanções frequentemente atenuadas ou não aplicadas. Constatamos que campanhas simbólicas, como a iniciativa "say no to racism", embora importantes para a conscientização, não são suficientes para transformar a cultura esportiva profundamente enraizada. A análise sugere que as legislações funcionaram predominantemente como instrumentos de legitimação institucional, com limitado impacto na realidade dos estádios. Concluímos que a superação das dinâmicas discriminatórias no futebol exige não apenas reformas legais, mas uma transformação cultural mais ampla, envolvendo todos os atores do campo esportivo – desde torcedores e atletas até dirigentes e autoridades públicas.

PALAVRAS-CHAVE: Legislação esportiva; Racismo; Homofobia; Futebol.

ABSTRACT: This article investigates the development of anti-discrimination policies in football between 2001 and 2010, analyzing the effectiveness of Brazilian sports legislation in combating racism and homophobia. Through a qualitative methodology based on documentary analysis, we investigate national norms, regulations, and legislation, with emphasis on the Fan Defense Statute (2003) and the different versions of the Brazilian Code of Sports Justice (2003, 2006, 2009). The results reveal a fundamental contradiction between formal advances and effective practice. While FIFA introduced significant punitive measures in 2006, including the possibility of point deductions and team exclusions, such provisions were progressively relaxed in subsequent revisions. In the Brazilian context, a similar pattern is observed: although the legislation has progressively incorporated anti-discrimination provisions, its application has proven inconsistent, with sanctions often mitigated or not applied. We found that symbolic campaigns, such as the "say no to racism" initiative, although important for raising awareness, are not sufficient to transform the deeply rooted sports culture. The analysis suggests that the legislation functioned predominantly as instruments of institutional legitimation, with limited impact on the reality of the stadiums. We conclude that overcoming discriminatory dynamics in football requires not only legal reforms but also a broader cultural transformation, involving all actors in the sports field – from fans and athletes to managers and public authorities.

KEYWORDS: Sports legislation; Racism; Homophobia; Football.

INTRODUÇÃO

O futebol reflete e reproduz as contradições das sociedades em que está inserido.¹ No Brasil, país marcado por profundas desigualdades estruturais raciais² e de gênero,³ o esporte não apenas espelha essas estruturas discriminatórias, mas também as naturaliza em suas práticas cotidianas – desde os estádios até as políticas institucionais.⁴

Uma política é implementada através de leis, cujo objetivo é orientar legalmente o comportamento das ações humanas. Como fenômeno social em que os humanos se relacionam, o esporte teve que criar normas específicas, coerentes com a geral, para o comportamento de quem o compartilha numa condição muito específica: os torcedores. A legislação esportiva, nessa perspectiva, não é um simples instrumento de regulação, mas um campo de disputa onde se materializam conflitos entre projetos civilizadores distintos. No contexto contemporâneo orientando por uma agenda inclinada pelos princípios da igualdade os avanços discursivos antidiscriminação e as transformações recentes no esporte nos despertaram questionamentos sobre: quando esta pauta iniciou e como ela se desenvolveu articulada com seu respectivo contexto? Este artigo se propõe a acompanhar diacronicamente o entrelaçamento da legislação brasileira sobre os debates pela inclusão no esporte e o combate ao racismo e homofobia no futebol, na primeira década do século XXI.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa se concentrou nas leis e regulamentos específicos do futebol. Investigamos a legislação esportiva que impactou diretamente o esporte na temática da diversidade e discriminação, em especial acerca do racismo e homofobia. Foram incluídos na pesquisa os documentos a seguir: leis referentes ao Estatuto de Defesa do

¹ DAMATTA. *Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro*, 1982.

² ALMEIDA. *Racismo estrutural*, 2019.

³ BUTLER. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, 2003.

⁴ BANDEIRA. *Uma história do torcer no presente: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de futebol*, 2020.

Torcedor, n. 10.671 de 2003⁵ e n. 12.299 de 2010;⁶ as resoluções do Conselho Nacional de Esporte (CNE) n. 01/2003,⁷ n. 06/2006⁸ e n. 29/2009⁹ sobre o Código Brasileiro de Justiça Desportiva (CBJD).

Nossas análises se concentraram nos documentos publicados na primeira década do século. Esta escolha não é meramente numérica. A partir da década de 2010 constata-se uma série de transformações no panorama do futebol que introduz dinâmicas e discursos de impacto direto na forma como pautas sociais, incluindo a luta contra a discriminação, são debatidas. Nas arquibancadas, trabalhos como os de Felipe Tavares Paes Lopes indicam que um novo perfil de engajamento torcedor ganha proeminência a partir de meados da década de 2010.¹⁰ Este período é marcado pela intensa efervescência esportiva e sociopolítica no Brasil. É neste contexto que ganha destaque o surgimento expressivo dos Coletivos Ativistas de Torcedores (CATs). Esse novo perfil trouxe para o futebol uma abordagem mais crítica e engajada em temas como o combate à discriminação. A década também marca o surgimento de instituições como o Observatório da discriminação Racial no Futebol além disso, vem à tona o maior escândalo de corrupção da FIFA (FIFAgate)¹¹ que impulsionou uma reformulação na instituição. Todo este novo contexto impactou diretamente na forma como o futebol passou a abordar a luta antidiscriminação. Portanto, acreditamos que a decisão de encerrar a análise do primeiro artigo da pesquisa no início da década de 2010 se justifica metodologicamente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A bandeira do “novo futebol” contra o racismo: os primeiros anos do séc. XXI

No cenário brasileiro, o primeiro documento que apresentamos é o Estatuto de Defesa do Torcedor (EDT), que entra em vigor no primeiro mandato do presidente Luiz

⁵ BRASIL. Lei 10.671, 2003.

⁶ BRASIL, Lei n. 12.299, 2010.

⁷ BRASIL. Código brasileiro de justiça desportiva, 2003.

⁸ BRASIL. Resolução n. 11, de 29 de março de 2006.

⁹ BRASIL. Resolução n. 29, de 10 de dezembro de 2009.

¹⁰ LOPES. Ativismo no futebol e estudos críticos: um ensaio sobre coletivos de torcedores, 2023. LOPES. Torcedores de futebol, dominação e resistência: apontamentos teóricos, 2023. LOPES. A atuação de coletivos ativistas de torcedores nas ruas e estádios de São Paulo, 2023.

¹¹ Disponível em: <https://abrir.link/BDpaX>.

Inácio Lula da Silva, dia 15 de maio de 2003 a partir da lei n. 10.671. O EDT está organizado em 12 capítulos que tem por objetivo estabelecer normas de proteção e defesa dos torcedores. De acordo com o artigo 2º do texto “Torcedor é toda pessoa que aprecie, apoie ou se associe a qualquer entidade de prática desportiva do País e acompanhe a prática de determinada modalidade esportiva”.¹²

Esse estatuto é produto de um movimento de profissionalização e espetacularização do futebol iniciado décadas anteriores. Se o esporte nacional agora é um produto, seus torcedores agora são consumidores que, nessa nova interpretação, precisam ter a salvaguarda de seus direitos.¹³ Para esse “novo” futebol, também era indispensável boas práticas corporativas na gestão do esporte, sob responsabilidade da CBF. O que acontecia era justamente o oposto. Problemas recorrentes na organização das competições, viradas de mesa, falta de transparência nas relações com terceiros e escândalos de corrupção marcam o percurso histórico da instituição. O próprio EDT era tratado como uma lei de moralização do futebol.¹⁴

Dada essas acusações de amadorismo e irregularidades na administração do futebol ao longo da década de 90, dia 11 de março de 1999 foi requerida uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar as relações entre a CBF e a Multinacional Nike, patrocinadora de material esportivo. Instalada em 17 de outubro de 2000, as investigações confirmaram as suspeitas. Azevedo e Rebelo apresentam uma síntese do relatório final desta CPI em que destacamos:

A função da CBF é promover o futebol do país, desde a seleção principal até o futebol de base. Mas o futebol brasileiro vai de mal a pior: a seleção é uma sombra do passado de glórias; os melhores jogadores são vendidos para o exterior; o futebol de base, de formação de novos craques, está abandonado. Jovens jogadores, exportados em massa, com documentos adulterados, passaportes falsos. Atletas menores de idade são traficados e submetidos à exploração, à fome, doença e até à prostituição em países estrangeiros.

O “sistema” CBF desorganiza o futebol, submete o calendário a pressões de patrocinadores como emissoras de TV, e de interesses políticos; para isso, corrompe dirigentes de clubes e de federações. E culmina com a falência do futebol.¹⁵

¹² BRASIL. Lei 10.671, p.1.

¹³ MEZZADRI. As interferências do Estado brasileiro no futebol e o estatuto de defesa do torcedor, 2011.

¹⁴ REIS. O espetáculo futebolístico e o estatuto de defesa do torcedor, 2010.

¹⁵ AZEVEDO; REBELO. A corrupção no futebol brasileiro, p.18.

Além disso, o EDT foi um marco na legislação esportiva nacional, também por se voltar às questões de contenção da violência e segurança dos torcedores. Essa preocupação não era à toa. Os primeiros anos do novo milênio traziam as marcas da violência entre as torcidas de futebol. Os confrontos se intensificaram nas décadas de 1980 e 1990. Nesse contexto, a morte de Cléo em 1988, líder da torcida Mancha Verde, é a primeira relacionada a brigas entre torcedores. Este fato, junto com a “batalha campal do Pacaembu” de 1995, influenciaram definitivamente no comportamento das torcidas organizadas, bem como em sua avaliação na opinião pública.¹⁶

No EDT, análises da lei apontam que 35,55% dos artigos e oito dentre os 12 capítulos tratam sobre segurança. Com esse movimento de atenção e controle aos comportamentos e hábitos do torcedor, o documento objetiva estabelecer um novo *ethos* no futebol.¹⁷ Todavia, o comportamento antidiscriminação ainda não fazia parte dos objetivos dessa mudança. Nota-se que o termo “violência” está mais relacionado aos confrontos físicos, visto que nessa primeira versão não há menções sobre a proibição de atos racistas ou homofóbicos no futebol, bem como possíveis sanções aos que praticam tais atos.

Publicado no mesmo ano que o EDT, outro documento importante da nossa análise é o Código Brasileiro de Justiça Desportiva (CBJD). Foi aprovado pelo presidente do Conselho Nacional de Esporte (CNE) Agnelo Queiroz, a partir da Resolução CNE n. 01, de 23 de dezembro de 2003. Este código está organizado em dois livros (Livro I – da justiça desportiva e Livro II – Das medidas disciplinares). O documento completo apresenta um total de 287 artigos. A respeito das penalidades, esta primeira versão do CBJD prevê 11 possibilidades de pena que variam de advertência até exclusão da competição.

Art. 170 Às infrações disciplinares previstas neste Código correspondem às seguintes penas:

- I -advertência;
- II -multa;
- III -suspensão por partida;
- IV -suspensão por prazo;
- V -perda de pontos;

¹⁶ GUILHON. *Sob a pena da lei: princípios constitucionais, o Estatuto do Torcedor e o cerco às organizadas no Brasil*, 2017.

¹⁷ SILVA et al. *O Estatuto de Defesa do Torcedor e a questão da violência: uma análise sobre a apreciação do lazer a partir dos torcedores de futebol*, 2007.

- VI -interdição de praça de desportos;
- VII perda de mando de campo;
- VIII indenização;
- IX -eliminação;
- X -perda de renda;
- XI -exclusão de campeonato ou torneio.¹⁸

Quais condutas estão sujeitas a estas sanções? analisando o código, constata-se que não há referências explícitas a comportamentos racistas ou homofóbicos, mesmo que o documento apresente uma lista de práticas que violam a chamada “moral desportiva”. O conjunto de artigos que versam sobre o tema estão dispostos principalmente nos “Título VII – das infrações das pessoas, Capítulo II – das ofensas morais” e “Título IX – das infrações contra a moral desportiva”. Como exemplo, podemos citar o art. 187 que diz:

Art 187 Ofender moralmente:

I -pessoa subordinada ou vinculada à entidade desportiva, por fato ligado ao desporto;

PENA: suspensão de 30 (trinta) a 120 (cento e vinte) dias.

II -árbitro ou auxiliar em função;

PENA: suspensão de 30 (vinte) a 180 (cento e oitenta) dias.

III -membros de Órgãos Judicantes ou autoridades públicas;

PENA: suspensão de 60 (vinte) a 360 (trezentos e sessenta dias) dias.

Parágrafo único. A ofensa moral, quando praticada por árbitro ou auxiliar em função, será punida com suspensão de 60 (sessenta) a 360 (trezentos e sessenta) dias.¹⁹

Acerca do comportamento dos atletas, os arts. 252, 258 e 272 seguem essa mesma linha de raciocínio sobre a ofensa moral. É interessante observar como o EDT e o CBJD, dois importantes documentos da legislação desportiva brasileira, entraram em vigor com muitas referências a “moral do esporte”. De acordo com o *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, moral é relativo às regras de conduta e aos costumes estabelecidos e admitidos em determinada sociedade.²⁰

¹⁸ BRASIL. Código brasileiro de justiça desportiva, p. 186.

¹⁹ BRASIL. Código brasileiro de justiça desportiva, p.186.

²⁰ MICHAELLIS. *Dicionário brasileiro da língua portuguesa*, 2025.

Isso posto, o que justifica a ausência de menções às práticas discriminatórias em ambos os documentos? por um lado, a grande mobilização para responder aos escândalos de corrupção e combate à violência física entre torcidas pode ter ofuscado o debate as outras formas de violência como o racismo e a homofobia. Por outro, se não há previsões explícitas aos comportamentos discriminatórios, poderíamos considerar que o debate estaria implícito nestes artigos apresentados? Sim e não.

O que é uma ofensa moral? Quem define o que é uma ofensa moral? A superficialidade do termo contribuiu para um cenário subjetivo do código que dificultou sua aplicação. Por ser interpretativo, a avaliação dos casos ficou mais suscetível as diferenças culturais e contextos envolvidos. Como apresentaremos durante parte considerável desta cronologia, o número ínfimo de punições aos atos de racismo e homofobia corroboram com os apontamentos da literatura ao indicar que tradicionalmente o futebol se constituiu a partir de uma cultura em que diversas práticas discriminatórias são naturalizadas.

Jogo duro contra a discriminação: uma resposta (quase) exemplar de 2006

O cenário que precede o ano de 2006 é importante para entendermos as deliberações tomadas neste ano. O debate racial ganhava cada vez mais espaço no esporte. Além das campanhas e atualizações normativas, o mundo do futebol vivia a expectativa da recém-eleita África do Sul como sede da Copa do Mundo de futebol masculino de 2010. A mobilização sobre o tema contribui para descortinar aos poucos um conjunto de práticas que, por serem tão recorrentes no futebol, estavam naturalizadas. Como uma espécie de espiral, essa tomada de consciência quanto às questões sociais no esporte empodera a ação e sensibiliza o olhar dos indivíduos, que, a cada novo passo, torna-se mais consciente, empoderado e sensível ao tema. Ou seja, quanto mais se debate sobre a discriminação, mais se identificam e denunciam esses casos, o que mobiliza mais engajamento no debate contra a discriminação.

Uma onda de incidentes raciais crescia cada vez mais nas principais praças esportivas em toda Europa. Em protesto, é lançada em 2005 a campanha *“Stand up Speak up”* (levante-se, fale alto), coordenada pela *King Baudouin Foundation*. O projeto utilizou como símbolo duas pulseiras interligadas, uma preta e uma branca que

foram produzidas em parceria com a multinacional de produtos esportivos Nike. A renda obtida com os produtos foi administrada pela fundação para financiar projetos antirracistas entre 2005 e 2006. Diversos atletas dos principais clubes europeus aderiram ao projeto cedendo sua imagem e utilizando as pulseiras.²¹



Imagem 1 - Estrelas do futebol com as pulseiras preta e branca para campanha “Stand up Speak up”. Ensaio fotográfico para campanha com os atletas: Thierry Henry; Rio Ferdinand; Ronaldinho Gaúcho; Ruud Van Nistelrooy; Claude Makelele; Adriano e Fabio Cannavaro. Fonte: imagens obtidas no documento “Stand up speak up: good practices”, disponibilizados pela “King Baudouin Foundation’s”.²²

O grande rosto da campanha foi o jogador francês Thierry Henry, na época um dos principais nomes do futebol mundial. Era atacante e líder da equipe do Arsenal Football Club que ficou conhecida como “Os Invencíveis” pelo feito histórico de conquistar o título nacional da primeira divisão inglesa (Premier League) 2003/04 de forma invicta.²³ O atleta foi o artilheiro da competição e recebeu diversos prêmios individuais como melhor jogador do campeonato, chuteira de ouro da UEFA e segundo melhor jogador do mundo, perdendo apenas para o brasileiro Ronaldinho Gaúcho – que também participou da campanha.²⁴

Esta síntese da carreira do atleta nos ajuda a destacar alguns tópicos: o primeiro é a visibilidade alcançada pela campanha e repercussão que suas ações ganhavam na mídia. Afinal, era o melhor jogador europeu em atividade e, no futebol,

²¹ KING BAUDOUIN FOUNDATION. *Stand up speak up: good practices*, 2005.

²² Disponível em: <https://abrir.link/RAssO>.

²³ Disponível em: <https://abrir.link/yHRbL>.

²⁴ Disponível em: <https://abrir.link/rvOOH>.

saber *quem fala?* é tão importante quanto *o que fala?* o segundo ponto é a importância desse engajamento. Como veremos mais adiante, até a chegada de Vinicius Jr., o meio do futebol passaria por um hiato de longos anos em que os melhores jogadores do mundo não se posicionaram em ações antidiscriminação; e o terceiro destaque é que mesmo os grandes atletas estão sujeitos a sofrerem com violências raciais.

Durante um treino da seleção espanhola em 06 outubro de 2004 o técnico Luis Aragonés, em conversa com o atleta Jose Antonio Reyes, proferiu insultos racistas se referindo ao atleta francês: “deve ver as coisas com mais luz, ter claridade. Diga ao negro de merda que você é melhor. Diga a ele da minha parte. Você é melhor”. O treinador se desculpou, mas justificou atitude alegando que seria uma forma de motivar seus atletas.²⁵ Depois da repercussão, a federação espanhola multou Aragonés em 3 mil euros. Para Henry, “[...] é cômico. O multaram porque pensam que é necessário, não porque pensam que fez algo ruim” e complementa exigindo mais responsabilidade da FIFA: “É a FIFA quem deve intervir, são os únicos que podem fazer alguma coisa. Eles dizem que controlam o esporte, então devem dar o exemplo”.²⁶

No contexto brasileiro não foi diferente. Um caso de grande repercussão midiática aconteceu no dia 14 de abril de 2005, durante uma partida entre São Paulo Futebol Clube e Quilmes Atlético Club no Estádio do Morumbi/SP pela fase de grupos copa CONMEBOL Libertadores. Leandro Desábato proferiu ofensas racistas ao jogador do São Paulo Grafite: “*Negrito de mierda, enfia la banana em el culo*”. Foi a primeira vez que um atleta foi preso acusado de racismo, apesar de liberado horas após o pagamento da fiança.²⁷ As análises dos autores podem ser ampliadas para além dos incidentes apresentados. Seja torcida (caso Eto’o), técnico (caso Henry) ou jogador adversário (caso Grafite) – as ofensas proferidas se ancoram em representações raciais construídas historicamente que buscam hierarquizar o negro como inferior. Revisitando o caso, Tonini destaca a influência do incidente para engajar diferentes sujeitos no debate sobre racismo no futebol, que exigiu da legislação esportiva alguma resposta.²⁸ As tensões observadas aqui são indicativas de que,

²⁵ Disponível em: <https://abrir.link/vUBpw>.

²⁶ Disponível em: <https://abrir.link/SkpWE>.

²⁷ ABRAHÃO; SOARES. Uma análise sobre o caso 'Grafite X Desábato' à luz do 'racismo à brasileira', 2007.

²⁸ TONINI. Racismo no futebol brasileiro: revisitando o caso Grafite/Desábato, 2012.

mesmo lentamente, o campo esportivo caminhava em direção a um ambiente menos receptivo às práticas discriminatórias.

Em resposta a esses acontecimentos, o ano de 2006 é particularmente importante por registrar uma série de medidas nacionais e internacionais que tinham potencial de se tornarem um marco na luta antidiscriminação no futebol. O primeiro documento analisado deste ano foi a nova versão do CBJD, alterado pela Resolução n. 11, de 29 de março.²⁹ Diferente da primeira versão, identificamos três artigos com menções explícitas à incidentes discriminatórios e rígidas sanções em casos de violação.

No capítulo acerca das ofensas morais, alterações no art. 187 ampliam o período máximo de suspensão. Em seu novo parágrafo 2º, o dispositivo prevê uma suspensão de um a três anos em caso de ato discriminatório. Já os parágrafos 3º, 4º e 5º estabelecem rigorosas punições às instituições vinculadas ao indivíduo acusado, com aplicação de multas, perda de mando de campo, perda de pontos e exclusão do campeonato.

CAPÍTULO II – DAS OFENSAS MORAIS

Art. 187 Ofender moralmente:

[...]

§ 2º A ofensa moral que consistir em ato discriminatório decorrente de preconceito em razão de origem étnica, raça, sexo, cor, idade, condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência será punida com suspensão de 01 (um) a 03 (três) anos, não se aplicando o disposto no parágrafo único do art. 172 deste Código.

§ 3º A entidade de prática desportiva a que pertencer a pessoa física praticante da conduta descrita no parágrafo anterior, será punida com multa de R\$ 10.000,00 (dez mil reais) a R\$ 200.000,00 (duzentos mil reais) e perda do mando de campo de uma a dez partidas, provas ou equivalentes quando participante de competição oficial e perda do dobro do número de pontos previstos no regulamento da competição para o caso de vitória e, na reincidência, a exclusão de campeonato ou torneio.

§ 4º Não sendo possível aplicar-se a regra prevista no parágrafo anterior em face da forma de disputa da competição, a entidade de prática desportiva será punida com a exclusão de competição ou torneio.

§ 5º Na hipótese da aplicação da pena de perda do dobro do número de pontos prevista no § 3º deste artigo, fica mantido o resultado da partida, prova ou equivalente para todos os efeitos previstos no regulamento da

²⁹ BRASIL. Resolução n. 11, de 29 de março de 2006.

competição e a entidade de prática desportiva que ainda não tiver obtido pontos suficientes ficará com pontos negativos.³⁰

A segunda menção aparece no dispositivo que traz o debate sobre responsabilização das entidades esportivas em caso de incidentes nas praças desportivas. Nesses casos, além de multa e perda de mando de campo, o parágrafo 4º acrescenta a perda de pontos e até exclusão da competição.

CAPÍTULO I – DAS INFRAÇÕES REFERENTES ÀS ENTIDADES DE ADMINISTRAÇÃO DO DESPORTO, ÓRGÃOS PÚBLICOS DO DESPORTO E À COMPETIÇÃO

[...]

Art. 213 Deixar de tomar providências capazes de prevenir e reprimir disorders em sua praça de desporto.

PENA: multa de R\$ 10.000,00 (dez mil reais) a R\$ 200.000,00 (duzentos mil reais) e perda do mando de campo de uma a dez partidas, provas ou equivalente quando participante da competição oficial.

[...]

§ 4º A entidade cuja torcida manifestar ato discriminatório decorrente de preconceito em razão de origem étnica, raça, sexo, cor, idade, condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência será punida com a pena prevista no caput deste artigo e perda do dobro do número de pontos previstos no regulamento da competição para o caso de vitória sendo, na reincidência, excluída do campeonato ou torneio.

§ 5º Não sendo possível aplicar-se a regra prevista no parágrafo anterior em face da forma de disputa da competição, a entidade de prática desportiva será punida com a exclusão de competição ou torneio.

§ 6º Na hipótese da aplicação da pena de perda do dobro do número de pontos prevista no § 4º deste artigo, fica mantido o resultado da partida, prova ou equivalente para todos os efeitos previstos no regulamento da competição e a entidade de prática desportiva que ainda não tiver obtido pontos suficientes ficará com pontos negativos.³¹

O terceiro e último dispositivo desta versão do CBJD que menciona explicitamente infrações aos casos de discriminação está presente no art. 252 sobre as infrações dos atletas contra árbitros e auxiliares. Também estão previstas suspensão do atleta e punição ao clube que está vinculado.

³⁰ BRASIL. Resolução n. 11, de 29 de março de 2006, p. 177.

³¹ BRASIL. Resolução n. 11, de 29 de março de 2006, p. 177.

CAPÍTULO IV – DAS INFRAÇÕES DOS ATLETAS

Art. 252 Ofender moralmente o árbitro, seus auxiliares ou qualquer outro participante do evento desportivo.

PENA: suspensão de 2 (duas) a 6 (seis) partidas, provas ou equivalentes. [...]

§ 2º A ofensa moral que consistir em ato discriminatório decorrente de preconceito em razão de origem étnica, raça, sexo, cor, idade, condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência será punida com suspensão de 01 a 03 anos, não se aplicando o disposto no parágrafo único do art. 172 deste Código.

§ 3º A entidade de prática desportiva a que pertencer o atleta praticante da conduta descrita no parágrafo anterior, será punida com a pena prevista no caput do art. 213 e perda do dobro do número de pontos previstos no regulamento da competição para o caso de vitória sendo, na reincidência, excluída do campeonato ou torneio.

§ 4º Não sendo possível aplicar-se a regra prevista no parágrafo anterior em face da forma de disputa da competição, a entidade de prática desportiva será punida com a exclusão da competição ou torneio.

§ 5º Na hipótese da aplicação da pena de perda do dobro do número de pontos prevista no § 3º deste artigo, fica mantido o resultado da partida, prova ou equivalente para todos os efeitos previstos no regulamento da competição e a entidade de prática desportiva que ainda não tiver obtido pontos suficientes ficará com pontos negativos.³²

Seguindo os avanços consideráveis deste ano, no dia 08 de junho é realizado em Munique, cidade na Alemanha, mais uma edição do Congresso da FIFA que aprovou atualizações no Estatuto.³³ Os artigos que tratavam sobre discriminação não se alteram, porém, há uma nova menção sobre o assunto no Livro dos regulamentos de aplicação do Estatuto. O art. 20 que trata sobre os objetivos destaca atenção especial em atividades contra o racismo. A respeito das sanções, o documento indica como responsabilidade do Código Disciplinar da FIFA, mas reproduz no art. 55 a lista de punições previstas.

Article 20 Objectives

1 FIFA shall ensure that its objectives are achieved and secured solely by using suitable material and human resources either of its own or by delegating to Members or Confederations or by working with the Confederations in accordance with the FIFA Statutes.

³² BRASIL. Resolução n. 11, de 29 de março de 2006, p. 178.

³³ FIFA. *FIFA STATUTES*, 2006.

*2 With reference to art. 2 (e) of the FIFA Statutes, FIFA shall take action especially, but not exclusively, against irregular betting activities, doping and racism. These activities are prohibited and subject to sanctions.*³⁴

Em meio a esse contexto, a Copa do Mundo de futebol masculino na Alemanha seria uma ótima oportunidade para instituição reforçar seu posicionamento. A competição teve início em 09 de junho de 2006 e a frase da campanha “*Say no to racism*” foi exibida em uma faixa central do campo em todas as 64 partidas da competição. A instituição firma parceria com a rede *FARE*, lançando uma Fanzine com informações sobre racismo no futebol e realizando treinamento antirracismo com seus funcionários e voluntários. Seguindo as informações listadas no seu relatório de atividades, um sistema de monitoramento do racismo foi implementado em todos os 12 estádios que receberam jogos da copa.³⁵ Todavia, é importante destacar que o documento não apresenta o resultado dessas ações.

Na sua nova versão do Código de Ética, adotadas em 15 de setembro de 2006, apresenta um preâmbulo mais abrangente que sua versão anterior, reconhecendo a responsabilidade da instituição de proteger para além de sua própria imagem, a integridade do futebol de práticas imorais ou antiéticas. Apesar do documento se voltar aos oficiais, alguns dispositivos como o art. 6º sobre discriminação também se aplicam aos jogadores e agentes de jogadores: “*Article 6 – Ban on discrimination Officials, players and players’ agents may not act in a discriminatory manner, especially with regard to ethnicity, race, culture, politics, religion, gender or language*”.³⁶

Na mesma data também foi aprovado pelo Comitê Executivo da FIFA uma atualização do Código Disciplinar, que entrou em vigor no dia 1º de janeiro de 2007. O novo texto possibilita as seguintes atitudes mais rígidas e abrangentes contra o racismo/ discriminação: estabelece que jogadores e agentes de jogadores estão sujeitos ao código; insere os arts. 48 e 49 sobre desordem em partidas e competições; altera os textos sobre comportamento ofensivo e racismo (arts. 57 e 58); e insere o art. 152 que trata sobre os códigos disciplinares das associações.³⁷

³⁴ FIFA. *FIFA STATUTES*, p. 65

³⁵ FIFA. *ACTIVITY REPORT*, 2007.

³⁶ FIFA. *FIFA Code of Ethics*, p.6.

³⁷ FIFA. *FIFA Disciplinary Code*, 2006.

Nesta quarta versão do CDF, identificam-se novos dispositivos específicos para tratar de infrações contra jogadores (art. 48) e oficiais (art. 49). Os textos apresentam agravante para suspensão por cartão vermelho se isto ocorrer devido um conjunto de casos, dentre eles os incidentes discriminatórios. Além da suspensão automática, se a vítima for um jogador acrescentam-se no mínimo dois jogos e se a vítima for algum oficial a punição aumenta e se agrava em mais 4 partidas, além da possibilidade de multa.³⁸

Os arts 57 e 58 (antes 54 e 55) do código seguem essa tendência de agravar as punições. Nos casos de comportamento ofensivo, além das suspensões e multa também é listada a proibição de realizar qualquer atividade relacionada ao futebol. Já o texto sobre racismo/ discriminação apresenta alterações ainda mais incisivas: aumenta as multas impostas; amplia os tipos de comportamento punidos; aplica sanções as instituições em casos de incidentes discriminatórios causados por seus torcedores; estabelece a proibição de frequentar estádios por dois anos a esses torcedores; e inclui a perda de pontos automaticamente para a equipe do jogador, dirigente ou torcedor que se envolver em qualquer uma das infrações, podendo chegar até ao rebaixamento. Além disso, o artigo impõe que as associações vinculadas à FIFA são obrigadas a incorporar as disposições deste texto nos seus próprios códigos, sob risco de exclusão do futebol internacional por dois anos para quem não cumprir. Como tantos avanços apresentados, este artigo seria um histórico, moderno e arrojado posicionamento da FIFA na luta antidiscriminação no futebol logo no início do século. Todavia, o parágrafo 5 do próprio artigo da margem para interpretações subjetivas dos casos comprometendo sua justa aplicação.³⁸

O texto possibilita que se o indivíduo ou instituição acusado provar que foi apenas minimamente culpado ou que as infrações foram provocadas intencionalmente para gerar as punições, as sanções listadas anteriormente podem ser reduzidas ou até mesmo desconsideradas. De todo modo, os dispositivos apresentados aqui indicavam uma inclinação positiva da FIFA para abordar o tema.

Como já citado, um relatório de atividades foi disponibilizado durante o 57º Congresso Ordinário da FIFA. O evento aconteceu em 31 de maio de 2007, na cidade de Zurich, Suíça. Neste documento a instituição reconhece o potencial do futebol como ferramenta para o desenvolvimento social e resolução de problemas como o

racismo. Consciente dessa responsabilidade, a instituição apresenta o movimento “Football for Hope” que visa organizar, desenvolver e fortalecer programas de desenvolvimento social e humanitário em diversas áreas.

Identificamos um movimento interessante de alinhar, mesmo que a nível de discurso, os objetivos da representante máxima do futebol com outras organizações de nível mundial como as nações unidas.

If all of the elements in this formula are present in the right proportions, we can be optimistic about the football family's chances of making a real contribution to the achievement of the Millennium Development Goals as set out by the United Nations.³⁸

Todas as ações aqui descritas indicavam um panorama próspero na luta antidiscriminação no futebol, com ênfase no debate racial. todavia, o que se identificou nos meses e anos seguintes foi na direção contrária, que apresentamos no tópico a seguir.

Gol contra: os recuos a partir de 2007

Em 27 de maio de 2007 a FIFA apresenta novas alterações no CDF. Uma análise ligeira indicaria que o dispositivo específico sobre o racismo (art. 58) não se altera, mantendo a rigorosidade apresentada. A problemática identificada aqui surge em outro artigo. Se o documento do ano anterior era taxativo quanto a suspensão e possibilidade de multa, o novo texto do art. 57 (comportamento ofensivo) recua nas suas punições e se vincula às sanções mais leves listadas no art. 10, que variam de advertência a devolução de prêmios.³⁹

Na prática, este dispositivo seria uma possível “rota de fuga” das sanções mais rigorosas para os acusados de algum comportamento discriminatório previsto no artigo 58. Qual a linha que separava um comportamento ofensivo (art. 57) de um comportamento discriminatório (art. 58)? Quem definia e como definia estes limites? Como já foi apresentado, o caráter subjetivo dos casos associado às permissividades do ambiente futebolístico favorecia que as punições fossem mais brandas ou até mesmo inexistentes.

³⁸ FIFA. *ACTIVITY REPORT*, p. 124.

³⁹ FIFA. *FIFA Disciplinary Code*, 2007.

Um novo estatuto foi adotado durante o 57º Congresso Ordinário da FIFA realizado em 31 de maio de 2007, na cidade de Zurich, Suíça.⁴⁰ Para o nosso debate o documento não apresenta alterações. Cabe destacar que nos anos seguintes novas versões do estatuto também foram publicadas, mas seguiram sem alterações significativas nos debates sobre discriminação.⁴¹

Seguindo as ações para debater sobre o racismo, em 18 de julho de 2007 foi realizado pela FIFA o jogo “90 minutos para Mandela”. O evento aconteceu no estádio Newlands, na Cidade do Cabo, África do Sul – em homenagem aos 89 anos de Nelson Mandela. A partida contou com cerca de 50 atletas consagrados e foi disputada entre uma seleção de ídolos históricos e atuais do futebol africano contra uma seleção “do mundo”. Pelé foi o líder da equipe mundial e a equipe africana contou com a presença de jogadores como o camaronês Samuel Eto'o, o ganês Abedi Pele, o liberiano George Weah e o argelino Rabah Madjer.⁴²

Se publicamente a instituição segue realizando ações que pautam a luta antidiscriminação, com ênfase no racismo, internamente seus documentos continuam indicando movimento de recuo. Na versão de 2007 do CDF, o dispositivo que versa sobre comportamento ofensivo e jogo limpo (art. 57) amplia as possibilidades de punição, porém, todas mais leves do que as já previstas nos documentos anteriores. O documento deixa de estabelecer a suspensão de partidas para esses casos e apresenta advertência, repreensão, multa e devolução de prêmios como possibilidade.⁴³

No ano de 2008 esta tendência foi identificada novamente no Código Disciplinar.⁴⁴ Para os casos de conduta antidesportiva (art. 48), além da suspensão automática por cartão vermelho, o dispositivo reduziu a suspensão mínima de duas partidas para uma. Além disso, apresenta alterações no art. 58 que continua intitulado como Racismo.

O novo texto retirou os parágrafos 4, 5 e 6 que foram incluídos na versão de 2006. Uma mudança sutil, mas extremamente significativa foi a retirada do termo “automaticamente” para a punição com perda de pontos em casos de discriminação.

⁴⁰ FIFA. *FIFA STATUTES*, 2007.

⁴¹ FIFA. *FIFA STATUTES*, 2008. FIFA. *FIFA STATUTES*, 2009. FIFA. *FIFA STATUTES*, 2010.

⁴² Disponível em: <https://abrir.link/MlybF>.

⁴³ FIFA. *FIFA Disciplinary Code*, 2007.

⁴⁴ FIFA. *FIFA Disciplinary Code*, 2008.

Ao tratar dos atos cometidos pelos torcedores, o texto que previa multa e um jogo de portões fechados como sanções mínimas, também recua mantendo apenas a multa de CHF 30.000. A perda de pontos ou jogos sem torcida agora são apresentados como uma possibilidade para casos graves.

Novamente os documentos oficiais agravam os aspectos subjetivos para avaliação dos casos. Se já era nebulosa a distinção entre comportamento ofensivo e comportamento discriminatório, acrescenta-se agora a ofensa grave (parágrafo 2, alínea b) na equação. Novos questionamentos, sem respostas, surgem: o que é uma ofensa discriminatória grave? O que não é uma ofensa discriminatória grave? A retirada do parágrafo 6 deste dispositivo, que obrigava as confederações e associações adotarem este artigo em seus documentos oficiais, é a confirmação do recuo da instituição. Como órgão máximo do futebol mundial, nossas análises apontam que a FIFA buscou mecanismos para se esquivar da responsabilidade de lutar e garantir que o futebol seja um espaço democrático, diverso e inclusivo.

A nível internacional, identificamos poucas alterações no Código Disciplinar, Código de Ética e Estatuto da FIFA para o ano de 2009.⁴⁵ No CDF que entrou em vigor em 01 de janeiro, identificamos a substituição do termo “racismo” para “discriminação” no título da seção 3 do capítulo 2 e no art. 58. Embora sutil, esta mudança indicaria um movimento de igualar as outras práticas discriminatórias ao mesmo nível da questão racial, mas a redação dos dispositivos não é alterada.

No cenário brasileiro, este ano é marcado pela segunda reforma do CBJD, a partir da resolução CNE n.29, de 10 de dezembro de 2009.⁴⁶ A necessidade de se adequar ao novo Código Disciplinar da FIFA e os grandes eventos internacionais previstos para acontecer no Brasil (Copa do Mundo de Futebol Masculino em 2014 e Jogos Olímpicos/Paralímpicos em 2016) foram as justificativas para sua reestruturação.⁴⁷ É muito importante destacar que, quando comparado a sua versão de 2003, esta nova versão

⁴⁵ FIFA. *FIFA Disciplinary Code*, 2008. FIFA. *FIFA Code of Ethics*, 2009. FIFA. *FIFA STATUTES*, 2009.

⁴⁶ BRASIL. Resolução n. 29, de 10 de dezembro de 2009.

⁴⁷ CÓDIGO Brasileiro de Justiça Desportiva, 2010.

do código vem sendo tratada como um marco no combate aos comportamentos discriminatórios no futebol, em vigor até o momento desta pesquisa.⁴⁸

Todavia, quando comparado aos dispositivos presentes na reforma do CBJD de 2006 apresentados no tópico anterior, o que se identifica é um retrocesso elaborado de forma bem articulada na questão do enfrentamento aos comportamentos discriminatórios no esporte. Enquanto na versão de 2006 este tema aparecia diluído nos parágrafos de três artigos diferentes e que utilizavam na redação do seu *caput* termos mais generalistas como “ofensa moral” e “desordem” – artigos 187, 213 e 252 – no CBJD de 2009 estes dispositivos são revogados e o tema da discriminação aparece mais explícito “ganhando” um artigo específico para tratar do tema, com o art. 243-G. O novo artigo está presente no Capítulo V (Das infrações contra a ética esportiva) e trata como infração: “Praticar ato discriminatório, desdenhoso ou ultrajante, relacionado a preconceito em razão de origem étnica, raça, sexo, cor, idade, condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência”.⁴⁹

Essa estratégia adotada nos conduz a interpretação de que agora o tema recebia a devida importância, o que não se sustenta ao comparar as sanções estabelecidas em cada documento. O próprio livro do Código Brasileiro de Justiça Desportiva que detalha a reforma indica este movimento. De acordo com o texto:

Novos atores, novos horizontes, novas reflexões. A conjunção dessas circunstâncias levou a que o CBJD passasse a ser alvo de críticas cada vez mais precisas e profundas. Percebeu-se que mesmo os ajustes procedidos em 2006 não foram suficientes para corrigir alguns excessos, como a fixação de certas penas mínimas elevadas e de patamares pouco razoáveis, ou com dosimetria inadequada, para imposição de sanções pecuniárias.⁵⁰

Partindo dessa premissa, dentre as medidas adotadas para ajustar o código, “Procedeu-se à flexibilização das penas, um dos maiores anseios dos profissionais que lidam com o atual CBJD”.⁵¹ Sintetizando o que previa o documento de 2006 para

⁴⁸ ABRAHÃO et al. A discriminação racial e a legislação do futebol brasileiro, 2021. FARIAS; SILVA; LIMA. O racismo dentro das quatro linhas: reflexões acerca das legislações e discriminação no futebol brasileiro, 2024. SAMPAIO; MOTA. Discriminação racial no esporte: o racismo e a legislação do futebol brasileiro, 2024.

⁴⁹ BRASIL. Resolução n. 29, de 10 de dezembro de 2009

⁵⁰ CÓDIGO Brasileiro de Justiça Desportiva, p.14.

⁵¹ CÓDIGO Brasileiro de Justiça Desportiva, p.33.

atos discriminatórios, podemos citar: suspensão de um a três anos para pessoa física; multa de R\$ 10.000,00 (dez mil reais) a R\$ 200.000,00 para instituição envolvida; perda de uma a dez partidas de mando de campo; e perda de pontos ou exclusão do torneio. Já o texto atualizado de 2009 (art. 243-G) indica como pena:

PENA: suspensão de cinco a dez partidas, se praticada por atleta, mesmo se suplente, treinador, médico ou membro da comissão técnica, e suspensão pelo prazo de cento e vinte a trezentos e sessenta dias, se praticada por qualquer outra pessoa natural submetida a este Código, além de multa, de R\$ 100,00 (cem reais) a R\$ 100.000,00 (cem mil reais).

§ 1º Caso a infração prevista neste artigo seja praticada simultaneamente por considerável número de pessoas vinculadas a uma mesma entidade de prática desportiva, esta também será punida com a perda do número de pontos atribuídos a uma vitória no regulamento da competição, independentemente do resultado da partida, prova ou equivalente, e, na reincidência, com a perda do dobro do número de pontos atribuídos a uma vitória no regulamento da competição, independentemente do resultado da partida, prova ou equivalente; caso não haja atribuição de pontos pelo regulamento da competição, a entidade de prática desportiva será excluída da competição, torneio ou equivalente.

§ 2º A pena de multa prevista neste artigo poderá ser aplicada à entidade de prática desportiva cuja torcida praticar os atos discriminatórios nele tipificados, e os torcedores identificados ficarão proibidos de ingressar na respectiva praça esportiva pelo prazo mínimo de setecentos e vinte dias.

§ 3º Quando a infração for considerada de extrema gravidade, o órgão julgante poderá aplicar as penas dos incisos V, VII e XI do art. 1702.⁵²

Objetivo explícito do comitê responsável, podemos identificar que esse processo de flexibilização e ajuste do que foi considerado excesso também envolveu o dispositivo (art. 243-G) do CBJD de 2009 que aborda o comportamento discriminatório. Para nossas análises outra questão interessante nos chamou atenção. Parte significativa do livro do CBJD se preocupou em descrever, contextualizar e justificar o seu processo de reforma.⁵³ Ao longo dessas páginas, porém, não identificamos qualquer detalhamento a respeito das mudanças apresentadas aqui. Não destacar este debate foi uma escolha proposital para se esquivar das críticas ou demonstra pouca importância do tema para legislação esportiva da época? As duas possibilidades são negativas.

⁵² BRASIL. Resolução n. 29, de 10 de dezembro de 2009, p. 250.

⁵³ CÓDIGO Brasileiro de Justiça Desportiva, 2010.

O ano de 2010 marca a realização da Copa do Mundo de Futebol Masculino na África do Sul. Seguindo a esteira das mudanças nos documentos nacionais e internacionais, e no processo de preparação para receber a próxima copa, é a vez do EDT sofrer alterações a partir da lei n. 12.299, que buscava a prevenção e repressão da violência nos esportes. Esta lei insere no capítulo IV do EDT (Segurança do torcedor e partícipe do evento) o artigo 13-A que estabelece condições de acesso e permanência dos torcedores aos recintos esportivos. Neste novo artigo, os atos de racismo e discriminação passam a ser proibidos:

IV – Não portar ou ostentar cartazes, bandeiras, símbolos ou outros sinais com mensagens ofensivas, inclusive de caráter racista ou xenófobo;

V – Não entoar cânticos discriminatórios, racistas ou xenófobos.⁵⁴

Além disso, o artigo ainda apresenta possíveis sanções aos torcedores que não cumprirem essas condições antes, durante ou depois das partidas:

O não cumprimento das condições estabelecidas neste artigo implicará a impossibilidade de ingresso do torcedor ao recinto esportivo, ou, se for o caso, o seu afastamento imediato do recinto, sem prejuízo de outras sanções administrativas, civis ou penais eventualmente cabíveis.⁶⁰

Consideramos este documento um marco na legislação esportiva brasileira, pois foi o primeiro a buscar regulamentar os espetáculos esportivos, em relação aos deveres das instituições esportivas e os direitos dos torcedores. Entretanto, apenas sete anos após a sua criação que medidas antidiscriminatórias foram observadas. Somado a isso, as mesmas características de subjetividade e flexibilidade das sanções, identificadas nos documentos anteriores, também aparecem aqui.

No decorrer dos anos a FIFA segue realizando suas ações anuais da campanha simbólica “*say no to racismo*” (FIFA, 2018).⁵⁵ A nível nacional, também seguem escassas as intervenções práticas e punições reais aos casos, reforçando a percepção de que até este momento a pauta antidiscriminação no esporte existia apenas a nível de discurso.

⁵⁴ BRASIL, Lei n. 12.299, de 27 de julho de 2010, p. 5.

⁵⁵ FIFA. *Guía de la FIFA de buenas prácticas*, 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida neste trabalho percorre a trajetória da legislação esportiva no Brasil e no contexto internacional ao longo da primeira década do século XXI, com foco nas políticas de combate ao racismo e homofobia no futebol. O exame dos documentos normativos e das práticas institucionais demonstra que, apesar dos progressos formais, a efetividade das medidas antidiscriminatórias continua enfrentando obstáculos significativos de ordem estrutural e cultural. Esse quadro se agrava quando apontamos a diferença na atenção dada ao debate racial em detrimento da homofobia no futebol.

No âmbito global, observa-se que a FIFA começou a incluir mecanismos de combate ao racismo em seus regulamentos a partir da virada do milênio. O marco mais significativo ocorreu em 2006, quando o Código Disciplinar estabeleceu penalidades severas, incluindo a possibilidade de dedução de pontos e desclassificação de equipes. Contudo, as revisões normativas realizadas entre 2008 e 2012 atenuaram consideravelmente essas disposições, revelando as limitações do projeto de transformação institucional. Este mesmo movimento é observado no contexto brasileiro. As campanhas educativas promovidas pela entidade máxima do futebol, embora importantes do ponto de vista simbólico, mostraram-se insuficientes para promover mudanças substantivas no cotidiano dos estádios e nas relações esportivas.

Surgido a partir da primeira lei contra o tráfico de escravizados, a expressão “Lei para inglês ver” significa uma “lei, ou promessa, que se faz apenas por formalidade, sem intenção de a pôr em prática”.⁵⁶ Podemos utilizá-la para traduzir o que foi essa primeira década do século XXI no combate ao racismo e homofobia no futebol brasileiro. Concluímos que o desenvolvimento da legislação antidiscriminatória no futebol contemporâneo expressa uma contradição fundamental entre o reconhecimento jurídico do problema e a dificuldade em implementar transformações estruturais. A construção de um ambiente esportivo genuinamente inclusivo requer muito mais do que a elaboração de normas bem redigidas: exige um engajamento permanente de todos os atores envolvidos – desde torcedores e atletas até dirigentes

⁵⁶ CARVALHO. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*, p. 41.

e autoridades públicas – no processo de desconstrução dos padrões discriminatórios enraizados na cultura futebolística. Enquanto persistirem as dinâmicas de exclusão e desigualdade no mundo do futebol, estará incompleto o projeto de fazer do esporte um espaço efetivo de integração social e respeito à diversidade.

* * *

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda.; SOARES, Antonio Jorge. Uma análise sobre o caso 'Grafite X Desábato' à luz do 'racismo à brasileira'. **Esporte e Sociedade**. Ano, v. 2, 2007.
- ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda et al. A discriminação racial e a legislação do futebol brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física Esporte**, São Paulo, v. 35, p. 99-106, 2021.
- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- AZEVEDO, Carlos; REBELO, Aldo. A corrupção no futebol brasileiro. **Motrivência**, n. 17, 2001.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada. **Uma história do torcer no presente**: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de futebol. Curitiba: Appris, 2020.
- BOWEN, Glenn A. Document analysis as a qualitative research method. **Qualitative Research Journal**, v. 9, n. 2, p. 27-40, 2009.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad.: Renato Aguiar, v. 8, 2003.
- BRASIL. **Lei 10.671**. Estatuto de Defesa do Torcedor, 2003a.
- BRASIL. **Código brasileiro de justiça desportiva**, 2003b.
- BRASIL. Resolução n. 11, de 29 de março de 2006. Altera dispositivos do Código Brasileiro de Justiça Desportiva aprovado pela Resolução CNE n. 1, de 23 de dezembro de 2003. **Diário Oficial da União**, Seção 1, n. 63, p. 169. Ministério do esporte, Brasília, 31 de março de 2006.
- BRASIL. Resolução n. 29, de 10 de dezembro de 2009. Altera dispositivos do Código Brasileiro de Justiça Desportiva. **Diário Oficial da União**, Seção 1, n. 250, p. 77. Ministério do Esporte, 31 de dezembro de 2009.
- BRASIL, **Lei n. 12.299**, de 27 de julho de 2010. Dispõe sobre medidas de prevenção e repressão aos fenômenos de violência por ocasião de competições esportivas. Altera a Lei n. 10.671, de 15 maio 2003, e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Poder Executivo, Brasília, DF, 27 jul. 2010.

CARVALHO, José Murilo. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. Civilização brasileira, 2021.

CÓDIGO Brasileiro de Justiça Desportiva / IBDD Instituto Brasileiro de Direito Desportivo. São Paulo: IOB, 2010.

DAMATTA, Roberto. **Esporte na sociedade**: um ensaio sobre o futebol brasileiro. Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothek, p. 19-42, 1982.

DUNNING, Eric. **Sociologia do esporte e os processos civilizatórios**. São Paulo: Annablume, 2014.

FARIAS, Gabriel Cerqueira de Mello; SILVA, Andrey de Farias Martins.; LIMA, Paulo Ricardo Silva. O racismo dentro das quatro linhas: reflexões acerca das legislações e discriminação no futebol brasileiro. **Diversitas Journal**, v. 9, n. 1, p. 30-6, 2024.

FIFA. FIFA Statutes: **Regulations Governing the Application of the Statutes Standing Orders of the Congress**. Munich, 2006a.

FIFA. **FIFA Code of Ethics**: Conduct Regulations. Procedural Regulations. Zurich, 2006b.

FIFA. **FIFA Disciplinary Code**. Zurich, 2006c.

FIFA. **Activity Report**: April 2006 – March 2007. 57º FIFA Congress. Zurich, 2007a.

FIFA. **FIFA Disciplinary Code**. Zurich, 2007b.

FIFA. **FIFA Statutes**: Regulations Governing the Application of the Statutes Standing Orders of the Congress. Zurich, 2007.

FIFA. **FIFA Statutes**: Regulations Governing the Application of the Statutes Standing Orders of the Congress. Sydney, 2008.

FIFA. **FIFA Disciplinary Code**. Sydney, 2008.

FIFA. **FIFA Disciplinary Code**. Tokyo, 2008.

FIFA. **FIFA Code of Ethics**. Zurich, 2009a.

FIFA. **FIFA Statutes**: Regulations Governing the Application of the Statutes Standing Orders of the Congress. Nassau, 2009b.

FIFA. **FIFA Statutes**: Regulations Governing the Application of the Statutes Standing Orders of the Congress. Johannesburg, 2010.

FIFA. **Guía de la FIFA de buenas prácticas**. En materia de diversidad y lucha contra la discriminación. Zurich, 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GUILHON, Marcelo. Sob a pena da lei: princípios constitucionais, o Estatuto do Torcedor e o cerco às organizadas no Brasil. B. Holanda, & O. Aguilar. **Torcidas organizadas na América Latina**: estudos contemporâneos, p. 76-100, 2017.

HONORATO, Felipe Antônio; FREITAS, Guilherme Silva Pires. Lukaku, Kompany e companhia: uma análise da “contribuição” congoleza para a formação da “Geração de Ouro” do futebol masculino belga. **Cadernos de África Contemporânea**, v. 3, n. 5, p. 122-38, 2020.

KING BAUDOIN FOUNDATION. **Stand up speak up**: good practices, 2005.

LOPES, Felipe Tavares Paes. Ativismo no futebol e estudos críticos: um ensaio sobre coletivos de torcedores. **Motricidades**, v. 7, n. 1, p. 57-66, 2023.

LOPES, Felipe Tavares Paes. Torcedores de futebol, dominação e resistência: apontamentos teóricos. **Ars Historica**, n. 26, p. 12-30, 2023.

LOPES, Felipe Tavares Paes. A atuação de coletivos ativistas de torcedores nas ruas e estádios de São Paulo. **Revista Central de Sociología**, v. 17, n. 17, p. 93-112, 2023.

MATTAR, I. A. **O penta ficou para depois**: dimensões culturais, identitárias e midiáticas brasileiras na Copa do Mundo de 1998. Dissertação. Programa de Pós-graduação em História da UNIRIO, 2019.

MEZZADRI, Fernando Marinho et al. As interferências do Estado brasileiro no futebol e o estatuto de defesa do torcedor. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 25, n. 3, p. 407-16, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Capítulo 1 - O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2007.

MORAL. In: Michaelis. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Editora Melhoramentos, 2025.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. O espetáculo futebolístico e o estatuto de defesa do torcedor. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 31, p. 111-30, 2010.

SAMPAIO, Micharlen Braga; MOTA, Guilherme Gustavo Vasques. Discriminação racial no esporte: o racismo e a legislação do futebol brasileiro. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 3, p. 2653-73, 2024.

SILVA, Silvio Ricardo et al. O Estatuto de Defesa do Torcedor e a questão da violência: uma análise sobre a apreciação do lazer a partir dos torcedores de futebol. **Conbrace**, Recife, 2007.

TONINI, Marcel Diego. Racismo no futebol brasileiro: revisitando o caso Grafitê/Desábato. **Revista de História Regional**, p. 438-68, 2012.

TONINI, Marcel Diego. Ahhh, no estrangeiro, você é sempre estrangeiro”: reflexões sobre a e/imigração de futebolistas brasileiros e o racismo no futebol europeu a partir de uma entrevista com o ex-atleta Paulo Sérgio. **Esporte e Sociedade**, v. 8, n. 21, p. 1-28, 2013.

* * *

Recebido em: 1º jun. 2025.
Aprovado em: 08 set. 2025.

Corpos em jogo, representações em disputa: o racismo contra jogadores brasileiros em clubes europeus

Bodies at play, representations in dispute:
racism against brazilian players in european Clubs

Fabíola Jerônimo Duarte de Lira

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa/PB, Brasil
Doutoranda em Linguística, UFPB
fabiolla-mf@hotmail.com

RESUMO: Este artigo investiga, a partir de um episódio de racismo envolvendo o jogador Vinícius Júnior, como as representações sociais e as imagens de controle atuam na construção da percepção sobre jogadores negros brasileiros que atuam no futebol europeu. A análise se concentra nas interseções entre raça, nacionalidade e classe social, evidenciando que o futebol, especialmente no contexto europeu, está longe de ser um espaço neutro ou meramente voltado ao entretenimento. Na verdade, trata-se de um campo de disputas simbólicas e políticas, onde corpos negros ainda enfrentam barreiras para serem reconhecidos em sua humanidade e competência. Apesar das violências que enfrentam, jogadores, como Vinícius Júnior, protagonizam formas potentes de reexistência, desafiando os silenciamentos históricos impostos à negritude e reafirmando, por meio de sua presença e desempenho, o direito de ocupar e ressignificar o futebol como um espaço que valoriza, respeita e celebra a diversidade.

PALAVRAS-CHAVE: Esporte; Futebol; Racismo; Representação; Imagens de controle.

ABSTRACT: This article investigates, based on an episode of racism involving the player Vinícius Júnior, how social representations and controlling images shape the perception of Brazilian Black players in European football. The analysis focuses on the intersections of race, nationality, and social class, highlighting that football, particularly in the European context, is far from being a neutral space or merely a form of entertainment. Rather, it constitutes a field of symbolic and political disputes, where Black bodies still face barriers to being recognized in their humanity and competence. Despite the violence they endure, players such as Vinícius Júnior embody powerful forms of re-existence, challenging the historical silencing imposed on Blackness and reaffirming, through their presence and performance, the right to occupy and re-signify football as a space that values, respects, and celebrates diversity.

KEYWORDS: Sport; Football; Racism; Representation; Controlling images.

INTRODUÇÃO

O esporte ao longo do tempo vem se consolidando como uma ferramenta de inclusão social, “oportunizando o crescimento pessoal, fortalecimento da autoestima e superação de barreiras sociais [...]”.¹ No Brasil, esportes como o futebol têm possibilitado que jogadores, antes atravessados por desigualdades sociais, alcancem carreiras consolidadas em grandes clubes europeus. Esse fato expõe o quanto os jogadores brasileiros são conhecidos pelo talento e estilo único no que fazem.

Entretanto, a midiaticização de situações racistas vivenciadas por jogadores brasileiros na Europa durante partidas de futebol ou fora dos campos, tem mostrado que o futebol, sobretudo europeu, é ainda um espaço perpassado por preconceitos, uma vez que não está imune às hierarquias estruturais que organizam essa sociedade, principalmente por apresentar uma origem elitizada.

Apenas em 2023, segundo dados do Observatório da Discriminação Racial, os casos de racismo no futebol aumentaram de 38,77% em relação ao ano de 2022, demonstrando, assim, que os efeitos de sentidos sobre a raça negra e as formas de representações construídas pela branquitude vêm consolidando a permanência de distinções sociais e tentativas de aniquilamento de corpos racializados. Algo que torna urgente e relevante a pauta acerca de como as questões de raça em intersecção com gênero, classe social e nacionalidade são pensadas e representadas através do esporte.

Diante disso, objetiva-se analisar como as representações sociais e as imagens de controle operam na construção da percepção sobre jogadores negros brasileiros que atuam no futebol europeu, evidenciando, por meio de agressões racistas direcionados a Vinícius Júnior, a estruturação de um contínuo de violência e desumanização que reforça estereótipos historicamente associados à negritude, os quais, além de limitar as possibilidades de representatividade positiva, legitimam práticas discriminatórias que atravessam o cotidiano desses jogadores, tanto dentro quanto fora dos campos.

¹ SHIGUERU; SCHWAMBAC. O esporte como uma forma de superação dos atletas com necessidades especiais, p. 62.

Em termos metodológicos, a pesquisa configura-se como qualitativa, de natureza exploratória e interpretativista. Quanto à estrutura, inicia-se com uma discussão sobre o poder da representação e a origem histórica do futebol, compreendido não apenas como prática esportiva, mas também como espaço simbólico atravessado por disputas de poder, identidade e pertencimento. Na sequência, mobilizam-se o conceito de imagens de controle, formulado por Patricia Hill Collins (2019), e a noção de representação, desenvolvida por Stuart Hall (2016), que funcionam como ferramentas analíticas para compreender os mecanismos discursivos que sustentam a construção social da negritude no esporte. A análise será conduzida sob uma perspectiva interseccional, considerando os marcadores sociais da diferença, como raça, classe e nacionalidade.

Como resultado, conclui-se que o futebol opera sob lógicas estruturais de exclusão racial, especialmente no contexto europeu. Através da experiência de Vinícius Junior, foi possível observar como os marcadores sociais da diferença se entrelaçam na construção de representações que desumanizam jogadores negros e legitimam práticas discriminatórias, tanto nos campos quanto nas redes sociais. No entanto, o posicionamento público de atletas como Vinícius Junior rompe com o silenciamento historicamente imposto à negritude e contribui para que o futebol se torne, de fato, um espaço de reconhecimento, reparação e representatividade, desafiando a lógica racista que ainda busca determinar quem pode ou não ocupar o cenário esportivo mundial.

O PODER DA REPRESENTAÇÃO DE PESSOAS NEGRAS FORA DOS CAMPOS

O significado que damos as coisas e as pessoas ao nosso redor decorre do sentido que atribuímos ao uso ou à relação com cada uma delas e a forma como as nomeamos. Diante disso, entende-se que é “o uso que fazemos de uma pilha de tijolos com argamassa que faz disso uma “casa”; e o que sentimos, pensamos ou dizemos a respeito dela é o que faz dessa “casa” um “lar”.²

² HALL. *Cultura e representação*, p. 22.

O processo de significação que atribuímos ao mundo resulta basicamente da maneira como nos relacionamos com tudo aquilo que está ao nosso redor, inclusive as pessoas. Entretanto, o sentido também pode ser atribuído por intermédio da forma como as coisas e pessoas são representadas, isto é, “as palavras que usamos para nos referir a elas, as histórias que narramos a seu respeito, as imagens que delas criamos, as emoções que associamos a elas, as maneiras como as classificamos e conceituamos, enfim, os valores que nelas embutimos”.³

A representação, desse modo, apresenta duas potencialidades: a primeira, é a exteriorização subjetiva das concepções acerca daquilo que está presente no mundo, ou melhor, surge perpassada por uma ideologia pessoal; a segunda é o caráter de unanimidade, visto que, de modo cíclico, a representação passa a ser replicada para o meio externo intensificada por um conjunto de percepções subjetivas resultantes das próprias experiências no mundo, e com o tempo e de acordo com os interesses sociais e pessoais, a representação ganha a dimensão de coletividade.

É na dimensão de coletividade que inverdades podem ser propagadas e aceitas como verdades absolutas e intransponíveis, posto que a cultura tem o poder de tornar significados comuns para a sociedade e fazer com que (in)verdades sejam aceitas e continuadas independente do “período, situação e contexto”.⁴ Por consequência, ideologias são partilhadas e passam a operar em diversos espaços de forma naturalizada.

E a mídia, aparentemente inofensiva e despretensiosa, tem introduzido no imaginário social representações “de pessoas negras que reforçam e reinstituem a supremacia branca”⁵ e são, quase sempre, “construídas por pessoas brancas que não se despiram do racismo, ou por pessoas não brancas ou negras que vejam o mundo pelas lentes da supremacia branca – o racismo internalizado”.⁶

Por mais que seja complexo o fato de pessoas negras produzirem representações que intensificam o racismo, isso apenas mostra o quanto esse utiliza-se de representações e estereótipos para produzir discursos que afetam pessoas negras e

³ HALL. *Cultura e representação*, p. 21.

⁴ HALL. *Cultura e representação*, p. 68.

⁵ HOOKS. *Olhares negros: raça e representação*, p. 28.

⁶ HOOKS. *Olhares negros*, p. 28.

levam-nas, em alguns casos, a rejeitarem a própria raça, recorrendo a mudanças físicas e comportamentais que as aproximem dos padrões da branquitude e, possivelmente, tornem-nas mais “aceitáveis” no meio social.

Todavia, ao mesmo tempo em que as representações favorecem à discriminação, elas também têm sido utilizadas como um meio de transformar e subverter imagens que afetam a autoafirmação de corpos perpassados por ideologias racistas. Por isso, “é mais evidente que o campo da representação permanece sendo um lugar de luta quando examinamos criticamente as representações contemporâneas da negritude e das pessoas negras”.⁷

À vista disso, a importância dessa análise crítica acerca das representações deriva do entendimento de que a branquitude tem usado a presença de pessoas negras em certos espaços como uma estratégia de manipulação, a chamada falsa representatividade, dado que, ao invés das imagens de pessoas negras serem usadas como exemplo de resistência às perversidades do racismo, acabam instigando, sem que percebam, novas formas de opressões e estigmatizações.

Persistir em desarticular formas de representações é um anseio por reconhecer que a diferença somente existe quando é vantajoso e cômodo para alguém percebê-la. No caso das diferenças resultantes da raça e gênero, no período escravagista, elas foram vistas como importantes para serem observadas, propagadas e enraizadas na sociedade, posto que as hierarquias, as desigualdades e, precipuamente, o racismo não existiriam sem o olhar ganancioso sobre o outro e o apontar dos aspectos que o torna inferior.

Do mesmo modo, na atualidade, a raça e outros marcadores sociais ainda são utilizados para o apontar das diferenças, porém precisam ter seus sentidos refletidos, não de forma isolada, mas sim, de forma interseccional e em articulação com categorias como as de sexualidade, classe social e nacionalidade, para que seja possível compreender como as frentes de opressões são reajustadas e controlam, de formas habilidosa, as vidas de corpos minorizados.

Para refletir sobre como o entrecruzamento desses marcadores sociais produz formas de opressão que dificultam ou retardam a inserção da população negra

⁷ HOOKS. *Olhares negros*, p. 31.

em determinados espaços, discute-se, a seguir, de que modo os sentidos acerca dos marcadores de raça, classe social e nacionalidade foram utilizados para inviabilizar, em um primeiro momento, a presença de jogadores negros no futebol brasileiro e, posteriormente, para consolidar desigualdades que, ainda hoje, permanecem dentro e fora dos campos de futebol.

O PODER DA REPRESENTAÇÃO DENTRO DOS CAMPOS

O futebol por muito tempo foi considerado uma prática reservada aos homens brancos da elite, visto que seu surgimento é marcado pela influência de dois jovens brancos privilegiados, Oscar Cox e Charles Miller,

que foram estudar na Inglaterra e trouxeram o esporte para sua terra natal por volta de 1890. Em um país no qual boa parte da população não sabia ler e escrever, estudar na Europa e ter pai fundador do Rio Cricket de Niterói, como é o caso de Oscar Cox, ou pai vice-cônsul da coroa britânica, caso de Charles Miller, dizia muito sobre a origem brasileira do esporte. Para além disso, os nomes das posições eram todos em inglês e os jogadores de origem europeia.⁸

A origem do futebol, portanto, é elitista e racista, visto que ele foi introduzido no país através de jovens brancos, de alto poder aquisitivo, pertencentes a famílias renomadas e de origem estrangeira, o que significa dizer que somente quem era branco e abastado financeiramente poderia frequentar um clube. Esse legado de privilégios e o desejo de manter o futebol como um esporte de homens brancos e ricos perdurou por muitos anos no Brasil, até que a primeira ruptura significativa ocorreu com Arthur Friedenreich, considerado o primeiro grande jogador brasileiro de pele escura. Sua ascensão representou um momento em que o futebol começava a abrir-se para a diversidade racial. Por isso, o futebol brasileiro afastou-se um pouco de sua origem para “[...] engrandecer também o negro, o descendente de negro, o mulato, o cafuzo, o mestiço”.⁹

Essa mudança refletia o anseio de tornar o futebol um esporte mais popular, capaz de agradar a um público amplo e diverso. Contudo, para atender a essa nova

⁸ CHEIBUB. *Cultura em campo: entre o elitismo e a popularização do futebol*, p. 17.

⁹ FILHO. *O negro no futebol brasileiro*, p. 25.

demanda, os grandes clubes adotaram estratégias de embranquecimento de jogadores negros, com alterações estéticas que camuflavam os traços da raça, “como usar toucas para esconder o cabelo crespo ou passar pó de arroz na pele”.¹⁰ Demonstrando, assim, o desejo de apagar os traços característicos da raça, a fim de preservar o estereótipo socialmente aceito, ou seja, o mais próximo possível do padrão da branquitude.

Quando isso não era possível, isto é, o jogador recusava-se a aceitar tal imposição, buscavam observar o talento de jogadores negros como maior do que a cor da pele que possuíam. Por isso, na década de 50 “um preto no Fluminense não é preto para o Fluminense. É tratado como branco”.¹¹ Todavia, em alguns momentos, conforme o interesse, o talento não era suficiente. A exemplo,

na disputa do Campeonato Sul-Americano de 1921, o então presidente da República, Epitácio Pessoa, recomendou aos diretores da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) que apenas jogadores brancos fossem convocados para representar a seleção, sob a justificativa de preservar a reputação do Brasil aos olhos dos outros países.¹²

Esse episódio expôs o racismo que permeava o futebol e reforçou a ideia de que a representatividade negra, assim como em outros espaços sociais, era constantemente usurpada pela cultura do branqueamento. É por isso que Pelé, como um homem negro no futebol, além de varrer barreiras raciais,

tornou-se o maior ídolo do esporte mais popular da terra. Quem bate palmas para ele bate palma para um preto. Por isso Pelé não mandou esticar os cabelos: é preto como o pai, como a mãe, como a avó, como o tio, como os irmão. Para exaltá-lo, exalta o preto.¹³

A postura de Pelé no futebol representou uma forma de resistência ao branqueamento e à noção de que a aceitação dependia da comparação com um branco. Em um contexto em que as opressões racistas eram mais intensas e explícitas, talvez ele próprio não tivesse plena consciência de que “a imagem negativa do negro no

¹⁰ NASCIMENTO; SANTOS. Entre chuteiras e racismo no futebol brasileiro: uma luta antirracista para além do campo de futebol, p. 9.

¹¹ FILHO. *O negro no futebol brasileiro*, p. 17.

¹² HORA. O racismo no futebol brasileiro, p. 18.

¹³ FILHO. *O negro no futebol brasileiro*, p. 17.

esporte foi atenuada a partir das várias vitórias da seleção brasileira, principalmente, pela impressionante habilidade e talento de Pelé”.¹⁴

Por outro lado, enquanto Pelé surge na Copa de 58 como um fenômeno negro no futebol, ele também foi “utilizado de diversas formas, para evidenciar o que seria o comportamento esperado de um “bom negro” em contraposição ao que seria um negro indesejado em nossa sociedade, materializado e exemplificado no Garrincha”.¹⁵ Logo, percebe-se que a atuação de Pelé foi utilizada pela branquitude para consolidar a ideia de que um jogador negro não poderia ser menos que o ídolo do futebol brasileiro. Somado a isso, o Brasil não “tardou a ser reconhecido no exterior como a superpotência do futebol, pátria de Pelé e dos maiores estádios”,¹⁶ algo que, necessariamente, impôs aos jogadores negros brasileiros, tanto por parte dos torcedores quanto dos clubes, a pressão de igualar ou superar o desempenho de Pelé.

Em muitos casos, quando o desempenho dos jogadores negros em campo é destoante do esperado, torcedores e, até mesmo, membros dos próprios times, recorrem à quatro formas de discriminações:

As ironias são o que há de mais comum na sociedade brasileira, já que, por serem apresentadas em tom de brincadeira, tornam-se mais facilmente resolvidas diante de qualquer problema posterior que possa ocorrer. Em outro expediente também comum, costuma-se tratar os jogadores como crioulos, burros, macacos, pretos, um artifício para conotar valores negativos a quem é chamado desta forma, assim como, em num momento conflituoso, tem o objetivo nítido de ofender, agredir e humilhar racialmente. Outra forma também é aquela rivalidade manifesta pelo sentimento de superioridade, ou seja, o jogador não admite que esteja perdendo ou sendo superado por um jogador negro.¹⁷

Embora tais termos e atitudes sejam inaceitáveis, dentro ou fora de campo, a mídia, em especial as redes sociais, tem apresentado episódios em que jogadores negros, mesmo após deixarem os gramados, continuam sendo alvo dessas expressões ou de outras formas de desumanização. Assim, ataques presenciais e virtuais tornaram-se rotina na vida desses atletas, sobretudo daqueles que atuam em clubes de países europeus. Isso porque, além de o neocolonialismo europeu ter consolidado

¹⁴ VIEIRA. Considerações sobre preconceito e discriminação racial no futebol brasileiro, p. 226.

¹⁵ VIEIRA. Considerações sobre preconceito e discriminação racial no futebol brasileiro, p. 228.

¹⁶ MASCARENHAS. *Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol*. p. 31.

¹⁷ VIEIRA. Considerações sobre preconceito e discriminação racial no futebol brasileiro, p. 227.

o controle da raça branca sobre outros territórios e populações, também reforçou um racismo sustentado pela distinção hierárquica entre as raças, colocando a raça branca no topo dessa escala, ou melhor, em primeiro lugar “os europeus; em segundo lugar, as raças orientais; em terceiro, os indígenas americanos; e, por último, os negros africanos”.¹⁸

Diante desse cenário, fica evidente que as agressões contra jogadores negros, ocorram elas no Brasil ou na Europa, por exemplo, têm a mesma raiz: um racismo estrutural que insiste em manter a raça negra à margem, reforçando sua suposta condição de inferioridade em qualquer espaço social. É um mecanismo perverso que, de maneira incessante, tenta impedir que grupos historicamente minorizados rompam com a lógica colonizadora e desafiem os privilégios da branquitude.

OS ARRANJOS REPRESENTACIONAIS DOS MARCADORES SOCIAIS NA CONSERVAÇÃO DAS IMAGENS DE CONTROLE

Como dito anteriormente, a diferença surge no meio social através de interesses e discursos históricos que consolidaram a distinção entre o eu e o outro, entre aquilo que é aceito e negado em alguns, ou ainda, entre aquilo que os humaniza ou desumaniza. Sendo assim, os marcadores sociais da diferença são categorias socialmente utilizadas para delimitar aquilo que cada sujeito é dentro dessa conjuntura, ao passo em que mobilizam desigualdades, sobretudo àquelas relacionadas à raça, tendo em vista que um marcador social da diferença carrega em si o sentido daquilo que o sujeito é ou deixa de ser a partir da lógica da dominação.

Por isso, é reconhecido que os marcadores sociais apresentam significados que tanto podem ser fixos, quanto podem ser transformados com base no tempo e espaço, bem como “criam arranjos identitários que posicionam indivíduos em relações de poder desiguais, muitas vezes opressoras e violentas[...]”.¹⁹ Um exemplo disso é “que a disparidade do tratamento e posição social da raça negra no período

¹⁸ NASCIMENTO; SANTOS. Entre chuteiras e racismo no futebol brasileiro, p. 10.

¹⁹ BEZERRA. *Linguística aplicada transviada: gênero e sexualidade nos estudos da linguagem em perspectiva descolonial, interseccional e transdisciplinar*, p. 47.

da escravidão estruturou-se não apenas com base em fatores biológicos, mas em um confronto de poderes, no qual o lado mais tênue foi subjugado”.²⁰

Aqueles que pertenciam à raça negra foram considerados como naturalmente selvagens e submissos em um momento histórico no qual a raça branca, representada por um império em ascensão, passou a dominar diversos espaços por meio do poder e força, ao mesmo tempo em que elevava os corpos negros à condição de objetos não somente por associar à raça negra à natureza e, conseqüentemente, à falta de civilização, mas também pelo aspecto físico, isto é, usar justificativas pseudocientíficas, como a formação craniana, para sustentar “uma provável confirmação da pouca intelectualidade que achavam que os negros possuíam”.²¹

Associar aspectos físico a uma selvageria posta como natural foi crucial para a instauração da diferença entre as raças negra e branca, bem como para o fortalecimento de uma política racializada de representação, uma vez que, “se as diferenças entre negros e brancos são “culturais”, então elas podem ser modificadas e alteradas. No entanto, se elas são “naturais” - como acreditavam os proprietários de escravos -, estão além da história, são fixas e permanentes”.²²

Assim, o binarismo cultura versus natureza, sustentado pela concepção de que aquilo que é cultural poderia ser ameaçado por uma natureza vista como selvagem e primitiva, contribuiu para a objetificação dos corpos de pessoas negras, associadas a uma raça considerada “selvagem” e “indisciplinada”. Na realidade, essa objetificação e a negação de sua subjetividade constituíram a base das políticas de dominação que marcaram a escravidão, o colonialismo e o neocolonialismo, sustentando, por conseguinte, a construção de hierarquias sociais.

A constante oposição entre os marcadores sociais da diferença, como homem/mulher, preto/branco, masculino/feminino, heterossexual/homossexual, dentre outros, articula distinções que mantêm relações de superioridade e inferioridade.

²⁰ DUARTE. *Leitura e semiótica: uma análise acerca dos marcadores sociais da diferença e imagens de controle em livros didáticos de língua portuguesa*, p. 44.

²¹ DUARTE. *Leitura e semiótica*, p. 41.

²² HALL. *Cultura e representação*, p. 171.

ridade, ao ponto de promover “o ocultamento da existência daquele que é objetificado”²³ e propagar imagens de controle que têm promovido “discrepâncias sociais, ganhando significados específicos, sobretudo a partir das opressões interseccionais de raça, gênero, idade, classe e sexualidade”.²⁴

Um exemplo prático é o arranjo social que perdurou no período escravagista acerca dos homens. Homens brancos, em um momento no qual o patriarcalismo imperava, eram autoridades sob suas famílias, sendo responsáveis pelo sustento e honra de sua prole. Em oposição a essa lógica, homens negros não eram considerados como realmente sendo homens, pois a raça era a marca social que o impedia de ter direitos iguais aos homens brancos.

Os marcadores de gênero e raça, dessa forma, compuseram um arranjo social que representou para a sociedade do século XIX, por exemplo, o homem negro com tendo seu papel como pai, esposo e cidadão subtraído diante de discursos de desumanização, incapacidade e selvageria. Houve uma tríade de arbitrariedades que eram responsivas à objetificação e utilização dos escravizados como força de trabalho propulsora das aspirações colonialistas e capitalistas.

Outro aspecto a ser considerado é que, enquanto o homem branco ocupava a posição central no patriarcado, as mulheres brancas dedicavam-se, sobretudo, aos cuidados da casa e dos filhos, frequentemente contando com a colaboração de mulheres negras. Estas, por sua vez, tinham seus próprios filhos subtraídos e incorporados ao mercado de trabalho escravizado, ao mesmo tempo em que realizavam tarefas tão extenuantes quanto, ou até mais do que, qualquer homem, branco ou negro. Nesse cenário, o gênero feminino, quando associado à raça negra, era privado dos significados socialmente atribuídos à sensibilidade e à delicadeza, evidenciando como a intersecção entre raça e gênero negava a essas mulheres atributos valorizados socialmente, reforçando sua opressão estrutural.

Foram situações como essas, em que os sentidos atribuídos aos marcadores sociais da diferença eram rearranjados para sustentar ideologias dominantes, que

²³ COLLINS. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*, p. 82.

²⁴ BUENO. *Imagens de controle: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins*, p. 85.

produziram imagens de controle capazes de posicionar homens negros como submissos, portadores de uma masculinidade considerada inferior à do homem branco e cisheteronormativo. Da mesma forma, mulheres negras eram representadas como resistentes a cargas excessivas de trabalho, eficientes apenas nos cuidados com os filhos de pessoas brancas ou como aquelas cuja existência estaria condicionada à servidão, seja pela necessidade de permanecer em lares de pessoas brancas, seja sob sua tutela.

Essas imagens de controle, além de informar os processos de distinções a partir da lógica binária, funcionam como uma estratégia para manter o controle e a existência do outro na sociedade, dado que “a forma com que as imagens de controle operam no sistema de raça, gênero, sexualidade e classe, de forma mútua e correlacionada, sustenta as práticas sociais que configuradas como matrizes de dominação”.²⁵

Por isso, embora o conceito de imagens de controle tenha sido cunhado dentro do feminismo negro, “a leitura das imagens de controle enquanto uma categoria de análise permite compreender as práticas que caracterizam a matriz de dominação na qual as opressões operam”²⁶ e explica, por exemplo, os sentidos consolidados em relação às identidades ou os traços físicos, como a cor da pele ou a textura do cabelo, tanto de homens quanto mulheres negras, são continuamente usados para promoverem a depreciação desses corpos no meio social.

Ademais, ressalta-se que essas imagens de controle não são fixas, para que “constantemente, novos estereótipos sejam mobilizados pelos grupos dominantes, com o intuito de justificar as violências experienciadas [...]”.²⁷ É por isso que se torna quase impossível resistir às imagens de controle e às representações a partir delas, em virtude dessas estarem em todos os espaços da sociedade aguçando uma indignação e preconceito diante da presença de sujeitos inferiorizados em lugares, profissões ou cargos “diferentes daqueles que lhes foram historicamente destinados”.²⁸

E quando a linha demarcada de subjugação é ultrapassada, corpos dissidentes em espaços antes incomuns, permanecem sendo usados para manter discrepân-

²⁵ BUENO. *Imagens de controle*, p. 19.

²⁶ BUENO. *Imagens de controle*, p. 14.

²⁷ BUENO. *Imagens de controle*, p. 114.

²⁸ BEZERRA. *Linguística aplicada transviada*, p. 77.

cias sociais. Portanto, quando pessoas negras, homossexuais, transexuais ou bissexuais são representadas em livros, revistas, jornais, novelas ou em qualquer outro lugar, é fundamental analisar as representações desses corpos para que eles, ao invés de instigar ao respeito às diferenças e a aniquilação do preconceito diante das suas presenças nesses espaços, não acabem intensificando imagens de controle e fortalecendo desigualdades.

É neste sentido que cada marcador social da diferença que perpassa os sujeitos precisa ser compreendido de forma interseccional para que se desarticulem as frentes de opressões que possivelmente podem ser fortalecidas pelos incontáveis significados que circundam cada um desses marcadores, bem como, para que se crie uma resistência a essas construções sociais, especialmente, no que diz respeito a formação da identidade de corpos aquém dos padrões da branquitude.

UM JOGO CONSTANTE DE REPRESENTAÇÕES E REEXISTÊNCIA

O futebol, embora tenha se tornado uma modalidade global, apresenta “ainda muita diferença no tratamento entre jogadores negros e brancos”.²⁹ No caso de jogadores negros, os campos de futebol têm sido um espaço de confronto e opressões racistas, tanto que, conforme dados do portal Geledés, de 2014 a 2023, o número de casos de racismo no Brasil e no exterior subiu de 36 para 250 notificações. Esses dados são preocupantes diante da ausência de conscientização sobre questões como o racismo. E mesmo com a existência de medidas punitivas, a exemplo da expulsão dos torcedores agressores dos estádios, é comum torcedores de grandes clubes escolherem uma vítima para dissiparem o ódio sobre a raça negra.

Na Espanha, um dos principais alvos de manifestações racistas tem sido o jogador brasileiro Vinícius Júnior, frequentemente comparado a um “chimpanzé” ou “macaco” por torcedores que, sob o pretexto de frustração com o desempenho do jogador ou da equipe, recorrem a insultos que atingem diretamente sua raça. Tais agressões evidenciam uma violência simbólica persistente e naturalizada nos estádios.

²⁹ NASCIMENTO; SANTOS. Entre chuteiras e racismo no futebol brasileiro, p. 11.

Um dos episódios de racismo contra Vinícius Júnior ocorreu durante uma partida entre o Real Madrid e Inter de Milão, na Espanha. Na ocasião, antes do início do jogo, torcedores entoaram uma versão distorcida de uma música tradicional, transformando-a em “Alé, alé, alé, Vinícius chimpanzé”. E esse não foi um fato isolado, visto que, segundo dados da BBC News, até 2023, esse tipo de ataque já havia se repetido mais de dez vezes somente em território espanhol, conforme noticiado abaixo.



Fig. 1 - Casos de racismo contra Vini Junior divulgado pela BBC News Brasil em 2023. Fonte: BBC News Brasil.

As agressões inserem-se em uma cultura de dominação que vai além do descontentamento com o desempenho do time ou do próprio jogador. No caso de Vinícius Júnior, sua trajetória é atravessada por marcadores sociais como raça, classe e nacionalidade (preto, pobre e brasileiro). E a análise interseccional desses marcadores sociais evidenciam como as experiências do jogador no futebol europeu têm sido perpassadas por múltiplos sistemas de opressão que atuam simultaneamente, criando formas específicas de subordinação.

Ao ser atravessado por marcadores sociais como preto, pobre e brasileiro, a raça opera na desumanização de seu corpo, reduzindo-o a atributos físicos e constantemente alvo de estigmatização; a classe social, marcada por sua origem periférica e popular, reatualiza a narrativa da inferiorização dos pobres, muitas vezes associada à falta de mérito ou disciplina; e a nacionalidade, por sua vez, reforça uma lógica neocolonial que posiciona o Brasil e outros países do Sul Global em um patamar inferior à Europa.

Então, a junção dos efeitos sociais acerca desses três marcadores diz respeito a um sistema que articula racismo, elitismo e colonialidade, produzindo camadas de opressão que limitam as possibilidades de afirmação e pertencimento de jogadores negros no esporte. Por consequência, quando uma pessoa negra adentra um espaço da branquitude, a principal arma para deslegitimar e aniquilar essa presença é a desumanização, ou melhor, recorrer a representações colonialistas que reduziram a raça negra “aos significados de sua diferença física – lábios grossos, cabelo crespo, rosto e nariz largos e assim por diante”,³⁰ compondo, consequentemente, o estereótipo de uma figura social que poderia ser ridicularizada, além de exposta a contemplação e risos dos brancos.

Ridicularizar jogadores negros em espaços públicos é uma estratégia que compromete a construção de uma visão positiva acerca da própria identidade, posto que, se o vínculo com determinado grupo pode fortalecer o senso de pertencimento, a insistência em expor jogadores negros como estranhos ao jogo, ao estádio, aos torcedores e ao país europeu fragiliza a formação da autoestima e da autoconfiança, não apenas de toda a população negra, mas, especialmente, daqueles que aspiram seguir carreira no futebol.

Assim, o racismo e o colonialismo permitem que, ao deixarem o Brasil para atuar em clubes no exterior, jogadores, como Vinícius Júnior, enfrentem opressões entrecruzadas pela raça, classe social e nacionalidade, posto que, apesar do Brasil ser um dos maiores exportadores de atletas para o mercado global do futebol, muitos desses clubes integram um cenário europeu que ainda mantém formas de dominação política, social e cultural sobre outros continentes. Nesse contexto, a ascensão

³⁰ HALL. *Cultura e representação*, p. 174.

de jogadores brasileiros negros desafia a naturalização desses atletas como pertencentes a grupos inferiorizados e considerados, pela lógica da branquitude, incapazes de integrar a elite do futebol mundial.

Quando jogadores brasileiros negros integram clubes europeus, também são rotineiramente vitimados por uma lógica capitalista que os enquadra em discursos de cobrança permanente: se foram adquiridos por milhões, precisam necessariamente demonstrar resultados, já que “estão sendo pagos para isso”. Essa mesma lógica capitalista impõe que esses jogadores tenham uma desenvoltura semelhante à de Pelé, dado que ele ainda figura como o jogador negro que projetou o futebol brasileiro no cenário esportivo mundial.

Nesse contexto, o racismo que há dentro e fora dos campos europeus opera de forma bidirecional e com alcance global. Por um lado, afeta diretamente os sujeitos negros, sobretudo jogadores brasileiros, ao reproduzir episódios recorrentes de discriminação que não apenas os excluem simbolicamente dos espaços esportivos, mas também reatualizam discursos históricos que colocam em dúvida sua capacidade física, intelectual e emocional. Por outro lado, esse mesmo racismo fortalece a atuação de torcedores, que se sentem autorizados a intensificar os xingamentos e ataques sempre que um jogador não corresponde às expectativas de desempenho.

Apesar dos xingamentos e gestos racistas, como o ato de jogar bananas em campo, serem “tratados e expostos pelos meios de comunicação como uma reação desesperada ou natural do torcedor”,³¹ na verdade, são imbuídos por uma violência simbólica legitimada. A própria redução dos jogadores negros a atributos corporais, como força, velocidade e resistência, constitui outra expressão dessa violência, que não pode ser interpretada como simples frustração esportiva, e sim, como uma engrenagem do racismo responsável por impor limites simbólicos à atuação e à visibilidade desses jogadores.

E essa punição pública em relação a Vinícius Júnior inflama a concepção, para a branquitude, de que é “normal” que jogadores brasileiros negros sejam atacados com atos racistas, tendo em vista que a culpa pela punição seria da própria vítima. Um discurso que posiciona a raça negra como merecedora de uma constante punição

³¹ MEDEIROS. Racismo e injúria racial no futebol brasileiro: um olhar sobre o impacto da informação no esporte p. 55.

social, sendo os campos de futebol um dos lugares públicos onde corpos negros são punidos como animais e agredidos, não por chicotadas, mas por palavras e expressões racistas que podem ferir a identidades e minar a resistência desses corpos.

É nesse sentido que Vinícius Júnior se torna, ao mesmo tempo, um símbolo de resistência e uma afronta direta à imagem de controle que, historicamente, posiciona a população negra como submissa e passível de agressão. Durante o período escravocrata, a ausência de reação diante dos castigos impostos pelos senhores brancos era, muitas vezes, uma forma silenciosa de resistência. Hoje a denúncia pública e a insistência em ocupar espaços conquistados por mérito representam uma nova forma de enfrentamento: uma reexistência. Ao se recusar a ceder diante das violências racistas, Vinícius Júnior desafia os estigmas que ainda pesam sobre corpos negros e traça novos caminhos para romper com a lógica que aniquila a presença da população negra nos espaços de prestígio.

Ao entrar em campo ou denunciar publicamente os ataques racistas que sofre, Vinícius Júnior mostra que sua trajetória faz parte de um movimento coletivo que confronta os limites simbólicos e estruturais impostos pelo racismo, reivindicando pertencimento, protagonismo e dignidade. A presença desse jogador configura-se como uma representação combativa contra às imagens de controle que historicamente associam a raça negra à pobreza, subalternidade e selvageria. A postura que o jogador adota, seja dentro ou fora dos gramados, evidencia que é necessário permanecer questionando e desconstruindo as expectativas impostas pela branquitude sobre os corpos e trajetórias de atletas negros no futebol.

Entretanto, é preciso a ciência de que o racismo é ardiloso, e como tal, utiliza-se de novas frentes de opressão. Por isso, além dos campos de futebol, a lógica de violência simbólica tem se reconfigurado em um espaço de maior alcance e repercussão: a internet. Nesse ambiente, o contínuo de ódio dirigido à raça negra não apenas persiste, mas se intensifica. Conforme dados do Instagram, 23% dos 105 jogadores brasileiros pertencentes a clubes de primeira divisão em países como Alemanha, Espanha, França, Inglaterra e Itália, durante a primeira temporada do ano de 2020, receberam mensagens de cunho racista, que vão desde figuras de animais, como macaco e gorila, até ofensas à cor da pele das mães dos jogadores e críticas aos cabelos deles.

O contato direto que a internet proporciona entre jogadores e agressores funciona como um espaço ainda mais intenso de violência, em que insultos direcionados à origem dos atletas se tornam uma forma de ataque interseccional, em razão de, ao xingar mães ou familiares, pessoas alheias ao desempenho em campo, os agressores, além de desrespeitarem os indivíduos, também reforçam estereótipos raciais históricos que associam a negritude à inferioridade, subalternidade e desumanização. Essa prática evidencia como o legado colonial ainda se manifesta nos dias atuais, afetando identidades e perpetuando estruturas de opressão que atravessam gerações.

Tal proximidade mostra que, entre os 105 jogadores distribuídos pelas cinco ligas espanholas, quase metade dos atletas brasileiros já enfrentou alguma forma de racismo virtual. Segundo Antumi Toasijé, presidente do Conselho de Eliminação da Discriminação Racial ou Étnica na Espanha, em entrevista à BBC News Brasil em 2023, a Espanha pode ser considerada um berço do racismo contemporâneo, pois insiste em afirmar sua branquitude histórica.

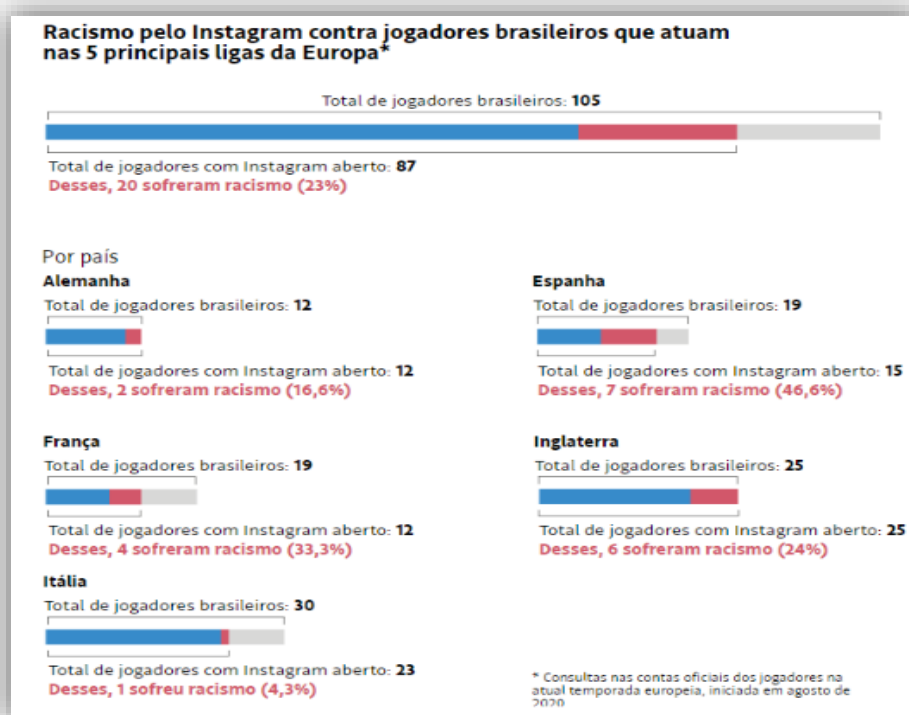


Fig. 2 - Racismo pelo Instagram contra jogadores brasileiros divulgado pela *Folha de São Paulo* em 2021. Fonte: *Folha de São Paulo*.

O desejo de provar a branquitude e uniformizar a cor da pele dos jogadores vem causando uma preocupação não somente com a midiaticização do racismo por torcedores desses clubes, como também pela possibilidade que, na era digital, as redes sociais oferecem para usuários interessados apenas em propagar e intensificar à rejeição as diferenças, mediante o envio de conteúdos que agridem essas vítimas no conforto de seus lares e a qualquer hora que os agressores desejarem.

Assim, os dados descritos pela Folha de São Paulo, demonstram que o futebol, espaço que deveria simbolizar integração e diversidade, acaba refletindo tensões históricas e sociais permanentes, haja vista que a tentativa de reafirmação identitária branca, como apontado por Antumi Toasijé, revela um padrão de exclusão que ultrapassa o campo esportivo e se infiltra nas relações cotidianas, especialmente contra estrangeiros racializados.

As redes sociais, que deveriam funcionar como espaços íntimos de celebração, interação e compartilhamento de conquistas com fãs, amigos e familiares, têm se transformado em ambientes hostis e violentos para jogadores negros. A promessa de conexão e reconhecimento é substituída por um contínuo de ridicularizações e ataques racistas, alimentados pela falsa sensação de anonimato e impunidade que essas plataformas oferecem. A agressão, nesses espaços, torna-se ainda mais direta e incisiva, porque os agressores se sentem legitimados a agir sem consequências, protegidos por perfis falsos e pela negligência das próprias redes em coibir discursos de ódio. Essa dinâmica revela como o racismo contemporâneo se adapta às tecnologias digitais, convertendo ambientes de sociabilidade em instrumentos de exclusão e sofrimento.

A persistência do racismo no futebol, especialmente em países como a Espanha, revela que os estádios deixaram de ser apenas espaços de competição esportiva para se tornarem arenas onde disputas simbólicas sobre pertencimento, identidade e poder são travadas diariamente. Quando há ataques contra Vinícius Júnior, ou outros jogadores brasileiros negros, há um reflexo do medo de que a diversidade desestabilize privilégios antigos, e por isso, a resistência desses atletas se torna um ato político que busca a real democratização do esporte e a luta contra à lógica da exclusão.

Portanto, o combate ao racismo no futebol é uma das batalhas mais urgentes do nosso tempo, por isso não pode se restringir a punições pontuais ou a notas de

repúdio que se perdem com o tempo. Ele exige uma revisão profunda das estruturas sociais, esportivas e midiáticas que ainda sustentam discursos discriminatórios. Mais do que denunciar, é preciso construir uma cultura de responsabilização e reparação. Afinal, a presença de jogadores negros nos gramados do mundo é uma afirmação de que o futebol não será um espaço de diversidade, enquanto corpos negros forem humilhados por ousarem reexistir.

A tentativa de apagar ou deslegitimar corpos negros nesses espaços opera simultaneamente como expressão de intolerância e como estratégia de manutenção de estruturas históricas que se sentem ameaçadas pela presença daqueles que rompem padrões impostos pela branquitude. Quando jogadores negros são alvos de ataques racistas, trata-se, então, de uma forma de negar sua humanidade, sua trajetória e seu direito de ocupar posições de destaque, refletindo o medo da branquitude de que a diversidade desestabilize privilégios arraigados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscar expor como imagens de controle e representações racistas ainda estruturam práticas de exclusão no futebol contemporâneo, especialmente no que se refere à atuação e à visibilidade de jogadores negros como Vinícius Júnior, nota-se que esses atletas continuam sendo alvos de discursos e ações desumanizantes que remontam a estereótipos coloniais, atualizados e disseminados tanto nos estádios quanto nas redes sociais. Tais ataques não se limitam a manifestações isoladas de preconceito, mas revelam a persistência de uma lógica racista profundamente enraizada nas instituições esportivas e nas dinâmicas globais de poder.

Assim, evidencia-se que o futebol, principalmente europeu, longe de ser um espaço neutro ou apenas de entretenimento, é também palco de disputas simbólicas e políticas, onde corpos negros ainda precisam lutar para serem reconhecidos em sua humanidade e competência. Contudo, ao mesmo tempo em que são alvos de violências, esses jogadores protagonizam formas potentes de reexistência, rompendo com os silenciamentos impostos e afirmando, com sua presença e desempenho, o direito de pertencerem a esses espaços.

Ademais, evidencia-se a urgência de reflexões que mobilizem a sociedade a repensar não apenas o racismo no futebol, mas também as estruturas históricas, políticas e culturais que o sustentam e o reproduzem. Tal cenário reafirma a necessidade de ações educativas, políticas e institucionais que ultrapassem respostas pontuais e emergenciais, assumindo um compromisso efetivo com a transformação estrutural das práticas sociais. Isso implica investir em programas de formação antirracista, na revisão crítica de políticas esportivas e midiáticas, bem como na implementação de mecanismos de responsabilização capazes de inibir e combater manifestações racistas em qualquer esfera. Mais do que medidas punitivas, trata-se de fomentar mudanças profundas na cultura esportiva e social, reconhecendo o futebol como um espaço privilegiado para a promoção de igualdade, respeito e valorização da diversidade.

* * *

REFERÊNCIAS

- BEZERRA, Fábio. **Linguística aplicada transviada**: gênero e sexualidade nos estudos da linguagem em perspectiva descolonial, interseccional e transdisciplinar. Campinas, SP: Pontes Editora, 2023.
- BUENO, Winne. **Imagens de controle**: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins. Porto Alegre: Zouk, 2020.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução por Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.
- CHEIBUB, Lucas. Carvalho. Cultura em campo: entre o elitismo e a popularização do futebol (1897-1938). **Revista Cantareira**, UFF, São Paulo, v. 2, n. 27, p. 95-103, 2019.
- DUARTE, Fabíola. **Leitura e semiótica**: uma análise acerca dos marcadores sociais da diferença e imagens de controle em livros didáticos de língua portuguesa. Dissertação (Mestrado em Linguística e Ensino). UFPB, João Pessoa, 2023.
- FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.
- HOOKS, bell. **Olhares negros**: raça e representação. Tradução por: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

HORA, Giovanna. D. O racismo no futebol brasileiro: o negro limitado as quatro linhas do campo. **Revista Averso**: Pensamento, Memória e Sociedade, v. 3, n. 2, p. 1-18, 2023.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo linguístico**: os subterrâneos da linguagem e do racismo. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

NASCIMENTO, France Willian; SANTOS, Andréa. Entre chuteiras e racismo no futebol brasileiro: uma luta antirracista para além do campo de futebol. **Revista Em Favor de Igualdade Racial**, v. 6, n. 1, p. 7-17, 2023.

'Não foi 1ª, 2ª ou 3ª': 10 vezes em que Vini Jr. foi vítima de racismo na Espanha. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c729gypd570o>.

MEDEIROS, Amanda. Racismo e injúria racial no futebol brasileiro: um olhar sobre o impacto da informação no esporte. Brasília. **Monografia** (Bacharelado em Educação Física) Faculdade de Educação Física, UnB; 2017.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e Bandeiras**: a conquistado do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2014.

SHIGUERU, Gabriel. Okabe; SCHWAMBAC, Cornélio. O esporte como uma forma de superação dos atletas com necessidades especiais. **Anais Simpósio de Pesquisa e Seminário de Iniciação Científica**, v. 9, n. 2, 2025.

VIEIRA, José Jairo. Considerações sobre preconceito e discriminação racial no futebol brasileiro. **Teoria & Pesquisa Revista de Ciência Política**, São Carlos, v. 1, n. 42, p. 221-4. 2009.

* * *

Recebido em: 1º jun. 2025.
Aprovado em: 21 ago. 2025.

Racismo no futebol e ativismo de hashtag: o caso Vini Jr.

Racism in football and hashtag activism: the Vini Jr. case

Thalita Neves

Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital, Salvador/BA, Brasil
Doutorado em Comunicação, UERJ
thalitanevesufop@gmail.com

RESUMO: O futebol evidencia práticas racistas há quase um século, a exemplo da não-aceitação de jogadores negros nos clubes brasileiros nos primórdios desse esporte; da “condenação” de atletas negros enquanto responsáveis por derrotas históricas; do negro em função logística nos estádios e não como consumidor do espetáculo; e sobretudo das diversas manifestações racistas vindas das arquibancadas, a exemplo do jogador brasileiro Vinícius Júnior, alvo de ataques na Espanha. Esse caso é retroalimentado nas redes por hashtags como #ForçaViniJr, #LaLigaRacista e #BailaViniJr. A partir de metodologia que combina revisão bibliográfica e análise de discurso, este estudo debate as relações entre racismo no futebol e ativismo de hashtag, ponderando sobre a efetividade da hashtag enquanto ferramenta discursiva de prevenção e combate ao racismo.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo; Vini Jr.; Hashtag.

ABSTRACT: Football has been showing racist practices for almost a century, such as the non-acceptance of black players in Brazilian clubs in the early days of the sport; the “condemnation” of black athletes as those responsible for historic defeats; blacks in logistical roles in stadiums rather than as consumers of the spectacle; and, above all, the various racist demonstrations coming from the stands, as in the case of Brazilian player Vinícius Júnior, who is frequently the target of racist attacks in Spain. The “Vini Jr. case” continues to be shared on social media by hashtags such as #ForçaViniJr, #LaLigaRacista and #BailaViniJr. Using a methodology that combines bibliographic review and discourse analysis, this study discusses the relations between racism in football and hashtag activism, considering the effectiveness of hashtags as discursive tools for preventing and combating racism.

KEYWORDS: Racism; Vini Jr.; Hashtag.

INTRODUÇÃO

Eu tive dois choques, já bem maduro, que me abalaram. Eu fui fazer a final da Libertadores da América – Fluminense e LDU – no Maracanã. A torcida do Fluminense deu um show naquela noite. [...] Começa o jogo e eu começo a prestar atenção: não tinha um negro. Do meu campo de visão, da tribuna de imprensa, da cabine da rádio... não tinha um negro! E anos depois eu fui fazer um jogo da Copa das Confederações em Salvador, a cidade proporcionalmente mais negra do Brasil, e de negros só tinham o jardineiro cuidando da grama e alguns funcionários do bar. Na torcida, na Fonte Nova, era um jogo de uma seleção europeia contra uma seleção africana, e não tinha um negro. Em Salvador!¹

Esse depoimento do sociólogo e jornalista Juca Kfourri me foi concedido em entrevista durante o percurso metodológico da minha tese de doutorado desenvolvida sob a temática do jornalismo esportivo e da sociologia do esporte. Nossa conversa se deu pessoalmente em São Paulo, no dia 8 de setembro de 2022, pós-declarações polêmicas do então presidente da República Jair Bolsonaro no Bicentenário da Independência em Brasília. Falávamos sobre as relações entre política e futebol, o que inevitavelmente traria o racismo à pauta – prática que até 1989 era enquadrada como contravenção penal na legislação brasileira. Tipificado como crime desde então, o racismo segue operando em nossa sociedade de forma explícita ou velada, neste caso, como uma espécie de acordo tácito consolidado pela estrutura social, política e econômica do Brasil, conforme descrito pelo professor e ex-ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania, Silvio Almeida, na obra *Racismo estrutural*.²

O futebol, fenômeno da cultura de massa, evidencia há quase um século a prática do racismo em suas mais variadas formas, a exemplo da não-aceitação de jogadores negros nos clubes brasileiros nas primeiras décadas do século XX;³ da “condenação” de atletas negros enquanto responsáveis por derrotas históricas, como na culpabilização do goleiro Barbosa pelo Maracanazo de 1950;⁴ ou ainda na perspectiva ilustrada por Kfourri, da ausência de pessoas negras enquanto consumidoras do espetáculo nos estádios de futebol. As manifestações racistas vindas das arquibancadas no Brasil e mundo afora, por sua vez, continuam sendo as formas mais evidentes do racismo no universo esportivo, como no caso do jogador brasileiro

¹ KFOURI. Entrevista concedida à autora, 2022, s/p.

² ALMEIDA. *Racismo estrutural*.

³ ABRAHÃO. O ‘preconceito de marca’ e a ambiguidade do ‘racismo à brasileira’ no futebol.

⁴ ABRAHÃO; SOARES. O que o brasileiro não esquece nem a tiro é o chamado frango de Barbosa: questões sobre o racismo no futebol brasileiro.

Vinícius Júnior que, entre 2020 e 2024, foi alvo de 21 episódios de racismo na Espanha contabilizados pela LaLiga, instituição que organiza o campeonato espanhol.⁵

A repercussão midiática do “caso Vini Jr.”, como chamarei esses episódios, segue retroalimentada nas redes sociais por hashtags como #ForçaViniJr, #LaLigaRacista e #BailaViniJr. Esta última chegou inclusive a ocupar o trending topics do X (ex-Twitter) em setembro de 2022, gerando mais de quatro milhões de interações, somando-se as plataformas Twitter, Facebook e Instagram. Isso ocorreu quando, no programa esportivo de maior audiência da Espanha, um agente de jogadores chamado Pedro Bravo utilizou um termo racista – “macaquice” – para se referir às danças que Vini Jr. costuma fazer em campo ao marcar gols.⁶ A partir desse contexto, este estudo debate as correlações entre racismo no futebol e ativismo de hashtag,⁷ fazendo refletir sobre as potencialidades do recurso hashtag enquanto ferramenta discursiva e “arma de combate”.⁸

Para tanto, parte-se de metodologia que combina revisão bibliográfica e análise discursiva⁹ na intenção de identificar possíveis formações de sentido existentes por trás das hashtags #BailaViniJr e #SomosTodosMacacos, esta última referente ao “caso Daniel Alves”, repercutido na imprensa em 2014 após o jogador descascar e comer em campo uma banana que lhe foi atirada das arquibancadas. Mesmo que de forma incipiente, pretende-se com este trabalho também ponderar sobre o impacto do recurso hashtag no agendamento midiático de prevenção e combate ao racismo – ainda que, vale lembrar, o âmbito combativo dialoga muito mais com a esfera jurídica do que com a esfera midiática em si, sobre a qual acredito não caber o viés punitivo, mas sim a função de ampliar e dimensionar o debate, estimulando o pensamento crítico e reforçando bases contra o preconceito e a desinformação.

Para fins didáticos, este artigo está dividido da seguinte maneira: o primeiro tópico aborda a temática do racismo no futebol a partir de casos que ganharam repercussão midiática, tendo ou não seus protagonistas se posicionado sobre o assunto; o segundo tópico descreve o conceito de ativismo de hashtag em suas relações com a discursividade da linguagem; e o terceiro tópico evidencia as

⁵ GLOBO ESPORTE. LaLiga atualiza situação de 21 casos de racismo contra Vini Jr..

⁶ LANCE! Hashtag em apoio a Vinícius Júnior atinge marca impressionante na web.

⁷ GOSWAMI. *Social media and hashtag activism: Liberty, dignity and change in journalism*.

⁸ MORAES. *A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza*.

⁹ ORLANDI. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*.

formações discursivas derivadas dessas relações, fazendo refletir em que medida(s) o recurso hashtag – sobretudo quando utilizado em um contexto massivo como o futebol – contribui para trazer à esfera pública o debate em torno do racismo.

RACISMO NO FUTEBOL E POSICIONAMENTO POLÍTICO DE JOGADORES

Certa tarde, na arquibancada da praça-de-esportes, subitamente Bituca ficou sério, olhou para baixo, sem mais nem menos. Naquele momento estávamos sós, apenas eu e ele.

— No Réveillon passado não me deixaram entrar no clube.

Adivinhei:

— Porque você é negro...

— Fiquei tocando meu acordeão do lado de fora, sentado no meio-fio.

Eu me condoí até as lágrimas.

— Pois então vamos lá quebrar tudo.

Sáímos foi para um bar. No tal clube nunca pisei.¹⁰

O trecho acima ilustra uma das manifestações típicas do “racismo à brasileira”¹¹ articulado nas sutilezas do cotidiano, geralmente por quem tem poderes decisórios. O trecho, narrado por Márcio Borges na obra biográfica “Os sonhos não envelhecem: histórias do clube da esquina”, rememora os primórdios da carreira daquele que viria a ser um dos maiores expoentes da MPB no Brasil e no mundo: Milton Nascimento, o Bituca, em cena que se contextualiza na efervescência político-cultural de uma Belo Horizonte de meados dos anos sessenta. Nessa mesma época, o futebol já havia se popularizado o suficiente para que, sob o véu do profissionalismo, passasse a incluir negros em seus escretos da mais alta classe, protagonizados, por exemplo, por Leônidas da Silva (1934/1938), Didi (1954/1958/1962), Djalma Santos (1954/1958/1962/1966), Pelé (1958/1962/1970) e Jairzinho (1966/1970/1974).

A despeito do protagonismo desses jogadores, cabe ponderar que, quando o Brasil perde a Copa de 1950 para o Uruguai, no episódio que ficou conhecido como *Maracanazzo* – em alusão ao estádio recém-construído para sediar aquela Copa – tanto a mídia esportiva quanto o senso-comum culpabilizaram os jogadores negros Barbosa, Bigode e Juvenal pela derrota histórica. Essa derrota contrariou todo o clima de favoritismo da seleção brasileira em meio ao contexto nacionalista de um Brasil também pulsante. Fez-se necessário, portanto, apontar culpados. É nesse sentido que, no artigo intitulado “O que o brasileiro não esquece nem a tiro é o chamado

¹⁰ BORGES. *Os sonhos não envelhecem: Histórias do Clube da Esquina*, p. 89.

¹¹ ABRAHÃO. O ‘preconceito de marca’ e a ambiguidade do ‘racismo à brasileira’ no futebol.

frango de Barbosa”, Abrahão e Soares debatem de que forma o futebol dramatiza a ambiguidade e a complexidade do sistema racial brasileiro, descrevendo como os negros daquele escrete, sobretudo o goleiro Brabosa, metonimizaram o *Maracanazzo*. Conforme Abrahão e Soares, no plano simbólico, o negro Barbosa tornou-se um emblema representativo das narrativas sobre a especificidade do racismo no Brasil, fazendo refletir sobre os “meios informais” e “maneiras sutis” como o racismo à brasileira se constitui.¹² Para ilustrar esse raciocínio, os autores recorrem à historiadora e antropóloga Lilia Schwarcz:

Parece que nos encontramos na encruzilhada deixada por duas interpretações. Entre Gilberto Freyre, que construiu o mito da democracia racial, e Florestan Fernandes, que o desconstruiu, oscilamos bem no meio das duas interpretações, igualmente verdadeiras. No Brasil convivem *sim* duas realidades diversas: de um lado, a descoberta de um país profundamente mestiçado em suas crenças e costumes; de outro, o local de um racismo invisível e de uma hierarquia arraigada na intimidade [...]. O fato é que, no Brasil, “raça” é conjuntamente um problema e uma projeção. E ainda é preciso repensar os impasses dessa construção contínua de identidades nacionais que, se não se resumem à fácil equação da democracia racial, também não podem ser jogadas na vala comum das uniformidades.¹³

Dando um salto temporal para o ano de 2023, convém destacar um estudo do Observatório da Discriminação Racial no Futebol realizado com 508 atletas negros em atuação nos principais clubes brasileiros da atualidade, o qual apontou que 41% deles já sofreram racismo no meio esportivo, enquanto 97% dos atletas praticantes de religião de matriz africana dizem não ser respeitados em suas crenças no universo do futebol. Ainda segundo esse estudo, entre os ambientes mais nocivos aos jogadores negros estão os estádios – que somam 53,9% dos casos de racismo evidenciados pela pesquisa – e as redes sociais, que totalizam 31,4% desses casos.¹⁴

Contudo, antes que o preconceito racial e o discurso de ódio encontrassem terreno fértil nas redes sociais – a exemplo das ondas de ataques virtuais ao jogador Vini Jr. – casos de racismo contra jogadores de futebol já vinham sendo repercutidos na imprensa brasileira desde as primeiras décadas do que se convencionou chamar

¹² ABRAHÃO; SOARES. O que o brasileiro não esquece [...], p. 16.

¹³ SCHWARCZ citada por ABRAHÃO; SOARES. O que o brasileiro não esquece [...], p. 16.

¹⁴ OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. Levantamento aponta que 41% dos jogadores de futebol já sofreram racismo.

de convergência midiática,¹⁵ como nos episódios protagonizados por Ronaldo Fenômeno e Grafite, na Espanha e no Brasil, respectivamente. Em março de 2005, Ronaldo, atuando pelo Real Madrid, atirou uma garrafa de plástico vazia em torcedores do Málaga após ouvir insultos racistas em campo. Também em 2005, o atacante Grafite, atuando pelo São Paulo, ouviu insultos racistas em partida disputada contra o Quilmes (ARG), no Morumbi, pela Copa Libertadores. Na ocasião, o zagueiro Desábato, que proferiu as injúrias, recebeu voz de prisão ainda no estádio. Outros episódios de racismo que ganharam repercussão na imprensa esportiva incluem, por exemplo, os jogadores Roberto Carlos (2011), Tinga (2014), Hulk (2014), Taison (2019), Dentinho (2019), Neymar (2020) e Richarlison (2022), conforme descrito em matéria da Agência Brasil.¹⁶

Nessa mesma seara de episódios relativamente recentes, cabe destacar principalmente os casos envolvendo o goleiro Aranha e o lateral-direito Daniel Alves, ambos ocorridos em 2014. No “caso Aranha”, quatro torcedores do Grêmio foram indiciados por injúria racial após chamarem o goleiro Aranha de “macaco”, em partida contra o Santos, válida pelas oitavas de final da Copa do Brasil. São eles Éder Braga – que, convém lembrar, é um homem negro – Rodrigo Rychter, Fernando Ascal e Patrícia Moreira, flagrada pelas câmeras de TV no momento exato em que cometia a injúria e cuja imagem foi a que mais repercutiu na mídia em comparação aos demais indiciados. A pena, que poderia variar de um a três anos de prisão, foi substituída pela seguinte sentença: os quatro envolvidos deveriam se apresentar a uma delegacia uma hora antes de cada jogo do Grêmio durante cerca de dez meses. À época do ocorrido, os dirigentes do Grêmio recorreram à decisão do Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) que excluía a equipe da competição. O STJD, por sua vez, decidiu manter parcialmente a decisão, punindo o time gaúcho com a perda de pontos na tabela, o que invariavelmente eliminava o clube do torneio.¹⁷

Já o “caso Daniel Alves”, ocorrido na Europa meses antes do “caso Aranha”, refere-se à uma partida entre o Villarreal e o Barcelona pelo Campeonato Espanhol de 2014, quando um torcedor do Villa arremessou das arquibancadas uma banana em direção a Daniel Alves, então lateral do Barcelona, enquanto ele se preparava

¹⁵ CASTELLS. *A sociedade em rede*.

¹⁶ CHAVES. Ofensas a Vinícius Jr fazem parte de histórico de racismo no futebol.

¹⁷ GLOBO ESPORTE. Caso Aranha: Polícia divulga imagens para tentar identificar mais envolvidos.

para cobrar escanteio. O incidente consta assim registrado em súmula por David Fernández, árbitro do jogo: “No minuto 75, foi lançada uma banana no local onde Daniel Alves ia cobrar um escanteio. A banana foi recolhida rapidamente pelo jogador, que comeu uma porção e atirou o resto no campo, retomando a partida com total normalidade”.¹⁸ Um dia após o ocorrido, o Villarreal identificou o torcedor que arremessou a banana em direção a Daniel Alves e divulgou um comunicado alegando que proibiria permanentemente a entrada do agressor no estádio El Madrigal.¹⁹

Os casos Aranha, Daniel Alves e Vini Jr. têm em comum o fato de as próprias vítimas terem se posicionado – cada um à sua maneira – contra seus agressores e, numa conjuntura mais ampla, a favor da luta antirracista. O goleiro Aranha, por exemplo, se negou a encontrar a jovem que, dizendo-se arrependida, queria lhe pedir desculpas pessoalmente. Daniel Alves, por sua vez, transformou em ato discursivo sua ação instintiva de comer a banana em campo, como se “engolissem” o preconceito. Já o jogador Vini Jr., dez anos após os episódios envolvendo o goleiro Aranha e o lateral Daniel Alves, encontrou nas mídias sociais e na publicidade o caminho que julgou o mais pertinente para levantar suas bandeiras em defesa da igualdade racial, posicionando-se várias vezes não como vítima do racismo, mas como “alguém dos racistas”, conforme dito por ele próprio.²⁰

O posicionamento diante de causas sociais é um elemento caro ao universo do futebol, sobretudo pela abrangência popular e massiva desse esporte. Considerando-se, principalmente, atletas de grande notoriedade como Vini Jr., com sua extensa comunidade de fãs e sua vasta base de seguidores – atualmente são mais de 50 milhões no Instagram – é natural que seus posicionamentos tenham amplo alcance. Não à toa, são raros os atletas que “tomam partido” no futebol, sob o risco de sofrerem novos ataques e/ou retaliações, seja por parte dos clubes, da imprensa ou dos próprios torcedores. No caso do racismo, a pauta é mais maleável, tendo em vista que, ao menos no plano simbólico, soaria unânime a ideia de se promover um posicionamento antirracista. Entretanto, se levarmos o “tomar partido” ao “pé da letra”, podemos nos deparar com discursos incoerentes que, em seu cerne, oprimem indivíduos que já fazem parte de grupos socialmente minorizados, como os negros.

¹⁸ O GLOBO. Federação espanhola vai analisar caso de racismo contra Daniel Alves.

¹⁹ GLOBO ESPORTE. Villarreal bane para sempre torcedor que atirou banana em Dani Alves.

²⁰ ESPN BRASIL. Vinícius Jr desabafa após condenação de torcedores na Espanha: 'Não sou vítima, sou algoz de racistas'.

Foi com essa questão em mente que, durante o percurso empírico de minha tese de doutorado – citada na introdução deste artigo – perguntei em entrevista aos jornalistas esportivos Juca Kfouri (*Uol*) e Marcelo Barreto (*SporTV*) se caberia aos atletas brasileiros, por seu alcance e apelo midiático, a responsabilidade de se posicionarem frente às pautas políticas e sociais do Brasil. A resposta de Marcelo Barreto foi contundente: “Às vezes o atleta faz uma manifestação para falar de coisas da sociedade. A gente tende a achar que essa manifestação é legítima quando ela é sobre algo que a gente concorda”.²¹ Juca Kfouri, por sua vez, soou menos categórico: “O que a gente mais vê são atletas que reforçam o discurso autoritário, o discurso de direita. Mas eu vou deixar claro pra você: eu aprendi na minha vida a não exigir heroísmo com o pescoço alheio.” E concluiu:

Eu vi o que aconteceu com o Paulo André. O Paulo André começou a liderar aquele movimento do Bom Senso Futebol Clube, e, por pressões, acabou sendo exportado pra China. Você poderá dizer: “Ah, mas que exílio dourado! Foi lá ganhar um dinheirão!” É verdade. Mas ele não queria ir. E quando ele volta, ele ouve do Vanderlei Luxemburgo, que era o técnico do Cruzeiro: “Olha aqui, Paulo André, se você quer ser titular – e você é meu titular – saiba que o presidente me disse que se você continuar falando não vai poder ser titular”. E aí o Paulo André se cala. Ele me disse isso aqui, sentado nesse sofá: “Juca, eu só tenho mais um ano e meio de carreira”. Eu o compreendo.²²

Mais especificamente em relação à pauta racial, convém destacar o raciocínio de Kfouri quanto à suposta quebra de hierarquias proporcionada pelo futebol enquanto modalidade massiva, citando dois espaços simbólicos que, segundo ele, estariam entre os mais democráticos no Brasil: “Os estádios de futebol, por esse fenômeno: ricos e pobres se abraçam na hora do gol do seu time; e a praia, porque está todo mundo de calção, as mulheres de maiô e não se faz diferença, junta tudo”. Ainda na visão de Kfouri, perspectivas como essa seriam “a prova provada de que no Brasil não tem racismo. E a gente sabe o quanto isso é hipocrisia, o quanto isso é autoengano, que nós adoramos fazer – nós, brasileiros – pra não olhar pras nossas mazelas”.²³

Quanto aos discursos de ódio vindos das arquibancadas, Kfouri enfatiza: “Você encontra gente boa que diz que esse negócio de coro de bicha no estádio não é preconceito, mas uma maneira de provocar o adversário. Vocês querem o quê? Que as pessoas

²¹ BARRETO. Entrevista concedida à autora, 2022, s/p.

²² KFOURI. Entrevista concedida à autora, 2022, s/p.

²³ KFOURI. Entrevista concedida à autora, 2022, s/p.

vão pro estádio e joguem flores umas nas outras?” Marcelo Barreto, por sua vez, correlaciona o impacto dos discursos de ódio – seja nas arquibancadas, seja nos meios virtuais – à necessidade de exposição estimulada pelos próprios mecanismos das redes: “As redes sociais exigem uma fidelidade absoluta ao que você acredita. Eu me lembro sempre de uma frase do Seu Armando Nogueira. Ele dizia pra gente: sem um pouquinho de hipocrisia, a gente não consegue levar essa vida.” Barreto conclui seu raciocínio fazendo um paralelo entre posicionamento político e paixão clubística:

Hoje, hipocrisia é uma palavra maldita nas redes sociais. Você tem que se apegar ao que você acredita e você não pode tolerar nada fora daquilo. Existe o cancelamento e tal. Pode ser um artista que você admira, mas se ele fez algo que você não concorda, você abandona a obra dele junto. São questões muito complexas. E às vezes o futebol deixa a gente nessa enracada: “E agora? A Copa do Mundo vem aí. O Neymar fez campanha pro Bolsonaro. Mas eu votei no Lula, então eu torço pro Neymar porque eu gosto da Seleção Brasileira? Ou eu abandono a Seleção Brasileira porque a questão política é mais importante e o Neymar joga na Seleção?” Mas eu fico pensando assim também: como é que a Seleção vai nos representar como um coletivo? Se depender do resultado da eleição, a gente teria que ter cinco petistas, cinco bolsonaristas e um “isentão”, né? Aí com os onze talvez a gente representasse o universo político brasileiro, mas não é assim que se monta um time. “Ah, mas o Neymar votou no Bolsonaro e eu sou petista.” Mas cê sabe em quem o Gabigol votou? Cê sabe em quem o Renato Augusto votou? Se cê faz essa pesquisa em todos os clubes do Brasil, cê vai se decepcionar. Se você é petista, se o seu ponto de vista é o ponto de vista da esquerda, e se você fizer essa pesquisa dentro do seu clube, o resultado não vai ser bom pra você. E aí? Cê vai deixar de amar o seu clube?²⁴

Inclusive, em relação aos ataques racistas sofridos por Vini Jr., tanto dentro de campo quanto nas redes sociais, vale destacar que, em muitos desses ataques, o jogador usou seu alcance nas redes para cobrar posicionamento dos clubes espanhóis e, sobretudo, da LaLiga – instituição que organiza o campeonato espanhol, cuja competitividade geralmente está limitada aos dois maiores clubes do país: Barcelona e Real Madrid, atual equipe de Vini Jr.. Após um dos episódios que mais repercutiu midiaticamente – a partida contra o Valencia, em maio de 2023, que foi paralisada no segundo tempo após Vini denunciar ao árbitro os gritos de racismo vindos de grande parte da torcida adversária – o Real Madrid apresentou formalmente uma denúncia na Procuradoria-Geral da Espanha por crimes de ódio contra o jogador.²⁵

²⁴ BARRETO. Entrevista concedida à autora, 2022, s/p.

²⁵ MARTINS. Governo brasileiro cobra Fifa e Espanha após ataques racistas a Vini Jr..

Depois dessa partida entre o Real Madrid e o Valencia, o nome de Vini Jr. foi o assunto mais comentado no Twitter. Em sua conta no Instagram, o próprio Vini Jr. criticou o episódio e cobrou uma posição das autoridades, em especial do presidente da LaLiga, Javier Tebas, usando o slogan da competição para ironizar a normalização do racismo no país: “Não é futebol, é LaLiga”. O presidente Tebas, por sua parte, em vez de se solidarizar com o jogador, insinuou que Vini Jr. deveria “se informar melhor” sobre as decisões da instituição na luta antirracista: “Antes de criticar e insultar LaLiga, é preciso que você se informe bem, Vinícius Jr. Não se deixe manipular e certifique-se de compreender plenamente as competências de cada um e o trabalho que temos feito”.²⁶

Fato é que, somente um ano após esse caso, ocorreram as primeiras punições da história da Espanha por racismo no futebol, ou por “discriminação por motivos racistas”, como consta na sentença proferida em junho de 2024,²⁷ quando três torcedores do Valencia, identificados no episódio de maio de 2023, foram condenados pela justiça espanhola a oito meses de prisão, ficando proibidos também de frequentar estádios de futebol no país por dois anos. Em sua conta no Instagram, Vini Jr. se posicionou logo após a condenação: “Como sempre disse, não sou vítima de racismo, sou algoz de racistas, essa primeira condenação penal da história da Espanha não é por mim. É por todos os pretos”.²⁸ Javier Tebas, presidente da LaLiga, aperfeiçoou seu discurso depois dessa decisão judicial – que contou ainda com a colaboração do clube Valencia na identificação dos agressores – e, então, se pronunciou nas redes, enfatizando o papel de sua instituição no episódio:

Esta sentença é uma ótima notícia para a luta contra o racismo na Espanha, pois repara os danos sofridos por Vinícius Júnior e envia uma mensagem clara para aquelas pessoas que vão a um estádio de futebol para insultar que a LaLiga irá detectá-los, denunciá-los e haverá consequências criminais.²⁹

Cabe lembrar que, nesse intervalo de um ano entre o episódio marcante na partida contra o Valencia e a condenação dos responsáveis, Vini Jr. foi vítima de outros ataques racistas e nunca deixou de cobrar punição das autoridades. Embora seu

²⁶ GLOBO ESPORTE. Presidente de LaLiga retruca Vinícius Júnior, que reage: “Quero ação”.

²⁷ ESPN BRASIL. Torcedores do Valencia são condenados a oito meses de prisão por insultos racistas a Vinícius Jr.

²⁸ GLOBO ESPORTE. Racismo contra Vini Jr.: torcedores do Valencia são condenados a oito meses de prisão.

²⁹ GLOBO ESPORTE. Racismo contra Vini Jr. [...].

nome continuasse tendo ampla repercussão nas mídias sociais – fosse por pessoas anônimas, famosas ou pelo governo brasileiro,³⁰ que também se solidarizou com o jogador – o próprio Vini Jr. fazia questão de criticar a normalização do racismo na Espanha, tanto por parte da LaLiga, quanto por parte da cultura torcedora do país, que, inclusive, incentiva a prática do discurso de ódio nas arquibancadas e nas redes sociais, segundo Vini Jr. Em relação às hashtags de apoio ao jogador e às críticas à federação espanhola, a exemplo da hashtag #LaLigaRacista, Vini é conclusivo em seu discurso: “Quero ações e punições; hashtag não me comove”.³¹

ATIVISMO DE HASHTAG, DISCURSIVIDADE E LINGUAGEM NAS REDES

Lembro com muito gosto o modo como ela se referia a ele. Pelo menos ela o fez uma vez e isso ficou marcado muito fundo, dizendo, "Caetano, venha ver o preto que você gosta". Isso de dizer o preto, sorrindo ternamente como ela o fazia, o fez, tinha, teve, tem, um sabor esquisito que intensificava o encanto da arte e da personalidade do moço no vídeo. Era como se se somasse àquilo que eu via e ouvia a uma outra graça ou como se a confirmação da realidade daquela pessoa dando-se assim na forma de uma bênção, adensasse sua beleza. Eu sentia a alegria por Gil existir. Por ele ser preto, por ele ser ele. E por minha mãe saudar tudo isso de forma tão direta e tão transcendente. Era evidentemente um grande acontecimento a aparição dessa pessoa. E minha mãe festejava comigo a descoberta.³²

O trecho acima, retirado de *Verdade tropical*, livro de memórias de Caetano Veloso, ilustra a discursividade da palavra “preto” proferida pela mãe de Caetano como quem abençoa a amizade e parceria do filho com Gilberto Gil, no início dos anos sessenta. Dando um salto temporal para os dias de hoje, “venha ver o preto que você gosta” poderia soar uma menção problemática se descontextualizada em frases soltas, por exemplo, no Twitter, em meio ao que se convencionou chamar de ativismo digital, conceito que aqui neste artigo se faz representar pelo uso do recurso hashtag.³³ No livro de Caetano, “venha ver o preto que você gosta” soa poético.

Importa destacar que, dez anos após o lançamento da primeira edição de *Verdade tropical*, o uso de uma hashtag foi registrado pela primeira vez no Twitter. Foi também em 2007 que o designer Chris Messina, que se autointitula “o inventor

³⁰ Após os ataques racistas sofridos por Vini Jr. em maio de 2023 na partida entre Valencia x Real Madrid, o Governo brasileiro também cobrou posicionamento da LaLiga e da Fifa, bem como punição aos envolvidos, por meio de um comunicado assinado de forma conjunta pelos ministérios de Relações Exteriores, Igualdade Racial, Esporte e Direitos Humanos e Cidadania.

³¹ GLOBO ESPORTE. Presidente de LaLiga retruca Vinícius Júnior, que reage: "Quero ação".

³² VELOSO. *Verdade tropical*, p. 197.

³³ GOSWAMI. *Social media and hashtag activism*.

da hashtag”, atribuiu o símbolo hash (#) ao recurso, que funcionaria como um agregador de mensagens na plataforma.³⁴ A ideia era que interesses semelhantes pudessem ser agregados e acessados por diferentes públicos via mecanismo único – a hashtag – que traria consigo palavras que representassem discursos, públicos e comunidades.³⁵ Conforme afirmam Chagas, Carreiro, Santos e Popolin,³⁶ “isso não só dá visibilidade a públicos altamente engajados, mas também permite que novos públicos se juntem às ações realizadas por um grupo já articulado”. Nesse sentido, as hashtags, sobretudo as que alcançam os trending topics do Twitter, acabam se tornando uma “janela de oportunidade para movimentos sociais e grupos ativistas que buscam dar visibilidade às suas agendas”.³⁷

As duas hashtags em análise discursiva neste artigo – #BailaViniJr e #SomosTodosMacacos – por exemplo, chegaram a figurar nos trending topics à época em que viralizaram, 2023 e 2014, respectivamente. Embora tenham formações discursivas opostas, ambas foram utilizadas na intenção de dar visibilidade à pauta antirracista por meio dos episódios protagonizados pelos jogadores Vini Jr. e Daniel Alves. Importa ressaltar que, nesses quase dez anos de intervalo entre os dois episódios, muitos estudos foram conduzidos com o objetivo de se compreender o uso do recurso hashtag enquanto ferramenta discursiva capaz de gerar impacto não apenas midiático, mas também social. Nesse percurso, emergiram novos conceitos em torno do termo, como a expressão “guerra de hashtags”, concepção relativa a momentos políticos polarizados nos quais as hashtags funcionavam como bandeiras representativas dos dois polos em disputa. Soares e Recuero³⁸ mostram como isso se evidenciou, por exemplo, no contexto de desinformação política e “disputa de narrativas” no Twitter durante as eleições presidenciais brasileiras em 2018.

Em perspectiva semelhante, von Bülow e Dias também mostraram como essa disputa discursiva se desenhou no Twitter à época do impeachment de Dilma Rousseff, demonstrando como o ativismo digital envolvendo múltiplos atores (usuários comuns,

³⁴ MESSINA. Groups for Twitter: or a proposal for Twitter tag channels.

³⁵ VAN DEN BERG. The story of the hashtag(#): A practical theological tracing of the hashtag(#) symbol on Twitter.

³⁶ CHAGAS; CARREIRO; SANTOS; POPOLIN. Far-Right Digital Activism in Polarized Contexts: A Comparative Analysis of Engagement in Hashtag Wars.

³⁷ CHAGAS; CARREIRO; SANTOS; POPOLIN. Far-Right Digital Activism in Polarized Contexts, p. 42.

³⁸ SOARES; RECUERO. Guerras de hashtags: desinformação política e lutas discursivas em conversas do Twitter durante a campanha presidencial brasileira de 2018.

perfis oficiais de políticos, organizações da sociedade civil e até a própria imprensa) gerou “redes políticas temporárias” de hashtags contra ou a favor do impeachment da então presidenta.³⁹ Nessa mesma seara dos contextos políticos polarizados, Chagas, Carreiro, Santos e Popolin⁴⁰ avaliaram, a partir de uma análise comparativa de hashtags, como a extrema-direita espalhou sua agenda extremista pelo Twitter durante o governo de Jair Messias Bolsonaro. O que esses três trabalhos têm em comum, além do fato de demonstrarem o caráter hierárquico do debate nas redes – centralizado em “bolhas ideológicas” – é o fato de os resultados evidenciarem como os discursos polarizados se constituem e se alastram nas redes a partir dessas “guerras de hashtags”, com considerável vantagem da agenda política da extrema-direita.

Os resultados revelam a formação de bolhas ideológicas e homofílicas compostas por militantes altamente engajados que podem contribuir para distorcer o debate público, dando visibilidade a certas agendas, em detrimento de outras. Nesse sentido, as hashtags de extrema-direita são muito mais bem articuladas e crescem muito mais rápido do que as hashtags de oposição, sugerindo que os apoiadores de Jair Bolsonaro têm sido capazes de incorporar os recursos da plataforma com mais eficácia.⁴¹

Com relação à discursividade dos termos taguados, ao comparar hashtags da extrema-direita com hashtags de oposição, Chagas *et al.* mostram que, mais do que identificar práticas políticas relativas a esses espectros ideológicos, é possível inferir que o uso de hashtags em contextos polarizados tornou-se um modo particular de “participação cívica”, no qual as hashtags funcionariam como “uma ferramenta poderosa para aumentar o alcance de declarações políticas e sociais”,⁴² ainda que favorecendo determinada agenda. Nesse sentido, o conceito de “guerra de hashtags” poderia ser visto como um subgrupo dentro do amplo “guarda-chuva” do ativismo digital, conceito este definido por von Bülow, Vilaça e Abelin⁴³ como um compilado de “ações que buscam alcançar impactos políticos em um contexto particular a partir de ferramentas digitais”. Nesse mesmo raciocínio, as guerras de

³⁹ VON BULOW; DIAS. O ativismo de hashtags contra e a favor do impeachment de Dilma Rousseff, p. 10.

⁴⁰ CHAGAS; CARREIRO; SANTOS; POPOLIN. Far-Right Digital Activism in Polarized Contexts.

⁴¹ CHAGAS; CARREIRO; SANTOS; POPOLIN. Far-Right Digital Activism in Polarized Contexts, p. 43.

⁴² CHAGAS; CARREIRO; SANTOS; POPOLIN. Far-Right Digital Activism in Polarized Contexts, p. 43.

⁴³ VON BULOW; VILAÇA; ABELIN. Varieties of Digital Activist Practices: Students and Mobilization in Chile, p. 1771.

hashtags seriam, para Soares e Recuero,⁴⁴ o resultado da apropriação das affordances do Twitter pelos usuários, podendo ser entendidas como “lutas discursivas” a favor de causas políticas e/ou sociais, como foi o caso da campanha eleitoral para a presidência do Brasil em 2018. A intenção desse tipo de estratégia, por sua vez, é estimular o ativismo em termos de “visibilidade, engajamento e pluralidade”,⁴⁵ o que nem sempre se efetiva.

Interessa ressaltar que, conforme registrado por Goswami,⁴⁶ o uso de hashtag como forma de ativismo se deu pela primeira vez em 2011, no jornal inglês *The Guardian*, durante o movimento “Occupy Wall Street”. Dali em diante, vários movimentos orientados pelo ativismo de hashtag – o que alguns autores conceituam como *hashtivism*⁴⁷ – ganharam alcance, com destaque sobretudo para pautas envolvendo a política global e as agendas feministas e antirracistas, a exemplo das hashtags #ArabSpring (2011), #MeToo (2017) e #BlackLivesMatter (2013/2020). Nesse percurso, “as hashtags passaram a ser incorporadas não tanto como um mecanismo de comunicação interpessoal, mas mais como um repertório de ação coletiva”.⁴⁸

Quanto à agenda feminista, cabe trazer como exemplo também a hashtag #ChegadeFiuFiu, debatida por Orlandini em artigo intitulado “Ativismo de sofá ou participação política”, no qual a autora avalia se as mobilizações geradas pelo uso dessa hashtag no Twitter incitaram, de fato, um processo de politização das demandas feministas, trazendo essas reivindicações para a esfera pública e governamental. Nesse artigo, Orlandini afirma que o ativismo de hashtag se consolidou como a principal estratégia comunicativa dos movimentos feministas da atualidade, já que, “partindo das ações pessoais isoladas, as mulheres constroem identidades coletivas em vista da identificação, da solidariedade e do encorajamento”.⁴⁹ No entanto, a autora pondera sobre a eficácia desse mecanismo, uma vez que o ativismo de hashtag está invariavelmente imbricado entre as dimensões técnicas das plataformas e as questões sociais, políticas e econômicas contidas no discurso tagueado.

⁴⁴ SOARES; RECUERO. Guerras de hashtags.

⁴⁵ CHAGAS; CARREIRO; SANTOS; POPOLIN. Far-Right Digital Activism in Polarized Contexts, p. 44.

⁴⁶ GOSWAMI. *Social media and hashtag activism*.

⁴⁷ OLIVEIRA; RIBEIRO. #Blacklivesmatter and others hashtivisms: Language and its role on virtual protests.

⁴⁸ CHAGAS; CARREIRO; SANTOS; POPOLIN. Far-Right Digital Activism in Polarized Contexts, p. 43.

⁴⁹ ORLANDINI. Ativismo de sofá ou participação política? Os processos de politização do ativismo por hashtag. p. 145.

No caso específico das hashtags da agenda feminista, como #ChegadeFiufiu (2013), #PrimeiroAssédio (2015), #MeToo (2017), #NãoÉNão (2017), #EleNão (2018), entre outras, pode-se dizer que o ativismo digital contribuiu de fato para elevar a pauta de gênero ao debate público, influenciando no avanço legislativo e na proposição de políticas públicas voltadas à proteção da mulher. Alguns exemplos vêm, inclusive, do universo esportivo, como a Lei do Feminicídio (Lei nº 13.104), de 2015, que foi instituída no Brasil dois anos após a condenação do goleiro Bruno Fernandes por homicídio, ocultação de cadáver, sequestro e cárcere privado de Eliza Samúdio,⁵⁰ num momento em que o país passou a olhar com mais rigor para esse tipo de crime.

Outro exemplo refere-se aos casos de estupro, como na instituição da Lei “Não é Não” (Lei nº 14.786), que foi promulgada em dezembro de 2023 no Brasil inspirada pelo protocolo “Solo Sí Es Sí”, instituído um ano antes na Espanha – protocolo este fundamental para a condenação do próprio jogador Daniel Alves que, em dezembro de 2022, estuprou uma mulher num banheiro de boate em Barcelona. Não é a intenção deste artigo debater esse caso, já debatido pela autora em outros artigos acadêmicos.⁵¹ Aqui, remonta-se à figura de Daniel Alves pelo fato ocorrido em 2014, quando o jogador foi vítima de racismo enquanto cobrava escanteio no estádio El Madrigal. Esse fato deu origem à hashtag #SomosTodosMacacos que, junto da hashtag #BailaViniJr, será analisada discursivamente no próximo tópico deste trabalho, na intenção de avaliar se – e em que medida(s) – o ativismo de hashtag se efetivou nesses dois episódios.

FORMAÇÕES DISCURSIVAS NAS HASHTAGS #SOMOSTODOSMACACOS E #BAILAVINIJR

Tem uma referência direta à canção do Elomar, que eu adoro, que fala “viola, alforria, amor, dinheiro não”. “Beleza pura” é uma saudação ao início da “tomada” da cidade de Salvador pelos pretos. Ela sempre foi uma cidade com muitos pretos mas, até os anos 70, eles ficavam mais ou menos “nos seus lugares”: puxadores de rede, de xaréu, tocadores de candomblé, pescadores, vendedores de acarajé, todos muito nobres, bonitos, mas cada um no seu lugar tradicional. E, nos anos 70, em grande parte por influência do movimento negro norte-americano e sul-africano, mas também por desenvolvimento do mundo e do Brasil, os pretos tomaram conta da cidade da Bahia de outra maneira, e “Beleza pura” é

⁵⁰ FIORI; PISANI. Feminicida não merece torcida: imagens e repercussões sobre o caso Eliza Samúdio e a trajetória do ex-goleiro Bruno Fernandes.

⁵¹ NEVES. Casos Daniel Alves, Robinho e Cuca: o papel do jornalismo esportivo no combate à violência de gênero e ao crime de estupro.

uma saudação ao início desse acontecimento.⁵²

No livro *Sobre as letras*, em que o professor de literatura brasileira Eucanaã Ferraz reúne as composições de Caetano Veloso comentadas pelo próprio compositor, Caetano narra o processo criativo de “Beleza pura”, canção originalmente lançada em seu álbum *Cinema transcendental*, de 1979. Como quem se defende das críticas que, a posteriori, associariam a letra de “Beleza pura” a um discurso racista, Caetano explica que as menções à beleza negra contidas na letra são construções discursivas derivadas do movimento estadunidense “Black is beautiful”, que se popularizou também no Brasil dos anos setenta. Esse trecho do livro poderia ser visto, portanto, como um contra-argumento às tais críticas que acusavam o compositor de descrever o negro sob um olhar estereotipado e preconceituoso, a exemplo das estrofes referindo-se à preta que começa a tratar do cabelo, ao turbante chique e elegante dos Filhos de Gandhi ou mesmo ao “moço lindo do Badauê”, em verso que, convém lembrar, remete ao capoeirista Mestre Moa do Katendê, assassinado a facadas depois de uma discussão política em 2018.⁵³

A despeito do controverso papel da licença poética em “Beleza pura”, o exemplo da canção de Caetano Veloso dialoga com a metodologia proposta aqui neste artigo, considerando-se as diferentes “formações discursivas” que os termos associados à raça negra podem assumir na canção, a depender do ponto de vista de quem os interpreta. Essa é, pois, uma das premissas da análise de discurso de linha francesa, método introduzido no Brasil pela professora e linguista Eni Orlandi.⁵⁴ Em síntese, a Análise de Discurso (AD), conforme descrita por Orlandi, consiste em tomar o discurso não como algo hermético, mas como um processo linguístico balizado pelas interações entre a língua e as “formações discursivas e ideológicas” dos sujeitos em jogo no processo comunicacional. Nesse âmbito, Orlandi afirma que “o conceito básico para a AD é o de condições de produção. Essas condições de produção caracterizam o discurso, o constituem e como tal são objetos de análise”.⁵⁵

As condições de produção implicam o que é material (a língua sujeita a equívoco e a historicidade), o que é institucional (a formação social, em sua ordem) e o mecanismo imaginário. Esse mecanismo produz imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura

⁵² VELOSO apud FERRAZ. *Sobre as letras*, p. 27-8.

⁵³ PORTAL G1 BA. Mestre de capoeira é morto a golpes de faca após discussão política na Bahia.

⁵⁴ ORLANDI. *Discurso e Leitura*.

⁵⁵ ORLANDI. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*, p. 101.

sócio-histórica. Temos assim a imagem da posição sujeito locutor (quem sou eu para lhe falar assim?) mas também da posição sujeito interlocutor (quem é ele para me falar assim, ou para que eu lhe fale assim?) e também a do objeto do discurso (do que estou lhe falando, do que ele me fala?). É pois todo um jogo imaginário que preside a troca de palavras.⁵⁶

Trazendo esse raciocínio para o objeto aqui em debate – o racismo no futebol denunciado pelas hashtags #SomosTodosMacacos (2014) e #BailaViniJr (2023) – entende-se que a análise das condições de produção desse discurso supostamente ativista devem necessariamente considerar a conjuntura sócio-histórica desses dois episódios, ocorridos num intervalo de uma década entre si, bem como as posições dos sujeitos discursivos em jogo: Vini Jr., Daniel Alves, imprensa esportiva, formadores de opinião, usuários comuns do Twitter, entre outros agentes que contribuíram para que tais hashtags viralizassem nas redes sociais. Porém, mais do que a historicidade que permite inferir que a hashtag #SomosTodosMacacos, por seu teor discursivo, talvez não alcançasse hoje os trending topics do Twitter como alcançou em 2014, importa debater sobretudo o que Orlandi chama de “equívocos” aos quais está sujeita a linguagem.

Se para a agência de publicidade Loducca, responsável pela campanha #SomosTodosMacacos, esta é uma hashtag antirracista, para Luiza Bairros, à época ministra da Igualdade Racial no Brasil, essa expressão assume, equivocadamente, uma conotação discriminatória ao associar a pessoa negra à imagem de um macaco: “Se você assume essa imagem como válida, corre o risco também de reforçar o estereótipo. Eu entendo a campanha e a motivação da campanha, mas não é possível assegurar que ela tenha o sucesso necessário para reverter a representação negativa que a palavra ‘macaco’ tem quando associada à pessoa negra”.⁵⁷ A agência Loducca, por sua vez, argumenta de forma superficial que a hashtag #SomosTodosMacacos “não chama os negros de macacos, mas lembra ou alerta aos brancos que somos todos iguais, vindos do mesmo macaco”.⁵⁸

Vale lembrar que quem contratou a agência Loducca para assinar a campanha em questão foi o jogador Neymar, num ato de solidariedade ao colega

⁵⁶ ORLANDI. *Análise de Discurso*, p. 40.

⁵⁷ BAIRROS citada por RAMALHO. Para ministra, frase de Neymar contra racismo pode reforçar estereótipo.

⁵⁸ LODUCCA citada por RAMALHO. Para ministra, frase de Neymar contra racismo [...].

Daniel Alves.⁵⁹ Respalhando a atitude do então camisa 10 da seleção, muitos famosos “surfaram a onda” antirracista e postaram fotos segurando uma banana, acompanhadas da legenda #SomosTodosMacacos, entre eles Luciano Huck, Angélica, Michel Teló, Ivete Sangalo e Claudia Leitte. Todos eles, cabe destacar, tinham pelo menos dez milhões de seguidores no Instagram à época do ocorrido, conforme registrado no portal da Revista Caras.⁶⁰ No âmbito discursivo, que interessa a este artigo, as conotações opostas atribuídas à hashtag #SomosTodosMacacos por essas personalidades e pela ex-ministra Bairros se devem, portanto, às formações ideológicas e discursivas que fazem com que a palavra “macaco” assuma determinados sentidos e não outros, ou seja, “palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes”.⁶¹

O discurso se constitui em seu sentido porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele. O estudo do discurso explicita a maneira como linguagem e ideologia se articulam, se afetam em sua relação recíproca.⁶²

Dez anos depois desse episódio, quando a hashtag #BailaViniJr também alcançou os trending topics do Twitter, a discussão sobre as diferentes conotações da palavra macaco na luta antirracista parece já ter sido superada. Ironicamente, a hashtag #BailaViniJr surgiu em resposta ao uso da palavra “macaquice” como forma de discriminar as danças que o jogador Vinícius Jr. costuma fazer em campo ao comemorar seus gols. Em setembro de 2022, quando o agente de jogadores Pedro Bravo disse no programa esportivo de maior audiência da Espanha que Vini Jr. tinha que “deixar de fazer macaquice”, o jogador se pronunciou em sua conta no

⁵⁹ PIRES; WEBER. Somos todos mestiços: visibilidade e naturalização do racismo na campanha “Somos Todos Macacos”.

⁶⁰ CARAS DIGITAL. Dilma, Luciano Huck e outros famosos postam fotos com banana em apoio a Daniel Alves.

⁶¹ ORLANDI. *Análise de Discurso*, p. 44.

⁶² Orlandi. *Análise de Discurso*, p. 43.

Instagram, postando um vídeo acompanhado da hashtag em questão, onde denuncia o racismo na Espanha e o discurso de ódio presente nos comentários que recebe em suas próprias redes desde que foi contratado pelo Real Madrid: “Dizem que felicidade incomoda. A felicidade de um preto brasileiro, vitorioso na Europa, incomoda muito mais. [...] Fui vítima de xenofobia e racismo numa só declaração. Mas nada disso começou ontem”.⁶³

Cabe ilustrar esse debate em perspectiva semelhante trazida no relatório *O racismo não anda só*, produzido pelo Aláfia Lab. No documento, os autores exploram a temática do racismo a partir de cinco dimensões discursivas identificadas nas redes sociais – aparência; expressão; religiosidade; gênero; territorialidade – as quais dialogam com o caso Vini Jr., que inclusive ilustra o relatório. Nessa perspectiva, o racismo nas redes se dimensionaria sobretudo por suas dimensões interseccionais, ou seja, “não é apenas por ser negro, é por ser 'macumbeiro', por parecer um animal, por ser 'favelado', por ser mulher, por dançar”.⁶⁴ Mais especificamente no “caso Vini Jr.”, interessa ainda destacar a discursividade do termo “bailar” associado às comemorações que não só ele, mas também outros jogadores costumam fazer em campo. No mesmo vídeo citado anteriormente, Vini Jr. remete suas danças à identidade cultural de povos negros:

Há semanas, começaram a criminalizar minhas danças. Danças que não são minhas. São do Ronaldinho, do Neymar, do Paquetá, do Pogba, do Matheus Cunha, do Griezmann e do João Félix. Dos funkeiros e sambistas brasileiros. Dos cantores latinos de reggaeton e dos pretos americanos. São danças para celebrar a diversidade cultural do mundo. [...] Sempre tento ser um exemplo de profissional e cidadão. Mas isso não dá clique, não engaja em rede social. Então os covardes inventam algum problema para me atacar. Repito pra você, racista: eu não vou parar de bailar, seja no sambódromo, no Bernabéu, ou onde eu quiser.⁶⁵

Esses e outros posicionamentos de Vini Jr. chamaram atenção da imprensa não só devido à dimensão da pauta antirracista em si mas, sobretudo, porque não é comum que se assuma esse tipo de posicionamento no futebol, território conflagrado por discriminações de raça, gênero e classe já há século legitimadas pela hostilidade intrínseca ao ambiente das arquibancadas. O jornalismo, contudo, vem

⁶³ Globo Esporte. Vinícius Júnior se pronuncia: "Aceitem, respeitem ou surtem. Eu não vou parar de bailar".

⁶⁴ SANTOS; ALMADA; CARREIRO; CERQUEIRA. *O racismo não anda só: as dimensões do racismo nas redes*, p. 4.

⁶⁵ GLOBO ESPORTE. Vinícius Júnior se pronuncia: "Aceitem, respeitem ou surtem [...]".

cumprindo o seu papel, ainda que protocolarmente. Nesse sentido, convém trazer à discussão a dissertação de mestrado do pesquisador Emerson Esteves, intitulada *O jornalismo é uma arma de combate: uma análise dos perfis de reportagem da Rede Globo na cobertura da tematização do racismo no esporte*. Em diálogo com a obra da jornalista e professora Fabiana Moraes⁶⁶ – *A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza* – Esteves⁶⁷ avaliou 36 reportagens do Grupo Globo na intenção de identificar discursivamente como o racismo no esporte foi pautado pela emissora entre os anos de 2017 e 2021.

Como resultado, Esteves (2024) evidenciou que a cobertura do racismo assume basicamente dois perfis discursivos, “passivo-neutro” e “ativo-advocatório”, com predominância do segundo perfil nas reportagens por ele avaliadas. Isso denota, de acordo com o pesquisador, certo avanço da cobertura midiática no que diz respeito a temas que, em décadas anteriores, eram tratados majoritariamente sob a ótica da objetividade e neutralidade jornalísticas – daí a categorização “passivo-neutro”. Já o perfil “ativo-advocatório”, que parece ser a tônica das reportagens de meados da década de 2010 em diante, valoriza não só a subjetividade do repórter que cobre a pauta, mas também a contextualização e humanização dos casos a partir de uma interação mais aprofundada com as fontes, bem como a partir da mescla de fontes oficiais, institucionais e anônimas para contextualizar as pautas raciais no esporte.

Ainda quanto à função do jornalismo no enquadramento de pautas antirracistas, interessa ressaltar a pesquisa realizada pela consultoria Pew Research Center⁶⁸ sobre os dez anos da hashtag #BlackLivesMatter. Essa hashtag se originou em 2013 depois que o vigilante George Zimmerman foi absolvido pelo assassinato de um jovem negro de dezessete anos, Trayvon Martin, em Sanford, Flórida, por considerá-lo suspeito. Em perspectiva semelhante, após a morte de George Floyd em 2020, estrangulado pelo policial Derek Chauvin – devido ao suposto uso de nota falsificada num supermercado em Minneapolis, Minnesota – a

⁶⁶ MORAES. *A pauta é uma arma de combate*.

⁶⁷ ESTEVES. *O jornalismo é uma arma de combate: uma análise dos perfis de reportagem da Rede Globo na cobertura da tematização do racismo no esporte*.

⁶⁸ PEW RESEARCH CENTER. Support for the Black Lives Matter Movement Has Dropped Considerably From Its Peak in 2020.

hashtag #BlackLivesMatter alcançou seu pico de uso nas redes, sendo que, dos quase dez milhões de usuários que utilizaram a hashtag no Twitter nesse intervalo de dez anos, 6,8 milhões deles se referiam à morte de Floyd. Segundo o Pew Research Center, de 2013 a 2023, foram ao todo 44 milhões de postagens com a hashtag #BlackLivesMatter no Twitter.

Com esse estudo de 2023, o Pew Research Center evidenciou ainda que a crença dos usuários de redes sociais no ativismo digital vem diminuindo ao longo dos anos. Conforme a pesquisa, realizada com 5.073 usuários adultos de redes sociais nos Estados Unidos, quatro em cada dez usuários acreditam que essas plataformas têm alguma relevância para agregar pessoas que compartilham das mesmas opiniões. Além disso, 30% dos usuários entrevistados na pesquisa valorizam as redes sociais como instrumento de ativismo e 27% creem nessas plataformas como espaços discursivos para expressarem suas visões de mundo. Em 2020, quando a hashtag #BlackLivesMatter atingiu seu pico de uso no Twitter, essas taxas eram respectivamente de 45%, 44% e 40%. Mais especificamente sobre a relevância das redes sociais do ponto de vista midiático, 67% dos usuários acreditam que as redes favorecem o agendamento da mídia ao trazerem à tona questões que, por outros meios, não receberiam tanta atenção. Todavia, 82% dos usuários afirmaram que as redes sociais “distraem sobre o que realmente importa”.

Quanto às críticas voltadas ao que se convencionou chamar de “ativismo de sofá”, 76% dos usuários que responderam ao Pew Research Center acreditam que as mídias digitais “criam uma ilusão de estar ‘fazendo a diferença’ que não corresponde à realidade”. Esse estudo também apontou que as mídias digitais levam ligeira vantagem no agendamento de pautas antirracistas em relação às mídias tradicionais, como impresso, rádio e TV: enquanto 35% dos usuários acreditam que a imprensa tradicional pode ser “extremamente eficaz” em chamar atenção para a pauta racial, 43% creem que as mídias digitais têm maior apelo nesse sentido. Contudo, cabe destacar que, seja na imprensa tradicional, seja nas mídias digitais, a crença no jornalismo como “arma de combate” – para usar os termos citados por Esteves e Moraes – é consideravelmente baixa – menor do que 50%, em ambos os casos – fazendo inferir, por exemplo, que o jornalismo de “combate” está associado a uma visão romântica do jornalismo tal qual o ativismo de hashtag estaria associado a uma visão romântica de ativismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo preliminar que debateu racismo no futebol e ativismo de hashtag, ponderou-se sobre a efetividade do recurso hashtag enquanto ferramenta discursiva de apoio à pauta antirracista. Partindo de uma revisão bibliográfica que envolve casos de racismo no futebol – da culpabilização do goleiro Barbosa pelo *Maracanazzo* de 1950 aos 21 episódios de racismo contra o atacante Vini Jr. contabilizados pela LaLiga num intervalo de três anos – buscou-se compreender em que medida(s) o chamado ativismo de hashtag contribui, em termos discursivos, para a prevenção e combate ao racismo. Mesmo que, no âmbito combativo-punitivo, a responsabilidade nesse debate caiba à esfera jurídica, no âmbito preventivo pode-se dizer que o jornalismo vem fazendo sua parte ao dar profundidade às coberturas sobre o tema.

Vale ressaltar que, em junho de 2024 – cerca de um ano após Vini Jr. sofrer um dos ataques racistas mais violentos de sua carreira – três pessoas envolvidas no ato foram condenadas, em decisão inédita que partiu da justiça espanhola. Essas condenações, por si só, demonstram certo avanço na causa, especialmente considerando-se que, no universo futebolístico, discursos discriminatórios parecem estar legitimados nas arquibancadas. Dados do Observatório da Discriminação Racial no Futebol⁶⁹ ilustram essa mesma perspectiva. Se, por um lado, os dados do Observatório mostram que o crime de racismo no futebol aumentou nos últimos anos – foram 64 registros em 2021 e 90 registros em 2022 – por outro lado esses dados sugerem uma tomada de consciência importante, pois indicam que as denúncias estão sendo feitas, o que, em alguma medida, pode estar associado ao fato de a imprensa vir trabalhando melhor essa pauta nos últimos anos.

Nesse sentido, recursos atrelados às mídias digitais, como as hashtags, mesmo que minimamente, também contribuem para o agendamento midiático. Basta lembrar que, em outubro de 2024, após a entrega do prêmio *Ballon d'Or* (Bola de Ouro) da *France Football*, Vini Jr. voltou a ser assunto nas mídias sociais ao ficar

⁶⁹ OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. *Casos de preconceito contra atletas cresceram 40% nos estádios brasileiros em 2022.*

com a segunda colocação no prêmio, devido a uma suposta retaliação por seu posicionamento veemente contra os ataques racistas que sofreu desde que chegou ao Real Madrid. Ainda que a repercussão do *Ballon d'Or 2024* insinue o quanto o racismo segue, mesmo que sutilmente, arraigado nas instituições e espaços de poder, as hashtags analisadas discursivamente neste artigo sinalizam algum avanço na causa, ao menos em termos midiáticos.

Ao se comparar os efeitos discursivos das hashtags #SomosTodosMacacos (2014) e #BailaViniJr (2023), por exemplo, é nítido que as formações de sentido contidas nessas duas hashtags são opostas, apesar de ambas terem motivação antirracista. Hoje, dez anos após a injúria racial sofrida por Daniel Alves, já se compreende no senso-comum o sentido negativo que uma hashtag controversa como a #SomosTodosMacacos assume no agendamento de uma pauta racial. O “caso Vini Jr.”, no entanto, mais do que reacender o debate sobre ativismo digital, mostra que muito ainda precisa ser feito para que os estádios de futebol – e as plataformas digitais – se tornem ambientes menos hostis às minorias sociais. Aos jornalistas, por sua vez, cabe o desafio de propor outros caminhos discursivos que, para além do ativismo digital, permitam estimular o pensamento crítico e fomentar o debate antirracista, dimensionando fenômenos estruturais em vez de meramente reportar fatos indexados por uma hashtag.

* * *

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Bruno. **O ‘preconceito de marca’ e a ambiguidade do ‘racismo à brasileira’ no futebol**. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.
- ABRAHÃO, Bruno; SOARES, Antonio. O que o brasileiro não esquece nem a tiro é o chamado frango de Barbosa: questões sobre o racismo no futebol brasileiro. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 13-31, 2009.
- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2019.
- BARRETO, Marcelo. Entrevista concedida à Thalita Neves. Rio de Janeiro, 8 nov. 2022.

BORGES, Márcio. **Os sonhos não envelhecem**: Histórias do Clube da Esquina. São Paulo: Geração Editorial, 2011.

CARAS DIGITAL. Dilma, Luciano Huck e outros famosos postam fotos com banana em apoio a Daniel Alves. **Revista Caras**, São Paulo, 28 abr. 2014. Disponível em: <https://abrir.link/LRCPk>. Acesso em: 18 out. 2024.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**. Movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHAGAS, Viktor; CARREIRO, Rodrigo; SANTOS, Nina; POPOLIN, Guilherme. Far-Right Digital Activism in Polarized Contexts: A Comparative Analysis of Engagement in Hashtag Wars. **Media and Communication**, v. 10, n. 4, p. 42-55, 2022.

CHAVES, Lincoln. Ofensas a Vinícius Jr. fazem parte de histórico de racismo no futebol, **Agência Brasil**, São Paulo, 24 mai. 2023. Disponível em: <https://abrir.link/rjMpQ>. Acesso em: 10 out. 2024.

DE KOSNIK, Abigail; FELDMAN, Keith. **#Identity**: Hashtagging Race, Gender, Sexuality, and Nation. University of Michigan Press, 2019.

ESPN BRASIL. Vinícius Jr. desabafa após condenação de torcedores na Espanha: 'Não sou vítima, sou algoz de racistas', **ESPN Brasil**, São Paulo, 10 jun. 2024a. Disponível em: <https://abrir.link/sSMsn>. Acesso em: 10 out. 2024.

ESPN BRASIL. Torcedores do Valencia são condenados a oito meses de prisão por insultos racistas a Vinícius Jr., **ESPN Brasil**, São Paulo, 10 jun. 2024b. Disponível em: <https://abrir.link/jFmYt>. Acesso em: 10 out. 2024.

ESTEVEES, Emerson. **O jornalismo é uma arma de combate**: uma análise dos perfis de reportagem da Rede Globo na cobertura da tematização do racismo no esporte. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2024.

FERRAZ, Eucanaã. **Sobre as letras**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2003.

FIORI, Ana Letícia de; PISANI, Mariane. Feminicida não merece torcida: imagens e repercussões sobre o caso Eliza Samúdio e a trajetória do ex-goleiro Bruno Fernandes. **Ponto Urbe**, v. 30, n. 2, p. 1-21, 2022.

GLOBO ESPORTE. Villarreal bane para sempre torcedor que atirou banana em Dani Alves, **globoesporte.com**, Villarreal, 28 abr. 2014a. Disponível em: <https://abrir.link/TZeBc>. Acesso em: 10 out. 2024.

GLOBO ESPORTE. Caso Aranha: Polícia divulga imagens para tentar identificar mais envolvidos, **globoesporte.com**, Porto Alegre, 30 set. 2014b. Disponível em: <https://abrir.link/FXryd>. Acesso em: 10 out. 2024.

GLOBO ESPORTE. Vinícius Júnior se pronuncia: "Aceitem, respeitem ou surtem. Eu não vou parar de bailar", **globoesporte.com**, Madri, 16 set. 2022. Disponível em: <https://abrir.link/GcikW>. Acesso em: 18 out. 2024.

GLOBO ESPORTE. Presidente de LaLiga retruca Vinícius Júnior, que reage: "Quero ação", **globoesporte.com**, Madri, 21 mai. 2023. Disponível em: <https://abrir.link/ZLCAS>. Acesso em: 18 out. 2024.

GLOBO ESPORTE. LaLiga atualiza situação de 21 casos de racismo contra Vini

Jr., **globoesporte.com**, Valencia, 10 jun. 2024a. Disponível em: <https://abrir.link/HUOI0>. Acesso em: 5 set. 2024.

GLOBO ESPORTE. Racismo contra Vini Jr.: torcedores do Valencia são condenados a oito meses de prisão, **globoesporte.com**, Valencia, 10 jun. 2024b. Disponível em: <https://abrir.link/Tlvda>. Acesso em: 10 out. 2024.

GOSWAMI, Manash. **Social media and hashtag activism**: Liberty, dignity and change in journalism. Kanishka Publication, 2018.

JACKSON, Sarah; BAILEY, Moya; WELLES, Brooke. **#HashtagActivism**: Networks of Race and Gender Justice. The MIT Press, 2020.

KFOURI, Juca. Entrevista concedida à Thalita Neves. São Paulo, 8 set. 2022.

LANCE!. Hashtag em apoio a Vinícius Júnior atinge marca impressionante na web, **Lance!**, 17 set. 2022. Disponível em: <https://abrir.link/PFUqr>. Acesso em: 5 set. 2024.

MARTINS, André. Governo brasileiro cobra Fifa e Espanha após ataques racistas a Vini Jr., **Exame**, 22 mai. 2023. Disponível em: <https://abrir.link/wYLVy>. Acesso em: 10 out. 2024.

MESSINA, Christopher. Groups for Twitter; or a proposal for Twitter tag channels. **Factory Joe**, 25 ago. 2007. Disponível em: <https://abrir.link/JoeeY>. Acesso em: 18 out. 2024.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate**: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. Porto Alegre: Arquipélago, 2022.

NEVES, Thalita. Casos Daniel Alves, Robinho e Cuca: o papel do jornalismo esportivo no combate à violência de gênero e ao crime de estupro. **Anais do Fazendo Gênero 13**. Florianópolis, 2024.

O GLOBO. Federação espanhola vai analisar caso de racismo contra Daniel Alves, **O Globo**, Rio de Janeiro, 28 abr. 2014. Disponível em: <https://abrir.link/dcooX>. Acesso em: 10 out. 2024.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. Levantamento aponta que 41% dos jogadores de futebol já sofreram racismo, **Observatório da Discriminação Racial no Futebol**, 6 set. 2023a. Disponível em: <https://abrir.link/UWatw>. Acesso em: 10 out. 2024.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. Casos de preconceito contra atletas cresceram 40% nos estádios brasileiros em 2022, **Observatório da Discriminação Racial no Futebol**, 23 mai. 2023b. Disponível em: <https://abrir.link/Snmns>. Acesso em: 10 out. 2024.

OLIVEIRA, Ana Larissa; CARNEIRO, Marisa. #Elesim, #Elenão, #Elasim, #Elanão: o Twitter e as hashtags de amor e de ódio na campanha presidencial brasileira de 2018. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 20, n. 1, p. 33-49, 2020.

OLIVEIRA, Evellin; RIBEIRO, Maria D'ajuda. #Blacklivesmatter and others hashtivism: Language and its role on virtual protests. **Lingu@ Nostr@**, v. 9, n. 1, p. 91-107, 2021.

ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. São Paulo: Brasiliense, 1984.

ORLANDI, Eni. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez e Editora da UNICAMP, 1988.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDINI, Maiara. Ativismo de sofá ou participação política? Os processos de politização do ativismo por hashtag. **Revista Mediação**, Belo Horizonte, v. 22, n. 29, p. 134-151, 2019.

PEW RESEARCH CENTER. Support for the Black Lives Matter Movement Has Dropped Considerably From Its Peak in 2020, **pewresearch.org**, 14 jun. 2023. Disponível em: <https://abrir.link/iHHOt>. Acesso em: 18 out. 2024.

PIRES, Fernanda.; WEBER, Maria Helena. Somos todos mestiços: visibilidade e naturalização do racismo na campanha “Somos Todos Macacos”. **Revista Eco-Pós**, v. 21, n. 3, p. 58-74, 2018.

PORTAL G1. Mestre de capoeira é morto a golpes de faca após discussão política na Bahia. **G1 BA**, Salvador, 8 out. 2018. Disponível em: <https://abrir.link/iqNTP>. Acesso em: 18 out. 2024.

RAMALHO, Renan. Para ministra, frase de Neymar contra racismo pode reforçar estereótipo. **Portal G1**, Brasília, 28 abr. 2014. Disponível em: <https://abrir.link/kkLrc>. Acesso em: 18 out. 2014.

SANTOS, Nina; ALMADA, Maria Paula; CARREIRO, Rodrigo; CERQUEIRA, Ellen. **O racismo não anda só**: as dimensões do racismo nas redes. Salvador: Aláfia Lab, 2023, 24 p.

SOARES, Felipe; RECUERO, Raquel. Guerras de hashtags: desinformação política e lutas discursivas em conversas do Twitter durante a campanha presidencial brasileira de 2018. **Social Media + Society**, v. 1, p. 1-17, 2021.

VAN DEN BERG, Jan Albert. The story of the hashtag(#): A practical theological tracing of the hashtag(#) symbol on Twitter. **HTS Theological Studies**, v. 70, n. 1, p. 1-6, 2014.

VELOSO, Caetano. **Verdade tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

VON BÜLOW, Marisa; Dias, Tayrine. O ativismo de hashtags contra e a favor do impeachment de Dilma Rousseff. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 120, p. 5-32, 2019.

VON BÜLOW, Marisa; VILAÇA, Luiz; ABELIN, Pedro Henrique. Varieties of Digital Activist Practices: Students and Mobilization in Chile. **Information, Communication & Society**, v. 22, n. 12, p. 1770-8, 2019.

* * *

Recebido em: 2 maio 2025.
Aprovado em: 04 nov. 2025.

Futebol não é coisa de macho: Nando Gald, a pauta LGBTQIAPN+ e outros currículos de torcer no futebol

Soccer is not a male's thing: Nando Gald, the LGBTQIAPN+ agenda and other CVs for cheering in stadiums

Marcelo Alves de Resende

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Doutorando em Comunicação, UERJ
mar.marceloresende@gmail.com

Ricardo Ferreira Freitas

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Doutor em Sociologia, Sorbonne, França

RESUMO: Este trabalho objetiva refletir sobre a atuação de Nando Gald, torcedor-influenciador do Vasco e gay afeminado que conquistou notoriedade nas redes sociais e nos estádios ao acompanhar o clube. O futebol forma pedagogias do torcer (Bandeira, 2010) com o regramento da masculinidade hegemônica (Connell, Messerschmidt, 2013). Com o conceito de ambiência (Anjos, 2022), vamos verificar o que levou Nando Gald a conseguir se fazer presente num estádio de futebol, esporte historicamente machista e LGBTfóbico, abalando a masculinidade hegemônica. Relacionando os estudos de Gustavo Bandeira, Guacira Lopes Louro, Judith Butler, discutiremos gênero e sexualidade para problematizarmos as formas de organização social que só aceita a ideia de “macho” como ideal de ser. Como gay afeminado, Nando Gald se faz presente em jogos do Vasco com uma performatividade contrária a esse ideal hegemônico de masculinidade. O que fez com que ele sofresse ataques homofóbicos, levando-o a revelar o caso por meio de um vídeo em seu Instagram. Com a análise de conteúdo (Sampaio, Lycarião, 2021), analisaremos o vídeo para descrever e interpretar as problemáticas de gênero e sexualidade a partir dos autores supracitados para que se possa pensar outros modos de torcer no futebol brasileiro que não o da masculinidade viril e, assim, criar ideias para a democratização do futebol brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; Gay afeminado; Vasco da Gama; Nando Gald; LGBTQIAPN+.

ABSTRACT: This paper aims to reflect on the actions of Nando Gald, a Vasco fan-influencer and an effeminate gay man who gained notoriety on social media and in stadiums by following the club. Football forms pedagogies of support (Bandeira, 2010) with the rules of hegemonic masculinity (Connell, Messerschmidt, 2013). Using the concept of ambience (Anjos, 2022), we will examine what led Nando Gald to be present in a football stadium, a historically sexist and LGBTphobic sport, shaking up hegemonic masculinity. Relating the studies of Gustavo Bandeira, Guacira Lopes Louro, Judith Butler, we will discuss gender and sexuality to problematize the forms of social organization that only accept the idea of “macho” as an ideal of being. As an effeminate gay man, Nando Gald is present at Vasco games with a performance that goes against this hegemonic ideal of masculinity. This has led to him suffering homophobic attacks, leading him to reveal the incident through a video on his Instagram. Using content analysis (Sampaio, Lycarião, 2021), we will analyze the video to describe and interpret the issues of gender and sexuality based on the aforementioned authors so that we can think of other ways of cheering in Brazilian football other than that of virile masculinity and, thus, provide ideas for the democratization of Brazilian football.

KEYWORDS: Football; Effeminate gay; Vasco da Gama; Nando Gald; LGBTQIAPN+.

INTRODUÇÃO

Este artigo propõe refletir a atuação de Nando Gald, influenciador digital que, desde 2024, tem ganhado popularidade e seguidores no Instagram se apresentando como torcedor do Club de Regatas Vasco da Gama (CRVG). Nando Gald é um homem gay, cuja condição também passa por outros atravessamentos por ser negro e periférico, nascido e criado em Urucânia em Santa Cruz, bairro da zona oeste do Rio de Janeiro.¹ Um conteúdo característico de Nando, no Instagram, é fazer uso do humor para desconstruir padrões generificados e sua performance² corporal atribuída socialmente nas concepções do que é considerado masculino e feminino. É comum Nando Gald iniciar seus vídeos ou sequência de fotos com o rosto fechado e sério para mimetizar o que seriam gestos típicos de uma masculinidade heteronormativa. Porém, em seguida, Nando muda os trejeitos e age com uma performatividade do “gay afeminado” entoando o bordão “respeita a minha história”, valorizando a própria formação que teve enquanto indivíduo, ou seja, o próprio modo de ser enquanto um homem “gay afeminado”, apresentando expressões corporais que vão de encontro a um currículo de masculinidades predominante no futebol e fora dele.³

A atuação de Nando Gald vai além das redes sociais ao ser fazer presente em dias de jogos no estádio de São Januário – onde o Vasco manda os seus duelos – e seus arredores, um importante cenário para os conteúdos postados pelo “torcedor-influenciador”.⁴ As ideias de Issaaf Kharawi (2016)⁵ permitirão entender o contexto contemporâneo marcado pelo consumo da imagem de pessoas que se popularizam nas redes sociais digitais e que demonstram capacidade efetiva de impactar diretamente as decisões de consumo dos indivíduos. Nando Gald tem um patrocínio próprio e costuma participar de ações de marketing do CRVG, o que são indicadores de seu alinhamento com demandas mercadológicas tão presentes e questionadas no futebol.⁶

¹ Segundo o Censo 2022, do IBGE, Santa Cruz possui 249.130 habitantes, com 112.773 domicílios. Números que põe o bairro como o terceiro mais populoso do Rio de Janeiro, ficando atrás de Campo Grande e Bangu, também bairros periféricos da zona oeste.

² BUTLER. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, p. 237.

³ BANDEIRA; SEFFNER. *Pedagogias do futebol e do torcer*, p. 15.

⁴ Essa nomenclatura será daqui usada para tentar denominar, mesmo que provisoriamente, um fenômeno multifacetado como é o caso de Nando Gald.

⁵ KHARAWI. *Influenciadores digitais: o Eu como mercadoria*, p. 41.

⁶ SIMÕES. *A produção do clube: poder, negócio e comunidade no futebol*, p. 296.

Nando Gald segue uma trajetória diferente ao ser frequentemente acionado no contexto do clube e de sua torcida em momentos variados, como ocorreu no dia 25 de abril, quando o torcedor-influenciador marcou presença no evento de divulgação da nova camisa do time na loja Gigante da Colina⁷ no Shopping de Madureira,⁸ região icônica da zona norte, no subúrbio carioca. Essas ações demonstram a legitimidade que a imagem do torcedor-influenciador carrega consigo. Nando Gald pode ser considerado uma figura que transgride a lógica da heteronormatividade masculina tão presente no futebol brasileiro, sobretudo, nas representações e práticas torcedoras. Sua atuação aponta para possíveis transformações no âmbito do torcer, considerando que o ambiente futebolístico é, notadamente, marcado por manifestações machistas e homofóbicas. Entretanto, é importante salientar que Nando Gald é, também, um agente dessas mudanças, afinal acreditamos ser possível considerá-lo como um ativista em defesa das pautas LGBTQIAPN+.

A sua ligação com o Vasco atraiu novos seguidores para seu perfil e mais visibilidade. Contudo, Nando Gald passou a ser atacado via redes sociais e presencialmente por outros torcedores, por performar um jeito de torcer que questiona a masculinidade heteronormativa dominante no futebol. O vascaíno, que em novembro de 2024 já contava com mais de 800 mil seguidores no Instagram, usou suas redes sociais, em julho de 2024, para revelar as ofensas e ameaças sofridas por ser LGBTQIAPN+ e, portanto, desviante dos padrões hegemônicos de masculinidade. Após o caso vir à tona, o CRVG saiu em defesa de Nando Gald em postagem no X (ex-Twitter), o que demonstra o apoio do clube ao seu torcedor LGBTQIAPN+.

Este artigo propõe analisar o vídeo de Nando Gald no Instagram, no qual o torcedor-influenciador revela violências sofridas e se posiciona diante desses casos. Recorreremos à análise de conteúdo⁹ para tentarmos responder algumas questões: qual é o teor das mensagens de ódio recebidas por Nando Gald? Como esses ataques podem nos ajudar a entender a prática torcedora? Quais são as reações e os posicionamentos do influenciador? No que diz respeito às problematizações das temáticas

⁷ Rede de franquias oficiais do Vasco da Gama.

⁸ O bairro de Madureira é considerado o berço do samba, onde estão duas escolas tradicionais de samba da cidade, e um grande polo cultural e comercial no Rio de Janeiro, oferecendo opções fora do eixo Centro e zona sul.

⁹ SAMPAIO; LYCARIO. *Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação*, p. 17.

de gênero e sexualidade, buscaremos ancoragem teórica nas propostas de Gustavo Bandeira, Guacira Lopes Louro e Judith Butler. Este trabalho fará uso do conceito de ambiência de Luiza Aguiar dos Anjos¹⁰ para compreender a conjuntura que torna possível o aparecimento e ascensão de alguém como Nando Gald.

O FUTEBOL QUE EXCLUI: IDEAIS MACHISTAS E MERCADOLÓGICOS

Bandeira e Seffner¹¹ recorrem à noção de currículo para discutir a formação das práticas torcedoras, como um processo de aprendizagem. Segundo os pesquisadores, esse currículo seria formado por uma “série de normas, tradições, sugestões de possíveis recompensas, indicações promissoras de inclusão no grupo, algo que os sujeitos são reiteradamente incitados a fazer”.¹² O torcer passa por múltiplos atravessamentos socioculturais definidos pelo contexto (tempo e espaço) ao qual está inserido, constituindo diversos processos educativos. Tal definição está inserida no debate que Guacira Lopes Louro, Jane Felipe e Silvana Goellner abordam sobre pedagogias que produzem os indivíduos.

[...] além da escola, um conjunto extraordinário de espaços e instâncias sociais exercitam “pedagogias”, ensinam formas de ser e de estar no mundo para crianças, jovens, adultos; marcam posições de sujeito; estabelecem hierarquias, classificam, aprovam e desaprovam corpos e aparências; sancionam e penalizam comportamentos, gestos, atitudes.¹³

Ao desnaturalizar a concepção binária entre masculino e feminino e os seus respectivos papéis sociais, Judith Butler¹⁴ afirma que, da mesma forma que se define um “homem” como “masculino” a partir do corpo que nasce com significados culturais, também é possível falar de um “homem” com performatividade “feminina”, e vice-versa, pois esses conceitos são construídos culturalmente por meio das relações sociais. Logo, se são construídos culturalmente, processo entendido por Butler

¹⁰ ANJOS. *Plumas, arquibancadas e paetês: uma história da Coligay*, p. 37.

¹¹ BANDEIRA; SEFFNER. *Pedagogias do futebol e do torcer*, p. 24.

¹² BANDEIRA; SEFFNER. *Pedagogias do futebol e do torcer*, p. 14.

¹³ LOURO; FELIPE; GOELNNER. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*, p. 7.

¹⁴ BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 56.

como uma “construção fictícia” a partir da lógica dominante, o gênero é “performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero”.¹⁵ Podemos entender o futebol como um dos veículos dessa regulação. No caso do torcer, os estádios de futebol são espaços nos quais se reproduz e se reitera um currículo de masculinidades caracterizado por uma constante desvalorização das práticas homoeróticas, especialmente aquelas vinculadas à passividade.¹⁶ Essa relação se evidencia no processo de construção das identidades e alteridades torcedoras, fundamentada em uma nítida diferenciação entre um “nós”, formado por masculinidades heterossexuais, viris e guerreiras, e do outro lado, um “eles”, que se aproximam das masculinidades não heterossexuais e das feminilidades.

Demonstrar afeto, carinho, abraçar calorosamente e chorar por outros homens é algo que foge às expectativas socialmente compartilhadas, sendo o futebol um dos únicos lugares onde os homens têm a permissão de manifestar certas emoções e fragilidades sem o risco de ter a sua masculinidade questionada. Talvez por esse motivo exista uma resistência tão forte, no âmbito futebolístico, à presença das mulheres e de homens que não performatizam os ideais hegemônicos de masculinidade. Embora seja um âmbito em que violências — simbólicas ou físicas — são permitidas, o futebol reproduz uma homossociabilidade num processo ritual no qual a condição de heterossexuais dominadores precisa ser afirmada e reafirmada.¹⁷

Configura-se a alteridade a partir de características negativas lançada sobre time e torcida rivais com práticas e ações que são entendidas como naturais dentro dos estádios, mas que fora deles poderiam ser inadequadas.¹⁸ O adversário é sempre o “puta, viado, ladrão”, gritos entoados por vascaínos contra os rivais flamenguistas, que também se referem a uma das organizadas do Vasco em cântico “Força Jovem, filha da puta, chupa rola e dá o cu”, como já presenciado por um dos autores deste trabalho em jogos entre os rivais cariocas. A misoginia e a LGBTfobia são naturalizadas e evidenciadas na dimensão organizacional do futebol brasileiro, que carece de representação para além

¹⁵ BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 56.

¹⁶ BANDEIRA. “*Eu canto, bebo e brigo... alegria do meu coração*”: currículo de masculinidades nos estádios de futebol, p. 85.

¹⁷ DAMO. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*, p. 395.

¹⁸ BANDEIRA; SEFFNER. *Pedagogias do futebol e do torcer*, p. 26.

de homens brancos e que se colocam publicamente como heterossexuais.¹⁹ Uma diversidade baixa que, historicamente, não é entendida como problema.

Atualmente, existem coletivos e movimentos de torcedores que lutam pela democratização do futebol, sobretudo nas arquibancadas. Uma disputa por outros sentidos de torcer tem se fortalecido, nos últimos dez anos, mas que já se manifestava durante o último período ditatorial no Brasil. No fim da década de 1970 e início dos anos 1980 – período de cerceamento de liberdades individuais por parte do Estado brasileiro –, surgiram torcidas gays de futebol, como demonstra Luiza Aguiar dos Anjos.²⁰ A que mais conquistou notoriedade e se fez presente nos estádios foi a Coligay (Grêmio), apresentando-se como um grupo de experimentação de certa liberdade para homens gays e travestis torcerem nas arquibancadas para torná-las também um espaço de afirmação de identidades sexuais e de gênero:

[...] a Coligay acaba por desarticular a expectativa de desencaixe e inadequação de homens homossexuais ao espaço futebolístico, sem que ela se mostre uma torcida “iguais as outras”. Ela compactou com códigos do futebol, se dispondo ao confronto físico e verbal, empunhando bandeiras e apoiando intensamente a sua equipe. Por outro lado, impôs seus requebros, suas vestimentas espalhafatosas, seu linguajar debochado e provocativo.²¹

A Coligay deixou de existir no início da década de 1980 por questões administrativas.²² No Rio de Janeiro, a Flagay não obteve sucesso para se constituir como uma torcida gay do Clube de Regatas do Flamengo. Institucionalmente, o clube agiu para que a Flagay não se fizesse presente nos estádios, tendo apoio de outros grupos de torcedores rubro-negros e torcidas organizadas. Entre os argumentos usados para o banimento da referida torcida, estavam a desonra que sua presença traria

¹⁹ Dos 20 clubes da Série A do Campeonato Brasileiro, apenas um possui uma mulher como presidente: o Palmeiras (Leila Pereira). Todos os outros 19 possuem presidentes (associativos) ou CEOs (SAFs) como homens. A CBF nunca teve uma mulher como presidente.

²⁰ ANJOS. *Plumas, arquibancadas e paetês*, p. 147. Algumas das torcidas gays: Galo Gay (Atlético-MG), Fiel Gay e Gayviões da Fiel (Corinthians), Palgay (Palmeiras), Zé Gay (São José/RS), Torja (Náutico/PE), Flagay (Flamengo), Coligay (Grêmio).

²¹ ANJOS. *Plumas, arquibancadas e paetês*, p. 25.

²² Luiza Aguiar dos Anjos conta que o término da Coligay se deu pela saída de Volmar Santos, presidente da torcida, de Porto Alegre, retornando para Passo Fundo. Volmar centralizava as ações do grupo.

para o clube, que não seria lugar para a Flagay, tratada como uma enfermidade social.²³ Apesar da formação de 22 torcidas gays, de 19 clubes diferentes, naquele período, elas não prosperaram por muito tempo,²⁴ invisibilizando corpos LGBTQIAPN+ no futebol por décadas.

Nos anos 2010, as reformas para a Copa do Mundo de 2014 transformaram estádios em arenas modernas, elitizando o público pelo valor alto dos ingressos. Surgiram grupos que têm como pauta a crítica à elitização do futebol brasileiro. Também surgiram grupos de torcedores preocupados com o direito de torcer, encampando pautas nas redes sociais contra os padrões normativos da masculinidade hegemônica que restringe a participação de mulheres e da comunidade LGBTQIAPN+ no futebol.²⁵ Naquele momento, a reivindicação partiu de grupos como Galo Queer (Atlético-MG), Palmeiras Livre e Bambi Tricolor (São Paulo), que usaram as redes sociais para lutar por outros sentidos de torcer nas arquibancadas. Aqui cabe ressaltar que a internet é um importante espaço de manifestação para grupamentos de torcedores vinculados à comunidade LGBTQIAPN+, o que se relaciona não somente ao potencial comunicativo e de manifestação de ativismos das redes,^{26,27} mas, sobretudo, ao medo de frequentarem os estádios e serem alvo de violência física. A Palmeiras Livre, por exemplo, foi criada em 2013 e só conseguiu estar como coletivo em um jogo do Palmeiras em 2023, ou seja, 10 anos depois da sua fundação. O coletivo comemorou o feito no Instagram, ressaltando o combate à LGBTfobia, ao racismo, ao machismo, à intolerância na torcida do Palmeiras, no futebol e em toda a sociedade.²⁸ Em 2024, a Palmeiras Livre denunciou em postagem no Instagram as ofensas LGBTfóbicas recebidas, após a derrota do Palmeiras para o Botafogo por 3 a 0, no Allianz Parque, em jogo crucial na luta pelo título do Campeonato Brasileiro daquele ano.²⁹ As falas preconceituosas recebidas no perfil do grupo culpavam a Palmeiras Livre pelo revés. Uma das ofensas destacadas pelo coletivo foi: “Minha teoria é que os homem (sic) estão se aviadando no

²³ ANJOS. *Plumas, arquibancadas e paetês*, p. 148-51.

²⁴ ANJOS. *Plumas, arquibancadas e paetês*, p. 165-6.

²⁵ PINTO. *Torcidas queer e livres em campo: sexualidade e novas práticas discursivas no futebol*, p. 2.

²⁶ MORAES. *O ativismo digital*, p. 2.

²⁷ MORAES. Comunicação alternativa, redes virtuais e ativismo: avanços e dilemas, p. 5-7.

²⁸ Disponível em: https://www.instagram.com/p/Ct95Kq5P_X0/?img_index=1.

²⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DC49hB8JXwU/>.

mundo todo e por isso estamos nessa fase de fracos. Por mais brigas e menos protestos” (Livre, 2024).³⁰ O pedido de mais brigas conota a ideia de homens másculos, fortes, viris e violentos como sendo uma das características consideradas como típicas de um “verdadeiro macho” e de um “verdadeiro torcedor”.

Em 2019, mesmo ano que o Supremo Tribunal Federal (STF) equiparou o crime de LGBTfobia ao de racismo, um jogo da Série A do Brasileirão foi paralisado, pela primeira vez, por cânticos homofóbicos em Vasco x São Paulo, em São Januário, porque a torcida vascaína se referia aos jogadores são-paulinos como “time de viado”.³¹ O árbitro Anderson Daronco advertiu jogadores e técnico vascaínos para pedirem à torcida que parassem com os gritos LGBTfóbicos, cena presenciada por um dos autores deste trabalho.³² Depois desse episódio, o Vasco realizou uma série de ações para combater a LGBTfobia nos estádios, como veremos à frente. Em 2022, casos de LGBTfobia superaram outros temas em julgamentos do Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) (Resende, Rodrigues, 2022).³³ No mesmo ano, a CBF fechou parceria com o coletivo Canarinhos LGBTQ, criado em 2019 com o intuito de denunciar e combater as violências sofridas por pessoas LGBTQIAPN+ no futebol, nas redes sociais e nas ruas.³⁴

O futebol está inserido na ideia do consumo como status e hierarquização, porque seleciona o público³⁵: só vai torcer/consumir quem pode pagar, tema que está em evidência no futebol brasileiro, com preço dos ingressos subindo acima da inflação em 12 clubes da série A do Campeonato Brasileiro.³⁶ Mary Douglas e Baron Isherwood definiram que “a escolha dos bens cria continuamente certos padrões de discriminação, superando ou reforçando outros”.³⁷ Com a perspectiva de que os bens são produzidos culturalmente, os autores afirmam que, por isso, “são arranjados em

³⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DC49hB8JXwU/>.

³¹ ÁRBITRO paralisa jogo em São Januário após gritos homofóbicos. Disponível em: <https://abrir.link/IMyZZ>.

³² Marcelo Alves de Resende estava nas arquibancadas sociais de São Januário. Assim que houve a paralisação, os torcedores demoraram a entender o alerta do árbitro, ou seja, demoraram a entender a LGBTfobia dos gritos, naturalizada no futebol, até a sinalização de jogadores e técnico vascaínos.

³³ Disponível em: <http://bit.ly/418cviz>.

³⁴ Site do coletivo: <https://canarinhoslgbtq.com.br/>.

³⁵ MASCARENHAS. O direito ao estádio.

³⁶ BARROS. Está mais caro ver o jogo do seu time no Brasileirão? Checamos. Disponível em: <http://bit.ly/45UmvC>.

³⁷ DOUGLAS; ISHERWOOD. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*, p. 114.

perspectivas e hierarquias que podem dar espaço para a variedade total de discriminações de que a mente humana é capaz”.³⁸ Discrimina-se quem não pode pagar com a exclusão, privilegiando alguns perfis de torcedores em alguns dos atuais programas de sócio-torcedor dos clubes brasileiros.³⁹ O futebol é uma plataforma interessante para entendermos a sociedade de consumidores que põe os pobres como inúteis e descartáveis.⁴⁰ O protagonismo do futebol é do torcedor-consumidor nas arquibancadas, na qual a figura do pobre, que não possui meios para consumir, não é bem-vinda, assim como ocorre na sociedade de um modo geral: “Os pobres são desnecessários, e, portanto, indesejados”.⁴¹ Daí, permite-se pensar os motivos que levaram à mudança física dos estádios que se transformaram em arenas: os espaços populares e “a geral” sem assentos do passado dão lugar a cadeiras numeradas para o torcedor-consumidor que “exige” um estádio mais “ordenado”, dificultando o aparecimento de torcedores que fogem do padrão comportado das arenas, produto da elitização dos estádios.⁴²

Seja por questões sociais⁴³ ou por preconceito contra quem foge dos padrões idealizados de masculinidade, determinados corpos estão sendo excluídos das arquibancadas, fazendo do futebol um ambiente antidemocrático ao reiterar uma perspectiva única de consumo e jeito de torcer. Assim, delineia-se um modelo de torcedor ideal que obedece aos seguintes parâmetros: homem, heterossexual, branco e de classes mais abastadas.⁴⁴ No entanto, existem maneiras de burlar as regras previamente estabelecidas pelo discurso hegemônico, o que torna o trabalho sobre Nando Gald ainda mais instigante para verificar como o torcedor-influenciador do Vasco conseguiu ganhar visibilidade no futebol e frequentar as arquibancadas de São Januário sendo gay afeminado e um jovem negro oriundo do subúrbio do Rio de Janeiro.

³⁸ DOUGLAS; ISHERWOOD. *O mundo dos bens*, p. 114.

³⁹ Quem não se torna sócio-torcedor dificilmente consegue ir aos jogos porque os bilhetes tendem a esgotar antes de as vendas chegarem ao público geral. São diferentes planos que garantem a preferência, de acordo com o valor pago, na compra dos ingressos por ondas de liberação. Quem paga mais está na primeira onda de ingressos liberados, e assim por diante. A depender do plano, você paga para garantir apenas descontos na compra dos ingressos.

⁴⁰ BAUMAN. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*, p. 158-61.

⁴¹ BAUMAN. *Vida para consumo*, p. 158-61.

⁴² SIMÕES. *A produção do clube*, p. 217-8.

⁴³ MASCARENHAS. O direito ao estádio.

⁴⁴ MARTINI; CARNEIRO. IBGE: Brancos ganham 64% a mais que pretos e pardos. Caderno Brasil. 6 dez. 2023. Disponível em: <http://bit.ly/4mPGggy>.

NANDO GALD: “RESPEITA A MINHA HISTÓRIA”

Fernando Galdino tem 31 anos e é morador de Santa Cruz, bairro da zona oeste do Rio de Janeiro. Negro e membro da comunidade LGBTQIAPN+, o hoje torcedor-influenciador é lido, em nossa cultura, pelo que se chama de gay afeminado, o homem que possui a performatividade da feminilidade. Vimos anteriormente como a feminilidade é subjugada dentro e fora do futebol a partir da binaridade e a performatividade exigida dos indivíduos de acordo com o seu sexo. Os ideais da masculinidade hegemônica questionam o gay afeminado como um homem que abdica das suas características “naturais” de braveza, virilidade, macheza (etc.), subalternizando-o por representar o feminino: “A reafirmação da identidade masculina, em detrimento à identidade feminina, aparece como aspecto positivo e superior, reforçando a própria dominação de gênero, com a heteronormatividade e a misoginia.”⁴⁵

Nando Gald, como é conhecido, também é *drag queen*: chama-se Katrina, que, segundo ele, é para colocar a própria feminilidade para fora.⁴⁶ Nando Gald representa aquilo que é rejeitado pelo futebol masculino elitizado e sob padrões da masculinidade hegemônica, conceito definido por Connel e Messerschmidt como “a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens”.⁴⁷ Uma hegemonia que ascende por meio da cultura, das instituições e da persuasão que subalterniza performatividades diferentes do homem viril, forte, bruto etc.

Torcedor do Vasco desde criança,⁴⁸ sentimento que surgiu a partir de seus pais, Nando Gald revelou, em entrevista ao *ge.com*, que sempre teve receio de ir aos jogos do Vasco, de estar em São Januário ou no Maracanã: “ficava com medo de gritar, de me expressar, de torcer. Com minha voz, toda garota, torcer do meu jeito chocava muito. Eu ia, mas ficava sentadinho, no meu canto. Para mim tudo é muito novo”.⁴⁹ A

⁴⁵ MELO; SANTOS. “Discreto, sigiloso, não afeminado”: representações identitárias e heteronormatividade no aplicativo de relacionamentos Grindr, p. 260.

⁴⁶ RIBEIRO. Gay, *drag queen* e torcedor do Vasco: respeite a história de Nando Gald.

⁴⁷ CONNEL; MESSERSCHMIDT. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito, p. 245.

⁴⁸ Disponível em: https://www.instagram.com/p/DBBy4gUOf55/?img_index=1.

⁴⁹ RIBEIRO. Gay, *drag queen* e torcedor do Vasco.

expressão “toda garota” associa-se ao feminino e ao estranhamento por Nando Gald ser homem com atributos sociais designados como características femininas. Com o receio de sofrer alguma violência, Nando Gald era reprimido e silenciado pelo ambiente LGBTfóbico do futebol.

Técnico de enfermagem de formação, Nando Gald trabalhava na área⁵⁰ e, ao mesmo tempo, já mantinha um perfil no Instagram – a primeira postagem é de maio de 2013, quando era um perfil pessoal com postagens de círculo íntimo. Em janeiro de 2023, o então técnico de enfermagem chegou aos 10 mil seguidores na rede social.⁵¹ Em janeiro de 2024, já havia chegado a 150 mil.⁵² Essa notoriedade foi conquistada, a partir do humor, com conteúdos marcados por uma sequência em que encena gestuais tipicamente atribuídos à masculinidade hegemônica, como braveza e virilidade, para em seguida se apresentar como o gay afeminado entoando o bordão “Respeita a minha história”. Destacamos uma postagem de 2 de junho de 2024,⁵³ cuja legenda é “Pensou que era um marginal neh safada, respeita a minha história em (sic)”, com emojis de sorrisos, ilustrando uma sequência de fotos em que Nando está em cima de uma motocicleta, veículo que faz parte da ideia predominante sobre o que é ser homem. A palavra marginal conota bandido, criminoso. Associada à cara fechada e emburrada de Nando Gald na postagem, interpreta-se a ideia de ruindade e braveza, características socialmente atribuídas à masculinidade hegemônica. Nando também brinca com os limites de performatividade de gênero em meio à torcida do Vasco em São Januário – como vimos, os estádios de futebol são um aparato da masculinidade hegemônica. Conforme passamos as fotos para o lado, no chamado carrossel (uma das possibilidades de postagem do Instagram, quando o usuário publica fotos e/ou vídeos numa mesma publicação), Nando vai mudando a performatividade “masculina” para a “feminina”, jogando com os padrões de nossa cultura, afirmando-se como um gay afeminado, no qual se relaciona o bordão “Respeita a minha história”.

⁵⁰ Em postagem de fevereiro de 2023, Nando Gald agradece por voltar a trabalhar na sua área de formação. Disponível em: <http://bit.ly/4mJf031>.

⁵¹ A marca foi comemorada por Nando Gald em postagem no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CnP4QcKqzKg/?igsh=ZTJkaHVyaGduZnVi>.

⁵² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C2azuh0r0Rs/?igsh=ZHIyem93bHFnMmJi>.

⁵³ Disponível em: <https://abrir.link/kTNLb>.



Fig. - Transição Nando Gald de performatividade "masculina" para "feminina" em São Januário. Fonte: Instagram Nando Gald (@nandogald), 2024.

Se Butler⁵⁴ afirma que não existe identidade de gênero por trás das expressões de gênero e que a identidade é performativamente constituída socialmente, Nando Gald constrói a própria identidade ao ser um homem gay afeminado. O vascaíno é a personificação da definição de Butler ao desnaturalizar a ideia de gênero e sexo: se é possível definir um homem como masculino, também o será ao pensar como legitimamente feminino.

O conteúdo de Nando Gald também conta com a “Sereia de Urucânia”, personagem que o torcedor-influenciador se veste de sereia com o nome em referência ao conjunto habitacional onde mora no bairro de Santa Cruz. Num vídeo publicado em 13 de novembro de 2024,⁵⁵ Nando está trajado de sereia e camisa do Vasco com uma

⁵⁴ BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 56

⁵⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DCUNfa6uWkE/>.

narração que destaca os dois metros de altura do vascaíno, a calda de sereia, os óculos de “marginal” e a cabeça loira, atributos que, segundo o narrador, é o “Messias que veio para salvar a humanidade”,⁵⁶ referenciando um gay afeminado vestido de sereia como um super-herói pronto para libertar a humanidade de seus males, sejam quais forem. Os elementos do vídeo dialogam com o contexto do subúrbio carioca: os óculos e o cabelo descolorido, por exemplo, são associados ao jovem negro favelado, carregando consigo todos os estereótipos a respeito de quem vive à margem dos padrões sociais, com a pecha de “bandidinho”.

Nando Gald se tornou um torcedor-influenciador do Vasco de maneira despretensiosa a partir da leitura de seu perfil no Instagram. Em 25 de fevereiro de 2024, Nando publicou uma foto na qual aparece, ao lado do pai, vestindo uma camisa do Vasco tendo à sua frente uma mesa com um bolo decorado com símbolos vascaínos.⁵⁷ Muitos comentários nessa postagem fazem referência ao fato de Nando ser torcedor do CRVG. Um deles dizia: “Genteeeeemmm... o bandidao ainda é vascaíno, agora ganhou mais meu respeito uai... REXXXXPEITEM A MINHA HISTÓRIA!”. O “bandidao” é a referência à cara fechada, o que seria de um “marginal”, como vimos anteriormente. Depois, Nando se solta – ou desarma, como ele mesmo diz – ao fazer poses entendidas como femininas e de gay afeminado. O bordão do influenciador também é destacado. Após a repercussão da postagem, os pais de Nando Gald, que antes estavam com medo, levaram-no ao estádio. Nando conta que ficou impressionado com o que se deparou nos arredores de São Januário e nas arquibancadas, sendo reconhecido e aclamado por diferentes tipos de torcedores.⁵⁸

Nando Gald diz que recebe torcedores nas arquibancadas que afirmam que ele é uma referência, dando apoio e pedindo para que continue.⁵⁹ Dois bordões são frequentemente usados pelo torcedor-influenciador: “Respeita a minha história” e “Aqui é Vascão”. O primeiro se relaciona com um processo empreendido pelo clube da construção e reforço de uma memória calcada na valorização de sua trajetória vinculada à inclusão de negros e operários no futebol durante a década de 1920. O segundo bordão, de acordo com o próprio Nando, é uma forma de se posicionar para além de “uma

⁵⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DCUNfa6uWkE/>.

⁵⁷ Disponível em: https://www.instagram.com/p/C3yPF-yOLHU/?img_index=1.

⁵⁸ RIBEIRO. Gay, *drag queen* e torcedor do Vasco.

⁵⁹ RIBEIRO. Gay, *drag queen* e torcedor do Vasco.

gay fazendo palhaçada na internet”.⁶⁰ É para reforçar que ele possui uma história, uma luta e uma trajetória própria enquanto homem gay afeminado, sabendo-se que vivemos em um dos países em que mais se mata indivíduos LGBTQIAPN+.⁶¹ Trata-se de uma faceta que torna viável aproximarmos a atuação de Nando Gald como sujeito político e do ativismo: “a existência política nasce de uma posição de sujeito que luta. Uma posição de sujeito que nasce de uma decisão voluntária, estratégica, conjuntural a partir de uma situação de opressão e injustiça dada”.⁶²

O próprio Vasco postou um vídeo de Nando Gald fazendo a chamada para uma partida do Campeonato Carioca. A publicação chegou a mais de 2,2 milhões de visualizações e a mais de 113 mil curtidas.⁶³ Em março de 2024, Nando foi convidado pelo clube para ir ao gramado do Maracanã. Assim como acontece em jogos em São Januário, ele também foi celebrado pelos torcedores.⁶⁴ O clube também convidou o torcedor-influenciador para a sua festa de aniversário de 126 anos, comemorados em agosto de 2024.⁶⁵ O fato de o Vasco por Nando Gald em sua página oficial demonstra que o clube de algum modo apoia ter sua imagem vinculada a de Nando Gald, o que também se relaciona a questões de ordem mercadológica.

Nando possui patrocínio de uma marca de apostas esportivas e realizou trabalhos para o canal de streaming CazéTV. Nando Gald conquistou visibilidade e foi condecorado com o prêmio “Orgulhe-se” da Câmara Municipal de Nilópolis,⁶⁶ cidade da região metropolitana do Rio de Janeiro. A sua atuação nas redes lhe permitiu essa projeção e reconhecimento, o que nos leva a fazer uma discussão sobre a cultura do influenciador digital, que, segundo Issaaf Karhawi, implica o poder de influenciar outros, detentor de certa legitimidade.

Os influenciadores digitais fazem parte de um espaço social de relações marcadas por disputas pelo direito à legitimidade. Assim, “ser influente”, poder dizer algo, ter legitimidade em um campo não é fato dado, mas construído. Para ser capaz de influenciar, em alguma medida, um grupo

⁶⁰ RIBEIRO. Gay, *drag queen* e torcedor do Vasco.

⁶¹ BRASIL é o país que mais mata pessoas trans pelo 15º ano consecutivo. IG Queer, 8 jan. 2024. Disponível em: <https://abrir.link/gzlglt>.

⁶² VIDARTE. *Ética bixa: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ*, p. 61.

⁶³ Disponível em: <https://www.instagram.com/vascodagama/reel/C4TqKS3vKKw/>.

⁶⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C4hD9kGlX1H/>.

⁶⁵ Disponível em: https://www.instagram.com/p/C-_HMSOP-M6/.

⁶⁶ Disponível em: https://www.instagram.com/nandogald/p/C9Ar67aO_QX/?img_index=1.

de pessoas, pressupõe-se um destaque, prestígio; algum tipo de distinção em meio ao grupo.⁶⁷

Nando Gald dá entrevistas, aparece em páginas da torcida do Vasco, faz campanhas para marcas.⁶⁸ Ações que lhe conferem legitimidade, mesmo num esporte que exige a performatividade masculina e heteronormativa como o futebol. Karhawi⁶⁹ define que os influenciadores formam a própria imagem como marca, monetizando-a, e atuam como veículos de mídia para engajar nichos de consumidores. Os seguidores de Nando Gald consomem sua imagem e o que ela representa na mídia.⁷⁰ No caso do vascaíno, inicialmente o público LGBTQIAPN+ e, após se revelar torcedor do clube, a esfera Vasco com a produção de conteúdos temáticos. Porém, cabe nos indagarmos os motivos que permitiram a Nando Gald ter conseguido “furar a bolha” e se tornar um torcedor-influenciador de um clube de futebol, esporte que impõe uma série de obstáculos à participação de indivíduos e grupos que não se identificam com a masculinidade viril. Existem coletivos LGBTQIAPN+ que restringem a sua atuação às redes sociais, sem conseguir se fazer presente nos estádios, justamente por uma realidade preconceituosa, como aconteceu com a Palmeiras Livre. A novidade, neste caso, é que Nando Gald conseguiu se fazer presente nas arquibancadas e como indivíduo, sem estar associado a coletivos, embora ele se reconheça como um corpo político que contribui para a transformação na cultura do torcer. Em evento realizado pelo Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (Leme), da Uerj, Nando Gald revelou que ficou surpreso por encontrar leques – ligados à feminilidade em nossa cultura – sendo vendidos na porta de São Januário,⁷¹ o que passou a acontecer após se tornar torcedor-influenciador do clube.

Em seu livro sobre a história da Coligay, Luiza Aguiar dos Anjos⁷² analisa uma série de fatores que permitiram que uma torcida gay fosse constituída num estádio de

⁶⁷ KARHAWI. *Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão*, p. 55.

⁶⁸ Somente em 2024, Nando fez trabalhos para Betfair (casa de apostas e patrocinadora atual do influenciador), Globoplay, SUS, Rexona, Netflix, Riocard Mais, Águas do Rio, Shopee, Vichy, Corona, BRT, Old Spice. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DEPx8_6gle2/.

⁶⁹ KARHAWI. *Influenciadores digitais*, p. 42.

⁷⁰ KARHAWI. *Influenciadores digitais*, p. 42.

⁷¹ NANDO GALD. Fala no evento 100 anos da Resposta Histórica: antirracismo e antilgbtobia no futebol, realizado pelo Leme, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em novembro de 2024.

⁷² ANJOS. *Plumas, arquibancadas e paetês*, p. 37.

futebol durante a última ditadura civil-militar brasileira. A autora percebe uma ambiência favorável para o sucesso da torcida gay do Grêmio a partir de 1978: mudança de costumes com maior circulação de pessoas LGBTQIAPN+ nos espaços públicos ou meios culturais e intelectuais, a contracultura, a ascensão das individualidades, uma maior movimentação social no fim da ditadura, presença do jornal *Lampião da Esquina* com pautas exclusivas para o público gay. Dentro da ambiência esportiva, destaca-se a característica de liderança da Coligay nas arquibancadas do Grêmio, o fato de o clube vencer e a ideia de “são bichas, mas são nossas”: a ênfase na demonstração de pertencimento clubístico, como sendo fatores fundamentais para a criação da torcida. O ser Grêmio vinha antes da sexualidade. Ou seja, um conjunto de elementos que se contrapõe ao aparato estatal e à sociedade conservadora. Para Anjos, o fato de a Coligay ter surgido antes da epidemia de Aids é um ponto a ser considerado, além de ter sido uma torcida gay em Porto Alegre, fora do eixo Rio-São Paulo, onde já havia a ascensão das torcidas jovens.⁷³ O amor ao Grêmio se soma a uma estética alegre e diferente com as plumas, os paetês, os gritinhos. Além disso, ressalta-se a necessidade de constante negociação com os códigos comuns do torcer. É válido lembrar também que atividade da Coligay se dá em um momento de redemocratização do país. Havia, portanto, uma espécie de “fórmula perfeita” que tornou viável a criação da Coligay e sua frequência, pelo menos durante um tempo, nas arquibancadas.⁷⁴

Podemos pensar a mesma ideia de ambiência para Nando Gald no contexto do Vasco em 2024. O influenciador é um homem negro e gay que já tinha cerca de 200 mil seguidores antes de ter a sua relação ligada ao clube – já possuía uma base de fãs, ponto importante para a sua inserção no contexto do CRVG. Nos últimos anos, o Vasco reforçou a própria imagem como um clube ligado a pautas sociais, a partir do posicionamento histórico em 1924 ao recusar a se desfazer de seus jogadores negros e operários.⁷⁵ Atualmente, dentro de São Januário, na fachada das cadeiras sociais, em frente às câmeras de TV, há os dizeres “O legítimo clube do povo”. O Vasco tem o Colégio Vasco da Gama dentro de São Januário, onde estudam os jogadores das divisões de base – isso não é comum no futebol –, valorizando a formação pedagógica

⁷³ Em entrevista ao Laboratório de Comunicação e Consumo (LACON/UERJ), Luiza Aguiar dos Anjos abordou os detalhes do livro. Disponível em: <https://abrir.link/BXDem>.

⁷⁴ ANJOS. *Plumas, arquibancadas e paetês*, p. 37

⁷⁵ RESENDE. *7 a 1 nos jornais do Brasil*, p. 31.

de seus atletas para além da questão esportiva. O colégio é um orgulho no ecossistema do Vasco e referência no futebol brasileiro.⁷⁶ O CRVG tem implementado a narrativa que valoriza a memória, tanto do clube como sucesso esportivo quanto pela defesa da causa popular, por meio da venda de camisas e objetos, da comunicação no estádio e nas redes sociais, do apoio a eventos sobre os Camisas Negras e a Resposta Histórica.⁷⁷ Na campanha que celebrou os 100 anos do time dos Camisas Negras, o clube usou termos e frases como “igualdade sem distinção”, “esperança de um amanhã melhor”, “construção de um futuro junto” e “vencer a desigualdade”. Referências que fazem parte do lema “Respeito, Igualdade e Inclusão”,⁷⁸ usado pelo Vasco e pela torcida⁷⁹ e pelo próprio Nando Gald e o bordão “Respeita minha história”. É sobre o jeito dele de torcer e pela história do Vasco, que vive momentos esportivos difíceis, mas com uma história vencedora. O clube também dedica um espaço em São Januário para torcedores autistas conseguirem assistir aos jogos.⁸⁰

Na causa LGBTQIAPN+, desde a paralisação do jogo entre Vasco e São Paulo por cânticos homofóbicos em 2019, o Gigante da Colina realizou campanhas para a conscientização de sua torcida. Em junho de 2021, o CRVG lançou, de forma inédita, a camisa branca com a tradicional faixa transversal nas cores do arco-íris, em apoio à comunidade LGBTQIAPN+. Não houve unanimidade entre os jogadores que na época atuavam no clube: o zagueiro Leandro Castán, querido pelos torcedores, fez uma publicação de cunho religioso, no Instagram, colocando-se contrário à decisão do clube sobre o uso da camisa. Tempos depois, Castán admitiu que o seu posicionamento mudou a relação dele para pior com a torcida.⁸¹ Mesmo assim, o clube manteve a estreia da camisa diante do Brusque, em São Januário. Na ocasião, o Vasco

⁷⁶ REIS. Ex-alunos famosos, pausa na aula para ver a Champions e didática esportiva: os 20 anos do Colégio Vasco da Gama. GE.com, Rio de Janeiro, 23 abr. 2024. Caderno Vasco. Disponível em: <https://abrir.link/uECfd>.

⁷⁷ O time do Vasco campeão carioca de 1923, que possuía jogadores negros e operários, ficou conhecido no futebol como “Camisas Negras”. Em 1924, clubes como Botafogo, Flamengo, Fluminense e América, compondo Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (Amea), exigiram que o Vasco retirasse os jogadores pobres e negros de sua equipe. O Vasco se negou em carta assinada por seu então presidente José Augusto Prestes, documento denominado como “Resposta Histórica”. Ver: MARCOLAN. “O profeta vascaíno”: a ascensão política de Eurico Miranda no Club de Regatas Vasco da Gama (1986-2001), 2024.

⁷⁸ Disponível em: <https://vasco.com.br/destaque/carta-aberta-respeito-igualdade-inclusao/>.

⁷⁹ Disponível em: <https://x.com/VascodaGama/status/1814374598474899584>.

⁸⁰ Disponível em: https://www.instagram.com/autistas_da_colina/

⁸¹ RESENDE. *A amarelinha é de quem? Narrativas midiáticas para o “dessequestro” da camisa da seleção brasileira de futebol*, 2024.

venceu por 2 a 1, com direito ao atacante Germán Cano levantar a bandeirinha de escanteio com o arco-íris na comemoração de um dos gols.⁸² Também em 2021, o Vasco lançou uma carta aberta na qual se colocava ao lado do combate à homofobia e à transfobia no futebol, sem a distinção de gênero e orientação sexual, com direito a um mosaico nas arquibancadas de São Januário com a palavra “Respeito” e as cores do arco-íris.⁸³ Em 2022, foi lançada a camisa preta com a faixa transversal nas cores do arco-íris com o lucro revertido para a Casa Nem, espaço de acolhimento LGBTQI-APN+ da cidade do Rio de Janeiro.⁸⁴ No mesmo ano, em junho – mês do combate internacional contra a LGBTfobia –, o clube organizou um protesto em outro jogo em São Januário em apoio à causa LGBTQIAPN+⁸⁵ com direito a fogos nas cores do arco-íris e funcionários com camisas LGBTQIAPN+ do Vasco. A torcida confeccionou bandeiras nas cores do arco-íris para tremular nas arquibancadas, tais quais as dos ídolos, de torcidas organizadas etc. Em 2022, o Vasco também lançou um manifesto que contou com o apoio e a assinatura de todas as torcidas organizadas que se fazem presentes em São Januário ou no Maracanã, um manual de conduta ética que repudia a discriminação de gênero e orientação sexual no futebol.⁸⁶

Ações que demonstram, naquele momento, uma atuação conjunta entre clube e torcida na luta contra a LGBTfobia no futebol. No entanto, é importante ressaltar que foram iniciativas no mês de junho, o do orgulho LGBTQIAPN+. As próprias bandeiras LGBTQIAPN+ do Vasco não aparecem mais com frequência nos jogos de São Januário. Importante que as ações do Vasco, e de outras agremiações, se deem ao longo do ano inteiro, não apenas em datas comemorativas, além de pautar outros clubes, federações e CBF para realizar um trabalho conjunto em favor do combate à LGBTfobia e a outras opressões contra minorias, em defesa do futebol popular.

⁸² CANO levanta bandeira do arco-íris em comemoração de gol do Vasco e leva cartão amarelo. Disponível em: <https://abrir.link/uPmAe>.

⁸³ VASCO monta mosaico em São Januário e lança manifesto contra homofobia e transfobia; leia na íntegra. Disponível em: <https://abrir.link/nsNNi>.

⁸⁴ VASCO lança camisa LGBTQIA+ e lucro será revertido para lar de acolhimento. Disponível em: <https://abrir.link/yMObz>.

⁸⁵ VASCO entra em campo com fogos nas cores da bandeira LGBTQIA+. Disponível em: <https://abrir.link/QWHDI>.

⁸⁶ CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA. Carta aberta: respeito, igualdade, inclusão. Rio de Janeiro, 12 jun. 2022. Disponível em: <https://abrir.link/zpHzD>.

“NÃO VOU MUDAR A MINHA FORMA DE TORCER”

Da mesma maneira que a ambiência do Vasco em 2024 permitiu a ascensão de um torcedor negro LGBTQIAPN+, com a performatividade divergente das expectativas em relação à masculinidade, também existe o outro lado formado de ofensas, violências, ameaças e tudo aquilo que a heteronormatividade masculina busca enquadrar ao seu *modus-operandi*, a partir de uma sociedade binária (homem e mulher) que hierarquiza os corpos. Em 19 de julho de 2024, no mês seguinte à celebração do Orgulho LGBTQIAPN+, Nando Gald denunciou, em seu Instagram, as ofensas LGBTQifóbicas, ao publicizá-las em vídeo.

Aproveitamos a análise de conteúdo como metodologia, pelo viés qualitativo, para analisar o referido vídeo de Nando Gald. Os autores Rafael Cardoso Sampaio e Diógenes Lycarião⁸⁷ reconstituem a ideia sobre a análise de conteúdo ser exclusivamente um método quantitativo ou qualitativo. Eles preferem as definições de autores que consideram legítimas o uso da análise de conteúdo para pesquisas qualitativas. A partir dessa visão que esta pesquisa se baseará ao mostrar que a análise de conteúdo pode ser aplicada de diferentes maneiras: descrever tendências no conteúdo da comunicação; identificar as intenções e outras características da comunicação; traçar o desenvolvimento de conhecimento; refletir sobre atitudes, interesses e valores (padrões culturais) de grupos da população. No contexto da comunicação, os autores identificam os usos para descrever características manifestas da comunicação (quem, o quê, como); fazer inferências dos antecedentes da comunicação (por que algo é dito?); fazer inferências das consequências da comunicação (efeitos do que é dito).⁸⁸

Análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa científica baseada em procedimentos sistemáticos, intersubjetivamente validados e públicos para criar inferências válidas sobre determinados conteúdos verbais, visuais ou escritos, buscando descrever, quantificar ou interpretar certo fenômeno em termos de seus significados, intenções, consequências ou contextos.⁸⁹

⁸⁷ SAMPAIO; LYCARIÃO. *Análise de conteúdo categorial*, p. 17.

⁸⁸ SAMPAIO; LYCARIÃO. *Análise de conteúdo categorial*, p. 21.

⁸⁹ SAMPAIO; LYCARIÃO. *Análise de conteúdo categorial*, p. 17.

O vídeo contém cinco minutos e treze segundos, obteve mais de 719 mil visualizações, 71 mil curtidas, 11,3 mil comentários e quase 5,5 compartilhamentos no Instagram, de acordo com números fornecidos pela própria plataforma. Ao contrário de outras publicações, não existe humor, característica marcante do influenciador: Nando Gald está com o semblante sério (diferente daquele usado para performar masculinidade) e triste. O torcedor-influenciador do Vasco aparece sozinho trajando uma camisa do clube, cujo símbolo é a mão negra fechada do antirracismo, com os dizeres “Respeito, Igualdade e Inclusão”. Nando Gald está de frente com a câmera, que está posicionada na altura de seu rosto, representando uma conversa e um canal de diálogo direto com o seu público. Na categoria visual, portanto, Nando (emissor) consegue comunicar a seus seguidores (receptores) que o assunto do vídeo é um tema diferente do que ele aborda cotidianamente e ativa o ecossistema vascaíno e as pautas sociais de inclusão implementadas pelo clube. Na categoria áudio, Nando inicia a sua fala – após a reprodução das mensagens preconceituosas – com um tom de voz sereno ao dizer que “não vai ficar calada” e que precisa “colocar para a fora” sobre o teor das mensagens que tem recebido. Nando Gald ressalta que não quer se vitimizar, mas que precisou publicar aquele vídeo porque, segundo ele, “está maçante” devido à quantidade de ofensas LGBTfóbicas e até racistas que têm recebido. Com o andar do vídeo, aumenta a entonação ao falar que não vai deixar de ser quem é.

Nando Gald inicia o vídeo reproduzindo duas mensagens recebidas de dois homens.

Mano, para de usar a camisa do Vasco quando for fazer essas graças aí de... Entendeu? Já imitando homossexual, essas coisas... Pô, tá louco. A gente já sofre demais, mano. A mídia já não... já é contra... É todos contra a gente, mano. Entendeu? E daí... Pega, não tem mais isso aí, pô. Tá louco, os caras ficam de chacota com a nossa cara por conta disso. Eu sou vascão também, assim como você... Como você deve ser, né? Mas, pô... Tá louco pra ir aguentando chacota dos caras na rua, mano. Minha parada não é nada contra você não, entendeu? Só é na hora que você veste o manto... Por mais que fale essas coisas aí, pô. Tá louco.

O que o pessoal tá falando aqui? Não tem nada contra você, entendeu? Nem é intriga, nem nada... Não quero com ninguém. Mas, pô... Tá num grupo de futebol, de boleiro... De jogador de final de semana... Os caras mandam figurinha, mandam vídeo seu. Tá louco, mano. É, tipo, meio que enfeia, né? A história do Vasco, pô. Tá louco.⁹⁰

⁹⁰ Disponível em: <https://abrir.link/dRAwL>.

As ofensas demonstram que a performatividade de Nando Gald, que fica “imitando homossexual”, é compreendida como “chacota” de outros homens torcedores de times rivais. A palavra “chacota” é apresentada como negativa, colocando a homossexualidade e a feminilidade como inferiores ao ideal do macho. Os dois ataques sofridos por Nando Gald colocam o modo de torcer – e de ser – do influenciador como algo a ser combatido, uma vez que foge à performatividade⁹¹ masculina. Mulheres e indivíduos LGBTQIAPN+ – os “anormais” – estão socialmente à margem do centro – o “normal” – masculino heterossexual.⁹² São apresentados os discursos e valores presentes socialmente que legitimam apenas a heterossexualidade masculina como a forma de ser e agir nas relações. O fato de um dos agressores, que não tiveram suas identidades reveladas, dizer que Nando Gald imita homossexual demonstra como a masculinidade heteronormativa é vista como algo natural, sendo quaisquer formas divergentes dela como exagerado, forçado, bizarro e errado. O primeiro comentário questiona até se Nando Gald é vascaíno: “Eu sou vascaão também, assim como você... Como você deve ser, né?”.⁹³ Se Nando Gald performasse uma masculinidade viril, exigido por essa normatividade, dificilmente teria sua identidade enquanto homem e torcedor do Vasco questionada. O segundo apresenta um contrassenso ao discurso do próprio CRVG ao dizer que o jeito de torcer de Nando Gald enfiaria a história do clube, que se porta com o lema de “Respeito, Igualdade e Inclusão” em favor de causas sociais no futebol.

O teor das mensagens ofensivas ativa o currículo do torcer no futebol, que coloca a masculinidade heterossexual como referência.⁹⁴ As normas e a tradição são reforçadas para lembrarem a Nando Gald que ele não é bem-vindo no futebol. Uma pedagogia do torcer⁹⁵ que é reiteradamente ativada para evitar com que pessoas como Nando Gald se façam presentes nos estádios de futebol. No entanto, mesmo que o regramento masculino heteronormativo tente delimitar as maneiras de torcer, existirão aqueles que, por motivos variados, vão se negar a viver sob a opressão.

⁹¹ BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 55-6.

⁹² LOURO. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”, p. 44.

⁹³ Disponível em: <https://abrir.link/dRAwL>.

⁹⁴ BANDEIRA; SEFFNER. Pedagogias do futebol e do torcer, p. 26.

⁹⁵ BANDEIRA. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol, p. 344.

Outra potencialidade do conceito de currículo é a relação não causal entre seus alvos e seus resultados. Como todo percurso, “mesmo que existam regras, que se tracem planos e sejam criadas estratégias e técnicas, haverá aqueles e aquelas que rompem as regras e transgridem os arranjos. A imprevisibilidade é inerente ao percurso” (Louro, 2004, p. 16). O que os sujeitos fazem com os currículos nem sempre (ou quase nunca) corresponde exatamente ao que lhes é proposto ou apresentado, “nós somos o que nos tornamos, o que significa que podemos também nos tornar, agora e no futuro, outra coisa” (Silva, 2003b, p. 26). A irrupção, a incerteza e a imprevisibilidade talvez sejam as grandes potencialidades da relação entre currículo e masculinidade.⁹⁶

Na sequência da reprodução das ofensas, o torcedor-influenciador revelou que recebeu ofensas homofóbicas até em datas de conscientização contra a homofobia. Nando Gald também disse que, a partir daquele momento, irá processar aqueles que lhe ofenderem e que não vai moldar o jeito dele de torcer pelo incômodo de terceiros: “Em pleno século XXI, as pessoas estão incomodadas com a forma e o jeito de ser da pessoa”.⁹⁷ Nando Gald pede para os incomodados reverem onde está o problema, se é realmente ele ou os preconceituosos que o atacam. O torcedor-influenciador lembra que a instituição Vasco não vê problema no jeito dele de torcer. Embora não ver problema não seja um apoio direto, Nando Gald busca legitimar-se em cima das ações do CRVG, que, como dito, já o chamou para eventos e iniciativas para as redes sociais.

Na imagem, Nando Gald comunica a luta social do Vasco, porém, a fala não recupera essa memória do CRVG, focando mais em seu posicionamento enquanto corpo LGBTQIAPN+ presente no futebol que incomoda certos tipos de torcedores.⁹⁸ Nando Gald une os dispositivos de áudio e vídeo, complementando-os para comunicar a mensagem que deseja a quem o acompanha.

O vascaíno questiona, ainda, que não compreende os motivos de tanto discurso de ódio, já que bastava deixá-lo de seguir, dizendo que aprendeu que, se não gosta de algo, simplesmente não o consome, em vez de atacá-lo. Nando afirma que, a partir daquele vídeo, quaisquer ofensas recebidas sobre ser homossexual seria levada à justiça. Ao negar a imposição social de uma masculinidade heteronormativa, seja no futebol ou fora dele, Nando Gald se posiciona ao dizer que “eu não vou ficar me moldando por causa de uns e outros que estão incomodados da forma que eu

⁹⁶ BANDEIRA. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol, p. 345-6.

⁹⁷ Disponível em: <https://abrir.link/dRAwL>.

⁹⁸ Disponível em: <https://abrir.link/dRAwL>.

torço, da forma que eu grito, da forma que eu falo, entendeu?”.⁹⁹ O vascaíno entende o próprio jeito de torcer como algo legítimo nos estádios de futebol ao afirmar que não vai se calar e que vai continuar indo para os jogos do Vasco da Gama.

A atividade política é a que desloca um corpo do lugar que lhe era designado ou muda a destinação de um lugar; ela faz ver o que não cabia ser visto, faz ouvir um discurso ali onde só tinha lugar o barulho, faz ouvir como discurso o que era só ouvido como barulho.¹⁰⁰

Ao contradizer as ofensas recebidas e se posicionar que não vai deixar de ser quem é, Nando Gald coloca-se na trincheira pela defesa de si enquanto um corpo desviante para os padrões da masculinidade hegemônica, dentro e fora do futebol. Ao se enxergar como um corpo político, o torcedor-influenciador entende-se como um indivíduo capaz de modificar regras hegemônicas e excludentes do futebol, fenômeno que merece atenção nos próximos anos.

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

O torcedor-influenciador do Vasco revelou que torcedores LGBTQIAPN+, mais comidos e dominados pela lógica masculina e heteronormativa, chegam até ele nos estádios para pedir que continue com o próprio jeito de torcer.¹⁰¹ Em certa medida, existe uma demanda para que essa pedagogia do torcer que ainda se mostra forte no futebol seja repensada para que o esporte mais popular do país se torne democrático. Uma maneira de repensar o torcer exige o envolvimento de todos os atores do futebol, como jogadores, dirigentes, clubes, federações, CBF, imprensa etc. As campanhas sociais precisam deixar de serem lançadas de forma isolada em datas específicas. A predominância e exaltação de ideais de masculinidades calcadas na demonstração de virilidade, machismo e homofobia afeta o público futebolístico e a sociedade como um todo, afastando não apenas indivíduos como Nando Gald. Há homens e mulheres, sejam quais performatividades possuam, que rejeitam ir a estádios por causa dessa virilidade exigida no esporte, pela violência entre torcidas, além

⁹⁹ Disponível em: <https://abrir.link/dRAwL>.

¹⁰⁰ RANCIÈRE. *O desentendimento – Política e Filosofia*, p. 42-3.

¹⁰¹ RIBEIRO. Gay, *drag queen* e torcedor do Vasco.

de outros motivos, como a arenização e elitização do futebol brasileiro. Exemplo disso foi a briga entre torcidas de Santa Cruz e Sport, durante o Campeonato Pernambucano em fevereiro de 2025, que resultou no estupro de um torcedor. A subalternização, por meio da violência e pela condição de passivo, ligado à feminilidade. Enquanto o agressor representaria a masculinidade hegemônica, o viril, o ativo. Foram cenas que chocaram a opinião pública.¹⁰²

Em nota no X, no mesmo dia que o vídeo de Nando Gald foi divulgado, o Vasco saiu em defesa de Nando, e colocando-se contra o preconceito no futebol: “O Vasco da Gama, que carrega em suas raízes o Respeito, a Igualdade e a Inclusão, vem publicamente manifestar que repudiamos veemente qualquer tipo de ataque preconceituoso, inclusive ao torcedor @Nandogald”.¹⁰³ O clube também publicou que “Somos o time que abraça e acolhe todas as diferenças em nossa torcida, fazendo assim que sejamos o Legítimo Clube do Povo” (Club de Regatas Vasco da Gama, 2024).¹⁰⁴ Esse gesto seria pouco provável há um tempo. Entretanto, é necessário acompanhar como se darão os próximos passos de Nando Gald como um corpo divergente nos estádios de futebol, além de entender como ficarão as tomadas de decisões das instituições que controlam o futebol brasileiro para o acesso de pessoas LGBTQIAPN+ nos estádios. Como o Vasco vai trabalhar a pauta LGBTQIAPN+ nos próximos anos? Urge a necessidade do mapeamento de coletivos e torcidas LGBTQIAPN+ pelo país. Quantas torcidas existem? Frequentam os estádios ou ficam só nas redes sociais? Há algum tipo de diálogo com os clubes? Como é essa relação? Como a Canarinhos LGBTQ, que possui a parceria da CBF, se encaixa nesse contexto? A CBF, como organizadora do futebol brasileiro, propõe o quê? Esses entendimentos possibilitarão a chance de entender a realidade do futebol brasileiro – para que haja o enfrentamento ao preconceito – e a criação de políticas públicas pensando na população LGBTQIAPN+.

* * *

¹⁰² SOUZA, Beto. O que se sabe sobre briga envolvendo torcedores do Santa Cruz e Sport. Disponível em: <https://abrir.link/lSozh>.

¹⁰³ Disponível em: <https://x.com/VascodaGama/status/1814374598474899584>.

¹⁰⁴ Disponível em: <https://x.com/VascodaGama/status/1814374598474899584>.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, Luiza Aguiar dos. **Plumas, arquibancadas e paetês**: uma história da Coligay. Santos: Dolores Editora, 2022.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada. **“Eu canto, bebo e brigo... alegria do meu coração”**: currículo de masculinidades nos estádios de futebol. 2009. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 44, p. 342-51, 2010.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada. **Uma história do torcer no presente**: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de futebol. Curitiba: Appris, 2019.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Pedagogias do futebol e do torcer. In: BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. (Orgs.). **Pedagogias do futebol e do torcer**. Porto Alegre: Cirkula, 2024, p. 11-44.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BENITEZ DE MELO, T.; PIRES SANTOS, M. E. “Discreto, sigiloso, não afeminado”: representações identitárias e heteronormatividade no aplicativo de relacionamentos Grindr. **CSOnline**, n. 31, 2020.
- BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2010.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 25ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2023.
- CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241–282, 2013. DOI: 10.1590/S0104-026X2013000100014.
- CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA. **Carta aberta**: respeito, igualdade, inclusão. Rio de Janeiro, 12 jun. 2022. Disponível em: <https://vasco.com.br/destaque/carta-aberta-respeito-igualdade-inclusao/>.
- CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA. **O Vasco da Gama [...]**. Rio de Janeiro. 19 jul. 2024. X: @VascodaGama. Disponível em: <https://x.com/VascodaGama/status/1814374598474899584>.
- CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA. **Vamos juntos escrever os #Próximos100Anos de Glórias, Lutas e Vitórias**. Youtube: Vasco TV. 6 fev. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9iFrFv4bF8o>.
- CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA. **Torcida do Vasco assume protagonismo na luta contra a homofobia e transfobia**. Rio de Janeiro, 24 jun. 2024. Disponível em: <https://abrir.link/LsOme>.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rithschild Ed., Anpocs, 2007.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Tradução Plínio Dentzlen. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

Fonte: Twitter Nando Gald (@nandogald). Disponível em: <https://x.com/Nandogald/status/1848562335100686471>.

GALD, Nando. **Então, meu povo!** Rio de Janeiro. 19 jul. 2024. Instagram: @nandogald. Disponível em: <https://abrir.link/dRAwL>.

GALD, Nando. **Eu cheguei pra salvaaaaaar!!!!** Rio de Janeiro. 13 nov. 2024. Instagram: @nandogald. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DCUNfa6uWkE/>.

GALD, Nando. **Hoje é dia dele**. Me deu amor carinho. Agradeço a Deus por ter você em minha vida. Te amo. Feliz aniversário, meu Pai. 25 fev. 2024. Instagram: @nandogald. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C3yPF-yOLHU/?img_index=1.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de. O fim do Estádio-Nação? Notas sobre a construção e a remodelagem do Maracanã para a Copa de 2014. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela (Org.). **Futebol**: objeto das Ciências Humanas. São Paulo: Leya, 2014.

KARHAWI, Issaaf. **Influenciadores digitais**: conceitos e práticas em discussão. Comunicare, São Paulo, v.17, edição comemorativa, p. 46-61, 2017.

KARHAWI, Issaaf. Influenciadores digitais: o Eu como mercadoria. In: **Tendências em comunicação digital**, organizado por Elizabeth Saad e Stefanie C. Silveira, p. 38-58. São Paulo: ECA-USP, 2016.

LIVRE, Palmeiras. **TIME PERDE, LGBTI+fobia ATACA**. São Paulo. 27 dez. 2024. Instagram: @palmeiraslivre. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DC49hB8JXwU/>.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana. Prefácio a 9ª edição. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MASCARENHAS, Gilmar. O direito ao estádio. **Ludopédio**, São Paulo, v. 119, n. 12, 2019.

MORAES, Dênis de. Comunicação alternativa, redes virtuais e ativismo: avanços e dilemas. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura**, São Cristovão, v. 9, n. 2, 2011.

MORAES, Dênis de. **O ativismo digital**. Biblioteca Online de Estudos da Comunicação, 2001. Disponível em <
<https://pt.scribd.com/document/63666643/Denis-Moraes-O-Ativismo-Digital>.

PINTO, Maurício Rodrigues. **Torcidas queer e livres em campo**: sexualidade e novas práticas discursivas no futebol. Ponto Urbe, São Paulo, Brasil, v. 14, p. 1-12, 2014.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento**: política e filosofia. São Paulo: Editora 34, 1996.

RESENDE, Marcelo. **7 a 1 nos jornais do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Corner, 2024.

RESENDE, Isabelle; RODRIGUES, Cleber. Ações contra times de futebol por homofobia superam as de injúria pela primeira vez, diz STJD. 27 jul. 2022. Caderno de Esportes. Disponível em: <https://abrir.link/EcQFZ>.

RIBEIRO, Emanuelle. Gay, *drag queen* e torcedor do Vasco: respeite a história de Nando Gald. Ge.com. 28 jun. 2024. Caderno Vasco. Disponível em: <http://bit.ly/3HAnJpk>.

SAMPAIO, Rafael Cardoso; LYCARIÃO, Diogenes. **Análise de conteúdo categorial**: manual de aplicação. Coleção Metodologias de Pesquisa. Brasília: Enap, 2021.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão**: visitando jovens torcidas cariocas. São Paulo: Annablume, 2004.

SIMÕES, Irlan. **A produção do clube**: poder, negócio e comunidade no futebol. Rio de Janeiro: Mórula, 2023.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. Políticas e formas de torcer: novas faces do associativismo torcedor no Brasil. In: FISCHER, Thomas; Romy Köhler, Stefan Reith. (Org.). **Fútbol y sociedad en América Latina**. 1ª ed. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana-Vervuert, 2021, v. 27, p. 209-18.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Torcedores e o mercado de bens futebolísticos. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela (Org.). **Futebol**: objeto das Ciências Humanas. São Paulo: Leya, 2014.

VASCO monta mosaico em São Januário e lança manifesto contra homofobia e transfobia; leia na íntegra. O Globo, Rio de Janeiro, 27 jun. 2021. Disponível em: <https://abrir.link/nsNNi>.

* * *

Recebido em: 1º jun. 2025.
Aprovado em: 04 ago. 2025.

Da Caravela a São Januário: o antilusitanismo, o Vasco da Gama e a (re)construção da identidade portuguesa no Rio da Primeira República

From Caravels to São Januário: anti-lusitanism, Vasco da Gama and the
(re)making of portuguese identity in Rio during the First Republic

João Pedro Lima de Souza

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, Brasil
Mestrado em História Política e Sociedade, UERJ

André Nunes de Azevedo

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, Brasil
Doutorado em História Social da Cultura, PUC-Rio

RESUMO: O presente artigo investiga o antilusitanismo no Rio de Janeiro da Primeira República e o papel do Club de Regatas Vasco da Gama na (re)construção da identidade portuguesa na cidade. Partindo da análise de algumas fontes documentais, como atas, periódicos, festas, rituais e arquitetura, o estudo busca compreender como o clube transformou estigmas sociais em capitais simbólicos, articulando *portugalidade* e brasilidade. Sustentado por referenciais teóricos de Pierre Bourdieu e Max Weber, examina-se o Vasco como espaço de reconversão simbólica e de resistência cultural, capaz de articular herança lusa e integração na sociedade carioca. Conclui-se que a agremiação funcionou como ponte identitária, demonstrando que a cultura nacional se constrói como um mosaico inclusivo.

PALAVRAS-CHAVE: Vasco da Gama; Antilusitanismo; Portugalidade; Rio de Janeiro.

ABSTRACT: This article investigates the anti-Portuguese sentiment (*antilusitanism*) in Rio de Janeiro during the First Republic and the role of the Club de Regatas Vasco da Gama in the (re)construction of the Portuguese identity in the city. Based on the analysis of various documentary sources such as minutes, newspapers, festivities, rituals and architecture, the study seeks to understand how the club transformed social stigmas into symbolic capital, articulating *portugueseness* and *Brazilianness*. Grounded in the theoretical frameworks of Pierre Bourdieu and Max Weber, Vasco is examined as a space of symbolic reconversion and cultural resistance, capable of articulating Portuguese heritage and integration into Rio de Janeiro's society. The study concludes that the association functioned as an identity bridge, demonstrating that national culture was built as an inclusive mosaic.

KEYWORDS: Vasco da Gama; Anti-Portuguese Sentiment; Portugueseness; Rio de Janeiro.

INTRODUÇÃO

Durante a Primeira República, o Rio de Janeiro viveu intensas transformações sociais, políticas e culturais. Nesse contexto, os imigrantes portugueses, que representavam parcela substancial da população da Capital Federal, enfrentaram estigmatização e preconceito, sendo associados ao “atraso” pelas elites republicanas e eugénistas. Paralelamente, emergiram espaços de resistência cultural e de reconversão simbólica, que buscavam reposicionar o valor social desses indivíduos. Entre tais espaços, se destacou o Club de Regatas Vasco da Gama.

O presente artigo tem como objeto de estudo o papel do Vasco da Gama na (re)construção da identidade portuguesa no Rio de Janeiro da Primeira República. O objetivo é demonstrar como o clube, por meio de símbolos, rituais, celebrações e conquistas esportivas, se constituiu como instrumento de transformação de estigmas em capitais, atuando como espaço de afirmação e integração. Utilizamos como metodologia a análise histórica e de discurso, articulando fontes documentais (jornais, atas, eventos festivos e arquitetura) com o referencial teórico de Pierre Bourdieu (capitais simbólicos e culturais) e Max Weber (ação social e estratégias de legitimação).

O CONTEXTO SOCIAL DO RIO DE JANEIRO DA PRIMEIRA REPÚBLICA

A fundação do Club de Regatas Vasco da Gama, em 1898, ocorreu em um cenário marcado pelo impacto de uma série de transformações. A principal delas se encontra relacionada ao fim da escravidão em 1888, que abalou as bases da Monarquia e abriu caminho para a proclamação da República. A Lei Áurea fez o Imperador perder a sua base política de sustentação, historicamente postada nos latifundiários agroexportadores escravistas.¹ Com o fim da escravidão, uma grande leva de ex-cativos se deslocou de várias regiões de plantações escravistas como, entre outras, a região cafeeira da Zona da Mata mineira, a região canavieira do norte do estado do Rio de Janeiro e, principalmente, o Vale do Paraíba fluminense que, durante a maior parte do Oitocentos, se estabeleceu como o maior sítio cafeeiro do Brasil.² Esse contingente

¹ Sobre a constituição histórica desta base política tradicional do Império, ver: MATTOS. *O Tempo Saquarema: a formação do Estado Imperial*, 1986.

² Sobre o lugar de cafeeira do Vale do Paraíba e sobre os efeitos da sua decadência no Rio de Janeiro, ver: STEIN. *Grandeza e decadência do café no Vale do Paraíba*, 1961.

humano deixa a terra do seu cativeiro – local estigmatizado como lugar de sevícias e sofrimentos – rumo à cidade brasileira que então se apresentava como a urbe mais rica do país, seu principal centro comercial, de serviços, industrial e financeiro, além de ser a sede do principal porto do Brasil. A isso somou-se um imenso contingente de imigrantes, sobretudo portugueses, responsáveis por mais de 70% do ingresso de estrangeiros no período, que ultrapassaram a impressionante marca de 522.133 mil deslocados do exterior para a urbe carioca, embora o equivalente a cerca de um terço desse contingente de estrangeiros tenha saído do porto do Rio de Janeiro de volta ao seu local de origem. O aumento expressivo da imigração na primeira década republicana se deveu, sobretudo, às crises agrícolas dos países do sul da Europa, que se somou à necessidade de mão de obra após o fim do trabalho cativo no Brasil.³ Entre 1890 e 1906 a população do Rio disparou de 522 mil para 811 mil habitantes, um aumento de mais de 55% da população urbana da cidade em apenas 16 anos.⁴

De forma conjunta a essas transformações e com a explosão demográfica que delas adveio, uma série de problemas se avultaram na cidade, que passou a manifestar uma crise social sem precedentes, combinando uma disparada inflacionária e de custo de vida – decorrente da experiência republicana do Encilhamento – a uma crise habitacional sem precedentes. Mais do que nunca, na primeira década do novo regime republicano, o Rio de Janeiro passou a apresentar um imenso contingente de indivíduos em situação de rua, habitantes de cortiços, casas de cômodo e estalagens, todas em péssimas condições sanitárias. Essa realidade, naturalmente, potencializou os surtos de epidemias que flagelavam a cidade desde 1849. As condições de transportes públicos na urbe foram se tornando cada vez mais precárias, ineficientes e saturadas. As situações laborais também eram péssimas: não eram incomuns jornadas de 12 horas ou mais nas indústrias. No comércio, cumpria-se uma carga de trabalho extenuante, com expedientes de trabalho que muito comumente atingiam 16 horas ou mais de labor. Em meio a isso, as epidemias seguiram ceifando vidas em grande número, o que se verificou gravíssimo até o governo de Rodrigues Alves, que iniciou campanha de vacinação em massa, que só se concluiu em 1906.

³ Para uma especificação maior do quantitativo de deslocamento humano da imigração portuguesa no período em questão, ver: LOBO. *Imigração portuguesa no Brasil*, 2001.

⁴ Dados extraídos dos censos relativos ao período de 1890 a 1906. Ver: <https://abrir.link/RSAYi>. Consultado em 30 abr. 2024.

O Rio de Janeiro era, portanto, um imenso caos social na Primeira República. E esse quadro dantesco ainda encontrava hipérbole na repressão policial, uma constante na cidade, sobretudo por conta da Lei de Vadiagem, presente no novo código penal brasileiro que as elites do país se apressaram em aprovar, ainda no verbor da República, em 1890. Esse código, altamente punitivista à população de baixa renda, foi aprovado antes mesmo da promulgação da Constituição Nacional, em 1891. Isso fez com que as prisões fossem banalizadas, gerando uma explosão na taxa de encarceramento na Capital Federal. Para além disso, o índice de alcoolismo disparou na cidade, bem como os números de internações manicomiais, que foram de apenas 77 no último ano da Monarquia, em 1889, para 498 internações no ano seguinte, o primeiro da República, e elevou-se para o número de 5546 em 1898, um impressionante acréscimo de 1014% face ao ano de 1890.⁵ Considere-se ainda nesse quadro aterrador que a explosão no número de suicídios na primeira década republicana, o que nos dá nota do autêntico inferno social que a urbe carioca se tornou no alvorecer do novo regime.⁶

Em contraste com o crônico quadro de inferno social da classe trabalhadora no Rio de Janeiro, vemos situação totalmente diversa quando analisamos a realidade da elite brasileira na Capital Federal. Esta, endinheirada e sediada na cidade que era a capital do Brasil, ostentava um estilo de vida cosmopolita, vivenciando um fetichismo de consumo com as mercadorias que chegavam do Velho Continente pelo porto da cidade. O porto do Rio era, então, o maior do país em movimento geral e, sobretudo, em aportes de produtos importados, já que o porto de Santos, por força da economia cafeeira paulista, já havia ultrapassado o seu congênere carioca em exportações nos anos de 1893/1894.⁷

Havia, na elite da Capital Federal, um cosmopolitismo agressivo, baseado no consumo massivo de importados, símbolos de poder e distinção social face a negros, mestiços e imigrantes portugueses, gente simples do campo, que andavam sem camisa e descalços nas ruas da urbe. Os lusitanos eram vistos com desprezo, puxando a suas carroças como “burrinhos sem rabo”, como ficaram conhecidos os carroceiros

⁵ SEVCENKO. *A literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*, p. 86-7.

⁶ SEVCENKO. *A literatura como missão*, p. 87.

⁷ Cf. LAMARÃO. *Dos trapiches ao porto um estudo sobre a área portuária do Rio de Janeiro*, p. 143.

portugueses, que também atuavam nas ruas do centro como vendedores de perus de porta em porta, as aves em bando a os seguir pelas ruas, ou vendedores de leite, com as suas vacas leiteiras à mão, entre outras ocupações nas quais concorriam com a população negra em várias das profissões em que esses tradicionalmente atuavam no Rio de Janeiro.

Durante todo o período da Primeira República as elites da cidade viveram a febre do progresso⁸ e o sonho de uma civilização pautada no comportamento e padrões de consumo da burguesia urbana europeia, sobretudo a anglo-francesa. A demanda por se viver esse padrão exógeno de civilização em uma cidade como o Rio levou o prefeito Pereira Passos, um dos maiores entusiastas da ideia de civilização na cidade, a realizar eventos como a Batalha das Flores, realizado na Praça da República, antigo Campo de Santana, e a queima de fogos venezianos na praia de Botafogo.⁹

Tratava-se de uma elite não somente distante da realidade da maioria da população da urbe carioca, mas também indiferente e buscando distinção dos grupos subalternos do Rio de Janeiro, como meio de afirmar a sua dominação política sobre esses. Sentiam-se racialmente superiores a negros e mestiços, como também aos portugueses que, no horizonte eugenista¹⁰ desse grupo socialmente privilegiado, eram vistos como elementos de última extração do antigo continente, e associados ao atraso face a euforia do progresso que tomava conta dessa camada social. É como observa o historiador norte-americano Jeffrey Needell, quando aborda a elite da Capital Federal no período de sua Belle Époque: “Na Belle époque carioca, a fantasia de identificação europeia estava ligada à realidade de dominação da elite carioca. Este era o equivalente de um paradoxo maior – a realidade das relações neocoloniais do Brasil com o Atlântico Norte se ligando à fantasia de uma cultura franco-inglesa universal, à fantasia da civilização”.

⁸ Para um maior aprofundamento sobre a febre do progresso na Capital Federal, ver: NEVES. *As vitrines do progresso – o conceito de trabalho na sociedade brasileira na passagem do século XIX ao século XX: a formação do mercado de trabalho no Rio de Janeiro*, 1986.

⁹ Sobre essas e outras ações do prefeito Pereira Passos, ver mais especificamente o terceiro capítulo: AZEVEDO. *A grande reforma urbana do Rio de Janeiro: Pereira Passos, Rodrigues Alves e as ideias de civilização e progresso*, 2016.

¹⁰ Sobre o eugenismo no Rio de Janeiro, ver: SCHWARTZ. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*, 1993.

Tratava-se, portanto, de uma elite que não só nutria sentimentos de profundo desprezo pela raia miúda que ocupava as ruas da cidade, como, de modo particular, apresentava forte preconceito contra o elemento lusitano, chegando mesmo a fobia social desse grupo. Nesse ponto, vale notar que o Rio de Janeiro da Primeira República apresentou um número altamente expressivo de imigrantes portugueses. No censo de 1890, os portugueses apareciam com um contingente de cerca de 20% da população do Capital Federal.¹¹ Segundo a professora Eulália Maria Lahmeyer Lobo, entre 1903 e 1905, um terço da população da urbe carioca era de lusitanos,¹² uma relação de razão e proporção com a população do Rio de Janeiro jamais vista por nenhum outro grupo étnico, em nenhuma outra capital ou grande cidade brasileira.

Havia, por parte da elite republicana, um medo disseminado de um eventual retorno da Monarquia em um contexto de incertezas quanto à afirmação do novo regime junto à raia miúda carioca. Esse último segmento da população manifestava imensa desconfiança com o regime republicano e as novas elites no poder, além de manterem um sentimento de afeto e saudosismo para com a Monarquia, associada à libertação dos escravizados e ao respeito aos modos de vida dos segmentos subalternos do Rio.

A elite republicana brasileira, após 1889, buscou afirmar um sentimento de pertencimento local, vincando a sua condição de povo do continente americano, e buscando desvincular-se de Portugal. Demarcar as diferenças entre brasileiros e portugueses tornou-se, então, fundamental para isso. A historiografia republicana se mobilizou para construir um discurso que transferisse a culpa das elites nacionais aos portugueses, pelo que era a situação social e econômica pouco venturosa do país. Assim, os lusitanos passaram a emergir no discurso hegemônico dos republicanos como representantes do atraso histórico da nação. Os portugueses eram acusados de atrasados face à torrente de um suposto progresso universal no qual a elite brasileira se via desejosa de ingressar. Passaram a aparecer, na República, como ignorantes, atrasados, imobilistas, corruptos que roubaram o dinheiro nacional no processo colonial e que roubavam os brasileiros no tempo presente, lesando-os na

¹¹ Dados extraídos dos censos relativos ao período de 1890 a 1906.

¹² LOBO. *Imigração portuguesa no Brasil*, p. 19.

pesagem de seus armazéns e em seus cadernos de venda a crédito.¹³ Apareciam também como sovinas, exploradores do trabalhador nacional ou ladrões dos empregos dos brasileiros, pois privilegiariam a contratação de seus patrícios em suas empresas, sobretudo o comércio varejista, setor no qual dominavam 70% dos estabelecimentos.¹⁴ Eram vistos, também, como exploradores das habitações populares das quais eram senhorio dos brasileiros, tanto em casas regulares, como em casas de cômodos ou cortiços que dominavam em grande número na cidade, cobrando aluguéis que eram considerados extorsivos. Outro setor em que o imigrante lusitano aparecia como usurpador dos brasileiros era o funcionalismo público, no qual tinham grande presença, sendo assim configurados como povo que roubava o elemento nacional sem oferecer-lhe nada em troca. Dessa forma, o imigrante português passou a ser representado no novo regime como “inimigo nacional”.

A representação do lusitano como usurpador do emprego e da renda dos brasileiros foi particularmente forte na primeira década da República, e em especial durante o governo de Marechal Floriano Peixoto, que habilmente explorou as representações negativas do elemento português para promover o seu nacionalismo em um momento de imensa instabilidade política pelo qual passava o Brasil. Foi nesse contexto que ganhou força uma das principais correntes políticas do início da República, o jacobinismo, composto sobretudo por elementos das camadas médias urbanas e das suas camadas populares. O jacobinismo tinha como seu líder a figura referencial de Marechal Floriano, que aparecia a esses militantes como herói nacional e o único homem apto a defender os interesses dos brasileiros contra os portugueses, que seriam a razão do “atraso” nacional e agentes de um possível retorno da Monarquia. Esse movimento político apresentava uma ideologia nacionalista difusa, sem uma plataforma de ideias claras, baseando-se sobretudo em um nacionalismo radical estribado na xenofobia contra os imigrantes lusitanos, que apareciam ainda como restauradores do regime monárquico no país, ameaça à afirmação da República e o maior óbice ao ingresso do Brasil na torrente internacional do progresso,

¹³ EDMUNDO. *O Rio de Janeiro do meu tempo*, p. 627.

¹⁴ Esse dado é de José Murilo de Carvalho. Ver: CARVALHO. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*, 1987.

causa principal do atraso, corrupção e miséria do povo brasileiro, exploradores do elemento nacional que seriam.

Assim, os jacobinos, representados em número expressivo da população do Rio de Janeiro, foram os principais promotores da lusofobia no Brasil. Organizaram, com o apoio do governo de Floriano, os chamados batalhões patrióticos, espécie de milícias privadas dedicadas a defender o governo de seu líder e a denunciar e perseguir os imigrantes portugueses na urbe carioca. Detinham vários jornais antilusitanos na Capital Federal, dedicados a detração do elemento português. Realizavam comícios lusóforos e promoviam espancamentos de portugueses no centro da cidade, os quais eram evocados pelo grito de “mata marinho”.¹⁵ Tais espancamentos eram, muitas vezes, observados pela polícia, que não raro anuída com a violência física e verbal contra esses imigrantes europeus. Ameaças de se queimar casas e estabelecimentos comerciais dos portugueses também se faziam presentes em grande monta nas ações dos jacobinos, que defendiam a expulsão de todos os lusitanos do solo nacional.¹⁶

O movimento jacobino foi se enfraquecendo depois da morte de Marechal Floriano Peixoto, em 1894, mas deixou um forte substrato de antilusitanismo, que permaneceu latente na cidade por muito tempo, sendo retomado em novos moldes nos anos 1920, conforme nos mostra a pesquisadora Gladys Sabina Ribeiro, uma das maiores estudiosas do fenômeno da lusofobia na urbe carioca.¹⁷

O VASCO COMO EXPRESSÃO E INSTRUMENTO SIMBÓLICO DE PORTUGUESES NO RIO DE JANEIRO

Na transição entre os séculos XIX e XX, o Rio de Janeiro experimentava, portanto, uma situação de dualidade: enquanto as elites buscavam forjar uma nova identidade nacional inspirada em projetos modernizantes e em convicções eugenistas, milhares de imigrantes portugueses, muitos de origem social humilde, passavam por violenta estigmatização e preconceito social. No contexto, para além de em outros espaços, buscaram reinventar seu lugar na hierarquia sociocultural da cidade por meio de

¹⁵ Para esse e outros fatos relacionados à lusofobia na Capital Federal, ver: RIBEIRO. *Mata Galgos: os portugueses e os conflitos de trabalho na República Velha*, 1990.

¹⁶ Ver: MENDES. *Laços de sangue: privilégios e intolerância à imigração portuguesa no Brasil*, p. 180.

¹⁷ Sobre a retomada da lusofobia na década de 1920, ver: RIBEIRO. *O Rio de Janeiro dos fados, minhotos e alfacinhas*, 2017.

um instrumento que, a princípio, poderíamos julgar improvável: um clube esportivo. Fundado em 1898, o Vasco da Gama rapidamente se consolidou como elemento que estava para além de suas funções recreativas, se tornando espaço de *reconversão simbólica*¹⁸ no processo; lugar onde a comunidade lusa negociava sua integração à Capital Federal, sem abdicar das suas origens. Nos primeiros anos do Vasco, o imperativo fundamental era o de que o clube operasse em um *campo*¹⁹ de disputas e negociações, o esportivo, com um objetivo central: transformar a realidade de portugueses no Rio através da ressignificação de sua imagem. Tal ressignificação simbólica, naturalmente, deveria ser atingida através de vitórias e conquistas no esporte, que favoreceriam a identificação com/humanização dos portugueses. Este processo, calculava-se, incentivaria o acréscimo no valor concedido a estes indivíduos no espaço social, tudo por via da capilaridade conquistada pelo clube.

No contexto ao qual estamos dedicados, o objetivo das *agências sociais*²⁰ que institucionalizaram a agremiação era o de converter estigmas em *capital social*,²¹

¹⁸ A *reconversão simbólica* é um elemento que está em referência à transformação de um capital, seja ele social, econômico ou cultural, em um outro e, especialmente, em capital simbólico. Sendo o capital simbólico a capacidade que agências sociais têm de impor determinada visão de mundo, valores e regras, legitimando sua posição social – normalmente, de forma naturalizada e/ou disfarçada, de tal modo que esta legitimação não se pareça com uma construção histórica, mas com algo dotado de um sentido inevitável – a reconversão ocorre quando se mobiliza um capital para aquisição ou fortalecimento do capital simbólico. Cf. BOURDIEU. *O poder simbólico*, 2001.

¹⁹ A noção de *campo* aqui estabelecida também tem por base Pierre Bourdieu. Para o cientista social, o campo é um sistema simbólico razoavelmente autônomo em suas leis e balizadores, mas que são microcosmos mais ou menos integrados a outros campos, informando a realidade de um espaço social moderno. Em cada um desses sistemas, há o predomínio de relações de forças entre agentes em busca de poder, e eles só se afirmam enquanto campos através do papel ativo dos indivíduos que deles reclamam. Tais indivíduos se ajustam entre dominantes e dominados em função do acúmulo de capitais, que são os valores que geram valores nesses sistemas. Indicados sistemas são mediados pela inteligibilidade possível de seus agentes, o *habitus*, e por isso tendem à conformação e podem ganhar contornos de tradição. Cf. BOURDIEU. *O poder simbólico*, 2001.

²⁰ A noção que herdamos de agência social, agentes sociais e termos derivados é proveniente do que Max Weber conceituou como *ação social*. Segundo o intelectual, a ação social remete a uma conduta individual que reflete sentido para seu agente, mas, principalmente, para todos aqueles afetados por ela em determinado ambiente, sejam indivíduos ou coletividades. A ação social está sempre ancorada a níveis de interação e simbolismo. Cf. WEBER. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*, 2004.

²¹ O *capital social* se refere a um conjunto de recursos – atuais ou potenciais – que determinado agente ou coletividade pode acessar a partir de uma rede de contatos e relacionamentos sociais duráveis, que são fundamentados em interconhecimento e interreconhecimento. Para além de ser um valor por conta própria, o capital social é um elemento fundamental para que se acumule outros tipos de capital, uma vez que propicia acesso a informações, recursos materiais, prestígio social, oportunidades e apoio social. Cf. BOURDIEU. *Escritos de educação*, 2007.

converter incompreensões em *capital cultural*,²² utilizando os jogos como ferramentas de afirmação coletiva dos indivíduos que o grêmio representava. Desde o início, dirigentes da instituição utilizaram-se de símbolos históricos, tais como a caravela e a Cruz da Ordem de Cristo, para reivindicar capital cultural e histórico. Em um ambiente no qual eram rotulados de “galegos” e acusados de atraso, os fundadores se autoproclamavam herdeiros de ícones das Grandes Navegações, com a ambição de inverter estigmas em fonte de prestígio. O Vasco, portanto, não era apenas um clube, mas uma estratégia de empoderamento, e foi assim que a instituição se tornou um instrumento político, para além de esportivo. Rapidamente, o espaço do CRVG²³ foi objetivado como um em que os portugueses ascenderiam socialmente através de estratégias que combinavam tradição e modernidade. Sua fundação refletia não apenas a adesão à moda das agremiações esportivas, mas uma resposta coerente e organizada à estigmatização das agências sociais portuguesas na urbe. O Vasco da Gama esteve, quando organizado, situado na articulação entre identidade e pertencimento com integração e a busca por um melhor espaço público, tomando parte em uma rede muito mais ampla de solidariedade e associativismo entre filhos da diáspora portuguesa – que, inclusive, o precedia em décadas de atividade no Brasil e, simbolicamente, se articulava com o sentido comum que temos trabalhado.

Um sinal significativo dessa presença histórica e desse senso coletivo de missão pode ser sintetizado na “Grande Subscrição Patriótica Portuguesa”, campanha que foi lançada para “Commemorar o quarto centenario do descobrimento do caminho maritimo da India, offerecendo a Portugal um navio de guerra [...] em nome da colonia portugueza no Brazil”.²⁴ Como destaca Walmer Peres Santana,²⁵ diversos futuros fundadores e dirigentes do Club de Regatas Vasco da Gama participaram da campanha, o que nos indica seu sentimento de pertencimento com relação ao país

²² Compreendido como o acúmulo de conhecimento, comportamentos e habilidades por parte de um agente ou grupo, que indicam competência cultural e determinam posição social de tal agente ou grupo sutilmente. Pode ser definido como a familiaridade com a cultura configurada legítima dentro de uma sociedade, sendo divisível entre *capital objetivado* (livros, obras de arte, bens culturais), *capital institucionalizado* (diplomas, qualificações, credenciais de uma educação formal) e *capital incorporado* (linguagem, disposições, maneiras, preferências). Cf. BOURDIEU, Les trois états du capital culturel, 1979.

²³ Para Club de Regatas Vasco da Gama. Estratégia que utilizaremos para evitar a repetição do nome da instituição.

²⁴ *Jornal do Commercio*, 31 out. 1897.

²⁵ SANTANA. *A consolidação do Club de Regatas Vasco da Gama (1898-1906)*, p. 76.

ibérico. Além disso, o colega ressalta que no ano seguinte à subscrição, quando de fato se comemorou os quatro séculos da trajetória marítima, o Rio foi testemunha de espetáculos teatrais, publicações em revistas e livros, festividades e circulação de selos e moedas, todos organizados coletivamente pela comunidade portuguesa em sentido mais abrangente.²⁶

De todo modo, o Vasco da Gama estava situado, como já indicado, em um universo de instituições que demonstravam a presença e lealdade²⁷ lusitana em solo carioca. Retomando a instituição esportiva em seu contexto fundacional, e como o próprio nome do clube demonstra, casualidades e a suposta despretensão envolvida com atuar em um divertimento não eram características da coletividade que se constituía com a herança de um senso missionário que se situava para além dela própria. Em um Brasil recém-saído do Império, a referência ao navegador português do século XV²⁸ resgatava um dos grandes mitos fundadores da *portugalidade*²⁹: as Grandes Navegações. Para imigrantes vinculados ao trabalho braçal e urbano e, de forma geral, rotulados como “atrasados”, as agências sociais portuguesas envolvidas à fundação – que eram em absoluta maioria³⁰ – ofereciam reabilitação e revalorização históricas, já que caminhavam no sentido da explícita glorificação do passado

²⁶ O *Jornal do Brasil*, por exemplo, nos mostra que para reunir fundos para a campanha, o Club Gymnastico Portuegez ofereceu um “Grande festival artístico”, aberto a sócios e não-sócios, 12 ago. 1897.

²⁷ Neste ponto, o jornal *O Paiz* se demonstrou como um caso exemplar. Na data em que se celebrou o quarto centenário, o periódico carioca, que era propriedade de agentes sociais lusitanos, ocupou toda sua primeira página com a epopeia de Vasco da Gama, sua imagem, suas “descobertas”, sua apreensão sobre o subcontinente indiano, tudo enquanto trechos d’*Os Lusíadas* compunham lateralmente as considerações (*O Paiz* – 20 maio 1898).

²⁸ No contexto da institucionalização do clube, outros nomes estavam no páreo para representar a associação, inclusive o de Viriato. Como defendemos, o clube foi fundado em função dos laços que seus agentes articuladores mantinham/visavam manter com Portugal, estando situados no Rio de Janeiro. Tinham, com isso, o intuito de afirmar sua própria herança e identidade, demonstrando a partir do esporte e seus discursos no contexto – de honra, de disciplina, de vigor, de determinação – o valor do país ibérico. Era essencial, portanto, aludir ao concebido heroísmo de determinadas figuras históricas portuguesas, ou reconstruídas enquanto portuguesas *a posteriori*, inclusive em seu próprio nome. Cf. ROCHA. *Club de Regatas Vasco da Gama histórico: primeiro volume, 1898-1923*, 1975.

²⁹ Por portugalidade, compreendemos um senso de pertencimento étnico e coletivo vinculado à nação portuguesa, suas tradições e cultura.

³⁰ Algo que não é posto em dúvidas e foi definitivamente atestado, para além de em outros espaços, em SANTANA. *A consolidação do Club de Regatas Vasco da Gama (1898-1906)*, p. 96-104.

português.³¹ Isso, por si só, já nos indica que, no interior da coletividade, o que se reforçava era uma identidade étnica orgulhosa.³²

No mesmo sentido, os elementos visuais do clube reforçavam/reforçam o que classificamos como articulações conscientes; como ações sociais racionais. A caravela, as cores do clube, a presença marcante de uma versão encarnada da Cruz da Ordem de Cristo como símbolo da instituição³³ e os discursos que faziam ode à “missão civilizatória³⁴ portuguesa”, convertiam um passado que deixou marcas coloniais em capital simbólico. Era, para nós, uma clara estratégia de nobilitação em um contexto em que isso ainda se fazia importante na Capital Federal: se importantes agentes brasileiros os reduziam a “galegos”, os fundadores do Vasco se autoproclamavam herdeiros de indivíduos reconhecidos como heróis em sua terra natal. Com isso reivindicavam para si, na mesma conta, o patamar de reconhecimento no espaço social que, de forma geral, almejavam e não detinham. Essas narrativas não eram ingênuas de forma alguma. Em um contexto republicano que associara o passado colonial ao obscurantismo, a releitura sobre as Navegações servia como contraponto identitário. Na imagem que se construía, os lusitanos que desencadearam o processo colonial, longe de meros “invasores”, eram apresentados como portadores de uma tarefa histórica. O Vasco da Gama, assim, se tornava espaço de reafirmação étnica, onde o brio em defesa

³¹ Do mesmo modo, segundo Walmer Peres, os fundadores do clube buscavam, com isso, atrair os imigrantes portugueses no Rio à sua causa. Esta foi, de acordo com o historiador, uma estratégia para angariar adeptos em grande quantidade em curto prazo, tendo por base o volume da colônia. Cf. SANTANA. *A consolidação do Club de Regatas Vasco da Gama (1898-1906)*, p. 74.

³² Algo também indicado por uma troca entre Alberto de Carvalho Silva, português e antigo presidente do Vasco, e Antonio dos Santos Malho, também português e antigo secretário do clube. Tendo se licenciado da presidência para um tratamento de saúde em sua terra natal, o dirigente recebeu a seguinte mensagem do conterrâneo e secretário do CRVG: “Quando voltar, e Deus permita que seja breve, cá nos encontrará sempre em torno da nossa bandeira Grancruzada com essa Cruz da Ordem de Christo, que serviu de estímulo aos navegadores portugueses, para a descoberta dos novos mundos; Cá nos encontrará sempre em torno d’essa Cruz Gloriosa que é o Signal mais puro da Fé e que foi o primeiro Symbolo que a audacia dos nossos antepassados conseguiu implantar na Índia ao mando d’esse Glorioso Capitão que se chamou Vasco da Gama, que é nosso Patrono e que é uma das puras e límpidas Glorias d’essa assombrosa Historia de Portugal!!!” (Atas da Assembleia Geral do Club de Regatas Vasco da Gama (21 ago. 1898 a 18 out. 1908), 20 mar. 1904).

³³ A tradicional “Cruz de Malta” que serve de metonímia da instituição é, na verdade, a Cruz da Ordem de Cristo. O símbolo nos remete, naturalmente, à expansão marítima portuguesa, sendo mais uma das insígnias resgatadas pelo Vasco para legitimar a presença lusitana. Cf. ROCHA. *Club de Regatas Vasco da Gama histórico*, 1975.

³⁴ Em tempos em que a lógica de civilização não estava de forma alguma desfeita, em que se pese o fato de que se apresentava como um valor cada vez mais diluído no de progresso, como já adiantamos.

às origens desafiava os estereótipos e a xenofobia, e no qual se disputava um lugar de maior prestígio e, conseqüentemente, poder na sociedade carioca.

Além dos elementos simbólicos já discutidos, um outro se refere às singularidades tipicamente portuguesas que foram exercitadas no interior da agremiação durante toda Primeira República, mesmo em períodos de retração das dinâmicas antilusitanas na cidade. Quando refletimos a partir de Pierre Bourdieu e suas conceituações, constatamos que os portugueses recriaram no CRVG um *habitus*³⁵ que mesclava tradições ibéricas com adaptações/integrações dos elementos locais – como não poderia não ser, já que estavam distantes de sua terra original e dialogando, a todo tempo, com a realidade histórica, simbólica e material do Rio de Janeiro, criando uma identidade híbrida.³⁶ De toda forma, as celebrações no clube eram marcadas por rituais que evocavam Portugal. O Estádio Vasco da Gama, inaugurado em 1927, sempre contemplava ritos remetidos à tradição portuguesa.³⁷ A Festa de São Januário, padroeiro do monumento, contava com missas em latim e procissões com símbolos religiosos, sendo muitas vezes lideradas por imigrantes lusitanos. Já outras celebrações da agremiação destacavam pratos como o bacalhau, reforçando laços gastronômicos com a pátria-mãe e, para além deles, rituais comunitários.³⁸ No mesmo sentido, os Bailes da Caravela contribuíam ao demarcar a presença portuguesa no clube como muito mais que herança. Neles, como descrito no periódico *A Noite*, “As damas vestiam saias rodadas e lenços do Minho, enquanto os cavalheiros entoavam fados”.³⁹ Além desses exemplos, nos sempre presentes serões

³⁵ Isto é, um conjunto de estilos de vida, disposições, formas de experimentar e sentir o mundo. O *habitus* é, para Bourdieu, o gosto incorporado, interiorizado, que se define entre os agentes sociais de determinado(s) campo(s) e em seus diferentes ambientes. Em síntese, é algo que compõe a identidade dos agentes em campo na medida em que se coloca como algo entre as estruturas objetivas e as – possíveis – condutas individuais. O *habitus* é, portanto, um conjunto de disposições duráveis, parte mental de determinada estrutura *estruturada-estruturante* que está relacionada a um grupo atuante em um campo. Cf. BOURDIEU. *O poder simbólico*, 2001.

³⁶ Retomaremos esse ponto em breve, em momento mais oportuno.

³⁷ Antes mesmo à inauguração do estádio, hoje popularizado como *São Januário*, foi importante ao clube que sua construção recebesse “as bênçãos da igreja”, correspondendo à tradição portuguesa de ter na religiosidade católica um pilar de sua própria identidade. Como noticiado pelo *Correio da Manhã*, “Foi debaixo da fé catholica [...] bemzido o grandioso stadium do Vasco da Gama por d. Agostinho Mamede” (*Correio da Manhã*, 5 abr. 1927).

³⁸ Em 1925 celebrou-se no Vasco, por exemplo, o Dia do Bacalhau. Nesta data, pelo noticiado, o clube serviu centenas de porções do peixe a preços populares, no que foi definido pelo *A Noite* como um “banquete para os que não traem suas origens” (*A Noite*, 5 maio 1925).

³⁹ *A Noite*, 10 jun. 1919. Na mesma passagem, o jornal destaca que era habitual que fosse recriada, nos diversos bailes da agremiação, “uma Lisboa em miniatura”, regada a danças e comidas típicas do país.

literários, eram feitas homenagens a Luís de Camões⁴⁰ e se promoviam debates sobre o futuro dos imigrantes portugueses no Brasil, articulando pertencimento étnico e integração local,⁴¹ inclusive em novos contextos de fortalecimento antilusitano.

Os anos de 1920, em especial, trouxeram consigo uma nova escalada no antilusitanismo. A década em questão representou, para o Brasil, uma conjuntura em que se articulou o fortalecimento de um nacionalismo nativista, movimento que ficou marcado pela valorização de símbolos e identidades autóctones em contraposição às influências “exógenas”. Esse contexto, que se alinhava às celebrações do Centenário da Independência em 1922 e às transformações do pós-Primeira Guerra, catalisou debates sobre a consolidação da *brasilidade*, frequentemente vinculada à tão almejada modernidade. Sob o véu da pretensa construção de uma identidade nacional homogênea, porém, a lusofobia se atualizou e ressurgiu como ferramenta de mobilização política. Novamente atacados a partir de estereótipos e anacronismos, imigrantes portugueses voltaram a servir de alvo a discursos xenofóbicos, que os associavam à resistência à assimilação e à manutenção de hierarquias sociais arcaicas que contrastavam com o projeto de nação ainda em gestação. Sobremais, tais indivíduos voltavam a ser denunciados como elementos que, deliberadamente, travavam a construção do povo brasileiro, principalmente por sua presença relevante e sua atuação bastante vocal nos diferentes campos da cidade. Como constatado pelo colega Gustavo Nóbrega de Jesus,⁴² o que se desejava por nativistas era a afirmação de interesses situados como tais na transição secular. Se objetivava a cunhagem de uma identidade coletiva em oposição ao elemento português, algo que era encarado, então, como uma missão patriótica.

Distante de ter sido este um momento em que houve retração nas determinações do Vasco, o clube seguiu demonstrando, por toda conjuntura, que

⁴⁰ Algo que se demonstra em outra passagem do *Correio*, anterior às que já consideramos. Em matéria que abordava o Dia de Camões, o periódico destacou que “O Vasco da Gama, clube querido da colônia portuguesa, realizou hontem um baile memorável em celebração ao Dia de Camões. Não se via tanta gente falando o idioma de Camões desde as festas do Real Gabinete Portuguez” (*Correio da Manhã*, 10 jun. 1910).

⁴¹ A revista *Lusitania*, por exemplo, menciona uma sessão no Vasco com leitura coletiva d’Os *Lusíadas* e afirma a existência de debates sobre “o lugar do imigrante na nova República”, também no clube (*Lusitania*, ed. maio 1929).

⁴² JESUS. O nacionalismo antilusitano e o centenário da Independência nas páginas da revista *Gil-Blas* (1919-1922), p. 12.

corresponderia às incumbências de sua institucionalização, algo que já adiantamos com alguns exemplos situados nos anos de 1920. Enquanto era oficializado o hino nacional em 1922, a agremiação não deixava de lado a execução d'*A Portuguesa* em seus eventos solenes, por exemplo. Na inauguração de *São Januário*, monumento que por si só já expõe a portugalidade histórica do clube por seu estilo arquitetônico, seus azulejos portugueses, suas obras de arte remetidas a Portugal e aos mitos fundadores da nação, diversos elementos de *portugalidade* foram exercitados, para protesto de setores que se alinharam às convicções nacionalistas da época e louvor de agências com origens lusitanas.⁴³ Tais casos emblemáticos, para nós, dialogam de forma significativa com o que apontávamos sobre a dedicação, por parte das agências do Vasco, por reconversão simbólica. Na instituição, símbolos marginalizados que compunham a identidade portuguesa eram ressignificados como valores positivos, contrastando com as narrativas que definiam que o “brasileiro moderno” deveria selecionar as suas origens, apagando a muito evidente presença lusitana no Brasil, no Rio de Janeiro, e em sua construção.

Muito mais que meras encenações folclóricas, os rituais realizados no Vasco da Gama transformavam seu espaço (o estádio, o salão social), em lugares de uma memória viva, onde práticas culturais portuguesas eram (re)vividas e ressignificadas. Os ambientes do clube eram, então, lugares de continuidade cultural e marcadores de uma fronteira simbólica contra seu apagamento. Essas atividades não apenas preservavam tradições, mas atualizavam um modo de ser coletivo que era internalizado pelos imigrantes, resistindo tanto à depreciação sociocultural quanto à eventual assimilação forçada. A força dessa estratégia ficava evidente em seu próprio tempo. Como destacou o jornal luso-brasileiro *A Época*, “No Vasco, o imigrante não precisa esconder seu sotaque; aqui, ser português é motivo de orgulho”.⁴⁴ Consideramos que essa afirmação sintetiza, em boa medida, a posição e o papel exercido pelo clube. O Vasco da Gama era, mesmo que não se esgotasse nisso, um espaço de afirmação identitária, onde o sotaque lusitano, os pratos típicos e as celebrações culturais portuguesas eram, muito mais que permitidos, celebrados. Dessa forma, o Vasco articulava-se de

⁴³ *A Época*, de inegável herança portuguesa, com um histórico de valorização de sua comunidade e das origens lusitanas e que já há tempos demonstrava sua abnegação em prol da *portugalidade* do Rio, celebrou o Vasco por seu “respeito às raízes” (*A Época*, 22 abr. 1927).

⁴⁴ *A Época*, s/d 1925.

maneira que sua origem não se desfizesse, garantindo que a herança cultural dos imigrantes não se perdesse, mas reinventasse em diálogo com a cidade.

Isso era algo, inclusive, perceptível no período histórico em que indicadas articulações eram desenvolvidas. No espaço social do Rio de Janeiro, tamanho era o impacto do Vasco para a comunidade portuguesa, que o clube estava mesmo situado em um grande grupo de ambientes percebidos em função dos lusitanos da urbe. Por tal impressão, o Vasco servia como símbolo de ode e aversão, a depender dos agentes que articulavam tais apreensões. Se, com relação ao segundo sentimento, o Vasco da Gama era constantemente atacado por indivíduos e coletividades antilusitanas, que declamavam o clube enquanto promotor de “malefícios” nos esportes, algo que seria uma “expressão de sua mentalidade portuguesa”; se, para muitos dos mesmos agentes, o CRVG era um “órgão da colônia [...]” se conduzindo pela “reconquista econômica do Brasil [...]”,⁴⁵ por outro lado, a agremiação esportiva também era positivamente reconhecida por seu compromisso com a valorização dos portugueses na cidade, e reconhecida por outros indivíduos por conta disso.

Ao ter sua *portugalidade* tratada com normalidade por amplos setores da urbe, por muitas vezes o clube era homenageado por sua atuação. Suas conquistas, em diversas oportunidades, ressaltavam Portugal e a felicidade da colônia. O Cine Odeon, por exemplo, situando a inauguração de *São Januário* em um quadro das aquisições dos lusitanos da cidade, anunciou o seguinte evento em seu espaço, na Cinelândia, via *Correio da Manhã*:

SEMANA PORTUGUEZA!

Associando-se á COLONIA PORTUGUEZA, e participando do seu jubilo, por mais este triumpho alcançado pela raça luzitana com o feito estu-
pendo do

<<ARGOS>>

O ODEON dedica a portuguezes e brasileiros que juntos homenageiam Sarmento de Beires e seus heroicos companheiros, o espectáculo que se iniciará – DEPOIS DE AMANHÃ Um programma especial

A chegada do <<Argos>> [...]

A Missa Campal – A inauguração do Hospital Feminino da Beneficencia Portuguesa – A Inauguração do Stadium do Vasco da Gama [grifo nosso] são todos assumptos que prendem almas patrias como as luzitanas [...].⁴⁶

⁴⁵ *Gil-Blas*, 25 ago. 1922.

⁴⁶ *Correio da Manhã*, 23 abr. 1927.

Como se constata, o Vasco estava francamente inserido no que era uma percepção geral sobre as que seriam as instituições lusitanas da cidade do Rio de Janeiro. Lembrado enquanto tal por conta do erigir de seu estádio, o clube fez parte das homenagens do Odeon que detinham, por carro-chefe, a *Argos*, expedição de tripulantes portugueses que conseguiu a primeira travessia aérea noturna do Atlântico Sul. O avião saiu de Lisboa, chegou ao Rio e tomou as páginas dos periódicos cariocas entre março e abril de 1927. Os aviadores, naturalmente, foram convidados de honra na inauguração de *São Januário*; seu comandante, Coronel Sarmento de Beires, foi o escolhido para o ato simbólico de cortar a fita inaugural da construção.⁴⁷

Para além das apreensões que o Rio de Janeiro fazia sobre a *portugalidade* do Vasco da Gama, porém, tal elemento era tão central na agremiação que se fez notar pelo próprio Estado Português, ainda em 1908. No ano em questão, como sabemos, foram comemorados os cem anos da chegada de d. João VI ao Rio, bem como o centenário da Abertura dos Portos às Nações Amigas. Para indicadas celebrações, o então rei de Portugal, d. Carlos I, faria uma visita de Estado ao Rio e, entre seus compromissos oficiais, estaria o seguinte: “Consta-se que o heroico Club de Regatas Vasco da Gama será distinguido pelo governo de S.M. Fidelissima o rei de Portugal com o honroso titulo de Real Sociedade”.⁴⁸ Como podemos constatar da matéria do periódico, o reconhecimento da associação vascaína como entidade lusitana era tal que merecia, inclusive, posição de destaque; posição esta que seria concedida pelo próprio rei do país atlântico e por ele já fora expedida, ainda em Lisboa, como parte de um Alvará Régio. Para além do noticiado pela *Gazeta*, sabemos, hoje, que d. Carlos foi vítima de um regicídio que precipitou o Golpe da República lusitano, o que inviabilizou sua viagem ao Brasil e qualquer cerimonial, mas, de toda forma, não invalidou o alvará. Entre as instituições portuguesas e de origem lusitana no Brasil, uma das que enviou condolências pela perda foi, naturalmente, o Vasco da Gama,⁴⁹ que prontamente recebeu como resposta os agradecimentos do veador de serviço, em nome da então rainha-consorte.⁵⁰

⁴⁷ *Correio da Manhã*, 22 abr. 1927.

⁴⁸ *Gazeta de Notícias*, 12 jan. 1908.

⁴⁹ Algo que pode ser visto em passagem do *Correio da Manhã*, 7 fev. 1908.

⁵⁰ *Correio da Manhã*, 8 fev. 1908.

Em todo caso, e exposta de forma ainda mais clara a ligação do clube com a nação ibérica, o destaque com o qual finalizamos o penúltimo parágrafo é, também, fundamental de levarmos em conta. Não se reduzindo enquanto enclave nostálgico de Portugal na cidade, a resistência cultural do Vasco nunca se demonstrou oposta à integração na sociedade brasileira e, da mesma forma à vinculação ao clube de brasileiros como um todo, desde suas origens.⁵¹ O Vasco da Gama como embaixada cultural, mecanismo simbólico, bastião identitário, projeto político ou, simplesmente, como clube esportivo, sempre se afirmou em função da fusão cultural; se afirmou enquanto negociante de um lugar de pertencimento, mediando as origens lusas e suas raízes locais. Se, por um lado, o Vasco afirmava *portugalidade* em hinos, rituais, sua estética e arquitetura, por outro, atuava como ponte, recebia *brasilidade* e atuava pela *brasilidade*, contava com brasileiros em seus eventos, suas construções e, mais que tudo isso, não recusava se “abrasileirar” em suas estruturas⁵² – algo nem sempre verdadeiro entre instituições de origem portuguesa do Brasil.⁵³ O Vasco participava ativamente da vida pública carioca, incorporava elementos da cultura brasileira em seu cotidiano e, acima de tudo, trabalhava com uma estratégia dialógica na formação de suas equipes que era bastante sofisticada aos padrões de sua época.⁵⁴ Isso se expressou de forma significativa com o título do Campeonato Carioca de 1923, conquistado a partir do protagonismo de brasileiros trabalhadores, muitos deles negros, em um tempo em que isso não era consensual em outros

⁵¹ Cumpre considerarmos que, mesmo que tenhamos ressaltado a ampla maioria de lusos e lusodescendentes entre os membros-fundadores do clube, outros fundadores do Vasco não tinham qualquer vinculação mais imediata com Portugal; eram brasileiros-natos que, envolvidos ao comércio do Centro e dragados pela ampliação esportiva por que passava a cidade, dialogaram com companheiros de origem lusitana pela institucionalização do Vasco da Gama. Cf. SANTANA. *A consolidação do Club de Regatas Vasco da Gama (1898-1906)*, p. 105.

⁵² Aqui, vale destacarmos a figura de Cândido José de Araújo. Homem negro e brasileiro nato, Araújo foi agente social importantíssimo do grêmio em seus primeiros anos. Foi tesoureiro da associação, eleito presidente dela em 1904 e, com ele, o Vasco despontou como força a ser reconhecida no esporte, conquistando uma posição relevante no remo. Em seu mandato, o CRVG se tornou bicampeão nas regatas do antigo Distrito Federal (1905-1906). Cf. ROCHA. *Club de Regatas Vasco da Gama histórico*, 1975.

⁵³ O Lusitania SC, por exemplo, outro clube esportivo de origem portuguesa no Rio, não foi capaz de ser luso-brasileiro como o CRVG e assumiu um caráter exclusivista. Em seus estatutos, se definia que para ser sócio, atuar na vida social e esportiva da instituição, o pretendente deveria ser lusitano ou descendente direto. Cf. ROCHA. *Club de Regatas Vasco da Gama histórico*, 1975.

⁵⁴ Ao mesmo tempo que, inversamente à constatação, atendessem a demandas também presentes no Rio de Janeiro da época. Em tempos em que a acelerava a conscientização de agências sociais, o clube se demonstrava aberto à integração social e racial, indicando que não somente não se alienava da sociedade carioca como um todo, mas se compreendia enquanto coletividade partícipe dela.

grandes clubes da cidade e, também por isso, serviu como um marco social, cultural e político no futebol.

Aparentes contradições entre celebrar *Os Lusíadas* e Camões enquanto em amplos diálogos com brasileiros que tinham os rostos do Brasil e com a cultura brasileira, desvelavam uma instituição que soube transitar e dialogar para se configurar como uma grande agremiação esportiva do Brasil, mesmo em um período histórico em que a herança que louvava se via denunciada e perseguida por agências sociais do país. O Vasco não se fez guardião de uma intocável e restrita tradição portuguesa, mas entidade que se propôs comemorar tradições enquanto as recontextualizava nos permanentes diálogos com o Rio e o Brasil. O antilusitanismo da Primeira República, que estereotipava portugueses como eternos estrangeiros, esbarrava na realidade de uma instituição que atuava e atuou não somente em prol dos lusos no Rio, mas em prol de pessoas comuns da cidade, que preenchiam a torcida do clube e deram ao Vasco da Gama a sua grandeza e uma brasilidade plural. O Vasco, portanto, foi bem-sucedido entre as “instituições portuguesas” porque não propunha um projeto de isolamento, mas de inclusão. A sua portugalidade, muito presente, se demonstrou, na prática, como ampliadora do sentido de *brasilidade* então discutido, demonstrando que a identidade nacional poderia ser um mosaico de influências. Enquanto setores do nacionalismo nativista pregavam homogeneização excludente, o clube demonstrava a cultura como produto de encontros, capaz de absorver herança lusa sem apagá-la ou violentá-la de outras maneiras. Não sendo um pedaço de Portugal no Rio, o Vasco soube se transformar em um pedaço do Rio que carregava Portugal consigo, e por isso teve êxito e se consolidou.

CONCLUSÃO

A análise das fontes que mobilizamos nos permite constatar que o Club de Regatas Vasco da Gama foi fomentado enquanto, para além de instituição esportiva, uma estratégia política e sociocultural de reconversão simbólica dos portugueses do/no Rio de Janeiro, à época de sua fundação. Em vez de se resignar ao estigma de estrangeiros indesejados, a comunidade lusitana transformou o clube em lugar de afirmação identitária em sua luta contra a xenofobia. Símbolos visuais, práticas culturais e

conquistas esportivas foram mobilizados como capitais capazes de reposicionar os imigrantes na hierarquia social da cidade. Ao mesmo tempo, o CRVG construiu pontes: sua portugalidade não impediu, mas favoreceu a integração com a brasilidade. O clube não se limitou a celebrar um passado português; reatualizou-o em diálogo com o Rio e com o Brasil, contribuindo para a construção de uma identidade nacional mais plural e inclusiva. Constata-se que, ao afirmar portugalidade em hinos, festas e arquitetura, o Vasco também abraçou a brasilidade em práticas sociais e esportivas, mostrando ser possível conciliar tradição e modernidade, memória e integração. O Vasco não se tratava, como ressaltamos ao final de nossas considerações, como um enclave saudosista de um outro espaço geográfico, mas instituição que afirmava sua identidade em compasso à sua (re)formulação no Brasil e, especialmente, no Rio de Janeiro.

* * *

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, André Nunes de. **A grande reforma urbana do Rio de Janeiro:** Pereira Passos, Rodrigues Alves e as ideias de civilização e progresso. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/MauadX, 2016.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação.** 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. Les trois états du capital culturel. BOURDIEU, Pierre. **Actes de la recherche em sciences sociales.** Paris: Éditions de Minuit, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados:** o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- EDMUNDO, Luis. **O Rio de Janeiro do meu tempo.** Brasília: Senado Federal, 2003.
- JESUS, Carlos Gustavo Nóbrega. O nacionalismo antilusitano e o centenário da Independência nas páginas da revista Gil-Blas (1919-1922). **Estudos Ibero-Americanos.** Porto Alegre: Escola de Humanidades, PUC/RS, 2022.
- LAMARÃO, Sérgio Tadeu N. **Dos trapiches ao porto:** um estudo sobre a área portuária do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995.

LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. **Imigração portuguesa no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2001.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. **O Tempo Saquarema**: a formação do Estado Imperial. São Paulo: Hucitec, 1986.

MENDES, José Sacchetta R. **Laços de sangue**: privilégios e intolerância à imigração portuguesa no Brasil. São Paulo: Edusp, 2011.

NEVES, Margarida de S. **As vitrines do progresso** – O conceito de trabalho na sociedade brasileira na passagem do século XIX ao século XX: a formação do mercado de trabalho no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relatório técnico à Finep. PUC-Rio, 1986.

RIBEIRO, Gladys Sabina. **Mata Galegos**: os portugueses e os conflitos de trabalho na República Velha. São Paulo: Brasiliense, 1990.

RIBEIRO, Gladys Sabina. **O Rio de Janeiro dos fados, minhotos e alfacinhas**. Niterói: EdUFF, 2017.

ROCHA, José da Silva. **Club de Regatas Vasco da Gama histórico**: primeiro volume – 1898-1923. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1975.

SANTANA, Walmer Peres. **A consolidação do Club de Regatas Vasco da Gama (1898-1906)**. Dissertação de Mestrado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2021.

SCHWARTZ, Lilian Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

SEVCENKO, Nicolau. **A literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

STEIN, Stanley J. **Grandeza e decadência do café no Vale do Paraíba**. São Paulo: Brasiliense, 1961.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. 2 v. Trad.: Regis Barbosa e Karen Barbosa. Brasília: Editora UnB, 2004.

Documentação

Ata de Fundação – Atas da Assembleia Geral do Club de Regatas Vasco da Gama (21/08/1898 a 18/10/1908). Rio de Janeiro: Club de Regatas Vasco da Gama. 20 de março de 1904. 199p. Disponível em: CPAD-CRVG (Rua Roberto Dinamite, n. 10. Vasco da Gama. Rio de Janeiro).

A Época. Rio de Janeiro. 1925-1927. Disponível em: Fundação Biblioteca Nacional (Av. Rio Branco, n. 219. Centro. Rio de Janeiro).

A Noite. Rio de Janeiro, 1919-1925. Disponível em: Fundação Biblioteca Nacional (Av. Rio Branco, n. 219. Centro. Rio de Janeiro).

Correio da Manhã. Rio de Janeiro. 1908-1927. Alguns fragmentos disponíveis digitalmente em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 21 abr. 2025. Outros, fisicamente, na Fundação Biblioteca Nacional (Av. Rio Branco, n. 219. Centro. Rio de Janeiro).

Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, 12 jan. 1908, p. 3. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 27 abr. 2025.

Gazeta Vasco. Rio de Janeiro. Disponível em: CPAD-CRVG (Rua Roberto Dinamite, n. 10. Vasco da Gama. Rio de Janeiro).

Jacobino Sportivo. O Sport Nacional. **Gil-Blas.** Rio de Janeiro, 25 ago. 1922, p. 5-6. Disponível em: <https://abrir.link/erJdt>Acesso em: 27 maio 2025.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 12 ago. 1897, p. 2. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 21 abr. 2025.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro, 31 out. 1897, p. 8. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 24 abr. 2025

Lusitania: revista ilustrada de actualidades e de aproximação Luso-Brasileira. Rio de Janeiro, maio 1929. Disponível em: Fundação Biblioteca Nacional (Av. Rio Branco, n. 219. Centro. Rio de Janeiro).

O Paiz. Rio de Janeiro. 20 de maio de 1898, p. 1. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 21 abr. 2025.

Recenseamento do Brasil realizado em 31 de dezembro de 1890. Rio de Janeiro: Officina da Estatística, 1898. Disponível em: <https://abrir.link/RSAYi>. Acesso em: 30 abr. 2025.

Recenseamento do Brasil realizado em 31 de dezembro de 1900. Rio de Janeiro: Officina da Estatística, 1905. Disponível em: <https://abrir.link/RSAYi>. Acesso em: 30 abr. 2025.

Recenseamento do Rio de Janeiro (Distrito Federal) realizado em 20 set. 1906. Rio de Janeiro: Officina da Estatística, 1907-1908. Disponível em: <https://abrir.link/RSAYi>. Acesso em: 30 abr. 2025.

* * *

Recebido em: 30 maio 2025.

Aprovado em: 18 set. 2025.

Dublê de etnógrafo I: ou diários do futebol na Alemanha

An ethnographer stuntman I: or a diary on the football in Germany

Bernardo Borges Buarque de Hollanda

Escola de Ciências Sociais, FGV-CPDOC, Rio de Janeiro/RJ, Brasil

Doutor em História Social da Cultura, PUC-Rio

bernardo.hollanda@fgv.br

RESUMO: O texto segue a forma de um diário futebolístico de viagem, fruto por sua vez de uma missão de pesquisa de duas semanas em diferentes partes da Alemanha, durante o final do ano de 2024. Em primeira pessoa, descrevo personagens, espaços e eventos relacionados à temática do futebol nesse país europeu, com o fito de colher impressões acerca do imaginário esportivo nacional, seja em reuniões formais de pesquisa seja em situações informais de passagem pelo território. Graças à colaboração de um nativo que é também um jovem professor na universidade de Bayreuth, na Bavária, e já um pesquisador de referência na sociologia alemã do esporte, procuro reconstituir sob diferentes ângulos práticas e representações do futebol em cidades como Munique, Nuremberg e Gelsenkirchen, entre outras. Numa espécie de *pot-pourri*, comento a dinâmica das torcidas “ultras” e de seus espaços urbanos de sociabilidade; apresento a atmosfera dentro e fora dos estádios e das arenas, em dias com e sem jogos; relato cenas prosaicas de um domingo de futebol de mulheres num centro de treinamento de um tradicional clube da região industrial do Ruhr; por fim, em destaque, reporto uma visita ao Museu do Futebol, em Dortmund, com uma descrição e uma análise do percurso museal nesse equipamento expositivo, tencionando bosquejos comparativos com seu homônimo em São Paulo.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol na Alemanha; Torcidas ultras alemãs; Museu do Futebol em Dortmund.

ABSTRACT: The manuscript follows the form of a football diary trip, due to a work mission of two weeks in different parts of Germany, during the end of 2024. In first person, I depict actors, spaces and events related to the football subject in this European country, collecting impressions on the national sports imaginary, even at formal academic meetings or at informal situations while crossing the territory. Thanks to the collaboration of a native that is also a young professor from the University of Bayreuth, in Bavaria, as well as a reference researcher in the sports German sociology, I aim to reconstitute, based on different angles, the practices and representations of the football in cities as Munich, Nuremberg and Gelsenkirchen, among others. Like a kind of a mosaic, I comment on the dynamics of the “ultras” supporters and its urban spaces of sociability; I introduce the inside and outside atmosphere of the stadiums and the arenas, during days with and without matches; I narrate prosaic scenes of a Sunday of women’s match in a training centre from a traditional club linked to the industrial region of Ruhr; finally, I stress and report a visiting to the Football Museum in Dortmund, with a description and an analysis of the long and short term exhibitions of this cultural equipment, seeking a brief comparison with its homonym in São Paulo city, Brazil.

KEYWORDS: Football in Germany; German ultra groups; Football Museum in Dortmund.

DIÁRIOS DO FUTEBOL NA ALEMANHA¹

Minha chegada à Alemanha deu-se no dia 20 de setembro de 2024, uma sexta-feira à noite, após uma escala em Lisboa. Cheguei no aeroporto internacional de Munique, terceira cidade mais populosa do país, capital da região da Baviera, ao sul do território. Meu destino ao final era o norte da província bávara, a pequena cidade de Bayreuth. Permaneci ainda no sábado em Munique, a fim de poder conhecer as instalações do Parque Olímpico, situado nas margens do centro urbano. Trata-se de um espaço que permanece como “lugar de memória” desde a realização dos Jogos Olímpicos de Munique em 1972, ou seja, há mais de meio século.

Impressiona como, transcorrido tanto tempo, a grande área verde equipada com inúmeros ginásios e centros de prática desportiva continua a ser um bem público conservado, com instalações de lazer e de atividades físicas para a população bávara. Nos idos de 1970, ainda estávamos longe da exigência contemporânea de um legado urbano para a organização do evento, mas pode-se constatar o quanto, de fato, cinquenta anos depois, as Olimpíadas deixaram essa contribuição à qualidade de vida da cidade-sede.

Tal característica coexiste com o dado de trauma daquela edição olímpica: o atentado de um grupo terrorista (Organização Setembro Negro) contra a delegação de Israel, após invasão da vila olímpica e manutenção de atletas israelenses sob sequestro. Embora não tenha podido percorrer toda a extensão do Parque, não identifiquei na parte percorrida qualquer menção nas dependências ao traumático acontecimento que marcou a organização e as regras de segurança dos eventos organizados pelo COI desde então, na esteira da Guerra Fria e dos litígios tão crônicos quanto assimétricos da guerra Israel-Palestina desde o final dos anos 1960, também a perdurar, resiliente, ainda hoje.

Aproveitei ademais a espera pelo trem para a cidade interiorana de Bayreuth para visitar o Allianz Arena, estádio do poderoso time de futebol do Bayern de Munique, o clube internacionalmente mais importante e célebre do país. O Allianz por sua vez é um equipamento cujo legado remonta à organização da Copa do Mundo

¹ Este texto foi possível graças a uma missão de trabalho de duas semanas no exterior, sob os auspícios do Programa Capes-Print.

FIFA de futebol masculino, realizada na Alemanha em 2006, o segundo Mundial de sua história, depois de 1974. Com hoje cerca de vinte anos de existência, o estádio mantém uma arquitetura, um design e uma iluminação impactantes, capazes de despertar a atenção de todo e qualquer visitante pela sua infraestrutura. O empreendimento foi concebido para promover impacto na economia do futebol e para constituir um ponto de inflexão na indústria do entretenimento como um todo no século XXI. O equipamento esportivo vem servindo, pois, de modelo para arenas em nível global.

Basta lembrar que, no Brasil, com a organização do Mundial Fifa de 2014, o estádio da Sociedade Esportiva Palmeiras, o Parque Antártica, foi derrubado, para a construção de uma arena quase homônima, de nítida inspiração, que se valeu do mesmo *naming rights* do congênere alemão de Munique. O Allianz Parque foi inaugurado há cerca de dez anos e desde então caracteriza o investimento privado de uma arena multiuso para o calendário cosmopolita de shows e espetáculos conforme o sistema europeu. Com efeito, apesar das críticas dos refratários às mudanças radicais, o novo estádio simboliza uma era de conquistas e de internacionalização do clube paulistano.

No modelo alemão observado, o espraiamento de um conceito consumerista é perceptível no *tour* de visita ao Allianz Arena do Bayern, com o padrão internacional de visita a um estádio-museu futurista, o que traz dimensões analíticas nada desprezíveis de sua integração a uma indústria do turismo, a carrear o esporte entre os seus eixos estratégicos de mobilização e circulação de turistas em uma cidade. Tal configuração remonta à própria conceituação de arena adotada pela Inglaterra na década de 1990, forma encontrada para simbolizar um novo momento da financeirização do futebol, mediante a superação dos conflitos provenientes das rivalidades clubísticas e de um comportamento antissocial protagonizado pelos chamados “hooligans” no interior dos antigos estádios.

Mas, como disse, embora um assunto aprofundável para a análise da estrutura financeira, cultural e icônica da indústria futebolística, esse não era o foco da viagem e apenas aproveitei a passagem pela cidade para essa incursão temática correlata, para não dizer central, a meus interesses de pesquisa também no presente projeto.

No dia seguinte, um domingo, embarquei no transporte ferroviário regional da Bavária para chegar ao norte, com o objetivo de cumprir a primeira semana da missão

de trabalho na *Universität Bayreuth*. Foram no total quatro horas de traslado, com uma parada de meia hora em Nuremberg para baldeação. Já ao final do domingo, 22 de setembro, tive um primeiro encontro com meu supervisor, Christian Brandt, na parte central de Bayreuth, pequena cidade com setenta mil habitantes, conhecida, sob chancela da Unesco, pelo patrimônio arquitetônico de sua casa de ópera, construída em estilo barroco, onde Richard Wagner e Frantz Liszt residiram e atuaram.

Christian é um antropólogo de formação e na atualidade se define profissionalmente como um sociólogo do esporte. Depois de sua graduação, fez uma dissertação de mestrado em Antropologia Social na Universidade de Hamburgo, ao norte do país, com pesquisa dedicada à obra do africanista, etnólogo e folclorista alemão Leo Frobenius (1873-1938). Foi durante o seu doutorado, desenvolvido na Universidade de Bayreuth, no mesmo momento em que assumia a posição de professor da Escola de Educação Física (*Faculty of Humanities and Social Sciences – Sport Science II*), que Brandt voltou-se para a temática do ativismo torcedor, em particular para o que chama de “cooperação antagonística” no âmbito futebolístico.

Trata-se de observar experiências que vão além do senso-comum quando se fala da violência e dos distúrbios entre torcidas de futebol, envidando esforços de levantamento de casos concretos de trabalhos cooperativos intergrupos. Estes casos resultaram em algum tipo de diálogo e de interesse em comum que culminou em relações de solidariedade entre grupos rivais ou até mesmo tidos por “inimigos”, cuja motivação pode ser esportiva ou extradesportiva, política ou social, e se torna inteligível à luz situacional e contextual. Nossa interlocução começou assim em 2016, ainda à distância, quando recebi o convite da parte de Christian e dos organizadores Fabian Hertel e Sean Huddleston para a contribuição com um capítulo no livro *Football fans, rivalry and cooperation*² (London: Routledge, 2017), a fim de apresentar ao público internacional experiências associativas torcedoras relacionadas ao Brasil.

Seu posto universitário no Instituto de Ciências do Esporte lhe vale a cátedra de “Sport Management and Event Management”. Foi nesse prédio que o professor me recebeu ao longo da semana e naquela manhã de segunda-feira (23/09) para uma primeira reunião dedicada a pensar em uma parceria Brasil-Alemanha.

² HERTEL; HUDDLESTON. *Football fans, rivalry and cooperation*.

A discussão girou em torno do *survey* que estamos desenvolvendo nos últimos três meses, cuja continuidade e aprofundamento justificaram minha ida à Alemanha em missão de trabalho. Se nos encontros anteriores, em 2019 e 2023, nossa agenda de pesquisa esteve mais direcionada à análise qualitativa do fenômeno, com casos específicos de países em que algum modo de associativismo foi experienciado, nessa enquete nos propusemos a um levantamento quantitativo em nível global. Almejamos uma mirada mais ampla capaz de abranger países e continentes do globo por meio da aplicação de um questionário composto de doze perguntas, em sua maioria objetivas, a serem respondidas por especialistas reconhecidos em cada uma dessas realidades.

Após o desenho da enquete, a localização do público-alvo e a submissão do *survey*, estamos em fase da reunião e coleta dos dados que, mediante a adoção de métodos quantitativos, nos permitam empreender a análise dos resultados. O teor da quantificação avalia o entendimento de especialistas em torcidas no mundo a respeito do grau de aderência dos torcedores ao clube. Procura perceber também o seu nível de lealdade e de influência junto à associação clubística a que se vincula. A avaliação procura mensurar ainda o acompanhamento da governança da estrutura de poder do futebol, face não só aos dirigentes dos clubes de pertencimento, mas também às federações, confederações e autoridades esportivas em nível nacional e internacional.

O *survey* aprecia, com efeito, a relação dos torcedores organizados com as manifestações tradicionais de apoio em contraposição àquelas dimensões contemporâneas de consumo. A mensuração não deixa de fora tampouco as rivalidades tradicionais entre torcedores de times oponentes, bem como seu avesso, isto é, as formas de cooperação eventualmente estabelecidas entre torcidas antagonistas, aspecto em geral menos percebido e abordado na sociedade. Outro eixo central a nosso interesse de pesquisa é o grau de politização identificado por especialistas nacionais em torcidas. Tencionamos observar seu nível de criticismo em face das transformações econômicas e culturais por que passa o futebol na contemporaneidade.

A incursão no quesito “política” se estende a participações em conjunturas das sociedades em que se inscrevem, com a adesão a certas tendências e ideologias correntes – pró ou antifascistas por exemplo –, assim como a protestos e manifestações reivindicatórias que variam de caso a caso. O ativismo torcedor no século XXI

conduz-nos a apreciar a matéria em termos políticos, sociais, organizacionais, simbólicos, ademais dos tópicos relativos à segurança, à “atmosfera” dos estádios e à performance das torcidas nas arquibancadas, no tensionamento jurídico e administrativo entre o que pode e não pode, conforme entendimento e constante negociação com gestores e autoridades.

O primeiro dia de reunião (23 de setembro) foi, pois, dedicado aos ajustes e alinhamentos do *survey*, com a divisão das tarefas, a organização da estratégia de análise, a geração dos primeiros gráficos na plataforma e o início da redação da primeira versão do *paper*. A descrição acima possibilita uma apreensão da natureza processual deste *work-in-progress* da pesquisa, impulsionada pela missão.

O segundo encontro aconteceu no dia seguinte, 24/09, terça-feira, também nas dependências da universidade, desta feita na Faculdade de Letras (*Faculty of Language and Literatures*). Junto à minha referência acadêmica local Christian Brandt, especialista na temática, somou-se o professor Mirco Schönfeld, que eu ainda não conhecia pessoalmente e cujo contato foi estabelecido na época do delineamento da missão de trabalho no exterior.





Legenda: Imagens do Instituto de Esportes da Universidade de Bayreuth e placa da Faculdade de Letras, onde realizei as reuniões com os professores Christian Brandt e Mirco Schonfeld.

Schönfeld é o principal pesquisador da área de Ciência de Dados da *Universität Bayreuth* e ocupa a posição de *Junior Professorship for Data Modelling & Interdisciplinary Knowledge Generation*, desde 2019. Sua formação foi em Ciências da Computação na Universidade de Munique, com a obtenção do PhD em 2016, com tese intitulada *Contextual reference and authenticity in social networks* seguida de um pós-doutorado no mesmo ambiente acadêmico no Departamento de Ciência Política.

Seu laboratório de computação opera na interface das Humanidades Digitais e das Ciências Sociais, e tem base no programa institucional *Data Literacy*, com uma agenda dedicada a temas como dinâmica e abrangência social; política e economia dos sistemas; modelagem, preparação e eficiência de processamento do algoritmo; análise de redes sociais; aprendizagem de máquinas e mineração de texto.

Isso se concretiza em uma produção intelectual regular, com dois *papers* publicados em 2024, intitulados: “Shortest path-based centrality metrics in attributed graphs with node-individual context constraints”; e “Exploring food poverty experience in the German twitter-sphere”. Dado esse *background*, estabelecemos contato

e realizamos o primeiro encontro na terça-feira, seguido de uma continuação da conversa na quinta-feira.

De início, eu e Christian Brandt apresentamos então as coordenadas de nosso interesse em *text mining* para o acompanhamento de fóruns e de redes sociais de torcedores de futebol, com a mobilização inicial dos casos do Brasil e da Alemanha. Para situá-lo no bojo das pesquisas sobre futebol e *data mining*, apresentei de modo pontual meu trabalho de Treinamento Técnico, também nos quadros do projeto Capes Print, em 2020 na Suíça, junto ao *Football Observatory*, do *International Center for Sports Studies*.

Se na segunda, terça e quinta (26/09) fiquei às voltas com as reuniões de trabalho, na quarta (25 de setembro) tive a oportunidade de fazer uma imersão na cultura torcedora alemã, com a visita a um *Fan Project*. Este é um programa de assistência social para jovens criado pelo governo alemão na década de 1980 e mantido desde então, passadas quatro décadas. Sua criação remonta à preocupação das autoridades com o fenômeno da violência e do comportamento antissocial entre torcedores nos estádios, característica do que se convencionou chamar de “hooliganismo” na Europa, em particular na Grã-Bretanha, mas cuja problemática afetou também o território alemão.





Legenda: Fotos da sede e das dependências do Fan Project localizado na cidade de Fürth, na Franconia, norte da Baviera.

Os *Fanprojekts* têm capilaridade nacional e estão espalhados às dezenas pelas cidades do país, notadamente aquelas em que a cultura futebolística é expressiva. Tais programas são dotados de uma estrutura física de uma sede – tamanho e infraestrutura variam de clube a clube e de região a região – para recebimento de torcedores e seus grupos associativos, na condição de espaço de convivência e lazer durante o dia a dia. Junto à sociabilidade da rotina torcedora, servem também para aconselhamento de indivíduos em fase de passagem da vida estudantil à laboral, da vida juvenil à adulta. O projeto segue o calendário esportivo e visa oferecer esse local de aproximação e vínculo, com o entendimento de que seu público-alvo – a juventude – tem no futebol a sua principal forma de entretenimento.

Grosso modo, sabe-se que o *Fanprojekt* é subsidiado pelo governo do país, somado a aportes da federação nacional de futebol (Deutscher Fußball-Bund) e a contribuições parciais dos clubes. A gestão, no entanto, é dotada de certa autonomia local, dadas as particularidades de cada abrangência geográfica e de cada município envolvido. Via de regra, os funcionários provêm da área de serviço social. Alguns dos trabalhadores recrutados advêm do universo torcedor e podem ser líderes veteranos das torcidas de seus times. O entendimento é que seu conhecimento acumulado

(ou capital simbólico) e seu prestígio interno ao grupo atuam na mediação e na facilitação do diálogo com os *Ultras* estabelecidos. A presença deles evita porventura torcedores refratários a qualquer tipo de ingerência governamental ou a tutela sobre suas agremiações, muitas vezes marcadas pela endogenia, pelo fechamento e mesmo pelo “segredo”, conforme os ensinamentos sociológicos de Simmel.



Legenda: No Fan Project são oferecidos espaços para atividades atléticas e esportivas gratuitas aos torcedores, aos jovens e à comunidade da cidade de Fürth em geral, a exemplo das aulas de boxe, uma vez que as artes marciais são cultivadas por grupos Ultras.

De acordo com o que pude testemunhar na cidade de Fürth, onde visitei o *Fanprojekt*, o oferecimento de um espaço físico para encontros e para o desenvolvimento de sociabilidades faz com que a sede tenha salas de estar, equipamentos para

diversão, recursos audiovisuais para projeção de jogos e de filmes, espaços de convívio e aqueles destinados a práticas esportivas, mesas e auditórios para reuniões, entre outras dependências.

Uma vez que sabia da existência desses centros, mas ainda não os conhecia diretamente *in loco*, propus dentro da missão de trabalho de duas semanas a visita a um deles. O mais perto da região norte da Baviera fica na cidade de Fürth, com cerca de cem mil habitantes. Ela, por sua vez, é vizinha ao centro de Nuremberg, mais conhecida historicamente pelos imponentes congressos do Partido Nacional-Socialista da época do Terceiro Reich e, com efeito, após a Segunda Guerra, ambiente de instalação dos tribunais investigadores dos crimes genocidas perpetrados pelos nazistas.

Programei para quarta-feira (25/09) a viagem de uma hora de trem regional para Fürth, sendo recebido, após contatos prévios que situaram a finalidade da visita, pelo responsável desse *Fanprojekt*. Martin Christoph Spörl Curi é formado em Serviço Social e tem mestrado e doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal Fluminense, sob orientação de Simoni Guedes. O amigo de longa data recebeu-me de forma hospitaleira na estação de trem, às 15h daquela quarta-feira. Após uma breve conversa, percorreu comigo parte da cidade, contou sua história de modo sumário, mostrou igrejas, mencionou personagens ilustres e contextualizou a situação do clube local, atualmente na segunda divisão do campeonato alemão.





Legenda: Partida realizada na cidade de Fürth, válida pela segunda divisão do Campeonato Alemão, em 27 set. O time da cidade enfrentou o Fortuna Düsseldorf (torcida em vermelho na foto, no setor visitante). Nesse e em outros jogos, a equipe do Fan Project se faz presente para auxiliar os torcedores e suas torcidas, com programas de assistência social e prontos para demandas que surjam antes, durante e depois do jogo. A segunda foto foi registrada por Martin Curi.

Em seguida, levou-me à sede do *Fanprojekt*, que ocupa o andar inteiro de um prédio, para me apresentar às suas dependências, de muito boa qualidade, por sinal, como pude averiguar. Embora no dia não tenha encontrado torcedores presentes no recinto, Martin apresentou-me a um de seus funcionários, que procurou, em sinal de simpatia, bom-humor e hospitalidade, acolher-me com palavras de boas-vindas pronunciadas em um espanhol por assim dizer germanizado. Conforme as imagens reproduzidas no decurso do texto o local é todo ornado com as cores verde-e-branca do time da localidade, o SpVgg Greuther Fürth. Objetos relativos ao imaginário do clube esportivo – vitrines com troféus, fotos, revistas, souvenirs, cartazes, posters, livros e toda sorte de quinquilharias – adornam o interior do recinto.

A busca por semelhanças no Brasil fez-me lembrar, guardadas as devidas proporções, das unidades do SESC em São Paulo. Ainda que não haja qualquer equivalência no nosso país em termos futebolísticos, a analogia se direciona ao princípio

associativo e ao aspecto recreativo cultivado em ambos os locais. Isso posto, há mesas de totó, jogos de carta, além da prática de modalidades esportivas variadas, com especial atenção às aulas de boxe oferecidas gratuitamente à comunidade. Fica patente a meta de criar atrativos para a frequência dos torcedores adolescentes ao espaço. As paredes são em sua maioria identificadas com grafites produzidas pelas próprias torcidas *Ultras*, traço cultural marcante desses agrupamentos nos muros das cidades, nas paredes de prédio e nas placas de sinalização do país, uma tradição, diga-se de passagem, presente em todo o continente europeu.

O grafite procura ser um marcador positivo de arte de rua, que coexiste com o hábito de espalhamento dos autocolantes com a imagem e o nome das torcidas. Como a pixação é bem menos recorrente na Alemanha, os *Ultras* valem-se dessas etiquetas, que variam de tamanho, formato e estilização, para demarcar sua passagem pela localidade. Tal codificação também se verifica quando se trata de torcidas visitantes, a fixar no plano simbólico seu território na cidade, quer seja no interior e nos arredores do estádio, quer seja em monumentos históricos ou nos meios de transporte, numa palavra, em locais de deslocamento e visibilidade.





Legenda: Identificações da “cultura” Ultra encontram-se disseminadas em diversas partes do espaço público alemão, como forma de afirmação da identidade, de visibilidade e de demarcação do seu território no país, tradição encontrada na Europa em geral.

Tal índice da cultura urbana tornou-se uma tradição entre tais grupos e serve tanto para o reconhecimento de sua existência ante os cidadãos alheios a essa realidade futebolística, quanto em especial àqueles iniciados, incluindo rivais, pois não raro os autocolantes trazem desenhos e dizeres provocativos aos oponentes. Assim, o grafite é uma alternativa de expressão dos símbolos identitários dos clubes e das torcidas, com vistas a eliminar essa espécie de sujeira visual disseminada pelos grupos nos bens públicos da cidade, forma típica de autoafirmação e de emulação intergrupos.

Outro bem associado aos Ultras é a confecção de livros de memória de sua história. Na visita ao *Fanprojekt*, Martin mostra-me um livro grosso, de capa dura, com centenas de páginas e milhares de fotos de diversos personagens, jogos, estádios e de diferentes momentos memoráveis da coletividade. A publicação é mais uma iniciativa tradicional dos Ultras europeus, pois lembro-me com clareza em minha pesquisa de campo na França de haver encontrado livros congêneres, no mesmo estilo do exemplar encontrado na Alemanha.

A conversa com Martin tratou ainda das características torcedoras na Alemanha e das ações da entidade que dirige. Diferente do Brasil, as torcidas organizadas

alemãs têm um caráter mais endógeno. São também constituídas em menor escala demográfica, ou seja, um número reduzido de membros, quando comparadas ao caso brasileiro. Segundo o responsável pelo *Fanprojekt*, o núcleo duro de um grupo *Ultra* não deve passar de cem membros ativos, que vivenciam sua rotina com intensidade. No encontro, pergunto sobre a imigração no país, em particular os advindos historicamente da Turquia, e a incorporação desses contingentes nos agrupamentos. Meu interlocutor se mostra cético quanto à presença e à participação, por exemplo, de imigrantes turcos tanto na base quanto na liderança dessas associações.

Meu interlocutor relatou ainda situações interessantes na gestão do “Projeto Torcedor” em Fürth. Estando há um ano à frente do mesmo, disse que teve de demitir dois funcionários por comportamento inadequado, após quebra de hierarquia e decoro. Estes, por sua vez, após a demissão, passaram suas versões negativas aos líderes do grupo organizado do time da cidade, que por seu turno assumiram uma postura de desconfiança para com a atual direção do *Fanprojekt*. Tal resistência e crise conjuntural de relacionamento teve o efeito momentâneo do distanciamento da torcida do espaço, o que, segundo Martin, explica a ausência de visitantes ultimamente à sede.

Não obstante, reporta que em todas as partidas um representante da sua instituição acompanha o setor das arquibancadas denominado “Curvas” (nome difundido pelas torcidas italianas e assumido em quase todos os países). O membro do *Fanprojekt* é dotado de um crachá e se posta regular e estrategicamente nos pontos-chaves do estádio, para que possa ser identificado e para se colocar à disposição de maneira auxiliar e colaborativa junto aos torcedores. O mesmo ocorre nas partidas chamadas “fora de casa”, quando se deslocam em van, carro ou algum outro meio de transporte para acompanhar as torcidas no trajeto, na chegada e dentro das arenas.

Ponto focal e instância mediadora, o *Fanprojekt* é uma referência do caso alemão, adotado também no futebol da Bélgica e da Suíça, ainda que com menor êxito e aceitação. Sua finalidade é a arbitragem de conflitos no universo das rivalidades clubísticas e, com sua existência de quatro décadas, tornou-se um exemplo de política pública preventiva a atos de brigas e agressividade relacionadas ao ambiente esportivo.

Retornei de Fürth a Bayreuth com a percepção da importância positiva dessa atividade imersiva para uma compreensão circunstanciada dessa realidade torcedora na Francônia alemã, sobre a qual muito ouvira falar até então no Brasil. Em

função da agenda preestabelecida, não pude ficar para a partida que haveria na sexta-feira do time de Fürth contra o Fortuna Düsseldorf, válido pela segunda divisão do campeonato nacional, cuja fotografia reproduzi acima.

Conquanto de uma divisão inferior, a competição tem hoje uma média de público espectador alta, ultrapassa uma parte considerável de ligas principais de países europeus, à exceção dos *Big-5* (campeonatos nacionais das ligas de futebol da Inglaterra, da Itália, da Espanha, da França e da Alemanha), e tem algumas de suas arenas com o chamado padrão FIFA, conforme exemplificaremos adiante. Ademais, a assistência em Fürth ensinaria também a observação de uma dinâmica de atuação do *Fanprojekt* em um dia de jogo.

Não obstante, meu retorno era imperativo, pois tinha programada a segunda reunião com os professores Christian e Mirco na quinta (26/09). Na sexta-feira (27/09), estava na agenda a viagem para a cidade de Dortmund, justamente para o acompanhamento de uma partida do hoje famoso time internacional do Borussia pela divisão principal da Liga, em sua arena para 81.365 mil lugares, uma das maiores do mundo.

Juntamente com meu supervisor, Christian Brandt, pegamos o trem da Baviera e viajamos durante seis horas para a região da Renânia do Norte-Vestefália, cuja capital é Düsseldorf. Dortmund é uma das cidades da região do Ruhr, na parte noroeste do país, conhecida pela mineração e pela industrialização, ao lado de Essen, de Bochum, de Münster e de Duisburg, de Bonn e de Gelsenkirchen, entre outras. A população de Dortmund conta com mais de 700 mil habitantes, ou seja, dez vezes mais a que encontrei na pacata Bayreuth, e está entre as maiores do país. Historicamente, segue o protestantismo e, no século XX, recebeu como imigrantes trabalhadores poloneses.

Duas atividades principais estavam previstas no programa: 1. Conhecer a ambiência de um estádio de grande porte da Bundesliga, uma das competições esportivas mais prestigiadas do mundo, integrante das conhecidas *Big-5* europeias; 2. Conhecer o espaço expográfico e estabelecer contato com a equipe de curadoria do Museu Nacional do Futebol alemão, também situado na cidade de Dortmund.

A chegada na sexta foi sucedida pelo jogo no sábado à noite. Desde a chegada na estação central de trem (Hauptbahnhof), já pude observar a onipresença e popularidade do clube de futebol da cidade, cuja homonímia contribui para a fusão das

duas esferas. Camisas, cachecóis, bolsas com o dístico do time e uma miríade de distintivos povoam a paisagem urbana. O ponto centralizador da ferrovia, de onde a circulação de transeuntes se irradia no frenesi de carros e pessoas, já demarca o posicionamento das bandeiras do clube no entorno da praça que o cerca, hasteadas em grandes mastros e tremuladas pelo vento, quase a sinalizar para quem chega sua condição oficial e identitária da cidade.

Uma grande boutique *Fan Shop* chama a atenção na praça principal, com as bandeiras em cores amarelo-e-preta simbolizadoras da agremiação clubística. A boutique comercial promove a marca do Borussia e encontra-se ao lado do *Deutsches Fussballmuseum*, ou Museu Nacional do Futebol alemão, cuja imponência no conjunto arquitetônico e cuja importância como atração urbana ficam evidentes pela sua centralidade na geografia de Dortmund. Não tenho condições de avaliar o impacto da realização da Euro 2024 (a Copa de seleções nacionais europeias, realizada a cada quatro) na Alemanha em junho/julho deste ano, mas presumo que tenha se tratado de um ingrediente a mais na promoção do museu. Borussia foi uma das dez cidades-sedes selecionadas e, diga-se de passagem, duas delas com localização no Ruhr, onde a efervescência futebolística parece contagiar e se estender para o conjunto de seus habitantes.

Antes de abordar a visita ao *Football Museum*, relato em ordem cronológica a experiência do jogo no estádio do Borussia, que atende pelo *naming rights* de *Signal Iduna Park*. O batismo comercial da arena deve-se a uma empresa patrocinadora local, destinada a serviços e seguros financeiros desde o início do século XX. Diferente da Inglaterra, em que os clubes são empresas privadas claramente definidas, a Alemanha assistiu a uma profissionalização tardia, que remonta aos anos 1960. Embora tenham aderido ao modelo empresarial inglês mais recente, em conjunto com o surgimento das arenas no início dos anos 2000, para a organização e viabilização da Copa do Mundo Fifa de 2006 em seu país, os clubes alemães, por assim dizer, resistem na manutenção de sua condição de entidades majoritariamente associativas, com o princípio jurídico do “50 + 1”. Isso significa que não pode haver acionários detentores da maioria das suas ações, transformando-as em empresas privadas.

Borussia – também conhecido pela sigla BVB – é um clube tradicional de uma região futebolística importante da Alemanha. Como as demais agremiações, assistiu a

fases de maior e menor glória, mas desde a construção de sua grandiosa arena – capaz de receber 60 mil espectadores sentados e até 80 mil nos torneios em que se permitem torcedores em pé, porquanto suas cadeiras são retráteis e adaptáveis às exigências de cada torneio – tem vivido nos últimos anos um ciclo virtuoso de conquistas e de projeção do seu nome em âmbito internacional. Em parte, tal fama é proveniente da repercussão angariada por seu estádio e pelo setor da arena em que a presença e participação da torcida é intensa, a impressionar pela monumentalidade.

Refiro-me à tribuna atrás de um dos gols, no setor norte, em que se postam as torcidas Ultras, sendo a principal delas conhecida pelo nome em inglês *The Unity*, seguida por “Desperados” e “Jubos”. A efervescência da torcida nas arquibancadas valeu-lhe a alcunha de “Muralha Amarela”, atributo do gigantismo massivo daquelas tribunas com torcedores compactados em pé, sempre com a lotação máxima, bem como de toda a arena. A aglomeração chega a lembrar os antigos “terraces” que caracterizaram os estádios britânicos do século XX, mas desta feita no formato enquadado pela modernização das arenas e irradiado pelas câmeras de TV em alta definição. É possível dizer que se assiste embevecido não só aos jogadores em campo, como aos torcedores nesse setor (a capacidade dele chega a 25 mil), em meio ao tremular constante das bandeiras, às faixas desfraldadas, aos mosaicos distendidos e a toda uma polifonia ruidosa, espetaculosa e festiva da performance dos *Ultras*.

O ambiente vivencia um limite tênue entre a festa ritualizada e a desordem disruptiva, o que é evidenciado pelos grades de contenção e de proteção, a seccionar, a circunscrever, para não dizer, a confinar tais torcedores em espaços demarcados. Meu próprio interesse em presenciar um jogo cujo ingresso custou-me 50 euros – cerca de 300 reais, entre os menos caros, em assento situado no setor nordeste, em seu patamar mais alto – encontra motivação na aura global que as imagens televisivas difundiram a respeito dessa “muralha amarela”.

O caminho para o estádio já denota a mobilização cidadina e torcedora para a partida contra um rival local, o Bochum, de uma cidade próxima. Ainda que não seja a principal rivalidade do Ruhr – o derby mais importante é contra o Schalke 04, de Gelsenkirchen –, trata-se de uma partida com atratividade para a região. Fazemos a ida de metrô (referenciado na cidade pelo símbolo do “U”) e encontramos nesse meio de transporte uma enorme afluência de público. A ponto de não conseguirmos

entrar nos dois primeiros comboios, mesmo com os agentes da estação a tentar organizar a entrada e permitir a melhor distribuição dos vagões.



Legenda: A estação de trem de Dortmund é um dos locais de passagem em que as torcidas deixam sua inscrição sob a forma de adesivos autocolantes. Neste acima, uma bem-humorada caricatura dos torcedores rivais da cidade vizinha Bochum.

Aliás, em dias de jogo, como forma de facilitar o fluxo, os que têm ingresso estão dispensados de adquirir o bilhete do metrô, servindo de comprovante o tíquete da partida. Depois da espera, conseguimos com esforço entrar em um dos vagões, que já chegam cheios. É preciso apertar e se espremer para conseguir um mínimo espaço. Na estação seguinte o mesmo sucede e ficamos a cada momento mais comprimidos, às vezes esmagados pela provisória superlotação. A situação gera desconforto quando um grupo mais exaltado adentra o metrô. Falam alto, quase bradando, sem respeitar limites de individualidade. Embora não consiga entender o alemão, percebemos um desentendimento entre eles, o que parece se relacionar a moças também presentes no vagão e também a caminho da partida.

Os ânimos se acirram, uma discussão interna se instaura, sem que entendamos bem as razões, e em uma parada saem os contendores para uma briga que vai às vias de fato. Ao final um deles é expulso e os demais voltam ao vagão novamente de forma hostil. Ao final de vinte minutos, conseguimos chegar à estação, para mais uma peregrinação rumo ao estádio, situado na periferia da cidade, como é tradicional na Europa. Uma chuva miúda se alastra e dificulta a orientação noturna do caminho a seguir. Com mais alguns minutos de caminhada, alcançamos o destino, em meio ao burburinho e às levadas de torcedores na noite chuvosa.

Já nos meios de transporte vemos torcedores do time oponente, o Bochum. Eles se trajam com cachecóis azul-e-brancos identificadores, mas não há hostilidades direcionadas e no caminho transitam de maneira livre em meio à multidão amarelo-e-preta. Quando chegamos mais próximos, minha companhia e guia no jogo, Christian Brandt, mostra-me o campo ao lado da arena, iluminado com holofotes e ponto de concentração de muitos torcedores para beber e conversar antes da entrada. Trata-se do antigo estádio do Borussia, onde ainda se vê parte das arquibancadas no modelo tradicional de cimento com barreiras parciais de contenção e apoio para os torcedores.

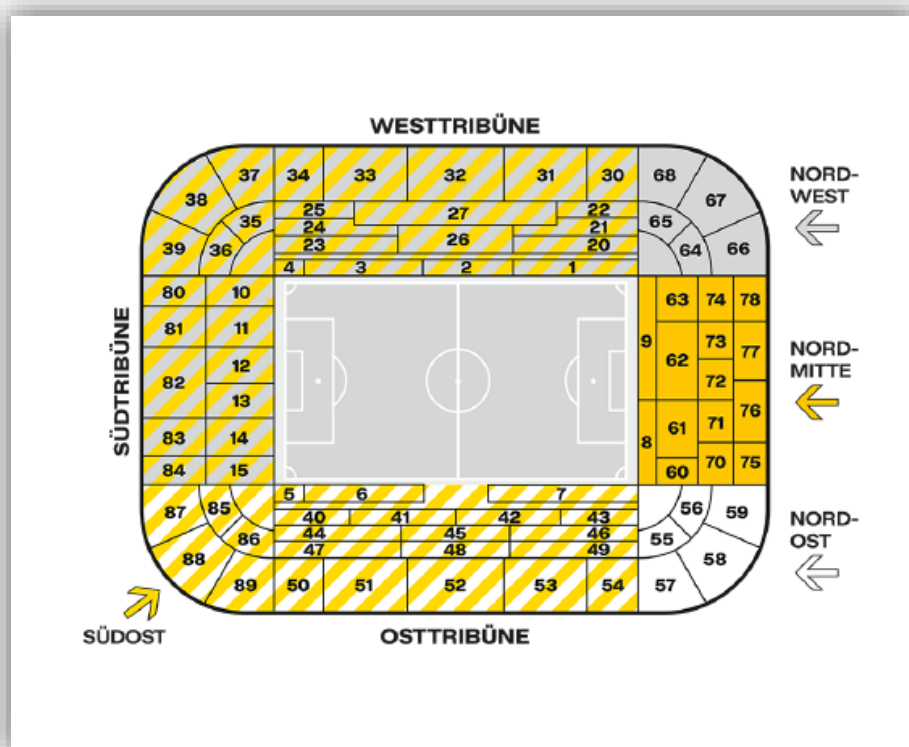
A arena magnífica ao lado acentua o contraste entre as duas “eras” do futebol, ativando um “lugar de memória” do clube. Caminhamos em face de uma arquitetura colorida, envidraçada e grandiosa, a impressionar quem chega pela altura e dimensão. Dentro do complexo, há um museu do clube e fachadas imponentes, com luzes fluorescentes e propaganda animada nos painéis. Após a identificação do

nosso portão de entrada, seguimos a fila de revista corporal pelos *stewards* (fiscais e orientadores de público uniformizados com uma cor amarela ou laranja bem chamativa) e de certificação do ingresso. Alguns minutos se passam no aglomerado relativamente organizado, dada a proximidade do horário de início da partida, 21h.

A passagem pelas barreiras e triagens nos leva em seguida a uma série de escadas, cujos patamares ascendentes vão nos fazer chegar quase ao topo do edifício esportivo. Os lugares são marcados por mecanismos identificatórios básicos – arranjo de linhas, números e cores –, em um setor em que os torcedores ficam sentados, mas que a todo momento têm de se levantar para que os demais possam passar e encontrar seus assentos. As dependências impressionam pela agitação, pela iluminação – notadamente na ambiência noturna – e pelo ruído, que lembra um show de rock ou um espetáculo assemelhado. Nesse périplo, logo no primeiro andaime, é possível perceber o setor da torcida visitante, já preenchido e compactado à espera do início do jogo.

Placares sinalizadores nos direcionam via letras do alfabeto para encontrar o setor e a torre de escadas a seguir. Grandes filas se amontoam ante os quiosques e os *food trucks*, que possibilitam o consumo de bebidas e de alimentos variados. Tudo é ornado nas cores do clube da casa, em um tom amarelo berrante. Galgamos a série de andares até alcançar nosso ponto superior. Por sorte, estamos defronte ao setor norte, e nele uma multidão de 25 mil torcedores lota a arquibancada para incentivar o time, sob a liderança da principal torcida ultra do BVB – The Unity – postada ao centro e abaixo.





Legenda: Fotografia da minha presença nas arquibancadas em Dortmund para observações *in loco* e trabalho de campo, juntamente com reprodução do mapa das tribunas do estádio, para assistir a um jogo válido pela Bundesliga (1ª divisão do Campeonato Alemão), na Arena Signal Iduna, do Borussia, contra o Bochum, com a presença de mais de 80 mil torcedores. Em 28 set. 2024.

Os cânticos entoados impressionam pela intensidade e ressonância por todo o estádio. Alguns deles fazem parte de uma tradição de músicas de torcidas europeias e são reconhecíveis pela melodia. Seus gritos ecoam e, na entrada das equipes em campo, todos os mais de 70 mil borussianos empalmam seu cachecol, com as duas mãos estendidas em riste nas extremidades para a produção de um efeito estonteante, em meio ao coro reverberador. O setor adversário do Bochum, ainda que limitado ao diminuto espaço que possui – a olho nu, de maneira impressionista, diria que 1/10 da capacidade –, responde de maneira coordenada e compacta, repetindo os gestos e procurando fazer sua voz coletiva ser ouvida. Telões e autofalantes, no entanto, concorrem com as torcidas e às vezes as ofuscam com sua potência sonora e visual.

O jogo começa e uma sequência de cantos vai sendo entoada. Para surpresa geral, quando não para incredulidade dos torcedores mandantes, o time visitante abre o jogo para 1 a 0. Pouco depois amplia o placar para 2 a 0, ainda no primeiro tempo. No setor norte o descontentamento é patente, com o arremesso de copos de cerveja dentro de campo. Os ultras do Bochum, por seu turno, vibram coletivamente

e a linha de frente do grupo, postada com tambores e megafone na proximidade do alambrado, acende os proibidos e polêmicos sinalizadores pirotécnicos. A partida é interrompida, um locutor oficial informa a paralização, enquanto vaias dos torcedores do BVB são endereçadas aos rivais. Estes, por sua vez, procuram chamar a atenção com sua pirotecnia, sendo alguns dos artefatos arremessados em campo e inflmando ainda mais a cena.

O Borussia ainda faz um gol no primeiro tempo e reanima a partida. Após o intervalo, o jogo muda de figura, com o empate e a virada do BVB, e se torna uma goleada de 4 a 2, para o júbilo gregário dos torcedores. A festa volta a ser comandada pelos Ultras locais, embora os do Bochum não parem de cantar e de incentivar. Finda a partida, em meio à dispersão, torcidas rivais trocam insultos e se provocam, como que a preparar e tensionar o cenário fora da arena.

À saída, a multidão se revela turbulenta, com as milhares de pessoas caminhando em sentidos contrários ou imobilizadas pela compressão dos espaços hiperlotados. São necessárias algumas dezenas de minutos para o público escoar. Observo surpreendido que os torcedores do Bochum saem juntamente com os do BVB. Algumas provocações e alguns empurrões pontuais são vistos. O contingente do policiamento é robusto, com blindados, cavalaria e policiais trajados *a la* robocop, sintoma de que o potencial disruptivo é alto.

Em determinados momentos, a situação parece tensa. Sirenes de carros policiais são disparadas ruidosamente, um destacamento da polícia corre, como que a impedir uma briga iminente ou um encontro de grupos ultras em adjacências ignotas. O cenário se acalma, mas de quando em quando um sinal de alerta volta a ser acionado. Não chego a testemunhar nenhum incidente, todavia os dispositivos de tensão mostram-se dados. A chuva ainda atrapalha o caminho da volta. Entretanto, ao invés do metrô caótico e abarrotado, voltamos a pé, com o cruzamento da cidade até o destino do meu hotel, bem nas cercanias da estação ferroviária.

* * *

REFERÊNCIAS

HERTEL, Fabian; HUDDLESTON, Sean. **Football fans, rivalry and cooperation**. London: Routledge, 2017.

SCHÖNFELD, Mirco. **Contextual reference and authenticity in social networks**. Munch: PhD Computational Sciences, 2016.

* * *

Recebido em: 16 jan. 2025.
Aprovado em: 14 set. 2025.

O fortim do Quarto Distrito: o Estádio Tiradentes e sua relação com a Zona Norte de Porto Alegre (1935-c. 1960)

The fort of Quarto Distrito: the Tiradentes Stadium and its relationship with the North Zone of Porto Alegre (1935-c.1960)

Gérson Wasen Fraga

Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim/RS, Brasil
Doutor em História, UFRGS
gwfraga@terra.com.br

RESUMO: O artigo tem como objetivo refletir sobre as relações entre o Estádio Tiradentes, localizado na zona norte de Porto Alegre e pertencente ao Grêmio Sportivo Renner, e a identidade operária do bairro Navegantes, onde se encontrava. A estrutura, inaugurada em 1935, existiu até o início da década de 1960, sobrevivendo inclusive ao próprio clube. Embora fosse um elemento integrante da identidade de um clube dito “operário”, o Tiradentes poderia ter outros sentidos e significados, seja por sua construção marcada como uma benesse da companhia industrial que amparava o clube, seja pela utilização do estádio como cenário de manifestações políticas, inclusive no contexto imediatamente anterior à Segunda Guerra Mundial. Sua demolição, no início dos anos 1960, foi resultado não somente do encerramento das atividades do Renner, mas também do crescimento urbano da capital gaúcha.

PALAVRAS-CHAVE: Estádio Tiradentes; Grêmio Sportivo Renner; Futebol operário.

ABSTRACT: The article aims to reflect on the relations between the Tiradentes Stadium, located in the north of Porto Alegre and belonging to the Grêmio Sportivo Renner, and the working-class identity of the Navegantes neighborhood, where it was located. The structure, inaugurated in 1935, existed until the early 1960s, even surviving the club itself. Although it was an integral element of the identity of a so-called “working-class” club, the Tiradentes Stadium could have other meanings, either because of its construction marked as a benefit from the industrial company that supported the club, or because of the use of the stadium as a scene for political demonstrations, including in the context immediately before World War II. Its demolition, in the early 1960s, was the result not only of the closure of the club's activities, but also of the urban growth of the capital of Rio Grande do Sul.

KEYWORDS: Tiradentes Stadium; Grêmio Sportivo Renner; Worker's Football.

INTRODUÇÃO

Os estádios de futebol são estruturas marcantes no espaço das cidades. Por serem muitas vezes verdadeiras referências na geografia urbana, tais edificações costumam ser ricas em sentidos, evocando desde a paixão e a ideia de pertencimento por aqueles torcedores que veem aquele espaço como a “casa” de seu clube, até a repulsa por parte de adversários que a eles se referem através de termos pejorativos. Quando públicos, podem ser compartilhados por equipes rivais (Maracanã, Mineirão, Pacaembu), se constituindo em símbolos coletivos. Grandes ou pequenos, os estádios podem ser ainda referências geográficas mesmo para quem porventura não conheça a cidade em que se localizam: a “Rua Bariri” ou “São Januário” no Rio de Janeiro; o “Passo d’Areia” em Porto Alegre, ou o “Morumbi” e a “Rua Javari” em São Paulo são alguns exemplos ilustrativos neste sentido.

Há também o caso específico dos estádios estatais construídos no Brasil durante o período ditatorial (1964-1985), mormente estruturas de grande porte erguidas com somas volumosas de dinheiro público e dos quais as histórias muito nos revelam sobre a porosidade entre o que é e o que não é privado no Brasil. Tais estruturas integram o conjunto daquilo que Pedro Henrique Pedreira Campos chamou de “Estranhas Catedrais”¹: obras públicas erguidas em governos autoritários, de necessidade por vezes duvidosa, cujo custo final em muito superava o valor inicialmente orçado. No caso específico dos estádios, estes espaços, através de seus nomes, costumam homenagear figuras obtusas ou controversas de nossa História (“Castelão”, “Amigão”, “Albertão”), por vezes envolvidas diretamente em suas construções, e que se tornaram assim instrumentos de perpetuação de sua memória no imaginário popular.

Ainda, a importância arquitetônica de algumas destas construções pode levar ao seu tombamento pelos órgãos responsáveis, transformando-os em bens públicos arrolados como patrimônio material, caso notório do Pacaembu em São Paulo ou do

¹ CAMPOS. *Estranhas Catedrais: as empreiteiras brasileiras e a Ditadura Civil-Militar*, 2022.

Maracanã no Rio de Janeiro, muito embora este tenha sido severamente descaracterizado quando das reformas para a Copa do Mundo de 2014.²

É possível pensarmos tais estruturas, ainda, sob a perspectiva de que possuam uma espécie de “ciclo de vida”. Os estádios, desta forma, seriam edificações de longa duração, mas sujeitas ao cumprimento de uma trajetória cujo fim pode ser determinado por fatores diversos e, inclusive, combinados, como sua obsolescência, interesses econômicos ligados normalmente ao mercado imobiliário ou a ressignificação do local onde originalmente se encontravam. O estádio Adolpho Konder em Florianópolis, o estádio dos Eucaliptos em Porto Alegre ou o “*El Viejo Gasómetro de Boedo*” em Buenos Aires, todos hoje não mais existentes, são exemplos possíveis de serem trazidos nesta direção. Neste caso, a memória social costuma privilegiar as estruturas maiores ou ligadas a clubes de grande apelo popular, ficando os espaços vinculados a clubes de menor expressão relegados ao esquecimento, inclusive no que se refere à sua localização exata (o que é o caso da “Chácara das Camélias”, em Porto Alegre, cuja existência é hoje desconhecida pela maior parte dos moradores da cidade). Isso para não falar de espaços menos institucionalizados ou informais, outrora ocupados por ligas menores e/ou clubes periféricos, ignorados pelas páginas dos principais jornais por não se enquadrarem nos padrões elitistas que a prática do futebol exigia nos primeiros anos do século XX e sobre os quais, por vezes, temos escassa ou nenhuma documentação.

Os estádios podem ainda assumir muitas outras funções e significados. Segundo Christoffer Gaffney:

Stadiums matter to us because they are places where we share common emotions in a common place in a limited time frame. Stadium games, concerts and spectacles are momentous occasions that live on in our collective memory. The limited space and time of the stadium gives spectators a sense of privileged participation. “I was there when...” is a prideful claim made by millions who have attended a stadium event. However, stadiums have also been sites of tragedy, murder and repression. They represent and reproduce political and economic inequalities. Neighborhood communities organize to stop stadium constructions. The effects of the stadium radiate outwards, affecting

² Sobre os impactos das reformas sobre o projeto inicial do Maracanã, ver: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. O fim do estádio-nação? Notas sobre a construção e a remodelagem do Maracanã para a Copa de 2014. In: CAMPOS; ALFONSI (Orgs.). *Futebol objeto das Ciências Humanas*. São Paulo: Leya, 2014.

traffic flows, daily routines, environmental quality, and property values. The stadium has an impact even on those with no interest in what happens there.³

Este artigo tem como objeto o Estádio Tiradentes (também conhecido como “Waterloo”), e sua relação com o bairro Navegantes, onde se localizava. A estrutura pertencia ao Grêmio Sportivo Renner, e tanto o clube quanto o estádio carregavam consigo a marca de estarem em uma região de Porto Alegre identificada com o trabalho fabril. Contudo, partimos do pressuposto de que identificar aquele espaço simplesmente como “a casa de um clube de raízes operárias” possa ser uma simplificação demasiada, uma vez que o Tiradentes cumpria com outras funções para além dos jogos de futebol, o que lhe tornou objeto de múltiplos sentidos durante sua existência. Ao mesmo tempo, percebemos que o mesmo processo de desenvolvimento urbano que permitiu o seu surgimento acabou por levá-lo, em um tempo curto, à obsolescência, já que seu espaço passou a ser demandado pela ampliação da estrutura viária naquela região da cidade. Diante desta pressão e do encerramento das atividades do clube em março de 1959, o Tiradentes encontraria o fim do seu ciclo no início da década seguinte, com sua demolição e a ressignificação da área por ele ocupada.

NAVEGANTES, TRENS, OPERÁRIOS E *SPORTSMEN*

O surgimento de uma zona industrial no extremo norte de Porto Alegre é um fenômeno que pode ser compreendido a partir da própria geografia da cidade. Localizada na confluência do Lago Guaíba com os rios Gravataí, Sinos e Jacuí, a região era ponto obrigatório de passagem para os produtores e mercadores do interior do

³ “Os estádios são importantes para nós porque são lugares onde compartilhamos emoções comuns em um lugar comum em um período de tempo limitado. Jogos de estádio, concertos e espetáculos são ocasiões marcantes que permanecem na nossa memória coletiva. O espaço e o tempo limitados do estádio dão aos espectadores uma sensação de participação privilegiada. ‘Eu estava lá quando...’ é uma reivindicação orgulhosa feita por milhões de pessoas que compareceram a um evento no estádio. No entanto, os estádios também foram locais de tragédia, assassinato e repressão. Representam e reproduzem desigualdades políticas e econômicas. Comunidades de bairro se organizam para impedir construções de estádios. Os efeitos do estádio irradiam para fora, afetando os fluxos de tráfego, as rotinas diárias, a qualidade ambiental e os valores dos imóveis. O estádio tem impacto mesmo para quem não tem interesse no que acontece lá”. GAFFNEY. *Temples of the Earthbound Gods: stadiums in the cultural landscapes of Rio de Janeiro and Buenos Aires*, p. 3. (Tradução nossa).

Rio Grande do Sul, notadamente do Vale do Rio dos Sinos, que, ao longo do século XIX, vinham abastecer a cidade. Esta localização estratégica logo seria cruzada pela estrada de ferro que ligava Porto Alegre a São Leopoldo (1874) e, já no século XX, ganharia a construção do complexo do Cais do Porto. Constituíam-se assim em ponto privilegiado para a instalação de indústrias, dadas as facilidades de transporte que então se anunciavam. Pensando no crescimento de Porto Alegre neste período de virada do século XIX para o século XX, Charles Monteiro assim comenta:

A expansão do perímetro urbano seguiu os antigos caminhos do povoamento, abrangendo os Campos da Redenção e Colônia Africana (atual bairro Bom Fim), Areal da Baronesa (atual bairro Cidade Baixa), Floresta e Navegantes. Há um crescimento do Centro em direção a zona Norte através da Voluntários da Pátria, onde situavam-se os depósitos das companhias marítimas, a estação ferroviária e fábricas de diversos produtos (pregos, móveis, luvas, farinhas, cerveja, doces, etc.). Em decorrência desse crescimento comercial e fabril, surgiram os loteamentos de São João e Navegantes que, posteriormente, tornariam-se bairros operários. Nova realidade que aparece representada na Planta da Cidade de Porto Alegre de 1896.⁴



Imagem 1 - Mapa da cidade de Porto Alegre, de 1906, com a localização da área do Quarto Distrito em evidência. Intervenção do autor sobre imagem da planta de Atílio Alberto Trebi (1906).

⁴ MONTEIRO. *Breve história de Porto Alegre*, p. 28.

A região, contudo, nunca foi exatamente “a menina dos olhos” da administração pública. Ainda que viesse com o tempo a concentrar muitas das principais indústrias da cidade, seu relativo afastamento (para os padrões da época), seu status de arrabalde ou mesmo o detalhe de não ser um local que concentrasse as moradias da elite citadina tornavam-lhe mais uma das tantas áreas esquecidas pela administração municipal, o que resultava em um cotidiano em que a precariedade da infraestrutura urbana contrastava com a pujança do capital ali instalado. Espécie de pequena Manchester à beira do Guaíba, o Quarto Distrito concentrava chaminés e residências operárias localizadas às margens de ruas embarradas e com saneamento deficiente, mas que abrigavam uma mão-de-obra que ali se estabelecia em busca de emprego e melhores condições de vida. Assim, a cidade não apenas crescia, mas fazia, com o atraso que caracteriza o processo no Brasil, a sua própria Revolução Industrial, com todas as consequências que lhe seriam inerentes.

OS NOSSOS ARRABALDES

*Um punhado de ruas, nos Navegantes, no mais completo abandono.
Operários sem conforto e populações sem hygiene.*

[...]

Nos Navegantes, as travessas da rua Sertório estão num tal estado de abandono que merecem a mais severa crítica os responsáveis por tal estado de cousas.

Apenas uma rua se salva naquela zona: a S. José, que vae ter à Fábrica Renner.

As restantes, entre estas as denominadas avenida Central e Simão Kappel enchem de tristeza o “forasteiro” que as visita.

Mais de 2.000 pessoas ali residentes vivem presas em casa, os operários sem poderem ir para o trabalho, as creanças privadas dos collegios.

Por varias vezes , médicos se teem negado de atender chamados para ali em virtude dos seus automoveis não poderem atravessar por cima de tanta pedra e tanto buraco.

E, assim, uma zona que já foi urbana e agora é suburbana, vive imersa em completa miséria, com um pouquinho ao menos de conforto, enquanto arrabaldes muito mais novos e de populações muito inferiores em número, já gozam de mais conforto e menos immundicie.⁵

A construção destas condições materiais do bairro passou pela sua capacidade de atrair mão-de-obra para a indústria, pelo poder de atração da própria cidade, bem

⁵ *Correio do Povo*, 24 abr. 1932.

como pela implantação da malha ferroviária que levava para a zona norte grupos de trabalhadores que acabavam por se estabelecer na região. Criava-se assim um bairro com identidade própria dentro de Porto Alegre, alterando a configuração espacial através da urbanização e complexificação das relações culturais existentes no município. Alexandre Fortes, ao se referir ao processo de crescimento do Quarto Distrito de Porto Alegre, assim comenta:

Este crescimento da oferta de emprego industrial e das atividades dele decorrentes (como o setor de transportes) atraiu um forte fluxo migratório tanto internacional (com destaque para novas levas de alemães e italianos e para a intensificação da vinda de cidadãos dos mais variados países do Leste Europeu) quanto do interior do estado (muitas vezes trazidos à capital através dos trabalhos de expansão da Viação Férrea). Estabelecendo moradia próximo às fábricas, abrindo ruas e loteando antigas chácaras, a fixação destes migrantes levou a um processo de progressiva integração na paisagem urbana de Porto Alegre de um bairro operário multiétnico e multicultural: o “Navegantes – São João”, que logo viria a ser administrativamente definido como núcleo do Quarto Distrito da cidade.⁶

Um acontecimento que marcaria a vida da região teria lugar em 1916, quando as Indústrias Renner, uma tecelagem que dois anos antes já instalara no bairro parte de sua estrutura, transferiu definitivamente a totalidade de suas instalações de São Sebastião do Caí para Porto Alegre. É curioso perceber que, para que esta transferência ocorresse, a empresa se valeu da decadência de uma estrutura ligada aos esportes na região, qual seja, o antigo Prado Navegantes. Se tivermos em mente a passagem de Fortes acima citada, dando conta do loteamento de antigas chácaras, e pensarmos no caráter tradicional que as corridas de cavalos têm entre a população sul-rio-grandense, teremos uma ideia melhor da transformação de sentidos por que passou aquela região no começo do século do XX, bem como da importância que as Indústrias Renner teriam neste processo. Amparando-se em uma fonte denominada “Contribuição para a história do bairro fabril de Porto Alegre, Alexandre Fortes assim prossegue:

Desde então, a relação entre o crescimento da Renner e a consolidação da urbanização do Navegantes torna-se íntima. Foi a partir da instalação da Fábrica “que os problemas urbanos locais passaram a fazer parte das

⁶ FORTES. “*Nós, do Quarto Distrito*”: a classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas. Campinas, 2001, p. 9.

cogitações da administração cidadina”. Eles diziam respeito, neste momento, principalmente à consolidação e pavimentação das ruas, “em geral mais baixas que os terrenos”, e cujos leitos eram constituídos de lama” e à escassez de energia elétrica, já que as usinas existentes (Força e Luz, Municipal e Fiat) se encontravam com a sua capacidade esgotada, deixando praticamente às escuras o “então Quarto Distrito (São João e Navegantes)”. Para realçar o impacto do crescimento da Renner na evolução do bairro, basta indicar a evolução do número de prédios nas ruas constituintes do núcleo em torno à fábrica: 378 em 1916, 1704 em 1940 (um aumento de 350%). No mesmo período a população do bairro Navegantes como um todo passaria de 5.090 para 15.766 (um aumento de 210%). Este número representaria já um total de habitantes maior do que o de cidades como São Leopoldo, Novo Hamburgo, São Gabriel, Jaguarão e Dom Pedrito.⁷

Se o caráter operário do bairro ficaria consolidado devido à concentração de indústrias e operários em seu entorno, o Quarto Distrito teria, em contrapartida, uma outra característica, bem menos lembrada pela historiografia. Com efeito, seu caráter litorâneo lhe tornaria local privilegiado para algumas das primeiras práticas esportivas na cidade de Porto Alegre. Tal qual a industrialização, muito deste desenvolvimento estaria associado à migração germânica oriunda do interior, culturalmente acostumada às práticas associativas, o que no caso materializava-se nos clubes de remo, como o Ruder Verein Germânia (1893), o Clube de Regatas Almirante Tamandaré (1903), ou o Clube de Regatas Almirante Barroso (1906). Do Ruder Verein Germânia se originaria posteriormente o Radfahrer Verein Blitz (1896, dedicada ao ciclismo) e, posteriormente, o Fussball Club Porto Alegre (1903), dedicado ao futebol. Como bem apontam Mazo e Begossi:

A região batizada como Rua Voluntários da Pátria, pela Câmara Municipal de Porto Alegre em 1870, margeava o antigo leito do Rio Guaíba e a estrada de ferro/ferrovia, onde se instalaram as sedes da maioria dos clubes de remo, o velódromo da Radfahrer Verein Blitz e o campo de jogo do Fuss-Ball Club Porto Alegre. Tendo em vista a conformação geográfica de Porto Alegre daquele contexto, a região onde se instalou o primeiro campo do clube, chamada de Quarto Distrito, era caracterizada pela incipiente atividade industrial da cidade desenvolvida por teuto-brasileiros.⁸

Desta forma, as condições estruturais precárias que o bairro oferecia para os trabalhadores conviviam com locais de fruição esportiva da elite portoalegrense, um

⁷ FORTES. “*Nós, do Quarto Distrito*” [...], 2001, p. 12-3.

⁸ MAZO; BEGOSSI. Fuss-ball Club Porto Alegre (1903-1944): clube precursor do futebol em Porto Alegre/RS, 2021, p. 87.

grupo formado em grande medida por elementos de origem germânica e que compartilhavam entre si a cultura associativista. Outro exemplo possível de ser aqui elencado diz respeito à fundação da Deutscher Turverein (atual SOGIPA) em 1867, e que no início do século XX se instalaria no arrabalde de São João, também integrante do futuro Quarto Distrito de Porto Alegre. Dentro desta sociedade seria fundado, no ano de 1908 o Fussball Mannschaft Frisch-Auf, que manteve suas atividades até 1917. Assim, tanto as práticas esportivas em geral quanto o futebol em particular não eram exatamente uma novidade na região do Quarto Distrito. A novidade estaria no surgimento de um clube agregando e representando não a elite da cidade, mas sim os operários que labutavam diariamente na região. É hora, pois, de olharmos para as razões que marcaram o surgimento do grande clube dos operários do Quarto Distrito de Porto Alegre.

UM TIME OPERÁRIO PARA UM BAIRRO OPERÁRIO

Assim como em outras cidades brasileiras, o futebol surgiu em Porto Alegre, para além de uma prática esportiva, como uma forma de distinção social. As primeiras partidas foram disputadas no dia 07 de setembro de 1903, na região onde se localiza o Parque Farroupilha, sendo na verdade jogos de demonstração realizados pelo Sport Club Rio Grande que então excursionava pela cidade justamente para divulgar a prática do futebol. Oito dias mais tarde, duas agremiações seriam fundadas na mesma data: o já citado Fuss-Ball Club Porto Alegre e o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, ambos marcados por um acentuado caráter elitista, agrupando notadamente elementos da sociedade de origem germânica, muito embora o Grêmio apresentasse uma maior abertura para associados de outras origens (o que não significa relativizar sua origem como clube de elite).⁹ O futebol em Porto Alegre, contudo, logo romperia a bolha do elitismo através da fundação de diversos clubes de extração popular ou operária, como o Centro Sportivo Operário, o Foot-Ball Club 20 de Setembro ou o Foot-Ball Club Riograndense. Claro fique, porém, que a prática

⁹ Cf.: JESUS. *A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul*, 2001; SOARES. *O foot-ball de todos: uma história social do futebol em Porto Alegre, 1903-1918*, 2014.

do futebol nestes primeiros tempos não pressupunha o compartilhamento de espaços entre os integrantes da elite e os clubes de trabalhadores. O 20 de Setembro e o Riograndense, por exemplo, integrariam a Liga Nacional de Futebol Porto-Alegrense, a famosa “Liga da Canela Preta”, cujos jogos eram disputados nas proximidades da Ilhota, uma das principais áreas negras da capital gaúcha. Em outras palavras, diante do quadro de elitismo e segregacionismo que marcava os primeiros anos do futebol em Porto Alegre – assim como no resto do Brasil –, dificilmente um clube oriundo de extrações operárias como o Renner encontraria lugar dentre as maiores agremiações da cidade.

É importante também lembrar que o Quarto Distrito de Porto Alegre (a parte da cidade localizada ao norte da área central), embora marcada pela presença operária, era também uma região identificada com as práticas esportivas da elite. Por estar localizada na beira do Lago Guaíba, a região atraía aqueles que poderiam se dedicar ao espírito amador de tais práticas esportivas, notadamente do remo, que se beneficiava da existência de uma espécie de “raia natural” na foz do Rio Jacuí, entre a cidade e as ilhas do Pavão e Humaitá. Assim, foi neste local, já em fins do século XIX, que se instalaram os primeiros clubes de remo do Rio Grande do Sul, surgidos no seio da colônia germânica. Como vimos, de um destes clubes (o Ruder Verein Germânia), nasceria a Radfahrer Verein Blitz, uma associação dedicada ao ciclismo e proprietária de um velódromo localizado às margens do rio, na Avenida Voluntários da Pátria, entre as atuais ruas do Parque e Álvaro Chaves. Foi no seio destas duas associações que foi fundado o Fuss-Ball Club Porto Alegre em 1903, sendo seu “estádio” (o primeiro local voltado especificamente para a prática do futebol em Porto Alegre) o Campo da Voluntários, um espaço cedido pela Blitz que se sobrepunha ao próprio Velódromo.¹⁰

As práticas esportivas, desta forma, não eram algo alheio à História do Quarto Distrito. Todavia, eram marcadas pela existência do elitismo travestido de amadorismo que, de forma geral, marcou o processo de introdução dos esportes no Brasil e caracterizou a figura do “sportsman” que participava simultaneamente de

¹⁰ Cf.: FRAGA Wasen. Os Fields da Elite e os “Campos da Redenção”: um olhar sobre os primórdios do futebol em Porto Alegre a partir de sua espacialidade urbana (1903-1909), 2021.

diversas associações desportivas. Assim, não era incomum que o remador de hoje viesse a ser o ciclista de amanhã e o goalkeeper da semana seguinte.

Esta característica marcante do bairro Navegantes, de ser um local ao mesmo tempo marcado pela atividade industrial e pelas práticas esportivas, não é exatamente algo contraditório. Com efeito, tanto o desenvolvimento industrial de Porto Alegre quanto a afirmação das práticas desportivas estão intimamente ligadas à penetração cultural germânica em Porto Alegre, seja através das inversões do capital industrial, seja através da presença cultural do associativismo germânico e da prática de atividades esportivas ligadas a ele. O extremo norte da cidade funcionava, desta forma, como um local privilegiado para esta elite de origem alemã, possibilitando a realização de práticas esportivas ao mesmo tempo em que concentrava parte expressiva da atividade fabril ligada ao capital de origem teuta. É desta fusão entre o capital e a cultura esportiva, associados à popularização do futebol em Porto Alegre, que, em 1931, surgiria o Grêmio Sportivo Renner.

Como vimos, o desenvolvimento do capital industrial em Porto Alegre está, em grande medida, ligado à expansão de um capital comercial e agrário, oriundo especialmente do Vale do Rio dos Sinos, região marcada pela fixação de migrantes de origem alemã a partir de meados do século XIX e que, através daquele curso d'água, se deslocavam até Porto Alegre para abastecer a cidade com produtos de origem primária ou já manufaturados. Tal processo, se não beneficiou os produtores primários, acabou por favorecer os responsáveis por transportar as mercadorias e estabelecer os contatos diretos com os compradores. Em outras palavras, foi do desenvolvimento de redes comerciais ligadas à economia agrária e manufatureira que surgiu parte significativa do capital necessário para a afirmação da indústria porto-alegrense, notadamente no Quarto Distrito.

A trajetória de Anton Jacob Renner, fundador do complexo industrial que levava seu nome, é ilustrativa deste processo. Originário da região do Vale do Rio Caí, A. J. Renner (como viria a ser mais conhecido), inicialmente um caixeiro viajante na empresa de tecelagem de seu sogro, acabou por se tornar sócio do empreendimento, que assim passou a ostentar seu próprio nome. Em 1917 a empresa transferiu-se definitivamente para Porto Alegre, cidade onde já possuía alguns pavilhões como estrutura física. Segundo Miguel Stédile:

Construída a partir da transferência do capital acumulado no comércio na zona colonial para o setor industrial, as organizações Renner foi ainda a maior empresa do Quarto Distrito, com impacto direto na expansão do bairro: pioneira na adoção do sistema *taylorista* e referência nas políticas assistenciais patronais. Tal como o estádio Tiradentes, apelidado de *Waterloo*, parecia uma barreira intransponível para os times adversários no futebol, assim também as organizações Renner se pareciam para o movimento sindical. O próprio fechamento do clube, em 1959, parecia anunciar os primeiros sintomas da decadência da empresa. De maneira que ambas as trajetórias – time e fábrica – estiveram profundamente entrelaçados.¹¹

A instalação da empresa no bairro Navegantes sinalizaria para um novo paradigma industrial na região. Produzindo boa parte de seus próprios insumos, as indústrias Renner desenvolviam produções complementares à tecelagem, ao mesmo tempo em que traziam inovações em seu sistema produtivo, implantando o Taylorismo no ramo das confecções e investindo na modernização constante de seu maquinário. A empresa buscava ainda conquistar o máximo de disciplina entre seus empregados através da concessão de benefícios sociais que lhe diferenciavam das demais empresas do bairro. Citando Alexandre Fortes, Miguel Stédile comenta:

Mais do que uma empresa privada, a Renner era vista entre os operários do Quarto Distrito como uma grande instituição provedora de emprego, de oportunidades econômicas geradas por seu impacto sobre o crescimento do Quarto Distrito, e do atendimento de um amplo leque de demandas sociais dos seus trabalhadores. Não havia pioneirismo ou exclusividade da Renner nessa oferta de políticas de assistência social aos empregados, entretanto, os serviços existentes nesta empresa eram em muito superiores às demais indústrias.¹²

As Indústrias Renner ficariam marcadas, desta forma, pela prática de um “capitalismo social” que visava docilizar os trabalhadores conforme os interesses da empresa, reduzindo as chances de greves ou outras tensões sociais em seu interior. Ainda que estivesse longe de se constituir no paraíso da classe operária, a empresa seria reconhecida como um local difícil para a ação sindical, posto que trabalhar nas Indústrias Renner seria o objetivo de muitos operários fabris que ali encontrariam melhores condições de trabalho em comparação com outras empresas.

¹¹ STÉDILE. *Da fábrica à várzea: clubes de futebol operário em Porto Alegre*, 2015, p. 241-2.

¹² STÉDILE. *Da fábrica à várzea [...]*, 2015, p. 246.

É importante destacar que a implantação e a afirmação das Indústrias Renner em Porto Alegre acompanham temporalmente o crescimento da estrutura fabril da capital gaúcha, o incremento populacional da cidade e a popularização do futebol em seu interior. Com efeito, quando de sua instalação definitiva em Porto Alegre em 1916, o futebol já se espalhara pela cidade, sendo praticado em ligas diversas ainda marcadas pelo binômio “elitismo/exclusão social”, ao mesmo tempo em que se aproximava a realização do primeiro campeonato regional no Rio Grande do Sul.¹³ A esta altura, os periódicos já noticiavam as partidas e seus resultados, ajudando a difundir a prática entre a população, bem como a criar a imagem das primeiras agremiações de elite da cidade.

A fundação do Grêmio Sportivo Renner, em 27 de julho de 1931 ocorreu, portanto, em uma região marcada pela presença do trabalho fabril, mas de igual modo historicamente vinculada às práticas esportivas (ainda que em uma perspectiva elitista), e por iniciativa direta de um grupo de empregados da companhia que, anteriormente a esta data, praticava o futebol em arrabaldes lindeiros à indústria. A fundação ocorreu sob o nome “Grêmio Sportivo dos Empregados da Firma A. J. Renner”, sem envolvimento inicial da diretoria da empresa. Sendo uma equipe sem maiores perspectivas de profissionalização e sem vincular-se às ligas esportivas existentes em Porto Alegre, mandava seus jogos na Rua São José (atual Travessa São José), via que dava acesso à fábrica.

A “versão oficial” da história do Grêmio Sportivo Renner aponta que os operários vinculados ao clube, animados devido aos resultados positivos alcançados dentro de campo, teriam convidado o próprio Anton Jacob Renner para assistir a uma partida da equipe no espaço precário da Rua São José. Animado com o que teria visto, A. J. Renner teria se decidido a apadrinhar o time. Conduzido à presidência de honra da agremiação, o patrão corresponderia providenciando inclusive um estádio que estivesse à altura de uma equipe que planejasse saltos maiores.

A inauguração do estádio Tiradentes, em 1935, na rua Sertório, ao lado da fábrica, marca um novo período na trajetória dessa agremiação. O clube

¹³ O primeiro campeonato gaúcho (na verdade um torneio entre campeões das ligas Metropolitana, da Região Sul e da Região da Fronteira) deveria ocorrer no ano de 1918, mas acabou não acontecendo devido à epidemia de Gripe Espanhola. O torneio só viria a acontecer no ano seguinte, 1919, tendo como seu primeiro ganhador o Grêmio Esportivo Brasil, da cidade de Pelotas.

já havia alterado sua denominação para Grêmio Esportivo Renner e A. J. Renner já ocupava a presidência de honra da equipe, além de ter doado o terreno terraplanado, onde se erguia agora o novo estádio, o primeiro de uma equipe operária. A inauguração foi programada para ocorrer em uma data de comemoração cívica: o dia da Proclamação da República. Mais tarde, o campo recebeu o apelido de “*Waterloo*”: “onde os grandes (clubes) eram derrotados.”¹⁴

Esta versão um tanto edulcorada nos provoca, por óbvio, algumas desconfiças. Antes de mais nada, nos chama a atenção a troca de nome que ocorre no clube: de “Grêmio Sportivo dos Empregados da Firma A. J. Renner” para “Grêmio Sportivo Renner”, uma simplificação que oculta a iniciativa classista por trás da equipe. Em segundo lugar, deve ser dito que o clube passou a ostentar uma estrutura esportiva complexa, que em muito extravasava a prática do futebol, mantendo departamentos voltados para outras atividades como o bolão, bocha, punhobol, voleibol ou xadrez, sendo que para integrar as fileiras sociais do clube, o empregado deveria se associar voluntariamente ao mesmo. Em outras palavras, ao absorver a equipe criada por seus empregados, as Indústrias Renner a transformaram em um verdadeiro clube, controlando a forma como seus empregados desfrutavam de seu tempo livre ou a utilização de seus corpos nos horários de não trabalho.

ESTÁDIO TIRADENTES: O WATERLOO DA AVENIDA SERTÓRIO

A partir do momento em que o Renner passou a pleitear o convívio com os grandes clubes da capital, era necessário dispor de um estádio em condições de receber suas partidas. Inaugurado em 15 de novembro de 1935, o Estádio Tiradentes, localizado entre as atuais avenidas Sertório, Farrapos e Presidente Franklin Roosevelt, apresentava um bom padrão de acomodações para a época, mesmo quando comparado com os estádios das equipes então de ponta do Rio Grande do Sul. O terreno, já terraplanado, fora uma doação do próprio A. J. Renner ao clube, que se transformava assim na primeira equipe de futebol de origem operária de Porto Alegre a dispor de um estádio próprio.¹⁵

¹⁴ STÉDILE. *Da fábrica à várzea [...]*, 2015, p. 256.

¹⁵ STÉDILE. *Da fábrica à várzea [...]*, 2015, p. 256.

Evidentemente, o primeiro sentido possível de ser atribuído a este estádio (uma construção que só se materializou por um gesto de benesse da classe patronal) não passou despercebido pelos jornais da época. Encravado no coração de um bairro com forte identidade operária e casa da equipe que representava a maior empresa da região, o Tiradentes poderia ser facilmente entendido como uma realização da iniciativa do capital industrial. Ao mesmo tempo, em uma relação em que clube e bairro compartilhavam sentidos semelhantes, o estádio acabou por se tornar mais uma referência da identidade operária, muito embora o Renner ainda fosse integrante de uma categoria menor no futebol e representante de uma região periférica da cidade. Sob o título “GREMIO ESPORTIVO RENNEN. A festiva inauguração de sua praça de esportes e o encontro intermunicipal com o Taquariense”, o jornal *A Federação* assim noticiou a inauguração do novo espaço voltado à prática do futebol em Porto Alegre:

Conforme fora amplamente noticiado, o valoroso Grêmio Esportivo Renner inaugurou, ontem, com uma serie de lindas e animadas festas, a sua excelente praça de esportes, situada na Rua Sertório, esquina da Avenida Eduardo.

O novo campo esportivo, que se acha perfeitamente instalado, oferecendo, mesmo grande conforto aos seus associados, ao par de um belo aspecto, muito honrando o futebol varzeano da Capital, do qual assume, indiscutivelmente, a liderança.

O dia de ontem foi de intenso entusiasmo para os associados do destemido clube em particular e para os meios desportivos de São João e Navegantes, em geral.

O ato inaugural foi presidido pelo sr. A. J. Renner, chefe da importante firma do mesmo nome e que cortou a fita simbólica que cortava o campo.¹⁶

Ao mesmo tempo, o Tiradentes não deixava de ser a materialização de uma política deliberada, por parte da empresa, em transformar o clube fundado por trabalhadores em uma ferramenta fundamental na sua publicidade. Com efeito, a partir do momento em que o Grêmio Sportivo Renner foi abraçado pelas Indústrias Renner, a equipe passou gradualmente a se profissionalizar, deslocando o conjunto dos operários do campo para a arquibancada. Note-se, contudo, que a associação entre a figura do jogador e do trabalhador da companhia poderia continuar existindo, como

¹⁶ *A Federação*, 16 nov. 1935, p. 5. A Avenida Eduardo é a atual Avenida Presidente Roosevelt.

no caso de Ênio Andrade,¹⁷ que trabalhava no setor de venda de discos das Lojas Renner. O clube, porém, passaria a ser uma espécie de cartão de visitas da empresa, que organizava excursões, no Brasil e no exterior, através das quais divulgava a marca Renner através dos trajes vestidos pelos jogadores durante as viagens. Na imagem abaixo, por exemplo, feita durante uma excursão por cidades do nordeste brasileiro, é possível ver, da esquerda para a direita, os jogadores Carlitos, Valdir de Moraes, Ênio Andrade e Orcei, além do técnico Selvíro Rodrigues (de óculos), vestidos com roupas da empresa. Erguer o Tiradentes era, assim, um investimento na visibilidade do time que, por extensão, dava visibilidade para a empresa.



Imagem 2 - Fonte: <https://renervive.com/2021/01/10/traje-renner>.

Cabe notar que o Renner experimentou um processo de crescimento rápido. Pouco mais de quatro anos após sua fundação por um grupo de operários, o clube já

¹⁷ Quando chegou ao Renner, em 1951, Ênio Vargas Andrade (1928-1997), já havia defendido São José e Internacional, o que não impediu que trabalhasse como vendedor na empresa. Como treinador, teve uma carreira vitoriosa em clubes como Internacional, Grêmio, Coritiba e Cruzeiro.

era dono de uma das maiores praças de esporte da capital gaúcha, muito embora ainda integrasse as divisões amadoras. No ano seguinte (1936), o Renner participaria da fundação da Liga Atlética Porto Alegrense (LAPA), uma Liga Amadora e constituída por outros clubes de extração operária: Arrozeira Brasileira, Gloriense, Portuário, e Rio Guahyba (outra tecelagem localizada no Quarto Distrito de Porto Alegre). A participação nesta liga amadora, no entanto, duraria pouco tempo. Já em 1937, parte dos clubes que integravam a Associação Metropolitana Gaúcha de Esportes Atlético (AMGEA), entidade vinculada à Federação Riograndense de Desportos (FRGD), inclusive Grêmio e Internacional, resolveram romper com a lógica do amadorismo, passando a defender a profissionalização no futebol, ao contrário do que preconizava a Confederação Brasileira de Desportos. A cisão daria margem ao surgimento de dois torneios simultâneos: de um lado, a AMGEA “especializada”, integrada pelos clubes que defendiam o profissionalismo (Cruzeiro, Força e Luz, Grêmio, Internacional e São José) e, de outro, a AMGEA “cebedense”, composta pelas agremiações que se mantinham fiéis aos ditames amadores preconizados pela CBD (Americano e Porto Alegre). A necessidade de viabilizar o campeonato desta última liga acabaria por abrir novas “vagas” para o torneio, que seriam ocupadas pelo Villa Nova (clubes da zona sul de Porto Alegre, que até então integrava a pequena “Associação Tristezense de Esportes Atlético”), o Novo Hamburgo e, por fim, o Renner, que assim ingressava em uma liga reconhecida pela Confederação Brasileira de Desportos.

A cisão entre as duas associações seria pacificada em 1939, com a reunificação das ligas, abrindo as portas para a definitiva profissionalização do futebol gaúcho que ocorreria no ano seguinte. Diante da necessidade de organizar os clubes em duas divisões, foi disputado, ainda em 1939, um “torneio relâmpago” que acabou por determinar a participação do Renner na Segunda Divisão, onde permaneceria até 1944, quando conquistaria o título e o acesso para a série A do ano seguinte. Disputando competições oficiais durante estes oito anos (1937-1944), ainda quando em divisões menores, o clube se consolidava como instituição, ao mesmo tempo em que reforçava seus vínculos com o bairro e, por extensão, via seu estádio ser reconhecido como cenário para jogos da liga profissional de Porto Alegre.

Contudo, nem somente de futebol vivem os estádios. Tal como costumava acontecer com outros espaços, o Tiradentes por vezes virava palco para manifestações e comemorações cívicas, assumindo assim uma outra função no bairro onde se localizava. Por um lado, a cedência do espaço para tais momentos não deve nos causar nenhuma estranheza, posto que o clube aproveitava os momentos de exaltação nacionalista para reforçar os laços entre as Indústrias Renner e os poderes políticos constituídos. A prática, com efeito, não era algo inédito para aquele espaço: lembremos que o estádio não somente fora inaugurado propositalmente em um 15 de novembro, como levava como nome a alcunha do mártir da independência nacional.

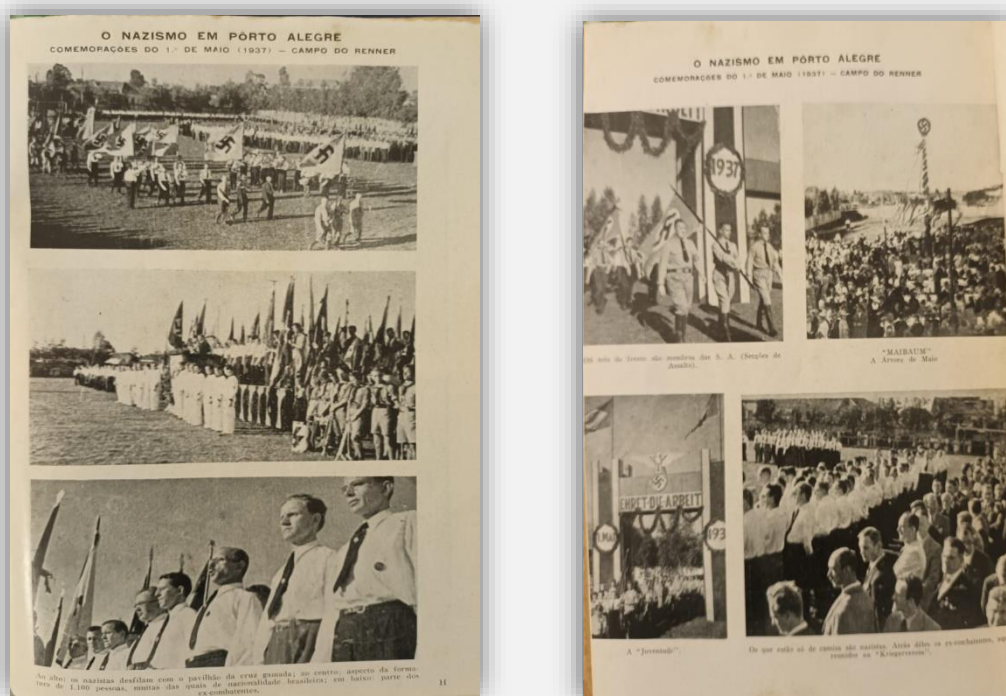


Imagem 3 - Páginas do anexo de imagens de: PY, Aurélio da Silva. A 5ª Coluna no Brasil: a conspiração Nazi no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora Globo, 1942. Acervo do autor.

As relações com os sentimentos nacionalistas, porém, poderiam ser mais complexas se levarmos em conta as origens germânicas de parcela significativa do capital industrial sul-riograndense e sua proximidade com os poderes políticos em Porto Alegre no final da década de 1930, quando o mundo via com apreensão a aproximação da Segunda Guerra Mundial e a expansão do nazi-fascismo, e quando o discurso anticomunista do Primeiro Governo Vargas ainda ganhava corações e mentes para a extrema-direita. Assim, em 1937, as comemorações do Primeiro de

Maio alemão (data que havia sido incorporada ao calendário oficial nazista em abril de 1933 como “dia do trabalho nacional”, ressignificando assim a data como uma comemoração étnica na qual a luta de classes seria superada em prol dos interesses esmagadores da “totalidade”)¹⁸ encontrariam seu palco no Estádio Tiradentes, como testemunham as imagens abaixo, publicadas em “A 5ª Coluna no Brasil: a conspiração Nazi no Rio Grande do Sul”, de autoria do Coronel Aurélio da Silva Py e publicado pela Editora Globo, em 1942.

Segundo Grützmann, a data era celebrada anualmente pelos partidários do nazismo em Porto Alegre desde 1933, ocorrendo sempre na zona norte da cidade, com exceção da primeira vez, que teve sua celebração na região central da cidade. A comemoração daquele 1937 seria a última, dada a proibição das atividades políticas estrangeiras a partir do golpe do Estado Novo em 10 de novembro daquele ano, e a única realizada em um estádio de futebol.¹⁹ A atividade, como mostram as imagens, reuniu uma quantidade significativa de participantes e assistentes: “em 1937, no campo do Renner, desfilaram 1344 pessoas e o número de visitantes chegou a 5.500, que consumiram 1974 litros de cerveja”.²⁰ O evento foi prestigiado pelo prefeito municipal Major Alberto Bins, por representantes do governador do estado, da Assembleia Legislativa, da Terceira Região Militar, do Comando da Brigada Militar, além dos cônsules de Itália, Finlândia, Hungria, Noruega, Suécia, Inglaterra, e o representante consular da Argentina.²¹ O estádio Tiradentes, desta forma, assumia sentidos que ultrapassavam a ideia de um estádio operário, assumindo um lugar nos acontecimentos políticos da cidade.

O Tiradentes seria palco para outras manifestações nacionalistas, como podemos ver na imagem abaixo, oriunda do acervo da Fototeca Sioma Breitman, do

¹⁸ GRÜTZMANN. NSDAP – Ortsgruppe Porto Alegre, comemorações do Primeiro de Maio (1933-1937): participantes, 2018, p. 274-89.

¹⁹ Conforme Grützmann, as comemorações se deram nos seguintes lugares: 1933: Salão Principal do Turnerbund (Liga de Ginastas), na Avenida São Raphael (atual Alberto Bins), 876, Centro; 1934: Cine Ypiranga, na Avenida Cristóvão Colombo, 772, Bairro Floresta; 1935 e 1936: Turnerbund – Spielplatz (Liga de Ginastas – Campo de Jogos), na rua Benjamin Constant, 394, bairro São João; 1937: Estádio Tiradentes. Grützmann erroneamente localiza o Estádio na esquina das ruas Sertório e União (atual Maranhão). Tais vias na verdade, são paralelas.

²⁰ GRÜTZMANN. NSDAP – Ortsgruppe Porto Alegre [...], 2018, p. 274-89.

²¹ GRÜTZMANN. NSDAP – Ortsgruppe Porto Alegre [...], 2018, p. 274-89.

Museu de Porto Alegre. Nela, é possível visualizarmos um instantâneo de uma demonstração orfeônica por ocasião das comemorações da Semana da Pátria de 1948.



Imagem 4 - Demonstração orfeônica por ocasião das comemorações da Semana da Pátria/1948.
Acervo Fototeca Sioma Breitman.

O ano de 1948, por sinal, seria um ano importante para o Tiradentes. Após três anos disputando entre a elite do futebol portoalegrense e em franco processo de crescimento, o Renner sentiu a necessidade de promover reformas em seu estádio, não somente melhorando sua estrutura, mas aumentando sua capacidade total, que inicialmente era de seis mil pessoas. As melhorias foram feitas a tempo para que o estádio recebesse as partidas do Campeonato Citadino daquele ano, comportando inclusive jogos noturnos.

No dia 21 de abril de 1948, data consagrada ao Mártir da Liberdade, o Estádio do G.E. Renner, que leva o nome do glorioso Tiradentes, teve seus melhoramentos inaugurados numa bela tarde festiva.

[...] E uma grande – uma enorme massa de povo, cêrca de 10.000 pêssoas, enchendo os pavilhões e as arquibancadas, em redor de todo o campo.

[...] As amplas reformas por que passou a praça de esportes do Grêmio Esportivo Renner podem ser dividias em 4 partes: 1.º, ampliação do gramado; 2.º, remodelação e aumento das arquibancadas; 3.º instalação de refletores; 4.º pinturas e melhoramentos de instalações existentes.

[...] Desta forma, comportam as arquibancadas atuais 8.000 pessoas sentadas, e acrescentando se mais 1.500 no pavilhão social e cerca de 500 cadeiras, teremos acomodações para 10.000 pessoas, comodamente colocadas para assistir um prélio.

[...] O próprio clube, então, tratou de fazer estes melhoramentos, colocando 10 postes, 5 em cada lado, cada um com 4 refletores, somando 80.000 watts.²²

As reformas de 1948 acompanhavam o processo de crescimento da região, que se dinamizava economicamente junto com a cidade. Com efeito, desde a década de 1930, o bairro Navegantes já adquirira a fama de ser “uma cidade dentro da cidade”, possuindo mesmo uma vida comercial independente de seu centro. A década de 1940 viria a acelerar este processo através da intensificação do êxodo rural e da industrialização, o que provocaria o aumento da população operária. Sobre isso nos fala Leila Mattar:

Na década de 1940, principalmente motivado pela situação econômica pós II Guerra Mundial e a política de substituição de importações, o desenvolvimento industrial passou a ser mais acelerado. Assim, igualmente foi intensificado o processo de urbanização e densificação da área, com significativa valorização das propriedades e melhoria no padrão das construções de Navegantes e demais bairros da zona norte.²³

O desenvolvimento econômico do bairro e o crescimento da cidade, contudo, trariam a necessidade de melhorias na infraestrutura urbana. Uma destas era a abertura da Avenida Farrapos em 1940. Esta via se converteria na principal ligação entre o centro e a zona norte da cidade, sendo ainda uma opção para aqueles que vinham das áreas adjacentes de Porto Alegre, em especial do eixo Canoas-Novo Hamburgo, e tinha seu trajeto lindeiro ao Estádio Tiradentes, impedindo desta forma que o estádio crescesse naquela direção. Não era necessário pensar muito para entender que qualquer necessidade futura de alargamento da via se sobreporia à área ocupada pelo estádio. Desta forma, o crescimento industrial e urbano que conferiam ao Renner sua grandeza e a necessidade de um espaço para a prática do futebol, igualmente colocavam este espaço na berlinda. Em outras palavras, o

²² AMARO JUNIOR. *Almanaque esportivo do Rio Grande do Sul*, 1948, p. 19-22. Anteriormente a esta reforma, o Estádio Tiradentes já possuía refletores, que haviam sido retirados pelo poder municipal, sem serem repostos. É possível ver parte dos novos refletores na foto acima.

²³ MATTAR. *A modernidade em Porto Alegre: arquitetura e espaços urbanos plurifuncionais em área do 4º distrito*, 2010.

Tiradentes era fruto, mas também uma vítima em potencial do desenvolvimento da zona norte de Porto Alegre. Na imagem abaixo, feita na década de 1950 e oriunda do trabalho de Leila Mattar, é possível verificarmos a proximidade entre a Avenida Farrapos (a larga via que faz uma curva de 90º) e o Estádio Tiradentes, localizado aproximadamente no meio da fotografia.



Imagem 5 - *A modernidade em Porto Alegre: arquitetura e espaços urbanos plurifuncionais em área do 4º distrito*. Porto Alegre, 2010. Fonte: MATTAR, Leila Nesralla.

O estádio, reformado, seria o palco do ápice da breve história do Grêmio Sportivo Renner: o campeonato gaúcho de 1954. Todavia, o crescimento urbano da cidade e a necessidade de alargamento das vias que o circundavam colocavam limites a qualquer possibilidade de ampliação do mesmo. Por conta disso, o Renner estudava, na segunda metade da década de 1950, a construção de um novo estádio. A principal proposta apresentada neste sentido, pela proximidade com o Quarto Distrito, seria a construção de uma nova casa na Ilha do Pavão, logo após a travessia da Ponte do Guaíba.

A proposta, contudo, encontraria adversários fortes. Ao mesmo tempo em que o Tiradentes não encontrava mais espaço para sua expansão, o Renner passava a

enfrentar adversários dentro da própria família Renner. Com efeito, o clube, embora servisse como divulgador dos produtos da empresa, não era unanimidade entre os filhos de A. J. Renner, que consideravam os gastos com o clube excessivos, julgando ser mais proveitoso naquele momento investir em publicidade convencional. Arnaldo Costa Filho assim explica a situação:

O G.E, Rennner foi criado, inicialmente, para, como lazer, permitir a prática desportiva dos funcionários da organização, de forma que seu crescimento posterior, chegando à posição de destaque do Futebol Profissional, fugiu de sua destinação primordial, e isso não era aceito pela família do fundador que, com seus três filhos, dirigia as indústrias e dos quais somente um defendia o Clube (foi, aliás, eleito Deputado, com expressiva participação eleitoral através do mesmo); além disso, o Clube, que já então extrapolava os limites da Firma, para atingir todo o Estado como único capaz de fazer frente, de igual para igual, aos dois grandes, canalizando, assim, a simpatia daqueles que queriam fugir da corriqueira tendência Gre-Nal, estava merecendo ser localizado em estádio condizente com a sua projeção, e isto, apesar de já haver terreno adequado para sua construção, iria demandar gastos extraordinários.²⁴

Assim, em 11 de março de 1959, a direção das Indústrias Renner anunciava o encerramento das atividades do clube. O Tiradentes permaneceria por pouco tempo como testemunha da trajetória meteórica do Grêmio Sportivo Renner, sendo demolido no início dos anos 1960. Hoje sua área é ocupada por um conjunto habitacional e uma repartição policial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Construído para ser a casa do Grêmio Sportivo Renner, o Estádio Tiradentes seria, durante sua breve existência, uma importante referência no que se refere ao caráter operário do bairro Navegantes. Com efeito, a visibilidade do clube, surgido dentro de uma das maiores tecelagens industriais do Brasil, reforçava o aspecto proletário do extremo norte da cidade, que vivenciou uma grande expansão capitalista a partir do início do século XX.

A imagem de “clube operário”, porém, fica prejudicada diante de um olhar mais atento. Diante das possibilidades que o clube oferecia, a empresa não titubeou em

²⁴ COSTA FILHO. *Campereada da memória*, 1998, p. 132.

anexá-lo aos seus planos, valendo-se inclusive dos atletas e da comissão técnica para a divulgação de sua grife, além de oferecer uma estrutura associativa aos empregados que lhe possibilitava exercer algum controle sobre o tempo livre. Assim, a associação que surge “na fábrica” acaba por se tornar, passado pouco tempo, um clube “da fábrica”. Junto a isso, o estádio do clube, fruto de uma benesse patronal, cedia seu espaço para manifestações de outra natureza, como bem demonstrado através das fotos publicadas por Aurélio Py em sua obra.

Contudo, tanto o Grêmio Sportivo Renner quanto o estádio Tiradentes sucumbiriam diante das necessidades impostas pelo avanço econômico. O clube, que crescera vertiginosamente, absorvia recursos que parte da diretoria da empresa julgava ser melhor investido na publicidade convencional. O estádio, por sua vez, não resistiria ao crescimento da própria urbe e sua necessidade de ampliar a infraestrutura viária. O Renner e o Estádio Tiradentes, desta forma, acabam por apresentar o curioso paradoxo de um clube e um estádio de futebol criados a partir da expansão capitalista, mas que sucumbiram diante do próprio fenômeno que lhes deu origem.

* * *

REFERÊNCIAS

AMARO JUNIOR, José Ferreira. **Almanaque esportivo do Rio Grande do Sul**. Tipografia Esperança, 1948.

CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira. **Estranhas Catedrais**: as empreiteiras brasileiras e a Ditadura Civil-Militar, 1964-1968. Niterói: EDUFF, 2022.

COSTA FILHO, Arnaldo. **Campereada da memória**. Porto Alegre: Edições EST, 1998.

FORTES, Alexandre. **“Nós, do Quarto Distrito”**: a classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas. Doutorado (Tese de em História), Unicamp/PPGH, Campinas, 2001.

FRAGA, Gérson Wasen. Os Fields da Elite e os “Campos da Redenção”: um olhar sobre os primórdios do futebol em Porto Alegre a partir de sua espacialidade urbana (1903-1909). In: GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos et. al. **À sombra das chuteiras meridionais**: uma História Social do Futebol (e outras coisas...) Porto Alegre: Editora Fy, 2021.

GAFFNEY, Christopher Thomas. **Temples of the Earthbound Gods**: stadiums in the cultural landscapes of Rio de Janeiro and Buenos Aires. Austin: University of Texas Press, 2008.

GRÜTZMANN, Imgart. NSDAP – Ortsgruppe Porto Alegre, comemorações do Primeiro de Maio (1933-1937): participantes. In: **História Unisinos**. São Leopoldo: Unisinos, v. 22, n. 2, 2018.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. O fim do estádio-nação? Notas sobre a construção e a remodelagem do Maracanã para a Copa de 2014. In: CAMPOS, Flávio; ALFONSI, Daniela (Orgs.). **Futebol objeto das Ciências Humanas**. São Paulo: Leya, 2014.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. **A bola nas redes e o enredo do lugar**: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado), Programa de Pós Graduação em Geografia Humana, USP, São Paulo, 2001.

MATTAR, Leila Nesralla. **A modernidade em Porto Alegre**: arquitetura e espaços urbanos plurifuncionais em área do 4º distrito. Porto Alegre: PUC-RS/PPGH, 2010.

MAZO, Janice Zarpelon; BEGOSSI, Tuany Defaveri. Fuss-ball Club Porto Alegre (1903-1944): clube precursor do futebol em Porto Alegre/RS. In: GUAZZELLI, César Augusto Barcellos et al. (Orgs.). **À sombra das chuteiras meridionais**: uma História Social do futebol (e outras coisas...). Porto Alegre: Editora Fi, 2021.

MONTEIRO, Charles. **Breve história de Porto Alegre**. Porto Alegre: Luz e Vida, 2012.

PY, Aurélio da Silva. **A 5ª Coluna no Brasil**: a conspiração Nazi no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora Globo, 1942.

SOARES, Ricardo Santos. **O foot-ball de todos**: uma história social do futebol em Porto Alegre, 1903-1918. Dissertação (Mestrado), PPGH, PUCRS, Porto Alegre, 2014.

STÉDILE, Miguel Enrique. **Da fábrica à várzea**: clubes de futebol operário em Porto Alegre. Curitiba: Prisma, 2015.

* * *

Recebido em: 27 dez. 2024.
Aprovado em: 26 jun. 2025.

Sou apenas um procurador de amigos

Gustavo Cerqueira Guimarães *

“Eu sacrificaria minha ideia mais nobre
para não perder um amigo”.

Somos amigos de pedaço, de vintém;
cada qual catando o que lhe convém.
Não me tomas inteiro, nem eu também;
é no caco da alma que a gente se dá bem.
Neste jogo difícil, ninguém é completo,
o espelho se quebra e o afeto pega no resto.

A presença do amigo só clareou na esquina,
quando a minha sombra cruzou a dele na rotina.
Nunca vi seus segredos por dentro do casaco,
só partilhamos o papo, o taco e o buraco.
Romance é conversa fiada de bar, de lar,
o que vale é a farpa que junta no olhar.

E estamos aqui, sem grandes planos,
numa partida de futebol, no altiplano.

As coisas cambiam, as bolas se afastam,
e as coxas bambas, soltas, sem mastro.
É mau perder um chapa na era mais dura,
quando uma amizade nova já parece loucura.
Mas ainda procuro, no bloco ou no sarau, no fim,
um pedaço de corpo que se encoste em mim.

Pela América, gastamos também nosso tempo,
a planejar como se fôssemos muito avarentos.
Em La Paz, *ciudad de la amistad*, com a pura coca,
cura que não é crime, é cultura que invoca.
À noite, com *soroche*, vigio o parceiro,
um segura o outro no colo, no fôlego inteiro.

E estamos aqui, sem outros pânico,
para ver o Galo, El Minero, no altiplano.

Chamaram-me Miro, *el poeta*, de traficante barato,
que entorpece a massa com versos insensatos.
Redelvim, anarquista de humor atravessado,
companheiro difícil, mas nunca negado,
no guardanapo risca a canção perdida:
Mi socio ecoando, agora, nesta escrita.

Os quadros se sucedem, alguns se vão,
as perspectivas mudam na curva do chão.
Perder um camarada na idade pesada,
é sentir que a roda da vida dá risada.
Mas ainda procuro na letra, no abrigo,
uma voz que sempre me chame de amigo.

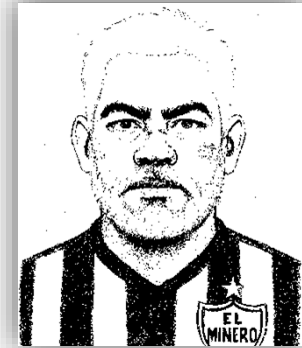
E estamos aqui, sem muitos panos,
com o amigo para ver o Evo, no altiplano.

— Que mais fazer, Carolino amigo?



Sou apenas um procurador de amigos: Bolívar x El Minero | Clipoema 11.
Clique na imagem ou no link (YouTube): <https://bit.ly/4ntmt6L>

Gustavo Cerqueira Guimarães é o autor da série de narrativas *El Minero*, publicada no portal *Ludopédio* (São Paulo) durante as campanhas do Atlético Mineiro na Copa Libertadores (2016, 2017 e 2019) e retomada em verso em 2024 e 2025 – nesta última, pela Copa Sul-Americana.



A partir d'*O amanuense Belmiro*, do montes-clarense Cyro dos Anjos, romance de 1937 ambientado em Belo Horizonte, o personagem homônimo adquire progressiva autonomia: seus dilemas pessoais e observações do cotidiano passam a se sobrepor à narrativa das partidas, sem, contudo, delas se desvincular.

Nesse percurso, Miro desenvolve uma poética de circunstância que transita por múltiplas linguagens – da crônica e da poesia à música, à inteligência artificial, à fotografia e ao vídeo –, construindo um universo em que futebol, arte, mídia e memória se entrelaçam. Aqui, a encenação visual se passa em território boliviano.

Em “*Sou apenas um procurador de amigos*”, título extraído d'*O amanuense Belmiro* (1937), de Cyro dos Anjos, é evocado o 11º jogo do Atlético pela Copa Sul-Americana de 2025, pelas quartas de final, em La Paz, contra o Bolívar. A partida, que terminou empatada em 2 a 2, revela-se menos pelo placar e mais pelas reflexões que suscita sobre a amizade, a vida e suas fragilidades.

Quem fala reconhece que os vínculos nunca se dão em totalidade, mas apenas em partes: “Não me tomas inteiro, nem eu também; / é no caco da alma que a gente se dá bem”.

A experiência coletiva do futebol no *altiplano pazeño*, entre o *soroche* (o mal provocado pela altitude) e os afetos, intensifica essa busca por cumplicidade, ao mesmo tempo em que explicita o risco da perda: “Perder um camarada na idade pesada / é sentir que a roda da vida dá risada”. O poema desloca o olhar do jogo para os laços que se tecem em sua órbita, afirmando a amizade como gesto insistente de resistência e de invenção de comunidade.

Ao deslocar o foco do campo para o cotidiano, Miro evidencia que a amizade não se funda em grandes feitos ou gestos heroicos, mas nos pequenos rituais de presença e cuidado: a sombra que se cruza, o papo compartilhado, o corpo que se encosta. A partida de futebol, nesse sentido, funciona como catalisador desses encontros, oferecendo ritmo, tensão e intervalo para que os afetos circulem nos espaços de La Paz – ruas, sarau ou bloco.

Miro e seus amigos Redelvim e Carolino aparecem como sujeitos que atravessam o terreno ético e existencial, articulando responsabilidade e cumplicidade frente à precariedade da vida. Nesse sentido, o afeto se constrói como um gesto reiterado que resiste à perda e à fragmentação, afirmando a presença do outro mesmo em contextos adversos – seja no *soroche*, na dura partida ou na escrita compartilhada.

* * *

* Gustavo Cerqueira Guimarães é professor, pesquisador, editor e poeta, criador de Miro Borba, poeta do Galo, sobrinho-neto de Belmiro Borba – melancólico protagonista d’*O amanuense Belmiro* (1937), de Cyro dos Anjos. Miro herdou de seu tio-avô não apenas os diários inéditos, mas também a casa no Prado, em Belo Horizonte, além da verve imaginativa e do espírito contemplativo.

Sua figura, com a prótese que substitui o braço perdido na aterrissagem na Pampulha após o retorno de um jogo do Galo, integra a moldura estética do personagem. Na arquibancada, Miro observa gestos, ruídos e tensões de torcedores, convertendo o jogo em espaço de linguagem, onde épico e crônica, vivido e invenção se tocam.

Em 2018, Miro tornou-se personagem da vídeo-performance *Lançou a palavra: São Victor do Horto opera milagre em Assunção* (CineFoot, 2018).

FuLiA/UFMG - revista sobre Futebol, Linguagem, Artes e outros Esportes

Núcleo de Estudos sobre Futebol Linguagem e Artes da
Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais

